DARK LEGACY BOOK THRE



BROKEN LEGACY

JAYMIN EVE & TATE JAME

WSJ AND USAT BESTSELLING AUTHOR

USAT AND INTERNATIONAL BESTSELLING AUTH



EXCLUSIVE STARS BOOKS

DARK LEGACY


DARK LEGACY
BOOK ONE
BROKEN WINGS
JAYMIN EVE & TATE JAMES
DARK LEGACY
BOOK TWO
BROKEN TRUST
JAYMIN EVE & TATE JAMES
DARK LEGACY
BOOK THREE
BROKEN LEGACY
JAYMIN EVE & TATE JAMES

Eles são meus meninos agora - os quatro herdeiros da Delta. Juntos, somos uma equipe ... uma família.
Cinco pessoas quebradas, brutais, possivelmente sociopatas, e somos tudo o que existe entre o mundo e a poderosa e corrupta corporação Delta.

Não temos ideia do que estamos fazendo, mas de alguma forma estamos determinados a impedi-los. Permanentemente. Só precisamos aproveitar ... provas irrefutáveis de sua corrupção.

E precisamos disso agora. Antes da votação que vai mudar tudo.
Existem apenas algumas outras questões a serem tratadas primeiro.
Dante na prisão por assassinato, rosas cobertas de sangue aparecendo na minha porta e minha mãe biológica atingindo todos os novos níveis de insanidade.

Pela primeira vez, podemos estar completamente fora de profundidade ... mas não vamos desistir.
Não até a batalha final terminar. Não até a guerra ser vencida.



CAPITULO UM

O choque me manteve imóvel por muitos longos momentos. Eu acabei de ver Catherine Deboise - minha mãe biológica - beijando seu irmão. Graeme Huntley. E não um beijo de beijar-na-bochecha-feliz-por-ver-família. Não. Isso era algum *Game of Trones*, incesto pra caralho, irmão e irmã se beijando.

Meu estômago revirou e eu engoli em seco para impedir que a bile subisse mais.

Um milhão de perguntas passou pela minha cabeça e o tema geral estava fazendo meu estômago se agitar ainda mais.

Eu era o produto de um relacionamento incestuoso?

Oscar foi?

Richard sabia sobre o relacionamento?

Catherine era a espiã?

Ela tinha que ser a espiã.

Ela estava beijando o homem que comandava a empresa tentando destruir a Delta. O que mais isso poderia significar?

Depois que Graeme partiu em uma corrida de carro esportivo caro, eu permaneci onde estava, pressionada contra a grama da propriedade Deboise, escondida atrás de algumas sebes bem aparadas. Felizmente, Catherine não se demorou em sua porta, voltando para dentro antes que seu carro tivesse até limpado o portão. De alguma forma, ela não tinha

percebido que eu estava aqui fora - pela primeira vez, a preguiça dos guardas estava trabalhando a meu favor.

Ou talvez Richard tenha dito para eles não me anunciarem. Quem sabia o que aquele bastardo louco estava fazendo?

Um leve rastro de sujeira atrás de mim me alertou para a nova presença e eu consegui não gritar quando balancei a cabeça em direção ao barulho, já alcançando a arma enfiada no bolso da frente do meu casaco.

Seus rostos estavam vincados em linhas duras e furiosas.

— Riley. — Beck murmurou, seu olhar correndo em mim como se estivesse procurando por lesões. — Que porra você está fazendo aqui?

Dylan estava ao lado dele, ambos em uma posição similar a mim, pressionados perto do chão.

— Eu vim para ver Catherine. — Comecei sem fôlego. —Eu ia confrontá-la sobre Dante. Descobrir a verdade dessa cadela viscosa.

Eu soei chocada, minha voz insípida.

Beck imediatamente notou. — O que aconteceu? — ele exigiu, de alguma forma conseguindo manter sua voz baixa apesar de sua óbvia irritação.

— Catherine e Graeme. — Eu sussurrei, as imagens deles se beijando forte em minha mente. — Catherine e fodido Graeme Huntley. — Eu terminei mais alto.

Os dois rapazes se viraram para olhar para a imponente mansão, com os olhos se concentrando daquele jeito caçador e sobrevivente que tinham.

— Eu pensei que era o carro dele, — Beck murmurou, — quando estávamos pulando a cerca.

Eu balancei a cabeça como um brinquedo de pescoço de mola. — Sim, ele acabou de sair.

— Ela está em choque. — Disse Dylan suavemente. — Nós precisamos tirá-la daqui. Dê a ela uma chance de se acalmar.

Beck encontrou seus pés e me ergueu com facilidade, me embalando contra seu peito.

— E quanto a Catherine? — Eu ofeguei, porque não estávamos nos escondendo.

Beck fez um som depreciativo. — Foda-se Catherine. Ela não nos assusta. Nós estávamos em modo furtivo até sabermos que você estava bem, mas agora...

Justo.

Ele seguiu Dylan. Eles se moviam rápido e silenciosamente, capazes de intervir do jeito certo, para não criar nenhum tipo de perturbação. Eu não tenho essa habilidade. Qual foi a única razão pela qual eu não pedi para ele me colocar no chão. Neste momento meu corpo parecia gelatinoso e eu provavelmente tropeçaria e quebraria outro membro se ficasse sozinha.

Eu dei a Dylan o código do portão da frente e ele entrou para que pudéssemos sair. A Bugatti de Beck estava estacionada ao lado da borboleta e ele me deixou no banco do passageiro antes de estender a mão para as minhas chaves. Ele queria que Dylan dirigisse meu carro.

Comecei a sacudir a cabeça. Eu quem dirigia a borboleta. Ela tinha acabado de ser devolvida para mim depois de ser recuperada e eu estava me sentindo um pouco possessiva, mas quando minha cabeça girou,

percebi que eu não estava realmente na melhor posição para me concentrar em coisas como tráfego e pedestres. Além disso, eu queria estar perto de Beck. Eu precisava do conforto.

Quando eu entreguei as chaves, Dylan me lançou um último olhar preocupado antes de se virar e pular na borboleta.

— Fale comigo, baby. — Disse Beck quando ele iniciou a Bugatti. — Diga-me o que você viu.

A queimadura de ácido assaltou minha garganta novamente, o conteúdo do meu estômago querendo sair do meu corpo. Eu nunca percebi o quão fraco meu estômago era até que entrei neste mundo. Eu provavelmente vomitei mais nos últimos meses do que nos dez anos anteriores. Toda essa merda insana estava realmente me prejudicando.

Beck ainda tinha sua expressão insondável focada em mim e tentei organizar meus pensamentos dispersos. — Quando cheguei lá, Catherine estava na varanda da frente com um homem. Eu soube imediatamente que não era Richard e percebi que ela estava tendo um caso. Você sabe, mulher rica clichê que ela é.

Beck assentiu com a cabeça, diminuindo a velocidade quando saímos dos portões principais do complexo Delta.

— Então ele se virou e... era Graeme. — Eu sussurrei.

A expressão de Beck se transformou em confusão e não porque eu disse a Graeme, ele já sabia que ele estava lá, mas por causa do *jeito que* eu disse.

Eu me virei na cadeira e encontrei seu olhar completo. — Ela o beijou, Sebastian. Beijou-o apaixonadamente... como um amante.

Eu esperei que ele recuasse ou me chamassem de louca ou agisse com nojo.

Mas ele não fez nenhuma dessas coisas.

Ou sua mente não tinha ido imediatamente para mim sendo um possível bebê incesto ou ele era muito melhor do que eu em esconder suas emoções, porque neste momento, sua expressão era ilegível.

Eu pulei quando ele estendeu a mão e capturou minha mão. — Vamos chegar ao fundo disso, Butterfly. — Ele me disse, sua voz tão séria quanto eu já ouvi. — E eu prometo a você, Catherine Deboise vai pagar o que ela fez com você. Para todos nós.

Eu apertei meus olhos com força, tentando o meu melhor para tirar essas imagens da minha cabeça. — Ela é literalmente a humana mais fodida que eu já conheci. E considerando o mundo em que estive ultimamente...

Isso estava realmente dizendo alguma coisa.

Na verdade, Graeme Huntley era quase o mesmo, então havia dois Huntleys fodidos vagando por aí. Foda-se Huntleys que pode ser meu pai.

Eu engasguei de novo e sabendo que não podia mais viver assim, cheguei ao centro do carro e peguei o telefone de Beck. Ele não me questionou nem tentou pegar o telefone de volta. Ele apenas me deixou percorrer até que eu encontrei o número que eu precisava.

O telefone tocou três vezes antes que uma voz profunda e familiar respondesse.

— Beck! — Richard Deboise disse rapidamente. — Está tudo bem com Riley?

Ouvindo sua voz meu estômago revirou mais uma vez, não só porque a última vez que eu o vi ele tentou me drogar, mas porque ele pode não ser meu pai e se ele não fosse, isso significava...

— Eu preciso que você me diga a verdade. — Eu disse sem preâmbulo. — Pela primeira vez na vida, preciso da verdade sincera. Você me deve depois do nosso último encontro.

Isso chamou a atenção de Beck - eu praticamente podia sentir seu olhar de aço batendo no lado da minha cabeça, mas eu o ignorei, esperando pela resposta de Richard.

Houve uma batida de silêncio e depois: — Ok.

— Você sabia sobre Catherine e Graeme Huntley?

O silêncio foi maior desta vez. Muito mais tempo.

— Sim. Eu soube desde antes de nos casarmos.

O telefone estava no viva-voz e o som irado de Beck chegou a Richard. — Quem está com você, Riley? — Ele perguntou, mais mordida em seu tom.

— Só Sebastian. — Eu respondi.

— Não é seguro falar ao telefone. — Continuou Richard então. — Encontre-me na casa do Delta da zona vermelha. Beck sabe do que estou falando.

A linha ficou morta e, com as mãos trêmulas, deixei-a cair onde normalmente ficava. — Ele sabia disso. — Minha voz raspou. — Ele sabia que ela estava transando com seu irmão, e ele ainda se casou com ela.

Tudo sobre esse dia estava soprando minha mente, mas havia um positivo em Richard já sabendo - esperançosamente ele teria algumas respostas para as muitas perguntas girando em torno da minha cabeça.

Beck foi o único a chegar para o telefone desta vez. — Você pode enviar um texto para Dylan? Eu não vou lá sem backup. Não quando sua segurança está em questão.

Com um aceno de cabeça, peguei o aparelho e abri suas mensagens. — Eu preciso que você use apenas essas palavras, ok? — Beck disse antes que ele sacudisse um monte de merda que não fazia sentido para mim.

— Você tem certeza? — Eu disse, quase sorrindo para o rabisco no texto.

Beck conseguiu enrolar um canto de seus lábios perfeitos. — Sim, nós temos nossa própria maneira de nos comunicar, Butterfly. A menos que você seja um decodificador você não vai descobrir.

Eu ri dessa vez. — Como você sabia? Decodificador é o meu nome do meio.

Okay, certo? Essa vida de crime era definitivamente nova para mim, e eu duvidava que eu pudesse alcançar meus colegas - os especialistas.

— O que você quis dizer com Richard devendo você? — Beck disse, desviando nossa conversa. Eu consegui não gemer, porque eu estava esperando que ele realmente não pegasse isso... ou pelo menos não me empurrasse sobre isso.

Eu deveria ter sabido melhor.

— A verdade, Riley. — Acrescentou ele quando eu não respondi imediatamente.

Eu poderia dizer pelo seu tom de voz que ele não ia me deixar sair com nenhuma resposta meio idiota.

Respire fundo. — Acontece que Richard é tão psicótico quanto o resto de todos vocês. — Eu disse rapidamente. Quando os olhos de Beck escureceram, eu continuei com pressa, — Ele não me machucou, apenas me assustou pra caralho. E ele ameaçou você, Beck, então acho melhor não contar todos os detalhes.

Eu esperei que ele explodisse e definitivamente havia um momento tenso de silêncio, mas Beck me surpreendeu quando seu aperto no volante se soltou e ele soltou uma risada divertida e irônica.

— Você vai ter que ter mais fé em mim, Butterfly. Richard acha que ele tem sobre mim e os caras, mas ele não tem a mínima ideia do que somos capazes. Ele nunca se incomodou em prestar atenção. — Eu recebi toda a sua atenção e fiquei com um pouco de medo por alguém na estrada, porque Beck não estava assistindo. — Nunca mais mantenha algo assim de mim.

Eu retornei seu olhar com um dos meus próprios.

— Você mantém a merda de mim o tempo todo na pretensão de 'me proteger'. — Eu estava apenas fazendo a mesma merda de coisa.

Os lábios de Beck se contraíram e ele assentiu. — Touché, baby.

Eu pensei que era o fim disso, mas eu deveria ter sabido melhor. — Você não deve ficar sozinha com Richard novamente.

Fodido arrogante.

Eu nem tinha dito a Beck o que aconteceu, não especificamente, mas de alguma forma, ele ainda sabia que era algo fodido e estranho. O suficiente para fazer sua demanda. Eu não me incomodei em responder, porque hoje eu não poderia fazer essa promessa.

Com uma sacudida de cabeça, ele soltou e o silêncio caiu entre nós quando cruzamos a principal cidade de Jefferson. Saímos do subúrbio

para uma área menos urbana - longos campos verdes e plantações que pareciam estar nos estágios iniciais da brotação, a primavera apenas aparecendo.

— O que significa a zona vermelha? — Eu perguntei a Beck, precisando quebrar o silêncio.

Ele olhou para a frente, relaxado enquanto avançávamos. — Temos várias casas seguras, áreas de desembarque e rotas de entrega mapeadas em torno de Jefferson. Zona vermelha é apenas para uso privado. Reuniões do Delta principalmente. É regularmente pesquisado por escutas telefônicas, bugs e equipamentos de vigilância não autorizados. É provavelmente a coisa mais próxima que temos de um lugar seguro para conversar.

Boa. Isso significava que Richard tinha algo importante a dizer. Ou ele estava nos atraindo para tentar nos matar. Eu não deixaria passar por ele, mas pelo menos estávamos preparados agora para a sua falta de coragem. Nenhum de nós confiava em Richard e isso nos dava uma vantagem.

Beck saiu da estrada principal, entrando em uma pequena área deserta cercada por árvores. A menos que você estivesse procurando por ele, nunca o teria visto lá. Nós seguimos esse caminho através das árvores por um longo tempo, e quando me sentei mais alto no meu assento para olhar em volta, fiquei aliviada ao ver Dylan atrás de nós, a borboleta brilhando na luz do sol matinal que filtrava a vegetação densa.

Vê-lo me lembrou de algo. — Como você soube me seguir até a casa de Catherine? — Eu perguntei como um edifício apareceu à distância. Eu tinha tanta certeza de que Beck estava dormindo quando saí hoje de manhã.

Sua expressão escureceu - eu acabei de lembrá-lo que eu fugi para o perigo. — Foi uma combinação de coisas. Você perguntando sobre sua

arma foi a primeira dica e então quando nós estávamos nos beijando, havia algo *fora* em sua expressão. Como você pensou que era a última vez que nos tocávamos. Meu erro foi esperar que você dormisse um pouco antes de sair de casa - é por isso que eu demorei alguns minutos para recuperar o atraso. Dylan ouviu seu carro e estava no estacionamento quase ao mesmo tempo que eu.

Porra. Eu nunca seria capaz de esconder nada deles.

— Me desculpe, eu errei. — Eu disse a ele, reconhecendo que tinha sido muito estúpida. — Eu só imaginei que Catherine nunca falaria comigo com sinceridade com vocês lá. Com todo mundo, ela ficaria com medo de chutar a bunda dela ou algo assim.

O peito de Beck roncou e quase parecia que ele estava contando até dez em sua cabeça para tentar se acalmar. — Não faça isso de novo, Riley. Catherine é perigosa. Todos em nosso mundo são, e você não deve confiar em nenhum deles, exceto em nós. Nós quatro sempre teremos as suas costas.

Depois de tudo o que aconteceu nos últimos meses, essas palavras deixaram meu corpo aquecido e brilhante. De alguma forma, esses filhos da puta ricos e arrogantes tinham se enterrado no fundo do meu coração.

Beck parou em frente à casa segura. — Estamos nessa merda juntos. — Disse ele, desligando o motor. — Eu teria ido com você. Qualquer um de nós teria.

— Eu pensei que você iria me parar. — Eu admiti. — Você pode ser muito mandão quando se trata de segurança.

Beck se virou, de modo que estava de frente para mim, seus lindos olhos inundados por nuvens de tempestade cinzentas. Eles ficaram assim quando ele estava chateado ou sendo verdadeiro. Agora eu tinha certeza que ele era ambos.

— Sou mandão porque amo você, Butterfly. Eu não vou deixar ninguém te levar pra longe de mim. Mas… se fosse importante para você, eu não teria ficado no seu caminho. Eu teria apenas me assegurado de que estávamos preparados para qualquer coisa. Eu teria tido apoio. — Ele estendeu a mão e segurou meu rosto, sua mão áspera e macia ao mesmo tempo. — Eu não vou ficar no seu caminho, baby, mas eu vou ficar ao seu lado, onde eu pertenço.

Bem, foda-se. O que alguém disse sobre isso?

— *Eu te amo, Sebastian.*

As palavras escaparam. Eu não tinha dito de volta para ele antes, embora eu sentisse isso, mas agora não havia como mantê-lo dentro.

Ele parou, a tempestuosidade de seus olhos se desvanecendo para algo quase prateado. Era assim que pareciam quando ele estava feliz.

Ele estendeu a mão, sua outra mão segurando meu rosto também e, no verdadeiro estilo Beck, ele bateu nossas bocas juntos. O beijo foi duro e punitivo a princípio, antes de suavizar os toques amorosos dos lábios, da língua e das mãos.

Uma batida firme na janela ao lado da minha cabeça foi a única coisa que nos separou, porque não estávamos parando sozinhos. Dylan ficou lá com um olhar exasperado e virou a cabeça para a porta da casa, indicando que Richard já estava lá esperando por nós.

Relutantemente, me afastei de Beck e saí do carro. A casa segura era pequena, parecendo muito com um velho celeiro marrom que estava sentado aqui nos elementos por décadas. Estava acabado por fora, mas algo me disse que fazia parte de sua camuflagem — misturar e não ser encontrado.

— Fique perto, Riles. — Disse Dylan quando Beck cruzou atrás do carro para se juntar a nós.

— E não se esqueça de usar sua arma se você precisar se proteger. — Beck murmurou, seus olhos duros enquanto seu olhar pousou em meu pai.

Richard parecia uma merda, olhos vermelhos, terno enrugado. Seu olhar encontrou o meu e por um momento eu me esforcei para respirar.

Que verdade eu estava prestes a descobrir? E eu seria capaz de lidar com isso?

CAPITULO DOIS

— Entrem logo. — Disse Richard e me surpreendeu novamente quão camaleão como ele era. Um minuto gentil e carinhoso, o próximo psicótico e assustador, e agora ele quase parecia frágil e com medo. Talvez ele tivesse várias personalidades.

Beck e Dylan caíram em ambos os lados de mim. — Fiquem juntos. — Disse Beck em voz baixa.

Dylan assentiu, as linhas perfeitas de seu rosto endurecendo, fazendo-o parecer mais velho que seus vinte anos. Eu sempre me senti segura quando estava com esses dois. E especialmente quando eu estava com todos os quatro herdeiros, mas também estava determinada a me sentir segura só comigo mesma. O que significava que eu tinha que ficar no controle dessa situação.

Eu tinha minha arma. Talvez eu a use.

Pisando pela porta da frente, soltei um suspiro baixo. Ok, eu poderia ter esperado que o exterior fosse uma "fachada" escondendo o verdadeiro interior, mas eu não esperava isso.

Dentro havia uma fortaleza. As paredes se alinhavam com o que parecia ser de aço: prateado, brilhante e grosso. Não havia janelas, e parecia que a porta da frente que acabamos de usar era a única maneira de entrar e sair.

— É praticamente à prova de bombas e terremotos. — Disse Richard, sorrindo para a minha expressão indubitavelmente chocada. —

Nada pode entrar uma vez que está trancado. Nós usamos isso algumas vezes ao longo dos anos.

A porta da frente estava fechada por Beck e então seguimos Richard pela entrada e em uma área de estar forrada de aço que eu tinha vislumbrado. Havia vários sofás, um tapete de creme grosso e três prateleiras combinando com livros.

Richard sentou-se em uma poltrona de couro de alta sustentação e nós três acabamos em um sofá de couro marrom em frente a ele. — Agora podemos conversar, Riley. — Disse Richard.

Está bem então. — Você é meu pai?

A primeira coisa foi primeiro. Dylan me lançou um olhar de lado e eu lembrei que ele não sabia sobre Catherine e Graeme ainda, mas ele alcançaria rapidamente, porque eu definitivamente estaria perguntando mais sobre eles.

— Sim. — Disse Richard sem preâmbulo. — Eu fiz testes de DNA e nossa partida foi conclusiva. Eu sou seu pai.

Uma rajada de ar aliviada me deixou. Foi assim que meu mundo ficou fodido - fiquei aliviada que a droga psicótica - sua própria filha fosse meu pai.

— Oscar foi seu filho?

O rosto de Richard caiu. — Em todos os sentidos, exceto sangue.

Eu não estava exatamente chocada, mas de alguma forma eu ainda estava...

— Ele não é um Deboise? — Beck perguntou, astutamente observando Richard, avaliando toda e qualquer resposta.

Richard sacudiu a cabeça. — Não, ele é um Huntley. Catherine já estava grávida quando veio até mim e implorou por ajuda. Sua vida estava em perigo. A vida do filho dela estava em perigo. Nós sempre nos demos bem, ela era atraente e essa aliança me convinha. Eu não tinha certeza se poderia ter filhos depois de um acidente quando eu era mais jovem, e assim me garantiram um herdeiro para levar o nome Deboise.

Dylan ficou mais ereto agora. — Eu nunca soube do acidente.

Richard riu. — Sim, bem, não se anuncia exatamente que ele pode não ser capaz de ter um herdeiro. Tende a trazer os abutres. Vocês três são os únicos que sabem. Ah, e um médico que me costurou.

— Você teve uma filha, então isso é um ponto discutível, certo? — Eu empurrei, precisando de mais provas de que eu não era um Huntley. Richard não tinha exatamente provado ser confiável e agora eu só tinha a palavra sobre esse "teste de DNA".

Richard alcançou a pequena mesa lateral que eu não tinha notado e levantou alguns papéis. — Imaginei que você iria querer provas. — Ele disse.

Ele os entregou para mim e Beck e Dylan se aproximaram para que pudéssemos ler os papéis.

Eu notei o selo oficial primeiro, e mais números oficiais e tal que indicavam que isso era um teste legítimo. Então me concentrei nos resultados... e foi exatamente como ele disse. Meu DNA provou que Richard era meu pai biológico, sem dúvida.

— Então, Oscar era filho de Graeme Huntley? — Beck disse, enquanto eu continuava a olhar para baixo, meus dedos brancos onde eu segurava as bordas do papel.

Dylan se assustou ao meu lado, mas essa foi a extensão total de seu choque. Eu duvidava que alguém mais tivesse notado.

A expressão de Richard se fechou. — Não. Oscar não era de Graeme. Ele era filho de Reginald Huntley.

Beck e Dylan estavam tão imóveis e a energia que vinha dos dois era sombria. Muito sombria.

— Eu não entendo. — Eu disse, finalmente encontrando os olhos do meu pai. — Quem é Reginald Huntley?

Houve outro jogador neste jogo que eu não conhecia? Ela estava transando com outro de seus irmãos? Ou... um primo, talvez?

— O pai de Catherine. — Rosnou Beck. — Um velho maldito que felizmente morreu há alguns anos.

O pai de Catherine...

De alguma forma eu não estava doente. De alguma forma.

— Catherine estava dormindo com o pai e o irmão dela? — Eu perguntei, engolindo em seco para parar a bílis. Que porra estava acontecendo aqui? Eu tinha tropeçado em algum tipo de história de romance sombrio onde coisas loucas continuavam acontecendo, mesmo quando não fazia sentido?

Richard sacudiu a cabeça, olhos tristes. — Não, ela não dormiu com o pai… ele a estuprou. Por anos. Ela foi vítima de seu ataque noite após noite, quando tinha cerca de dez anos. Quando ela ficou grávida, encontrou forças para escapar dele. Ela foi para as únicas pessoas poderosas o suficiente para enfrentar Huntley.

— Delta. — Eu respirei.

Oh meu maldito deus. Isso foi absolutamente horrível e por uma fração de segundo, senti simpatia por Catherine. Na verdade, explicou muito sobre a pessoa fodida que ela era, porque ela agiu tão horrivelmente. Mas... no final do dia, eu não pude perdoá-la pelo que ela fez. Especialmente com o que estava acontecendo com ela e Dante.

Essa foi uma questão para lidar depois desta.

— É por isso que você sempre teve tanta certeza sobre sua lealdade à Delta. — Eu disse, concentrando-me em obter qualquer informação que eu pudesse. — O ódio dela em relação ao pai dela.

Richard assentiu. — Ódio e medo. Ela nunca voltaria para perto deles.

Mas... — Ela estava beijando seu irmão. — Eu balancei a cabeça. — E ela definitivamente não o beijou como se ele fosse alguém que a agredisse. Ou como se ela estivesse com medo dele. Ela o beijou como se ele fosse a única pessoa neste mundo que ela amava.

Com isso, Richard parecia chateado, talvez pela primeira vez desde que eu entrei aqui. — Eu sabia que o irmão dela também recebia abusos do pai, de um jeito diferente de Catherine, mas isso os aproximava muito. Ela me disse que ele a salvou e que eles tiveram um relacionamento sexual, mas que tudo acabou. Ela terminou com Huntley.

— Não está acabado. — Assegurei a ele. — Catherine tem que ser seu espião.

Richard parecia que ele queria protestar, mas ele o fez não, afundando em sua cadeira. — Vou dar uma olhada. De agora em diante, você precisa ter cuidado extra em torno de Catherine. — Disse ele fracamente. — Ela trouxe você de volta aqui por uma razão, Riley. Se é para garantir que podemos votar nesta próxima reunião, então isso significa que ela vai votar em Huntley na Delta.

— Remova-a como sua procuração. — Exigiu Dylan. —Faça isso imediatamente, caso contrário você não pode garantir a segurança da votação.

Richard sacudiu a cabeça. — Se eu fizer isso, e Catherine for nossa toupeira, todos estaremos em perigo. Ela sabe demais. Ela tem poder agora ela que não tinha antes. É melhor tirá-la de lá e, quando tivermos as evidências, vamos ao quadro e a derrubamos.

Algo me dizia que tudo o que Catherine fez para fazer com que Richard a levasse para sua vida, para protegê-la, ainda estava lá para ele. Talvez ele a amava desse jeito fodido. Ou talvez ele gostasse do drama. De qualquer forma, ele não estava pronto para apenas jogá-la sob o ônibus ainda.

Richard olhou para o relógio e ficou de pé graciosamente. — Eu tenho uma reunião para ir. Parece que preciso me envolver mais na empresa, pelo menos em pequenos incrementos, até descobrirmos o que fazer em relação a Catherine.

Todos nós também nos levantamos. Richard nos deu um aceno antes de me dar um sorriso triste. — Você provavelmente não acredita nisso, Riley, mas eu não sou seu inimigo. Eu nem sempre tomo as decisões certas, mas sempre tenho o bem-estar de minha família e companhia no coração.

Com isso, ele se virou e saiu e eu apenas balancei a cabeça enquanto a informação sobrecarregava meu cérebro. Dylan fez algumas perguntas a Beck sobre a coisa de Catherine e Graeme, principalmente o que eu tinha visto. Eu apenas tentei descobrir o meu próximo passo.

— Precisamos conversar com Dante. — Eu disse quando eles terminaram sua discussão apressada. — Ele sabe de alguma coisa. Talvez isso nos ajude a chegar ao fundo de qualquer coisa fodida que Catherine e Graeme estejam fazendo.

Naquele momento, meu melhor amigo - ou ex melhor amigo, dependendo de quais segredos ele estava mantendo - estava preso em Jefferson como suspeito de assassinato.

— Sim. Boa ideia — disse Dylan.

Eu tive um pensamento sombrio. — Você acha que Graeme sabe sobre Katelyn ainda? Quer dizer, ele não parecia chateado nem nada, mas certamente se importaria que a filha dele morresse.

— O telefone dele estava desligado. — Disse Beck. —Um dos policiais me disse isso enquanto eles levavam Dante embora. Então duvido que ele soubesse.

Claramente desligado para que eles pudessem ter seu caso clandestino ou qualquer outra coisa.

Eu quase desejei poder ver a reação de Graeme quando ele descobrisse, porque eu estava começando a suspeitar que ninguém neste mundo tinha emoções normais. Ou relacionamentos normais com seus filhos. O que dizer que Katelyn era biologicamente sua. Havia algo em que pudéssemos acreditar sobre as relações que aprendemos até agora?

Saímos do mesmo jeito que entramos, e dessa vez Beck empurrou a Bugatti com mais força e mais rápido, especialmente quando voltamos à estrada principal. Nós dois precisávamos da velocidade. Um momento em que poderíamos esquecer a bagunça do mundo em que estávamos firmemente presos.

Esqueça Delta, apenas por cinco minutos.

CAPITULO TRES

Uma pessoa diferente estava na recepção da delegacia de polícia desta vez. Um homem que não parecia muito mais velho que nós, com pele escura e lindos olhos azuis. Foi um bom contraste, e me perguntei se ele seria mais fácil de lidar do que o último guardião.

— Beck. — Disse ele, balançando a cabeça respeitosamente quando paramos em frente a ele.

— Johnson, não sabia que você começou a trabalhar aqui. — Disse Beck, soando como se ele não odiasse esse cara. Que foi um bom começo. — Ouvi dizer que você que tinha sido transferido para fora do estado por alguns anos. É bom ter você de volta.

Johnson assentiu, parecendo relaxado e feliz. — Sim, eu comecei em outra estação na batida antes de finalmente subir nas fileiras e acabar voltando para cá.

Seus olhos roçaram brevemente em mim, mas não se prolongaram e eu não me incomodei em me envolver em nenhum tipo de conversa. A necessidade de conversar com Dante estava começando a corroer minhas entranhas. Como, eu não podia esperar mais um segundo para obter a verdade dele. Mesmo com todas as verdades que eu tinha conseguido esta noite, esta provavelmente seria uma das maiores. Uma das mais importantes.

Mudança de vida.

— Você estava sempre interessado em fazer cumprir a lei. — Disse Beck, não parecendo surpreso. Eles atiraram a merda por mais alguns

minutos antes de Beck chegar ao negócio. — Tivemos um amigo que foi trazido mais cedo em algumas acusações de besteira. Você acha que poderia nos levar para vê-lo? Dante, o gangster.

Eu arqueei uma sobrancelha para Beck enquanto Johnson bateu em seu computador por um momento, em seguida, soltou um assobio baixo. — Preso sob acusação de agressão agravada, estupro e assassinato em primeiro grau. Uh, essas não são apenas acusações de besteiras, Beck. — Ele nos deu um olhar de dor. — Você com certeza não quer facilitar minhas primeiras semanas no trabalho, hein?

Beck deu-lhe um sorriso encantador. — Apenas um mal-entendido. — Beck respondeu. — Só precisamos de dez minutos com ele. Minha namorada tem algumas coisas para perguntar a ele.

Os olhos azuis de Johnson se voltaram para mim novamente e desta vez havia algo naquele olhar. Curiosidade, sem dúvida, sobre a garota que finalmente conseguiu o selo “namorada” de Beck. Apenas quando começou a ficar desconfortável, ele suspirou e checou seu relógio.

— Cinco minutos. — Ele disse em um tom sério. — É o melhor que posso fazer. Se Saunders voltar cedo da sua hora de almoço, ele vai expulsá-lo. Portanto, obtenha suas respostas rapidamente.

Johnson chamou alguém no interfone e, alguns instantes depois, uma mulher de meia idade, entediada e de uniforme, nos acompanhou pela estação até uma sala de entrevistas vazia.

— Apenas espere aqui. — Ela nos disse. — Seu amigo será trazido em breve.

Ela nos deixou, fechando a pesada porta de metal atrás dela com um som pesado.

— Sente-se, Butterfly — insistiu Beck, guiando-me para a cadeira desconfortável de um lado da mesa. Eu balancei a cabeça e comecei a andar. Não havia como eu ficar parada, não em um momento como esse. Minha cabeça estava tão cheia de segredos e revelações que parecia que eu poderia explodir se não continuasse em movimento.

Dante trabalhando para Catherine.

O assassinato de Katelyn.

Catherine e *o irmão dela*.

Catherine e o pai dela.

A confissão de Richard sobre Oscar.

Foi tudo muito. Apenas quando passei pelo fato de que a Delta, e meus *amigos*, me coagiram a assassinar um homem. Apenas quando trabalhamos com toda essa traição e confiança quebrada... isso aconteceu.

Minha mente foi oficialmente queimada.

A porta clicando aberta me sacudiu dos meus pensamentos e eu engasguei quando Dante foi trazido para o quarto. Minha mão voou para minha boca em horror quando o policial uniformizado levou meu melhor amigo até a mesa e o algemaram as argolas que corria no meio dela.

— Sr. Beckett. — O oficial acenou para Beck e me ofereceu um sorriso educado. — Você tem cinco minutos, por favor, bata na porta se você quiser sair antes disso. Caso contrário, voltarei em breve.

—Obrigado. — Beck respondeu, apoiando as costas no vidro espelhado e cruzando os braços sobre o peito.

O policial saiu e eu voei pelo pequeno espaço para abraçar Dante.

Por um momento, ele congelou. Então sua mão sem algema veio e acariciou minhas costas enquanto eu soluçava no lado de seu pescoço.

— Ei, Riles, — ele sussurrou, — está tudo bem. Eu não fiz nada do que eles estão dizendo. Isso tudo será resolvido, não se preocupe.

Ouvir sua voz me ajudou a puxar minha merda um pouco, e eu o soltei. Apenas para quebrar minha palma aberta em seu rosto em uma bofetada violenta. Tanto quanto eu odiava dar esse crédito de cadela para qualquer coisa, Catherine me ajudou a melhorar minha forma de dar tapa.

— Você fodidamente mentiu para mim, Dante. — Eu o acusei em um sussurro áspero. — Minha maldita vida inteira. Era tudo uma mentira. Como você pôde fazer isso?

— Riles... — ele tentou agarrar minha mão e eu tirei de seu aperto quando me afastei.

— Não. — Eu retruquei. — Não me chame de 'Riles'. Você é uma farsa! Quanto tempo, Dante? Há quanto tempo você trabalha para essa cadela?

Eu estava louca como o inferno agora, meus punhos cerrados ao meu lado enquanto eu olhava para ele. Nós éramos amigos há muito tempo. Quase dez anos. Um dia ele apareceu e nós éramos inseparáveis desde então. Agora todas as lembranças da nossa vida juntos estavam sob escrutínio.

Dante baixou a cabeça para as mãos, as algemas de metal balançando contra a mesa enquanto ele esfregava a mão sobre a cabeça raspada.

— O tempo todo. — Ele finalmente disse, sua voz grossa com um toque de... eu não sabia. Arrependimento? Certamente não. Caso contrário, ele teria *dito algo mais cedo!*

—O tempo todo. — Eu repeti em um sussurro horrorizado. Eu tive minhas suspeitas, mas para que ele confirmasse. — O tempo *todo*. Você esteve me espionando para Catherine o tempo todo que nos conhecemos?

Ele assentiu com os olhos cheios de dor.

— Não. — Eu balancei minha cabeça, negando a verdade de suas palavras. — Não, isso não é possível. Você era apenas uma criança quando nos conhecemos. Você estava apenas com...

— Nove. — Ele terminou por mim. — Sim, eu sei. Caso você não tenha notado, Catherine Deboise não tem exatamente muitos limites morais. Chantagear uma criança de nove anos não é o pior dos seus pecados, não acha?

Minhas sobrancelhas se levantaram e eu peguei aquele vislumbre de esperança com as duas mãos. — Chantagem?

Dante assentiu. — Você vai se sentar e me deixar explicar? Eu juro que não vou segurar nada, vou te contar tudo.

Eu vacilei um momento, querendo dizer a ele para ir para o inferno. Mas foi por isso que eu fui à delegacia, não foi? Para obter essas respostas?

Engolindo a dor e a raiva, mordi o interior da minha bochecha e lentamente me sentei na cadeira em frente a Dante. Beck permaneceu onde estava. Silenciosa e estoicamente. Isso era tudo que eu precisava dele também. Ele estava lá, ele estava me apoiando, mas ele não estava lutando minhas lutas por mim.

— Obrigado. — Dante sussurrou quando eu apertei minhas mãos na minha frente na mesa. — Riles, eu preciso que você saiba... Eu não matei Katelyn. Essa coisa toda é fodidamente armada. Você sabe que eu

não faria isso. Certo, Riles? — Seus olhos me imploraram para acreditar nele, mas minha confiança tinha levado muitos espancamentos por uma única vida.

— Por que você não começa no começo? — Eu sugeri, minha voz um sussurro rouco quando desviei de seu contato visual e olhei para minhas mãos. — Como essa merda com Catherine começou?

— Selene — Ele pronunciou o nome de sua irmã com uma dor tão sufocada que imediatamente me arrependi de julgar com tanta severidade. Ele tinha nove anos quando Catherine chegou a ele, pelo amor de Deus.

Eu respirei fundo e assenti. — Você disse que Catherine chantageou você. O que isso tem a ver com Selene?

Dante lançou um rápido olhar para Beck e depois para a porta. — Eu não imagino que tenhamos uma quantidade enorme de tempo, então eu vou te dar a versão rápida e implorar para você ir falar com Selene depois disso. Eu dei a ela alguns documentos em caso de emergência. — Ele fez uma careta e olhou para o pulso algemado. —Eu chamaria isso de uma emergência.

—Não há nada — Eu concordei. —Assim...?

Dante esfregou a mão livre sobre a cabeça novamente. — Você se lembra de como meu pai estava nos Grims antes de mim, certo? Foi assim que acabei envolvido. — Eu balancei a cabeça. — Certo, bem, quando Selene e eu éramos crianças, nós estávamos brincando no quintal, apenas brincando com nossas bicicletas e alguém com rancor contra o meu pai decidiu dirigir e começar a atirar. Apenas... abriu fogo com um AK—47. Eu não acho que eles estavam mesmo apontando para alguém ou alguma coisa, mas eles acertaram em Selene.

Eu respirei fundo, pressionando meus dedos nos lábios para não gritar ou chorar ou algo assim. O que diabos estava *errado* com este

mundo? A única coisa que me manteve calma foi saber que ela havia sobrevivido.

— Ela foi levada para o hospital, mas...— Ele parou de falar, a cabeça inclinada quando pegou as unhas, lembrando claramente do dia. — Houve complicações. Ela precisava de mais cirurgias e reabilitação. Era tudo tão caro, e meus pais não tinham seguro, não tinham como pagar. O melhor que o hospital estava oferecendo era o cuidado paliativo. Selene estava morrendo e eles não fariam nada para salvá-la a menos que pudéssemos pagar.

— E é aí que Catherine entrou em cena? — Eu respirei, parcialmente horrorizada e parcialmente grata. A obsessão de Catherine pelo controle salvou a vida de minha amiga.

Dante assentiu. — Ela queria que alguém ficasse de olho em você, fizesse relatórios de progresso, merda assim. Parecia um show tão fácil, sabe? Faça amizade com alguma garota e verifique com essa cadela rica de vez em quando. Em troca, ela faria com que Selene tivesse todo o cuidado que precisava para se recuperar completamente.

Eu lambi meus lábios, atordoada. — Por que você?

Dante encolheu os ombros. — Conexões de gangues. Meu pai vinha fazendo trabalho sujo para a Delta há anos, e nós éramos tão próximos em idade... — Ele suspirou. — Eu acho que não foi difícil para ela assumir que o filho de um líder de gangue pode valorizar mais dinheiro do que a moral.

— Pare com isso. — Eu repreendi. — Você não valorizou o dinheiro em detrimento da moral. Você valorizou a vida da sua irmã. Eu não posso... —Eu parei, minha voz falhando. — Eu não posso culpá-lo por isso.

O olhar do meu melhor amigo subiu para o meu rosto, seus olhos cheios de esperança e desespero, e eu apertei meus punhos com força para acalmar minha determinação. — Mas isso foi quase dez anos atrás,

Dante. Dez *anos*. Será que minha amizade significa tão pouco para você que você manteve esse segredo todo esse tempo? Que você *continuou relatando sobre mim*? Você tem alguma ideia de como isso me faz sentir violada? Como usada e quão completamente *estúpida*?

Seu rosto caiu com cada palavra e meu coração se partiu ainda mais. — Eu sei, e nem posso começar a me desculpar com você, Riles. No momento em que parei de vê-la como um trabalho e comecei a vê-la como... — Ele fez uma pausa, lançando um rápido relance para Beck. — Como amiga, já era tarde demais. Qualquer coisa que eu dissesse arruinaria o que tínhamos e não estava disposto a arriscar.

Eu fiquei de boca aberta para ele. — Então você está dizendo que se eu não tivesse descoberto, você nunca teria me dito?

— Nunca. — Sua mandíbula estava definida e eu não podia totalmente envolver minha cabeça em torno do que eu estava ouvindo. — Catherine fez meu pai assinar um contrato. Se eu lhe contasse tudo ou se recusasse a continuar trabalhando para ela, minha família precisaria pagar o custo dos cuidados de saúde de Selene. Milhões de dólares. Mas se fosse apenas dinheiro, eu provavelmente poderia ter lidado com isso.

Eu soltei um suspiro pesado, sentindo meus ombros caírem ainda mais do que eles já tinham. — Ela ameaçou alguém que você ama. Estou começando a entender como a Delta funciona agora. Quando dinheiro não é incentivo suficiente, ameaça matar pessoas. — Quando eu disse aquelas palavras, outro horrível e assustador pensamento surgiu em minha cabeça. Eu estava quase com muito medo de perguntar, não querendo ouvir a resposta... mas mesmo assim, eu precisava disso.

— Dante. — Eu falei, lambendo meus lábios novamente. — Você... Catherine matou meus pais?

O olhar de dor no rosto dele dizia tudo e eu deixei meu rosto cair em minhas mãos com um soluço estremecido. Quase instantaneamente, um

corpo quente me envolveu em um abraço apertado e eu sabia que era Beck. Seu cheiro era tão familiar agora, poderia muito bem ser minha fragrância pessoal, para não mencionar aquela sensação instantânea de calma e segurança que seu toque me trouxe.

— Eu sinto muito, Riles. — Sussurrou Dante e eu chorei mais forte. — Eu não sabia com certeza. Juro que, se soubesse com certeza, nunca teria deixado você sair naquele dia. Eu nunca, intencionalmente, deixaria que ela te machucasse.

Eu me afastei de Beck, enxugando os olhos com a palma da minha mão e olhando para Dante. — Mas você sabia que algo estava acontecendo. Você tentou nos parar naquele dia, eu lembro. Você veio e perguntou ao meu pai se ele poderia ajudá-lo a consertar seu aquecimento. Você *sabia* e ainda não disse nada! — Lágrimas escorriam livremente dos meus olhos, tanto que minha visão estava borrada e meu nariz estava todo entupido.

Algumas garotas podem chorar e ainda parecem bonitas. Eu não era uma daquelas garotas.

— Riles, eu juro que não tinha certeza. E seu pai parecia determinado a me ignorar — insistiu Dante. Mas era tarde demais. Meu monstro de fúria estava no modo besta completo.

Eu tirei os braços de Beck de mim e me levantei, minha cadeira raspando o chão com um som áspero. Assim que eu estava prestes a realmente explodir meu pavio, a porta se abriu e o mesmo oficial uniformizado voltou para dentro.

— Tudo bem aqui? — Ele perguntou, olhando para minha postura agressiva e o rosto de Dante. — Eu lhe dei tempo extra, mas Saunders está voltando e não ficará feliz em encontrar alguém questionando seu suspeito.

Eu olhei para Dante por um momento, notando vagamente os arranhões em seus antebraços. — Nós terminamos. — Eu rebati, saindo da sala e não totalmente certa se eu queria dizer que terminamos ou falamos com nossa amizade. Ou ambos.

Beck fez uma pausa com a mão no meu braço enquanto eu saía da estação e eu fiz uma careta para ele em confusão.

— Eu só preciso de uma palavra com alguém. — Ele me disse com um sorriso rápido. — Você vai esperar no carro? Levará apenas dois segundos. — Ele estendeu as chaves para a Bugatti e, por mais que eu não quisesse ficar sozinha, também não queria ficar mais tempo na delegacia.

Eu peguei as chaves de seus dedos. — Certo.

Mas se ele pensasse que eu estaria esperando pacientemente no banco do passageiro, ele estava muito enganado.

CAPITULO QUATRO

Quando Beck se juntou a mim alguns minutos depois, minhas mãos acariciavam o volante de couro italiano. Meus pés estavam ligeiramente sobre os pedais e eu ouvia o ronco baixo e sexy do motor em marcha lenta.

— Baby, você estava pensando em sair sem mim? — Beck brincou, deslizando para o meu assento habitual e fechando a porta. — Eu não demorei tanto.

Eu lancei-lhe um sorriso rápido e sem humor. — Não, mas eu *estou* indo nos levar para casa.

Meus ombros estavam apertados e eu estava pronto para lutar. Depois de tudo que passei, eu merecia um passeio rápido no lindo carro de Beck.

— Ok. — Ele respondeu, chocando a merda fora de mim. — Pegue o longo caminho. Eu quero que você saboreie isso. — Seu sorriso se tornou lupino. — Porque é a única vez que eu deixo você dirigir esse carro.

Eu bufei uma risada enquanto eu jogava a marcha em marcha ré e saía do estacionamento em que estávamos. — Vamos ver isso, Sebastian. Afinal, eu sou sua *namorada*.

Sim, eu estava em estado de dormência chocada mais cedo, mas eu ainda percebi Beck me chamando de sua namorada para o policial. Foi um pouco idiota, dado todo o resto acontecendo, mas ouvir esse título me fez ficar toda conturbada.

Beck não respondeu à minha provocação, apenas esperou até que eu nos levasse para a autoestrada e em alta velocidade, em seguida, estendeu a mão e entrelaçamos nossos dedos juntos.

Eu olhei para baixo, assustada, e não pude deixar de notar uma mancha de sangue no primeiro e segundo nó dos dedos e a vermelhidão inchada ao redor de todos eles.

— Bate-papo rápido, hein? — Eu murmurei, atirando-lhe um olhar acusador antes de voltar meus olhos para a estrada. Ele socou alguém e eu aposto meu carro que quando eu visse Dante, ele teria um olho roxo.

Se eu o visse de novo.

Eu não tinha certeza se poderia olhar para ele e não ver os rostos dos meus pais agora. Sua morte era evitável. Uma parte de mim sempre soube que havia algo de errado com o acidente, mas eu estava com muito medo de olhar atentamente para isso, por que como eu vivia com esse conhecimento?

De repente eu estava soluçando. Soluços enormes, engolindo em seco que realmente machucaram meu peito, eles estavam sacudindo-o com tanta força. De alguma forma Beck assumiu o controle do carro, facilitando-nos para o lado da estrada quando eu levantei meu pé do acelerador.

— Catherine os matou. — Eu sufoquei. — As únicas pessoas do mundo que me amaram. Ela apenas os limpou como se eles não fossem nada além de um animal no meio da estrada, parando-a de onde ela estava indo.

Beck passou os braços em volta de mim, puxando-me do meu assento e em seu colo. Seu calor e energia me cercaram e eu chorei contra seu peito por tanto tempo que, quando levantei a cabeça, estava exausta e sua camisa estava encharcada.

Quando meus olhos encontraram os dele, não fiquei surpresa de ver a fúria transbordando ali. Suas mãos deslizaram e seguraram meu rosto inchado e manchado de lágrimas e ele afastou a umidade escorrendo com os polegares. — Há duas coisas que eu preciso que você lembre, Butterfly, — ele disse suavemente. — Um: Catherine vai pagar pelo que fez. De todos os modos possíveis, ela vai se arrepender do dia em que ela te machucou.

Por alguma razão fodida isso realmente me fez sentir melhor. Eu sabia que todas as histórias sobre vingança não acalmavam a alma, mas por enquanto, isso me dava uma porra de foco e eu estava a bordo do plano de Beck.

— E dois?

Seu aperto aumentou um pouco e ele me puxou para mais perto, nossos lábios se tocando, sua língua se lançando para deslizar através de algumas das lágrimas que haviam pegado no canto da minha boca. — Dois: seus pais amavam muito você. Eu nem tive que conhecê-los para saber disso, porque você é tão fodidamente adorável. Mas, e eu não digo isso para tirar deles... você tem muito amor e família em seu mundo ainda. Eu te amo, porra. Um tipo incondicional de amor. Não importa como você estraga, Riles, você sempre me terá. Eu sou sua família.

Seu olhar nunca saiu do meu, e eu não poderia ter desviado o olhar para qualquer coisa no mundo. Meu coração estava doendo, expandindo e tremendo, tudo ao mesmo tempo. Beck estava me desenrolando nas próprias partes do meu ser, mas ele não me deixou desmoronar. De alguma forma, ele estava me colocando de volta. Melhor.

— Dylan, Jasper, Evan e até mesmo Eddy. — Ele continuou, nesse mesmo tom suave e sexy que ele faz tão bem. — Eles são sua família. Você nunca estará sozinha novamente.

Bem, foda-se.

Eu ri através de lágrimas frescas. Incrível que eu tinha alguma umidade no meu corpo para chorar neste momento, mas aparentemente havia algum. — Você é “O” poeta quando não está socando pessoas ou atirando em alguém na cabeça.

Beck deu de ombros. — O que posso dizer... sou um homem de muitos talentos.

Isso foi verdade. Muito, muito verdade.

— Eu também te amo, Sebastian Roman Beckett. — Eu disse, deslizando minhas mãos em seu cabelo escuro espesso. — Obrigado por ser minha família. Por ter minhas costas. — Eu o beijei gentilmente antes de pressionar meus lábios um pouco mais forte nos dele. Um pouco da tristeza em minha alma diminuiu novamente e comecei a respirar mais livremente. Eu nunca esqueceria meus pais, a dor não iria a lugar nenhum, mas eu não estava sozinha lidando com isso. E isso significou muito.

Realocando-me de volta no assento do motorista, eu respirei fundo algumas vezes, passei meu rosto e, em seguida, coloquei de volta em marcha. — Eu preciso falar com Selene. — Eu disse baixinho, puxando para a estrada.

Beck assentiu. — Essa é a nossa próxima parada, mas você precisa dormir primeiro.

Eu balancei minha cabeça asperamente. — Não! Não há tempo para dormir. Preciso de todas as informações para poder decidir como proceder daqui. Destruir Catherine vai precisar de um tipo sério de plano. Eu já tenho algumas ideias, mas preciso falar com algumas pessoas. Não há tempo para brincar.

O peito de Beck roncou quando ele balançou a cabeça. — Baby, vamos lá. Você não pode fazer isso sem dormir. Mais algumas horas não

vai mudar nada. Cuide-se primeiro, ou você não estará em posição de derrubar ninguém.

Eu queria rosnar de volta para ele, mas infelizmente isso não era algo que eu tinha dominado. Em vez disso suspirei, porque... ele estava certo. Desgraçado. Girando a Bugatti, coloquei-a no caminho de volta ao nosso apartamento.

— Você pode enviar alguém para vigiar Selene? — Eu perguntei quando nos aproximamos da cidade. — De alguma forma, Catherine vai descobrir que conversamos com Dante. Ela é uma cadela pegajosa que sempre tem o dedo no pulso. Se não vamos lá imediatamente, alguém deve vigiá-la. Talvez até a avise.

E eu não confiava no telefone.

Beck não parecia preocupado. — Eu mandei os caras para lá quando saímos da delegacia. Selene pode ter informações vitais. Ela deve ser protegida até descobrirmos o que fazer a seguir.

Eu balancei a cabeça, aliviada por ele estar levando isso a sério. No meu peito senti uma nova urgência. Nós acabamos de entrar na fase final de qualquer coisa que Catherine estava planejando por vinte anos. Este era seu longo jogo e eu faria o melhor para garantir que isso nunca se concretizasse.

Debitch estava afundando.

CAPITULO CINCO

BECK

Controlar meu temperamento era algo que eu vinha trabalhando na maior parte da minha vida. Eu nasci com pais violentos e voláteis. Foi o leite de minha mãe, minha nutrição, minha força vital por tantos anos que foi uma segunda natureza para eu me machucar primeiro e fazer perguntas depois.

Meu pai havia me ensinado a esconder minha violência, porque o CEO da empresa que está entre as 500 maiores da revista Fortune não podia perder a cabeça e começar a atirar cadeiras na sala de reuniões. Também foi *desaprovado* atirar idiotas na cabeça. Eu aprendi que meu temperamento iria parar outras empresas fazendo negócios com a gente e isso prejudicaria nossa linha de fundo.

Tudo nos melhores interesses da Delta, claro.

Demorou muito tempo, mas, eventualmente, fiquei muito bom em esconder a escuridão da minha alma. O predador por dentro. Mas, neste momento, enquanto eu olhava para o rosto de Riley, ainda manchado com as lágrimas que ela chorou em mim, uma onda negra de fúria se instalou em minha alma. O tipo de fúria que me fez querer começar uma maldita guerra por ela, para acabar com qualquer filho da puta que já se atreveu a machucá-la.

Dante teve sorte que tudo o que eu fiz foi estragar seu rosto um pouco. Eu poderia ter matado ele. Eu pensei sobre isso e era só que eu estaria deixando Riley aqui desprotegida com qualquer besteira que estivesse acontecendo e que segurasse minha mão. Até mesmo o poder da Delta levaria algum tempo para limpar o assassinato em uma delegacia de polícia.

— É melhor você orar para que nós ganhemos contra Catherine. — Eu murmurei para Dante antes de sair da sala. — Porque se Riley se machucar novamente, eu vou atrás de você.

Pouco antes de eu sair pela porta, Dante chamou meu nome. Eu mal podia ficar olhando para a porra de seu rosto por outro segundo, mas eu me virei. — Catherine precisa da votação para seguir seu caminho. — Disse ele. —Verifique seus membros do conselho. Ela acha que tem votos para entrar com Huntley e, se isso acontecer, eles vão matar todos vocês.

Eu não reconheci suas palavras, apenas balancei a cabeça e saí da sala, minhas mãos coçando para voltar e bater nele novamente. O filho da puta fraco nem tentou se defender. Ele estragou tudo e ele sabia disso. Eu não abriria caminho de volta para Riley também. Se ela o perdoasse, eu o deixaria viver, mas nunca confiaria nele novamente.

Agora, quando me sentei ao lado dela, vendo Riley dormir, tudo que eu tinha eram as emoções escuras agitadas em minha alma. Uma raiva que não diminuiria.

Meu telefone tocou na minha mão, e vendo o nome familiar aparecer, me levantei e saí do quarto. — Você chegou lá? — Eu perguntei a Jasper.

— Sim. Acabamos de chegar na casa dela. Ela está em casa e o marido dela é policial. Tudo está quieto, então Evan e eu ficaremos de olho até você chegar aqui. Dylan está esperando para dirigir com você amanhã.

— Certo. — Eu concordei. — Esperar é um bom plano. Vai ser mais fácil se Riley quebrar isso para ela. Nós não queremos que ela corra sem nos dar a informação que precisamos.

Jasper fez um som de acordo. — Deixe-nos saber quando vocês saírem. — Disse ele e desligou.

Eu estava prestes a deslizar meu celular de volta no bolso quando ele tocou novamente. *Beckett Sr* brilhou na tela e eu olhei para ele por um longo momento antes de ignorar a ligação. Eu não tinha tempo para suas besteiras hoje e, se qualquer coisa foi projetada para tirar a lasca do controle eu tinha recuperado minhas emoções, era falando com meu pai.

Minha mãe era a mesma. Estourando com prescrição pílulas, elas eram o ar que ela precisava para respirar, pensando que ninguém sabia que ela foi sacudida com sua massagista. Riley disse que Catherine era uma mulher rica e clichê. Bem, assim foi Magdalena Beckett.

Ela com certeza nunca foi mãe.

— Beck. — Riley gritou, e a urgência em sua voz me fez mover minha bunda para voltar para o quarto. Eu atravessei a porta, com a arma na mão, os olhos observando a cena em uma rápida varredura.

Eu aprendi a catalogar uma cena em cinco segundos.

Mas não havia ninguém na sala além de Riley e ela nem estava acordada.

Seus braços e pernas se debateram na cama e ela estava chorando de novo. Colocando minha arma na mesa lateral, eu entrei com ela e envolvi meu corpo ao redor dela. Segurando nós dois juntos.

— Está tudo bem, baby. — Eu a acalmei suavemente. Riley sempre brincou que ela não conseguia dormir sem mim. Que eu mantive seus pesadelos à distância. O que ela não percebeu, porém, foi que ela fez isso por mim também. Isso e muito mais. Eu mal dormi mais do que algumas horas a noite antes de conhecer Riley, meu cérebro e corpo constantemente em alerta.

Bastante normal quando você estava à espera de seu pai sociopata para arrastá-lo para fora da cama e dar o fora de você. Dylan e eu tínhamos

isso em comum. O pai de Evan era mais sobre abuso psicológico. Jasper não era nenhum dos dois. Ele apenas ignorou seu filho.

Em nosso mundo, isso foi uma bênção.

Mas quando eu estava com Riley, meu corpo estava contente.

Fosse qual fosse a porra entre nós, essa merda era profunda. Riley estava no meu sangue e eu não tinha certeza se poderia viver sem ela.

Ela parou de se debater agora, contente em meus braços, seu corpo menor envolvendo o meu enquanto eu a abraçava. Meu peito doía do jeito que só ela provocava. Como se sua pequena mão estivesse em volta do meu coração, agarrando a porra daquilo.

Eu tinha um pensamento: nós tivemos que tirar esses filhos da puta antes que minha garota se machucasse.

Se isso significasse que eu tinha que sozinho matar todos eles um por um, então eu faria isso por ela, as consequências seriam condenadas.

Eu deixaria isso como plano B, porque eu estava esperando que houvesse uma maneira de isso tudo funcionar e eu não acabaria passando o resto da minha vida na cadeia. Que havia um caminho que me garantia de manter Riley e que teríamos uma chance em um futuro normal. Riley disse que ela tinha um plano. Nós tentaríamos o caminho dela primeiro e talvez, apenas talvez, houvesse algum tipo de futuro para todos nós quando a poeira assentasse.

CAPITULO SEIS

— Vem aqui. — Selene ordenou, agarrando-me pelo braço e me puxando pela porta da frente. — Não você, cara durão. — Ela bloqueou a entrada de Beck com seu corpo, colocando as mãos nos quadris e encarando.

Beck abriu a boca, sem dúvida para argumentar, mas dei-lhe um olhar severo. Eu já o avisei que Selene provavelmente iria querer conversar comigo sozinha.

— Estou bem, Beck. Apenas espere com Dylan. — Indiquei para o carro de nosso amigo estacionado discretamente em uma calçada do outro lado da rua. Ou tão discreto quanto um carro de meio milhão de dólares realmente poderia estar em um bairro de renda média. Ele tinha nos trazido, visto que Beck e eu só tínhamos carros de dois lugares e era uma batalha para argumentar que ele ficasse para trás. Jasper e Evan já estavam aqui vigiando e eles partiram agora para dormir um pouco. Eu tive a sorte de ter esses caras no meu mundo.

— Butterfly...— ele rosnou, me dando uma *olhada*.

—Estou bem —, repeti. —Vai.

Ele parecia que iria discutir o assunto, mas Selene não lhe deu uma chance. Plantando a palma da mão no meio do peito, ela empurrou-o para fora da porta, em seguida, bateu a porta na cara dele.

Para uma boa medida, ela virou as fechaduras antes de se virar para mim.

— Comece a falar, Riley. Por que diabos meu irmão está na prisão sob suspeita de assassinato agora? — Seus punhos foram plantados em seus quadris e sua carranca feroz, como se eu fosse culpada por todas as coisas ruins na vida de Dante.

Talvez eu fosse.

— Babe, não interrogue ela no corredor. — O marido de Selene gritou da sala de estar, então apareceu um momento depois, parecendo áspero. — Hey, Riley, entre.

Ele indicou que eu fosse até a sala de estar e fiz isso. A merda que eu precisava perguntar a eles, ou dizer a eles, não era conversa para se ter em pé no corredor.

— Desculpe por Selly. — Rob pediu desculpas com um sorriso triste quando me sentei. — Tem sido uma longa noite. Para todos nós, tenho certeza.

O jeito que ele disse soou como se ele entendesse a noite espetacular que tinha sido para mim, mas Selene apenas bufou e olhou para mim. Ela sentou-se, mas seus braços estavam cruzados sobre o roupão de banho. Seu cabelo era uma bagunça e xadrez, calça de pijama de flanela aparecia entre seu roupão e seus chinelos, mas eu arriscaria um palpite de que ela não tinha dormido a noite toda.

O marido também não tinha, se as bolsas sob seus olhos eram alguma indicação.

— Posso pegar um café para você, Riley? — Rob ofereceu. — Eu suspeito que este bate-papo precisa do aumento de cafeína.

Eu dei a ele um aceno de cabeça e um sorriso apertado. — Isso seria ótimo, obrigada Rob.

Ele nos deixou para fazer o café, dando a Selene um beijo na testa quando ele passou, mas ela apenas olhou mais forte.

— Então, você teve valentões assistindo minha casa a noite toda. — Afirmou ela. — Entendo que a prisão de Dante tenha algo a ver com sua nova vida?

Sua agressão estava começando a me irritar. Afinal, ela sabia sobre tudo isso muito mais do que eu.

— Você me diz, Selene. Eu não sou a única na folha de pagamento de Catherine. — Eu bati as palavras para ela, e ela visivelmente empalideceu. Sua carranca escorregou e seus olhos se arregalaram com... medo?

— Nem eu. — Ela balbuciou, suas bochechas florescendo com o calor e seu olhar se afastando de mim.

— Não, mas Dante era. — Eu sussurrei, me sentindo enjoada apenas dizendo em voz alta. — Você sabia? — Minha voz falhou, mas eu consegui passar. — Você sabia que Catherine matou meus pais?

O olhar de Selene disparou de volta para mim com horror e ela levou a mão aos lábios. — Oh meu deus, Riles. — Ela respirou. — Eu sinto muito. Não, Deus não. Eu não fazia ideia...

Lágrimas rolavam pelo meu rosto de novo e eu as golpeei com as costas da minha mão. O alívio que ela não sabia era quase inacreditável. — Não é por isso que vim para cá. Dante disse que ele deu algumas provas? Eu preciso ver.

Ela balançou a cabeça em confusão. — Espere, e Dante? Tudo o que Rob conseguiu descobrir foi que ele foi preso em uma festa em que uma garota foi estuprada e esfaqueada até a morte. Riley, você *sabe que* ele não fez isso. Ele não iria.

Eu hesitei um momento antes de responder. — Ontem eu teria concordado com você. Agora eu não sei do que ele é capaz.

Selene engasgou e Rob parou no meio do caminho de volta para a sala com uma bandeja de canecas.

— Você não acha honestamente que ele é culpado, não é? — O sorriso de Rob se transformou em uma carranca. — Eu sei que ele não está exatamente do lado certo da lei em tudo que faz, mas você e eu sabemos que Dante tem um bom coração. Ele só teve uma educação de merda e um modelo de baixa qualidade.

Rob colocou a bandeja sobre a mesa, tirando café das canecas antes de se sentar.

— Eu não sei mais o que pensar. — Eu admiti, olhando para as minhas mãos enquanto eu pegava o meu verniz roxo da meia noite. — Eu só preciso de qualquer evidência que ele tenha deixado com você, Selene. Essa merda... é maior do que apenas uma acusação de homicídio.

— O que poderia ser maior do que o meu irmãozinho sendo enquadrado por assassinato? — Selene exigiu, suas mãos tremendo quando ela agarrou seu robe. — Ele está nessa bagunça por minha causa! Nada disso teria acontecido, ele nunca teria se envolvido com você, se não fosse por mim. — Sua voz era estridente e dolorida e eu podia ver lágrimas em seus olhos vermelhos.

Rob deve ter visto que ela estava prestes a se perder e ele a envolveu em um abraço lateral de onde ele estava sentado, alisando o cabelo dela com a mão e silenciando enquanto ela soluçava em sua camisa.

— Não é sua culpa. — Eu sussurrei, ansiedade torcendo meu estômago em nós. — É culpa de Catherine. É tudo culpa de Catherine, e vamos garantir que ela não se dê bem com isso.

Selene ainda estava chorando, mas ela balançou a cabeça e murmurou alguma coisa sobre pegar os documentos antes de sair do quarto em seus chinelos.

— Como você planeja fazer isso? — Rob me desafiou quando Selene se foi. — Catherine faz parte do conselho de uma das empresas mais poderosas do mundo. Não existe um único setor, legal ou não, no qual a Delta não esteja envolvida. Você tem alguma ideia de quantos agentes de todas as áreas de aplicação da lei tentaram e não conseguiram derrubar a Delta? O mundo inteiro sabe que eles estão sujos, mas eles praticamente são donos do mundo, então eles continuam se dando bem. — Ele fez uma pausa, seus lábios apertados em raiva e suas narinas dilatadas. — Enredar Dante por assassinato é apenas um jogo para pessoas como Catherine Deboise.

Eu balancei a cabeça. Eu entendi o que ele estava dizendo, mas...

— Isso é tudo verdade, mas algum desses agentes tinha insiders[1]? Eu, Beck, os caras... temos acesso que a lei não tem. E se tivéssemos a evidência que colocaria Catherine e os outros membros da diretoria na prisão? — Eu estava me agarrando, esperando que algo nos documentos de Dante ajudasse. Mas mesmo que isso não acontecesse, continuaria tentando.

Catherine pagaria pelo que fizera aos meus pais, de uma forma ou de outra. Mesmo se eu tivesse que matá-la eu mesmo.

Rob parecia estar pensando sobre o que eu acabei de dizer enquanto bebia sua bebida, olhando para a capa do sofá floral. — Você vai precisar de alguém na aplicação da lei em que possa confiar. — Ele finalmente disse e a esperança explodiu dentro de mim.

---

[1] *Insiders:* Expressão em inglês para uma pessoa que tem acesso à informações privilegiadas nas empresas.

— Eu confio em você. — Eu disse, batendo nervosamente minha unha do lado da minha própria caneca.

Rob sacudiu a cabeça. — Não, eu sou apenas um policial da batida. Quero dizer, alguém com o poder de fazer algo acontecer *se* você conseguir alguma evidência útil.

Selene voltou para a sala, segurando um envelope marrom grosso no peito. — Eu nunca abri isso — ela disse suavemente. — Ele me fez prometer. Ele disse que eu estava apenas para dar a você no caso de sua morte, porque ele não poderia mais te proteger…

Meu coração estava doendo tanto que meu peito doía como se eu tivesse levado um soco nele. — Ele mentiu para mim por anos. *Anos!* Eu não sei como passar por isso.

Selene parecia que ela queria discutir comigo de novo, aquele olhar feroz em seus olhos quando ela abriu a boca, mas então ela apenas balançou a cabeça. — Às vezes as pessoas fodem, Riles. Mas ele fez isso pelas razões certas, eu prometo a você. No fundo, suas intenções em relação a você sempre foram puras. Ele te ama.

Eu não respondi porque eu realmente não podia falar mais sobre isso. Virando-me para Rob, mudei de assunto. — Fale comigo sobre encontrar alguém na aplicação da lei.

Sua expressão era calculista, e era óbvio por que ele tinha sido um policial durão por anos. — Não precisa estar na polícia. Basta encontrar alguém com um conhecimento prático do sistema de justiça, melhor ainda se for um juiz ou advogado, para ajudá-la a construir o caso. Mas lembre-se, ninguém vai levá-la a menos que você tenha provas irrefutáveis de sua corrupção.

Isso não me surpreendeu em nada. E desde que nós tivemos um tiro em derrubá-los antes que eles me enterrassem, eu não estragaria tudo. *Advogado ou juiz...*

Uma lembrança me atingiu. Uma lembrança que eu não queria insistir porque exigia que eu pensasse no dia em que quase fui estuprada, mas aquela garota da minha turma... ela disse que seu pai era um advogado de alta potência em Nova York. Talvez ela fosse minha resposta, mas como eu poderia dizer se ele poderia ser confiável?

— Existe uma maneira fácil de ver se alguém está na folha de pagamento da Delta? — Eu perguntei a Rob, não esperando que ele tivesse a resposta.

Ele encolheu os ombros. — Eles têm arquivos de todos com quem fazem negócios. Seus meninos devem poder ter acesso a isso.

Especialmente Beck. Ou talvez Richard me permitisse o acesso também. Nós tivemos que fazer isso sem levantar suspeitas, porque, como eu pensava antes, no momento em que a diretoria ficasse sabendo de nós tentando derrubá-los...

Não seria bonito.

Eu levantei de repente. — Eu tenho que ir. — Eu disse antes de finalmente encontrar o olhar de olhos vermelhos de Selene. — Sinto muito que tudo isso esteja acontecendo, garota, e posso ficar com raiva de Dante, mas não vou deixá-lo para apodrecer. Vou descobrir como consertar essas duas coisas e garantir que Catherine nunca mais nos toque.

Ela assentiu com a cabeça, os braços embrulhados firmemente ao redor de si mesma. Pela primeira vez, ela parecia a idade dela, a tristeza a pesando.

— Se você precisar da nossa ajuda, é só pedir. — Disse Rob, de pé comigo. — Você não está sozinha.

Uma lágrima localizou a bochecha de Selene. — Somos uma família. — Ela sussurrou.

Sorri o melhor que pude antes de me virar para sair, com o envelope marrom nas mãos.

Como eu esperava, Beck estava do lado de fora da porta, sua expressão sombria e assustadora. — Vamos. — Eu disse suavemente e sua bochecha se contraiu enquanto ele lutava para se manter sob controle.

— Eu não lido muito bem quando você está fora da minha vista, Butterfly. — Disse ele com uma ameaça suave. — Não com tudo o que está acontecendo.

Eu dei um tapinha no ombro dele. — Eu sei, querido, mas vai ficar tudo bem. Eu precisava falar com eles sozinha. — Ele caiu ao meu lado enquanto caminhávamos do apartamento. Não foi até que estávamos no carro com Dylan que eu falei novamente.

— Rob disse que precisamos de alguém em qualquer aplicação da lei, um juiz ou um advogado para tentar derrubar a Delta e precisamos de provas irrefutáveis de sua corrupção ou atos errados. Ele disse que muitas pessoas tentaram provar isso antes e todas falharam.

Beck e Dylan bufaram. — É quase uma piada no tabuleiro agora sobre como eles são intocáveis. — Disse Dylan.

Eu balancei a cabeça. — Sim, mas eles nunca tiveram pessoas de dentro contra eles. Estamos na posição perfeita para derrubar os bastardos, só precisamos encontrar a pessoa certa para nos ajudar.

Beck me olhou de perto. — Você tem alguém em mente?

— Lembra daquela garota, Sami, da aula. Ela disse que seu pai era um advogado de alta potência na cidade. Talvez devêssemos olhar para eles… você sabe, ver se eles já fizeram negócios com a Delta antes.

Beck assentiu. — Isso vai ser fácil de verificar. Eu tenho acesso a todos os servidores como proxy Beckett.

— Também poderíamos investigar alguns dos funcionários que tentaram derrubar a Delta recentemente — Sugeriu Dylan. — Veja se algum nome se destaca.

Eu balancei a cabeça e Dylan ligou o carro para que pudéssemos sair dessa área. — O que há no envelope, Riles? — Beck perguntou, seus olhos caindo no pacote marrom que eu ainda segurava no meu peito.

Eu engoli em seco. — O que quer que Dante tenha deixado para mim. Ele pediu a sua irmã que me desse apenas quando ele estivesse morto, mas aparentemente na prisão por assassinato está perto o suficiente.

Nenhum deles me empurrou para abri-lo, embora eu pudesse ver a curiosidade em seus olhos. — Devemos esperar para estar de volta com Evan e Jasper? — Eu perguntei. — Eles sabem mesmo tudo o que está acontecendo?

— Eles sabem. — Beck disse breve. — Eu falei enquanto você dormia. No momento, eles estão interferindo em todos, certificando-se de que não olhem muito de perto para nós.

— Eles nos encontrarão no apartamento. — Disse Dylan em voz baixa, digitando em seu telefone. — Devemos esperar por eles.

Eu me acomodei de volta, aliviada por ter tido mais algumas horas antes de ter que encarar o que quer que estivesse nesse envelope. Algo me dizia que seria devastador.

CAPITULO SETE

— Riles, você não parece tão bem. — Jasper disse, e eu odiava quão sério ele estava naquele momento. Nem mesmo uma lasca de humor dançou em seus olhos. Sem provocação. Sem insinuações sexuais. Nada.

— Estou nervosa com o que pode estar dentro. — Eu admiti. — Eu já sei que Dante me traiu. Eu sei que ele estava trabalhando para Catherine. Mas parte de mim ainda está inventando desculpas, e talvez essas desculpas estejam certas. Ele foi forçado, ele era uma criança, ele não queria me trair, ele ainda lutava para me proteger o máximo que podia. Ou… talvez tudo isso seja besteira e ele é apenas um bastardo mentiroso. De qualquer forma, as respostas estão dentro.

Jasper envolveu um braço em volta de mim e eu afundei contra ele. — Nós temos você. — Ele murmurou. — O que quer que esteja dentro, vamos encarar isso juntos, porque essa é a única coisa que nos manteve vivos ao longo dos anos.

Evan bufou, sua expressão sombria. — Sim, exceto pelo Oscar.

Oscar! Porra. Eu tinha esquecido que ele era outra peça do nosso quebra-cabeça para investigar. — Rapazes! Esquecemos de acompanhar seu corpo perdido. Sério, como diabos nós esquecemos disso?

— Precisamos descobrir o que aconteceu com ele.

Eles assentiram. — Nós ainda estamos procurando por ele. — Disse Jasper. Talvez eu tenha sido a única que esqueceu. — Mas não há muito com o que trabalhar agora. Quando passarmos por essa situação do Delta, podemos nos concentrar na coisa do Oscar.

Sim, eu supus que isso era justo. Oscar estava morto e nada o traria de volta. Mas o resto de nós… nós não tínhamos chutado o balde ainda e, para garantir que ficássemos no topo, nós tínhamos que derrubar a Delta.

Beck saiu da cozinha, entregando-me minha xícara cheia de café lindo, perfeito e que salvava vidas. — Imaginei que você poderia usar isso. — Disse ele, sentando ao meu lado, então eu estava imprensada entre ele e Jasper. Evan e Dylan estavam no sofá em frente a nós.

Todos nós olhamos para o envelope na mesinha de centro com tampo de vidro.

Ninguém me empurrou para abri-lo, o que era tão diferente de seus eus normalmente impacientes, e isso me fez colocar minha calcinha de menina grande e estendi a mão para agarrá-lo. Eu arranquei a tampa antes de pensar duas vezes sobre ela.

Virando o conteúdo na mesa, encontrei um celular: pequeno, preto e totalmente surrado. Um daqueles tipos de aparelhos baratos que você compraria no Walmart. Felizmente, ele ligou imediatamente quando eu pressionei o botão. Havia também vários pedaços de papel. Alguns que eu podia ver pareciam registros de transferências bancárias.

Dylan imediatamente folheou a papelada, enquanto eu abria as mensagens no telefone. Havia apenas um contato que ligava para esse telefone, e não era o número de Catherine. Ou pelo menos não o número que eu tinha para ela. Eu rolei de volta para a mensagem mais antiga, observando o ano na linha do tempo foi de 2009.

Desconhecido: Você tem sua primeira tarefa: fazer amizade com a garota. Lembre. Você fracassa e sua família sofrerá. Sua irmã vai sofrer. Este é um trabalho e espero que você faça o certo.

Era isso, o momento em que Catherine chantageava alguém para ficar de olho em mim. Alguém que se tornaria meu melhor amigo e uma das únicas pessoas em quem eu confiaria.

Beck e Jasper se inclinaram para ler comigo enquanto eu passava as mensagens. A maioria deles era coisa normal, mas havia alguns que transformavam meu estômago.

Colete amostras de sangue. Colete amostras de urina. Colete DNA.

— Dante se recusou a fazer alguns deles. — Jasper apontou. — Como o DNA.

Isso era verdade, eu podia ver as mensagens de retorno onde ele discutiu com ela. Catherine havia permitido a ele alguma margem de manobra no que ele fez e eu pude ver que algumas das respostas que ele lhe deu foram modificadas. Alguns até falsas.

— Ele mentiu muito para ela, — Eu disse — sobre mim. Eu posso ver onde ele estava tentando me ajudar.

Eu continuei rolando, meu coração batendo mais forte porque estávamos chegando às datas perto da morte dos meus pais.

Desconhecido: Horário semanal dos pais. Condição do seu carro. Eu preciso dos dois imediatamente.

Dante: Por quê?

Desconhecido: Não é seu trabalho questionar-me. Só sei que as circunstâncias mudaram e eu preciso dessa informação.

Dante: Você vai machucá-los? Ou Riley?

Desconhecido: Apaixonar-se pelo seu trabalho é uma má ideia, gangster. Lembre-se de que tudo que você tem nesta vida é por minha causa e eu posso tirar tudo isso. Como vai sua sobrinha?

— Ela nem sequer tenta ser sutil. — Eu engasguei antes de rolar mais para baixo. Dante listou as horas de trabalho de meus pais, minhas atividades depois da aula e nossos jantares semanais.

Fiz uma pausa em um texto para um número diferente. O primeiro número que não era Catherine. Um número que eu conhecia muito bem. *Dante: Riley está em perigo. Fique por mais instruções. Esta é uma situação de vida e morte. Confie em mim.*

Minha respiração entrou e saiu em suspiros.

— O que é isso? — Beck perguntou bruscamente.

—Esse é o número do meu pai. — Eu sussurrei. — Ele mandou uma mensagem para o meu pai no dia em que tivemos o acidente.

Minha cabeça parecia leve e arejada, como se meu cérebro tivesse se desconectado do meu corpo. — É por isso que meu pai nos obrigou a sair. Ele insistiu nisso apesar das condições ruins. Dante tentou avisá-lo, mas em vez disso ele o assustou.

— Você não estava indo para o jantar ou algo assim? — Evan perguntou, seus olhos fixos em mim.

— Sim. — Eu comecei antes que mais das memórias daquela noite voltassem para mim. Eu deliberadamente não pensei sobre isso, o que foi estúpido considerando que eu era uma testemunha chave do que tinha acontecido, mas quem queria reviver o pior dia de sua vida? — Nós estávamos indo na direção errada. Eu realmente não questionei isso na época, mas... estávamos saindo da cidade.

Meu pai parecia um pouco agitado.

Eu quase deixei cair o telefone na minha pressa para chegar ao próximo texto.

Dante: Como você pôde? Como você pode matar seus pais? Eles eram tudo que ela tinha neste mundo. Você a destruiu. Você destruiu sua filha.

Pude sentir sua raiva e angústia naquela mensagem e, de repente, não consegui respirar. Meu peito apertado, eu tentei sugar o ar em meus pulmões. Esta foi a minha prova irrefutável de que tinha sido Catherine.

— Respire, baby. — Disse Beck em sua voz suave. — Dentro e fora, conte na sua cabeça, um, dois, três, quatro, cinco. Você está tendo um ataque de pânico e precisa se acalmar.

No começo, eu mal conseguia ouvi-lo, mas depois de algum tempo, suas palavras penetraram e eu comecei a contar na minha cabeça, forçando o ar para dentro e para fora, forçando meu corpo a permanecer vivo porque eu precisava terminar isso. Para parar a Catherine. Destruí-la.

— Minha mãe estava viva quando nós batemos. — Eu disse suavemente quando eu era capaz de respirar facilmente novamente. As memórias estavam me atingindo agora, duras e rápidas. Flashes daquela noite. Aquele frio no ar. O guincho dos nossos pneus. Meu medo quando nós caímos no barranco.

— Quando nosso carro parou no aterro, ela estava viva. — Eu estava quase positiva.

— Você disse que o pescoço dela estava quebrado no impacto. — Dylan me lembrou gentilmente.

Eu balancei a cabeça. — Foi o que eles me disseram, mas eu estava lá. Eu poderia ter bloqueado o que aconteceu no começo, mas... eu lembro

agora. Eu ouvi a voz dela e ela ofegou. Alguém chegou a ela logo depois que caímos. Provavelmente meu pai também. Eles foram assassinados.

E aqueles malditos cintos de segurança. Definitivamente o trabalho de Debitch.

Dor torceu dentro de mim, e um pequeno soluço escapou dos meus lábios antes de eu bater a mão sobre eles. Agora não era hora de fraqueza. Houve um longo e pesado silêncio enquanto os caras claramente se esforçavam para dizer a coisa certa. Mas não havia coisa certa nessa situação. Catherine havia orquestrado o assassinato de meus pais, meus pais *verdadeiros*, e isso era uma prova.

— Eu vou fazer essa cadela pagar. — Eu sussurrei na conversa vazia. — Ela não está se safando disso. Não dessa vez. Ela empurrou sua sorte para longe demais.

Beck fez um pequeno som, alisando a mão pela minha espinha. — Não faça nada precipitado, Butterfly. Estamos nisso juntos, lembra? Nós vamos levá-la para baixo *juntos*.

Sem dúvida, ele estava pensando em como eu fugiria no meio da noite sem planos e, possivelmente, colocar uma bala no crânio da minha mãe biológica. Colocado assim, acho que ele tinha razão.

Nivelando um duro olhar para Beck, eu respirei fundo, considerando a nossa nova *união*.

— Prometa-me. — Eu pedi a ele. — Prometa-me que vamos fazê-la pagar por isso, Sebastian.

Sua enorme palma em concha na minha bochecha, seus olhos cinzentos, sem vigilância, encontrando os meus por tempo suficiente para que eu não pudesse duvidar de sua sinceridade. — Eu juro para você, Butterfly. — Ele jurou, — Catherine está indo para baixo.

Eu pensei que seria uma coisa tão simples. Estávamos todos de acordo que Catherine e o resto do conselho do Delta haviam abusado de seu poder por muito tempo. Todos precisavam responder por seus vários crimes e os sucessores seriam aqueles que veriam a justiça feita.

Mas aparentemente, não foi tão fácil como apenas marchar para um juiz e apresentar nossas provas. Por um lado, ainda não sabíamos quem estava na folha de pagamento da Delta e, por outro, como provaríamos a legitimidade de nossa evidência?

— Eu sabia que isso era bom demais para ser verdade. — Eu gemi, jogando a pilha de papéis de volta na mesa de café, algumas horas depois. Eu caí de volta no sofá e esfreguei meu rosto privado de sono com as duas mãos. Precisávamos de mais café. Sim, talvez mais café fizesse mais poder cerebral.

— Ei, Jasper? — Eu chamei, sabendo que ele estava sussurrando na cozinha alguns momentos atrás. Esperançosamente ele ainda estava lá e poderia resolver a situação de cafeína. —Você pode...

— Não! — Ele gritou de volta, então apareceu na minha frente com um sorriso lindo e um punhado de sanduíche. — Você está cortada do pote de café, coisa quente. Ordens direta do grande homem.

Eu me mexi na cadeira para encarar Beck, que estava envolvido em algum documento financeiro que estava na pasta de lixo de Dante. Ele nem sequer olhou para cima de sua página, mas eu vi seus lábios se contorcerem com um sorriso. — Você está exausta, Butterfly. Você precisa dormir. — Ele olhou para cima então, lançando seus olhos cansados ao redor do quarto. — Todos nós fazemos.

Sentindo-me teimosa, principalmente ao saber o que fazer, balancei a cabeça. — De jeito nenhum. Nós temos um grupo de idiotas megalomaníacos para derrubar e uma acusação de assassinato para derrubar. Você realmente acha que Dante está dormindo muito enquanto está sendo preso por estupro e assassinato?

Beck arqueou uma sobrancelha para mim em desafio. — Ele traiu você. Mentiu para você por toda a sua falsa amizade. Por que você se importa se ele for preso por matar Katelyn? — Ele fez uma pausa, estreitando os olhos. —O que faz você ter tanta certeza de que ele não fez isso?

Eu olhei de volta para ele, minha raiva fervendo abaixo da superfície. — Ele não fez isso. — Eu retruquei. — A traição foi por causa de Catherine. Não é uma vida que ele escolheu. Além disso, eu o conheço. Não foi tudo um ato.

Por favor, não deixe que tudo tenha sido um ato.

Beck me encarou por um longo tempo, depois deu de ombros como um cavalheiro. — Se você diz, querida.

O tom de sua voz levantou meus pelos e eu empurrei para os meus pés. Minhas mãos estavam apoiadas nos meus quadris e eu olhei para Beck. Fodido Beck. — O que diabos *isso* significa? —Eu exigi.

Seu olhar só serviu para me enfurecer ainda mais.

— Nada. — Ele respondeu com uma ponta afiada de sarcasmo. — Só que você claramente o conhece tão bem. Se você disser que ele não iria agredir, estuprar e matar uma garota, então claramente você sabe melhor do que nós.

Eu não sabia o que diabos tinha entrado em Beck, mas eu estava muito cansada fisicamente e emocionalmente para aguentar seu drama.

O sarcasmo pesado dizia claramente que ele achava que Dante *era* culpado, então o que diabos lhe dera essa impressão?

Não importava. Ele provavelmente estava apenas deixando seu pau fazer toda a conversa e vendo como ele estava com ciúmes da minha amizade com Dante desde o dia...

Mas foi uma amizade falsa. Não foi? Então talvez ele tivesse razão.

— Foda-se. — Eu rosnei.

— Ok, — Jasper interrompeu, fisicamente pisando entre mim e Beck e quebrando a encarada da morte que nós estávamos envolvidos. — Isso é o suficiente. Vocês dois não foram todos amores e confessando vingança imorredoura aos nossos pais algumas horas atrás? O que diabos aconteceu enquanto eu estava fazendo um sanduíche? — Seu olhar acusador disparou entre Beck e eu, mas foi Evan, que estava de pé atrás da cadeira de Beck, que respondeu.

— Eu estou supondo que tem algo a ver com a convicção de Dante de três anos atrás. — Anunciou ele, lendo do papel ainda apertado nas mãos de Beck. Eu acho que ele deve ter saído dos documentos financeiros. — Agressão sexual agravado contra uma senhorita Hailey Tabot, com quinze anos. Parece que as acusações foram retiradas depois de uma doação saudável para a conta de confiança da família Tabot. Cortesia de Catherine, eu acho. — Evan olhou para mim, mas eu não conseguia falar além do enorme nó na garganta.

Puta merda

Agressão sexual agravada? De jeito nenhum. Este tinha que ser um dos cenários de Catherine.

Ainda assim, uma pequena voz na parte de trás da minha cabeça sussurrou veneno, lembrando-me de uma noite há três anos...

— Qual data? — Eu resmunguei, mal capaz de palavras. — Que data foi o relatório?

— Dezembro, vinte e quatro. — Beck respondeu minha pergunta desesperada, sua mandíbula em raiva. — Ele atacou aquela garota na véspera de Natal.

Foi como se minhas cordas tivessem acabado de ser cortadas e eu caí de volta no meu lugar quando minhas pernas cederam. Porra Hailey Tabot. A única namorada séria de Dante e minha arqui-inimiga. Todos nós estivemos em uma festa em vinte e quatro de dezembro, três anos atrás. Dante me deu a minha borboleta alguns meses antes e eu estava aproveitando *todas as* oportunidades para competir com ela... para o desgosto de Hailey.

Alguma coisa sobre como ele claramente me amava mais do que ela, e como todo mundo podia ver isso. Total besteira. Dante enlouquecidamente *amava* Hailey... foi o que me deixou tão certa que a agressão foi outro golpe de Catherine. Exceto, *naquela* noite eu tive uma briga enorme com Hailey. Ela foi pega mexendo no meu carro antes de uma corrida improvisada e quando eu a enfrentei, a merda se tornou desagradável. Como cadela luta nível desagradável.

Dante a puxou de cima de mim e a levou para casa. Eu não tinha pensado nisso... não de verdade. Não quando Dante apareceu na minha casa na manhã seguinte com arranhões no rosto ou até quando Hailey e seus pais de repente se mudaram para morar com a avó na Flórida.

Eu tinha sido apenas uma idiota confiante e estúpida?

Quer dizer, eu já tinha perdido a coisa toda de pagar para ficar de olho em você.

Porra. Quão burra eu fui todos esses anos?

CAPITULO OITO

Eu não falei pelo resto da noite. Por fim, acabei na cama e não fazia ideia de quando ele se juntou a mim, mas ele se foi quando acordei na manhã seguinte. A única evidência de que ele estava lá era o fato de eu não ter tido pesadelos, aquele reconfortante “cheiro de Beck” ainda me cercava e seu lado estava quente. Eu sentia falta dele.

Com um gemido, me levantei. Pesava que estávamos bravos um com o outro agora, especialmente quando estávamos no meio de tentar derrubar Delta, mas apesar de todas as provas apresentadas a mim sobre Dante e seu possível lado do mal, eu não consegui me escrever ele fora completamente. Ainda não. Ele merecia uma chance de se explicar, especialmente sobre Hailey. Ela era uma puta do pior tipo, e isso de modo algum significava que ela merecia ser agredida sexualmente, mas significava que eu não ia confiar cegamente nas alegações contra Dante. Hailey tinha mentido para mim tantas vezes que eu não tinha certeza se ela podia realmente dizer a verdade.

Entrando no banheiro, meu cérebro adormecido finalmente registrou o fato de que o chuveiro estava funcionando. Através do topo do vidro, pude ver seus ombros largos e musculosos. Mãos contra o vidro, sua cabeça estava descansando para a frente enquanto a água batia nele, e antes que eu pudesse me impedir, eu estava caminhando silenciosamente em direção à porta de vidro.

Quando parei do outro lado, a cabeça de Beck se levantou devagar e ele se virou para me encarar completamente. Era como se ele soubesse que eu estava lá, mesmo que eu não tivesse feito um único som se aproximando dele. Quando nossos olhos se fecharam, meu corpo se

apertou, a calcinha minúscula que eu tinha usado para dormir já úmida. Beck me fodeu com um olhar. O resto era um bônus puro, porque não havia ninguém no mundo que pudesse fazer o que ele pudesse.

Seu rosto estava inexpressivo, mas seus olhos estavam ardendo, nuvens de tempestade se formando ali enquanto o cinza escurecia. Eu queria entrar, mas não conseguia me mexer. Ele lentamente empurrou o vidro aberto, deslizando pelo meu corpo e, em uma fração de segundo, eu fui empurrada em seu corpo duro e molhado.

— Foda-se — Eu gemi, arqueando para ele. Jesus "fodido" Cristo. Eu precisava dele. Agora mesmo. Nós poderíamos ficar bravos um com o outro mais tarde.

— Você pertence a mim. — Beck disse suavemente, essa expressão nunca vacilando de mim. — Dante pode ter um pouco do seu passado, mas é tudo o que é. O. Passado.

Eu provavelmente deveria estar discutindo com esse Neandertal possessivo, mas eu estava além das palavras e das sentenças e dos argumentos. Ainda havia um pouco de fogo em mim enquanto eu me lançava para frente, batendo-o contra os azulejos e pegando-o completamente de surpresa. Eu praticamente o escalei para chegar ao seu rosto, e então nós estávamos nos beijando com força, castigando com beijos. Às vezes beijar Beck era como entrar em guerra, cada um de nós tentando sair por cima. Guerra com muito mais prazer envolvido.

As mãos de Beck envolveram minhas coxas quando ele me puxou para o seu corpo. Eu tentei envolver minhas pernas ao redor dele, mas a parede ficou no caminho, então Beck se moveu para frente um pouco. Eu arqueei de novo e de novo, esfregando-me para cima e para baixo em seu corpo nu. Estava escorregadio da água e eu precisava tirar minhas roupas agora.

Eu precisava de mais.

— Porra... — eu estava praticamente implorando a ele.

Foda-me, Beck.

Minha roupa íntima e top desapareceram em um piscar de olhos, Beck conseguiu rasgar e arrastá-los de cima de mim no mesmo momento, então ele me manteve elevado com uma mão, enquanto a outra escorregou pela minha coxa e roçou minha boceta.

— Butterfly. — Beck disse e eu de alguma forma consegui abrir um olho e tentar me concentrar nas palavras.

— O que... porra! — Eu gritei quando seus dedos deslizaram para dentro de mim, primeiro um e depois outro. O polegar em sua outra mão, a que estava me segurando, mudou de forma que estava pressionando contra minha bunda, circulando em traços provocativos.

— Você pertence a mim, Riley Jameson. Diga as malditas palavras.

Eu balancei a cabeça e seu polegar pressionou mais forte e eu estava prestes a entrar em combustão com a sensação de seus dedos me acariciando.

— Você não vai ganhar, Sebastian — eu disse, sem sucesso, mantendo o gemido de minhas palavras. — Eu não vou me submeter a nenhum homem.

Ele parou de mover as mãos e lentamente as arrastou para longe do meu centro dolorido e eu tentei realmente não o socar.

Minha cabeça disparou para que eu pudesse encontrar seus olhos. — Não use o meu corpo contra mim. — Eu disse, bufando cada palavra em raiva forçada. Ele me observou por muitos longos momentos, ainda me segurando como se eu não pesasse nada, a água quente batendo em nós enquanto travávamos essa guerra de domínio entre nós.

Eu cedi um pouco. — Por favor, Beck.

Sua mandíbula se contraiu e ele não parecia feliz. — Não me chame de Beck.

Foi exatamente o que eu usei para me distanciar das emoções que ele criou em mim. E ele sabia disso.

— Eu te amo, Sebastian Roman Beckett. — Eu disse suavemente, — mas isso não vai ser o suficiente para você me controlar. Se esse é o tipo de garota que você quer, você está com a pessoa errada.

Eu me mexi e, por um momento, enquanto suas mãos apertavam minhas coxas, não achei que ele me deixaria ir. Mas então ele fez.

Saindo do chuveiro, eu estava molhada, realmente fodidamente molhada e chateada, mas eu sabia que tinha feito a coisa certa. Beck era forte, um líder... alguém acostumado a conseguir o que queria, não importava o que acontecesse e eu não podia deixar que ele tirasse qualquer pedaço de independência que eu tivesse. Se ele soubesse, realmente soubesse, o quanto ele me afeta, tudo estaria acabado para mim.

— Lembre-se, Butterfly. — Beck disse ao meu recuar, suas palavras suaves, mas não havia dúvidas sobre a escuridão subjacente a elas. — Dante é aquele que mentiu para você pela metade da sua vida. Considere isso quando você ficar do lado dele.

Eu queria gritar e gritar e chorar e socar paredes. Eu estava começando a agir como Beck nesse sentido. Talvez porque eu soubesse, em parte, que ele estava certo, mas eu também era fiel à porra do osso. Eu não desistiria do meu melhor amigo. Ainda não. E Beck teria que aprender a viver com isso ou... eu nem sequer consideraria a situação *ou* nesta situação porque eu tinha certeza, apesar de toda minha forte posição independente, eu não poderia viver sem Beck.

Demorei alguns minutos para me vestir e saí para a cozinha. Eu não poderia funcionar hoje sem café. Espero que não tenhamos usado tudo ontem à noite porque era a única maneira que eu estava acordando, mesmo que fosse... Puta merda, 00:30h.

Nós desperdiçamos outro dia e isso não estava bem para mim.

Meus movimentos cresceram mais rápido quando comecei a colocar toda a bondade do café juntos, até a campainha.

Isso é estranho.

Nenhum dos caras tocava a campainha e, como havíamos assumido o prédio inteiro, não deveria haver ninguém aqui. As entregas chegavam lá embaixo.

Eu estava quase na porta quando Beck apareceu como o ninja silencioso que ele era, pisando entre mim e a porta, batendo de volta na minha mão que estava estendendo a mão para abri-la.

— Você nem sequer verificou o olho mágico. — Ele murmurou, sua mandíbula cerrada. — Você vai ser a minha morte, Butterfly.

Mesmo chateados um com o outro, ele ainda se importava. Idiota.

Beck abaixou a cabeça e olhou por um segundo antes de se afastar, com uma expressão estranha no rosto. Eu notei a arma na mão dele e, quando ele gesticulou para eu ficar atrás dele, eu não discuti. Algo o incomodava e isso significava que quem quer que estivesse lá fora não era um amigo.

Ele abriu a porta lentamente, seus olhos avaliando cada centímetro como se houvesse uma bomba ou um fio que nos explodisse se ele abrisse rápido demais. Eu tentei o meu melhor para espreitar em torno dele, mas ele era muito grande, seus ombros largos bloqueando a abertura.

Quando a porta finalmente foi aberta, ele não disse uma palavra, e eu me perguntei se ele estava olhando silenciosamente para a pessoa. Então ele se afastou.

Ninguém?

Apenas um vaso de flores sentado inocentemente no meio do meu tapete.

—O que...— eu parei.

Certamente Beck não teve tempo suficiente para me pedir flores e não era totalmente seu estilo de qualquer maneira. Sem mencionar que ele estava atualmente andando pelo corredor, batendo nas portas de nossos amigos, e checando a escada e limpando os armários.

Deixando-o para... o que quer que fosse, voltei minha atenção para as flores. Quatro rosas vermelhas de sangue, duas brancas puras e uma rosa negra morta. Um toque de vermelho mais baixo atraiu meus olhos e quando me inclinei mais perto para espiar através do vaso de vidro, um suspiro saiu dos meus lábios. As rosas estavam cobertas de espinhos e cada um dos espinhos estava pingando vermelho.

Pingava na água, uma gota de cada vez, antes de ir para fundo, que eu só notei que estava completamente vermelho. Qual a foda real? Isso era sangue? Ou talvez tinta?

Por favor, deixe ser tinta.

— Não toque nelas. — Disse Dylan que correu ao longo do corredor, vestindo nada além de um par de calças de dormir macias. Seu corpo estava rasgado pra caralho, assim como o de Beck e eu me sentia um pouco mais segura ao saber que esses idiotas estavam aqui para me proteger de qualquer outro idiota que decidisse me deixar rosas mórbidas.

Provavelmente era Catherine, tentando me assustar.

E se esse fosse o caso, estava funcionando.

CAPITULO NOVE

No momento em que os caras retornaram, eu consegui preparar uma garrafa inteira de café, beber toda e depois pegar uma segunda para todos.

Eu era uma bagunça agitada e empolgada.

— Você encontrou algo? — Eu disse, me levantando quando todos entraram. Dylan segurou as flores em suas mãos. Evan estava esperando do lado de fora enquanto eles procuravam e eu sorri grata para ele, porque ele tinha sido a única garantia que eu tinha de que Dylan, Beck e Jasper não estavam sendo assassinados na rua.

— Nada. — Dylan rosnou, seus olhos fixos nas rosas. — Quem deixou estes sabia o que eles estavam fazendo. A segurança da frente não viu nada.

— É sangue? — Eu tive que perguntar, embora não tivesse certeza se queria a resposta.

Dylan deu um único aceno de cabeça. *Puta merda.*

Jasper pegou o telefone e depois bateu dois números e, em seguida, um segundo depois: — Precisamos adicionar um pouco de segurança ao nosso prédio. — Houve uma pequena pausa. — Somente aqueles examinados pela rede. — A outra pessoa deve ter dito alguma coisa, e o rosto de Jasper ficou sombrio. — Sim. Isso é o que eu disse, porra. Eu quero que seja feito hoje.

Ele desligou o telefone e eu balancei a cabeça com a natureza exigente deles. O olhar de Beck estava em mim, como se ele soubesse

exatamente o que eu estava pensando. Especialmente como se relacionava com o momento de antes no chuveiro, o controle que ele procurava. Mas eu estava determinada a não dar a nenhum deles uma polegada. Eu não podia.

— O café está lá. — Eu disse, acenando para onde eu tinha todos as canecas alinhadas. Eu já adicionei açúcar àqueles que gostavam e leite para Evan, ele era o único que não bebia preto.

Dylan deixou cair as flores na minha mesa de café, beijou minha bochecha quando ele passou, e o resto seguiu o exemplo para obter sua dose matinal de energia.

— Podemos supor que estas flores são algum tipo de tática de medo de Catherine ou Graeme? — Eu perguntei, seguindo-os em minha pequena cozinha. — E podemos também assumir que o sangue é de um animal ou algo assim? — *Por favor.* Eu não tinha certeza se o sangue de animais ou pessoas era pior, na verdade. Eu gostava da maioria dos animais, humanos, por outro lado...

Eu fiquei do lado de fora, porque a cozinha não era grande o suficiente para os quatro se encaixarem confortavelmente, mas eles fizeram funcionar, movendo-se um ao outro com a facilidade das pessoas que passaram muito tempo juntos.

— Não podemos assumir nada. — Disse Dylan, tomando um longo gole de café. — Temos vários inimigos, e com o voto se aproximando, muitos desses idiotas sairão de suas sarjetas para tentar nos derrubar.

— Mas qual é o ponto? — Eu perguntei. — Quero dizer, as flores não estão derrubando ninguém, certo?

Todos os nossos olhos dispararam para o vaso na mesa.

— Talvez devêssemos deixá-las do lado de fora. — Sugeriu Evan, e imaginei se eles também estavam imaginando algum tipo de gás tóxico secretamente emitido por eles.

— Vou ligar para o capitão e levar para testá-las para ver se há alguma coisa para se preocupar. — Disse Dylan, movendo-se para fazer a ligação.

Não era como eles envolverem a polícia, mas nessa situação, poderíamos deixar alguém fazer o trabalho pesado.

Uma vez que as flores estavam do lado de fora para a polícia coletar, terminamos nosso café e comemos algumas torradas e cereais para nos manter indo e então voltamos para a pesquisa. Duas horas se passaram em silêncio, e eu tentei o meu melhor para me concentrar nas planilhas e não em Beck, porque eu estava realmente odiando essa tensão entre nós.

— Eu não sei se temos o suficiente aqui. — Jasper disse, esticando as costas. — Há muitas coisas circunstanciais. Muitos números incriminadores, mas nada para vincular especificamente a Delta ou a Huntley a nada disso. Dante poderia testemunhar, mas vai ser a palavra dele contra a de Catherine, a menos que possamos fazer algumas dessas evidências liga-los também.

Eu não tinha me esquecido do que Rob disse: precisávamos da nossa arma fumegante. Prova irrefutável.

— Como Dante teria essa informação se ele não fizesse parte de tudo isso? — Eu perguntei, colocando uma pasta de volta na mesa. — Talvez isso seja evidência em si e dê à sua palavra mais credibilidade.

Beck colocou as duas mãos nos joelhos e se inclinou para frente em sua cadeira. — Isso tudo poderia ter sido apenas digerido ou digitado por qualquer pessoa. Nós não temos documentos originais. Nada que seus técnicos de computador pudessem pesquisar. O telefone é um gravador e

não pode ser conectado a ninguém. Isso tudo é apenas circunstancial e acabará sendo uma palavra de um membro de gangue conhecida contra Catherine Deboise, da corporação Delta.

Evan esfregou a mão no rosto antes de enrolar o cabelo de maneira cansada. — Nós precisamos de ajuda. Estamos em nossas cabeças com essa merda da lei. Nós sempre brigamos com as nossas mãos, isso é algo diferente. Precisamos encontrar um especialista.

Esperei para ver se alguém falaria primeiro e, quando não o fizeram, decidi lembra-los. — E Sami da escola? O pai dela é supostamente um grande advogado em Nova York, lembra? Podemos verificar e ver se ele está na folha de pagamento da Delta? E se ele não estiver, talvez ele nos ajude. Ou pelo menos nos aponte na direção certa.

Os caras trocaram um olhar, mas ninguém discutiu. — Se ele é baseado em Nova York, há uma grande possibilidade de que ele esteja na folha de pagamento da Delta. — Beck me avisou. — Mas ainda vale a pena conferir.

— Um problema, porém. — Disse Dylan, em pé em um movimento suave. — Os arquivos verdadeiros do cliente são apenas em servidores internos. Nós vamos ter que entrar nos escritórios da Delta e ir de lá.

Os outros também se levantaram e eu segui o exemplo. — Eu vou pegar o carro. — Disse Jasper.

Beck assentiu. — Vamos nos esgueirar ou fazer disso uma visita oficial? — ele nos perguntou, deixando a escolha em nossas mãos. — Eu tenho acesso aos arquivos, todos eles, mas isso vai deixar um rastro de que eu estava lá.

Eu levantei minha mão e então me senti como um idiota quando todos sorriram para mim. — Talvez Richard ajude. Eu não tenho que dizer a ele o que eu quero para o seu login, mas ele me deve. Ou, mais

importante, ele nos deve a todos por trazer Debitch para nossas vidas. Talvez seja mais seguro usar seu login.

A atenção de Beck estava totalmente em mim e o calor queimava através do meu estômago, envolvendo meus braços e pernas, me mantendo imóvel. O fodido sempre sabia o que estava fazendo.

— Você pode estar colocando seu pai em perigo. — Ele disse suavemente.

Dei de ombros. — Honestamente, eu preferiria que ele fosse contra qualquer um de vocês. E eu realmente não estou tão preocupada. Richard é um psicopata secreto como o resto deles. Nada vai derrubá-lo facilmente.

Beck acenou com a cabeça e me abaixei para pegar meu telefone e fazer uma ligação. Cinco minutos depois, eu estava de volta, código escrito em um pequeno bloco de notas e nervos tremulando no meu estômago.

— Ele nem sequer me questionou. — Eu disse a eles, abaixando a voz. — E ele disse que manteria o conselho ocupado pelo próximo dia ou dois nos esconderijos, repassando o plano de jogo deles para a votação.

Ninguém pareceu extremamente seguro com isso, o que não me surpreendeu. Richard não era exatamente confiável, mas eu não havia dito a ele nosso plano, então havia um risco mínimo de pedir a ajuda dele.

Beck estendeu a mão para tirar o caderno de mim e, sem pensar de verdade, afastei-o do alcance dele e o pressionei contra o peito. O movimento fez com que nós dois parássemos, e Beck arqueou uma sobrancelha para mim de medo.

— Butterfly? — ele perguntou. — Eu preciso do código se eu vou procurar no banco de dados.

Eu fiz uma careta, principalmente para mim mesma, e olhei para o caderno pressionado na minha camisa. — Sim, eu sei. Mas você não precisa até estar *no* Delta QG, certo?

Com isso, a outra sobrancelha de Beck se ergueu para se juntar ao primeiro e ele pareceu legitimamente assustado. — Então você vai manter isso em segredo até chegarmos lá?

Eu balancei a cabeça, não totalmente certa do que estava fazendo.

O olhar de Beck se obscureceu. — Você não confia em mim, Butterfly?

Minha boca abriu, mas nenhum som saiu. Seu olhar me manteve congelada no lugar como se eu tivesse sido mergulhada em nitrogênio líquido, e eu me debati para a resposta certa. Obviamente, sim, eu confiava nele. Tipo de. Com algumas coisas... como meu coração, eu imaginei. Mas eu confiava nele para pegar o código de login de Richard para a Delta e não o usar após essa única tarefa?

— Bem, isso é uma questão pedindo por problemas, — Dylan murmurou, me salvando de uma resposta real quando ele fisicamente se colocou entre nós e franziu o nariz para mim. — Você tem todos os motivos para não confiar plenamente em *nenhum* de nós, Riles. Beck não deveria estar pressionando você quando ele é o único culpado. — Isso foi feito com um olhar penetrante na direção de seu amigo, ao que Beck apenas grunhiu e afundou de volta em seu assento.

— Não é isso. — Tentei salvar a situação antes que ela saísse do controle. — Eu não estou segurando ressentimentos velhos, é... — Eu parei com um encolher de ombros indefeso. Eu realmente não sabia *qual* era *o* meu problema. Talvez eu estivesse apenas sendo uma puta para puni-lo por me deixar alta e seca no chuveiro?

Dylan balançou a cabeça e alisou as palmas das mãos sobre os meus ombros, esfregando meus braços de uma forma reconfortante e amigável. — Você não nos deve explicações. Se você não quiser entregar esse código, não faremos você entregar. Quando chegarmos à Delta, você pode entrar e rasgar o papel, ok?

Eu balancei a cabeça, não querendo cavar mais fundo no buraco que eu criei. Eu já podia sentir o olhar zangado de Beck e ver as expressões preocupadas nos rostos de Evan e Jasper. Quando eu olhei para eles, porém, eles foram rápidos em desaparecer em sorrisos fáceis e tranquilizadores.

— Tudo bem. — Eu concordei, dando um sorriso grata a Dylan. Ele difundiu o que potencialmente estava indo para uma briga feia com Beck, e toda a nossa energia era melhor aproveitada em outro lugar. — Então, quando vamos embora?

Dylan adiou a Evan para essa pergunta, que checou seu pesado relógio Tag. — Tipo, duas horas? A polícia ainda não pegou as flores e tenho certeza de que eles querem fazer algumas perguntas.

Enquanto eles estavam distraídos, eu arranquei a página com o código de Richard do caderno e enfiei o papel no bolso da frente. Beck me observou fazer isso, então eu fiz uma anotação mental apenas para memorizar a maldita coisa.

— Também precisamos documentar essas flores em nosso banco de dados. — Acrescentou Evan.

Isso clicou em algo no meu cérebro. — Você tem um banco de dados de presentes e ameaças assustadores? Isso se aplica a todos vocês ou apenas a mim?

Evan pareceu surpreso com a minha pergunta e eu percebi que ele não sabia que Beck havia me contado sobre as outras ameaças deixadas na mansão Deboise depois que eu saí.

— Todos nós. — Jasper respondeu com um sorriso preguiçoso. — Alguns de nós têm arquivos mais grossos do que outros. — Ele piscou, como se fosse algum tipo de competição para ter mais ameaças de morte. Louco fodido.

— Isso é loucura. — Eu murmurei. — Mas se vocês têm tantas ameaças, Katelyn não teria também? Ela era uma herdeira Huntley, afinal. Ela não deveria ter tido tantos loucos fodidos deixando presentes em sua porta?

Os caras consideraram isso e Evan assentiu. — Sim, eu não ficaria surpreso em descobrir que eles fizeram. A maioria das pessoas com riqueza, influência, poder ou status consideráveis é ameaçada de morte. É apenas parte do show. Qualquer um teria que ser burro pra caralho para não manter um registro deles embora. Você nunca sabe quando um stalker inofensivo vai escalar. — Ele deve ter acabado de ver onde eu estava indo nessa linha de pensamento, e ele me deu um longo olhar. — Você acha que Katelyn poderia ter sido morta por um louco desses?

O calor floresceu em minhas bochechas e eu cruzei meus braços sobre o peito. — Eu só sei que não era Dante. Então, não deveríamos ver se alguém checou o 'banco de dados' dela em busca de ameaças de esfaqueamento? — Eu tinha feito aspas no ar citando a palavra “banco de dados”, em seguida, imediatamente me senti como uma criança, então eu enfiei minhas mãos de volta sob minhas axilas.

— Alguém em Huntley provavelmente já verificou. — Dylan ofereceu, mas o cenho franzido no rosto dizia que ele estava pensando sobre isso.

Eu bufei um som de desprezo. — Aposto que eles não fizeram. Todo mundo tem tanta certeza de que Dante a matou, por que eles se incomodariam em procurar outro suspeito?

— Ela tem um bom ponto. — Evan me apoiou. — Não estou dizendo que o assassino *tinha* enviado Katelyn uma ameaça, mas se é suficiente para uma dúvida razoável, então eles certamente não podem condenar Dante.

— A menos que ele seja realmente culpado. — Beck retrucou, levantando-se da cadeira e se aproximando de mim. — Afinal, ele tem uma história de violência contra as mulheres.

Raiva queimou através de mim e eu rosnei para ele. — Ele não matou aquela cadela e você sabe disso. Eu não sei o que diabos ele fez para ter sua calcinha em um chumaço desde que ele esteve na *cadeia,* mas você precisa superar isso. — Eu o cutuquei no peito, recusando-me a ser fisicamente intimidada por ele.

Beck apenas olhou. Típico.

Meu telefone tocou e percebi que era Eddy.

Eddy: Tire-me daqui, garota! Eu não posso mais fazer a coisa da família.

Eddy estivera com os avós no Texas desde a época de Dante e, apesar de reclamar, eu secretamente achava que ela ficaria feliz em fugir de todo o drama de Dante.

Outro burburinho. *Eddy: Vovô acabou de me desafiar para o xadrez. Xadrez de merda!*

Eu ri. — Boas notícias? — Beck disse, arqueando uma sobrancelha para mim.

— Só Eddy. — Eu disse, respondendo um texto rápido antes de embolsar meu telefone. — Ela está morrendo no rancho.

Jasper bufou. — Fico feliz que eles pararam de me convidar para lá. Apenas tantas vezes que vejo nosso avô bater a empregada e a avó tomar dezesseis pílulas diferentes com o café da manhã antes de começar a envelhecer.

Eu rolei meus olhos para ele. — Muito dramático. Pelo menos Eddy esteve a salvo com sua família fodida. Longe de Jefferson.

Jasper assentiu. — Existe isso. Mas ela estará de volta em breve e então teremos que garantir que isso não a toque.

Manter meus amigos seguros era o topo da minha lista e eu realmente acreditava que a única maneira de fazer isso era garantir que toda a diretoria da Delta tivesse ido embora.

Permanentemente.

CAPITULO DEZ

Chegando ao escritório da Delta algumas horas depois, senti que estava desempenhando um papel. Eu não era Riley Jameson, corredora e pobre órfã. Eu era Riley Deboise, herdeira da fortuna da família Deboise e futura líder do Militant Delta Finances. Desta vez eu vesti a peça. Traje de poder, preto e branco, com meus saltos favoritos.

Eu parecia rica e bem-sucedida, meu cabelo longo e escuro penteado para trás em um rabo de cavalo alto, as extremidades alisadas pela chapinha. Ainda assim, quando meus saltos cruzaram o saguão de mármore enquanto eu seguia Beck com Dylan ao meu lado, não pude deixar de me sentir como o pior tipo de impostora.

Três meses atrás eu era um adolescente vivendo em uma área de baixa renda. Agora eu era herdeira de uma empresa de bilhões de dólares cheia de sociopatas.

Esquisito.

As portas do elevador se abriram silenciosamente e nós três entramos na caixa espelhada e permanecemos em silêncio enquanto as portas se fechavam novamente atrás de nós.

— Algo em sua mente, Sebastian? — Eu sussurrei, ficando enjoada dos olhares enigmáticos que ele estava fazendo quando pensou que eu não estava olhando. Em um elevador totalmente espelhado, no entanto, não havia como esconder a direção de seu olhar.

A mandíbula de Beck se apertou, mas ele não disse nada em resposta. A risada suave de Dylan enviou o meu olhar desconfiado para

ele, e ele apenas me deu um sorriso desdenhoso e sem remorso. — Beck está apenas chateado que eu estou indo junto e ele não pode fazer todas as coisas sujas, depravadas que ele quer fazer com você nessa roupa. — Dylan sorriu na direção de seu amigo, que olhou a morte de volta para ele, mas não negou a verdade. — Beck não é bom em lidar com o fato de que ele está preso com tanta força até pegarmos a informação que viemos e chegar em casa.

Minhas sobrancelhas subiram e meu olhar foi direto para a virilha de Beck. Bem, quero dizer, foi como acenar uma bandeira vermelha para um touro, não foi? Ele fez um som frustrado em sua garganta e inclinou seu corpo para longe enquanto ele rearranjava suas calças para, eu presumo, esconder o tesão em questão. Que tipo de cadela viciada me fez querer que ele simplesmente me desse um jeito e me deixasse lidar com isso ali mesmo? Dylan podia assistir por tudo que eu me importava. Inferno, isso poderia ser meio...

— Butterfly. — Beck estalou, um grunhido gutural ressaltando o meu nome. — Se você não parar de me olhar assim, seu vestido não sairá deste elevador inteiro.

Minhas bochechas arderam e eu deliberadamente arrastei meu olhar para longe de Beck e olhei para o carpete. Porra, até que era bom tapete.

Segundos depois, as portas se abriram no andar de cima e Dylan soltou uma risada. — Merda, eu estava realmente esperando que você empurrasse um pouco mais, Riles.

O olhar assustado que eu dei a ele quando eu saí pelo corredor não era nada no olhar de advertência que Beck atirou em seu amigo. Nenhum de nós tinha esquecido aquele beijo na gala que parecia.

— Vamos lá. — Beck rosnou. — Precisamos fazer isso antes que qualquer um dos membros da diretoria perceba que estamos aqui.

Ele liderou o caminho pelo corredor, e em um escritório do tamanho de um apartamento com janelas do chão ao teto, oferecendo uma vista deslumbrante da cidade. Era muito excessivo para o escritório de uma pessoa.

— Este é o escritório do seu pai? — Eu enruguei meu nariz para Beck enquanto ele ligava o computador integrado na enorme mesa. — Compensando por algo, hein?

Beck me deu um sorriso rápido. — Na verdade, este é o escritório de Richard. Logo será seu.

— Oh — Eu olhei em volta novamente. — Bem, é, uh, adorável.

Beck sacudiu a cabeça com um sorriso e Dylan cobriu uma risada com uma tosse. Idiota.

— Aqui. — Beck indicou que eu me sentasse na cadeira da mesa de Richard. — Coloque o código de acesso, e então eu vou encontrar os arquivos.

Fiz o que ele pediu, sentando-me e retirei deliberadamente o papel de nota do meu sutiã de renda branca. Era apenas visível por cima da minha camisa.

— O que? — Eu perguntei, agindo inocentemente quando Beck soltou um gemido frustrado e Dylan esfregou a mão no rosto. — Esta roupa não vem com bolsos, ok?

Curiosamente, na verdade tinha bolsos na jaqueta. Mas eu estava curtindo o jogo do poder sexual antes mesmo de ver como Beck reagiria às minhas escolhas de roupas.

Espreitando a nota, eu rapidamente digitei o código no computador e observei com satisfação enquanto a tela mudava para exibir uma área de trabalho com apenas alguns ícones. Levei outro momento para

reconhecer a imagem que Richard usara como papel de parede, mas quando o fiz, meu batimento cardíaco gaguejou.

— Oscar. — Eu sussurrei, olhando para a imagem do meu meio-irmão. Eu tinha visto um punhado de fotos dele ao redor da mansão Deboise, mas esta era totalmente diferente. Ele estava relaxado, o braço jogado ao redor do pescoço de Richard enquanto ele ria em direção à câmera. Richard na foto teve o rosto virado para longe do fotógrafo, olhando para o filho com total amor na cara. — Richard realmente o amava, hein?

Eu olhei para Beck e Dylan, que vieram ao redor da mesa para ver o que eu estava olhando, e ambos pareciam sombrios. Triste mesmo.

— Nós costumávamos brincar que Oscar ganhou na loteria com Richard. — A voz de Dylan era silenciosa e nostálgica. — Toda a merda que passamos crescendo, todo o treinamento, as punições, a tortura mental... Oscar nunca sofreu tão mal quanto o resto de nós. Richard o protegeu o máximo que pôde. — Suas palavras racharam de emoção quando ele se lembrou do meu irmão falecido. — Sua morte quebrou Richard. Muito mais do que ele está mostrando.

Um sentimento desconfortável se contorceu em meu intestino com suas palavras, e eu lutei contra o desejo de morder meu lábio. Eu usava um batom vermelho brilhante e a última coisa que eu queria era sair do Delta com maquiagem borrada.

— Faça sua coisa. — Eu disse para os rapazes, levantando-me da cadeira e deixando-os para encontrar os arquivos que precisávamos. Os computadores estavam longe do meu forte e a sensação desconfortável sob a minha pele estava me deixando nervosa.

Eu odiava que eu estivesse questionando meus amigos, mas o comentário de Dylan provocou uma pergunta. Se Oscar foi poupado da

terrível educação a que os outros herdeiros foram submetidos... algum deles guardava rancor? Eles teriam motivos para machucá-lo?

Horrorizada em minha própria linha de pensamento, balancei a cabeça para limpá-la. Isso era simplesmente louco. Eu tinha visto suas emoções no cemitério. Certamente, nenhum deles era tão bom em atuar. Todo o assassinato e intrigas ultimamente me deixavam mais paranoica do que eu realmente queria admitir. Como todos os caras conseguiram manter a sanidade depois de passarem suas vidas inteiras neste mundo... isso me surpreendeu.

— Tudo feito. — Beck disse suavemente, passando a mão na minha parte inferior das costas quando eu assustei.

— Isso foi rápido — Observei, — você conseguiu?

Dylan me mostrou um pequeno pendrive na palma da mão antes de embolsá-lo e um arrepio percorreu minha espinha, que eu rapidamente ignorei. Richard estúpido e suas suspeitas agora me faziam ver monstros em todas as sombras. Só porque Dylan tinha o pen drive não significava que ele estava fazendo algo ruim com isso. O mesmo que o da gala.

— Você está bem? — Dylan perguntou, me dando uma carranca zombeteira.

Sacudi as dúvidas de Richard sobre a lealdade de Dylan e lhe dei um sorriso apertado. — Claro. Apenas pensei que levaria mais tempo.

— Nenhum hacking é necessário quando temos um código de acesso de alto nível, Butterfly. — Beck explicou, abrindo a porta e segurando-a para mim.

— Além disso — Acrescentou Dylan enquanto me seguia para fora do escritório de Richard, — achamos que era melhor apenas copiar os arquivos e olhar através deles mais tarde. Odiaria ser pego pela segurança

e precisar fingir que estamos no meio de um trio ou algo assim. — Ele me deu uma piscada maliciosa e voltou pelo corredor em direção aos elevadores.

— Ele está brincando. — Eu murmurei para Beck quando ele olhou para seu melhor amigo.

A atenção de Beck mudou para mim. — Esse é o problema. Ele não está brincando de jeito nenhum. — Ele jogou o braço sobre meus ombros, me puxando para perto de seu corpo enquanto seguíamos lentamente Dylan. — Talvez minha pequena conversa com ele não tenha entrado em sua mente tão bem quanto deveria.

Eu golpeei seu estômago com as costas da minha mão e tentei ignorar todos aqueles abdominais duros. — Pare com isso. — Eu bati. — Ele está apenas brincando com você e eu não o culpo. Você parece estar se transformando em um babaca mais possessivo a cada dia que passa.

Eu quis dizer isso como um comentário inábil sobre os problemas extremos de ciúme de Beck. Eu pensei *que* precisava de terapia, mas aparentemente ele me levou mais a sério do que isso. Em um piscar de olhos, Beck me prendeu na parede ao lado de uma pintura a óleo dourada com o corpo dele pressionado no meu.

— Eu sou um idiota possessivo? — Ele rosnou, esmagando seus quadris contra os meus e deixando cair seus lábios na curva do meu pescoço. Minha respiração ficou presa na minha garganta e eu engoli um gemido rouco antes de responder. — Sim, Sebastian. Você é.

Seus dentes arranharam minha pele como uma ameaça, ou uma promessa, e minha boceta se apertou com a necessidade. — Você está certa, butterfly. Você *pertence* a mim e quanto mais cedo Dylan e toda a porra do mundo aprender isso, melhor. — Ele estava usando meu corpo contra mim novamente, mas essa era uma rua de mão dupla. O

comprimento duro de seu pênis preso entre nós foi um claro testemunho desse fato.

Seus lábios subiram pelo lado do meu pescoço até chegar ao lóbulo da minha orelha, que ele agarrou com os dentes.

O inferno.

— É aí que você está errado. — Eu o informei com uma voz ofegante e encharcada de sexo. Minha mão percorreu seu lado musculoso e deslizou entre nós para agarrar um punhado firme de suas joias da coroa. — *Você* pertence a *mim*, Sebastian Roman Beckett. —Ele gemeu, mas não se afastou. — Mesmo quando você está agindo como um maldito neandertal. Agora, diga a Dylan para pegar um uber para casa porque eu quero que você me foda pelo menos duas vezes antes de começarmos a examinar os documentos roubados. Entendeu? — Eu dei ao seu pau outro aperto para reforçar minha posição de poder, mas a julgar pela respiração irregular que Beck sugou, estava apenas o deixando mais duro.

Quando ele se afastou de mim, um tipo de sorriso atordoado dançou em seus lábios. — Sim, senhora. — Ele murmurou, em seguida, arrastou a língua sobre o lábio inferior *lentamente.* Antes que eu pudesse atacar e escalar o corpo dele como um macaco aranha, ele se afastou para entregar minhas ordens a Dylan.

CAPITULO ONZE

— Tudo bem — disse o homem de cabelos grisalhos, de terno, do outro lado da mesa, com um suspiro pesado enquanto jogava os papéis para os quais ele estava olhando. — Você quer as boas novas ou as más notícias?

Meu estômago afundou. Eu sabia que não seria tão fácil pregar Catherine em uma parede e vê-la se contorcer. — Seja como for. — Eu respondi com um aceno de minha mão. — É tudo a mesma coisa.

Eu afundei de volta no meu lugar, me sentindo completamente desanimada e nem um pouco surpresa com o que ele disse em seguida.

— Isso não é suficiente. — Ele tocou os arquivos de Dante na frente dele. — Nem perto do suficiente. Por um lado, não há laços claros com Catherine Deboise ou com *qualquer um* dos membros do conselho da Delta. Por outro lado, as origens desta informação são circunstanciais na melhor das hipóteses. Você conseguiu de um membro de gangue conhecido, com antecedentes criminais, que atualmente está sendo acusado de assassinato? Ele fez uma careta e balançou a cabeça. — Sinto muito, essa 'evidência' não vale o papel em que está impresso.

Suspirei pesadamente e olhei pela janela do prédio de escritórios. Eu precisava de um segundo quente para puxar minha merda antes de fazer algo embaraçoso... como chorar. Quando o pai de Sami deu entrada nos registros da Delta, eu organizei a reunião. Uma reunião para a qual eu vim sozinha, aproveitando o tempo em que os caras foram convocados para um jantar. Tanto quanto Richard e Catherine estavam preocupados, eu estava escondida na cama com um frio desagradável.

— Então, qual é a boa notícia? — Eu perguntei, voltando minha atenção para Jarred Wells, Wells, Banksy e Thomas. Os arquivos da Delta mostravam a ele e seus sócios, que era uma das poucas e *muito* poucas empresas de advocacia de primeira linha em Nova York a não aceitar pagamentos da Delta de alguma forma. Então eu pedi para Sami marcar a reunião. Claro, ela pensou que eu estava pressionando as acusações contra meus possíveis estupradores, não liderando a remoção interna da maior organização criminosa da América do Norte. Semântica realmente.

Jarred Wells me deu um sorriso de tubarão. — A boa notícia é que se derrubar o Militant Delta de seu pedestal é o seu objetivo, você veio ao homem certo.

Eu arqueei uma sobrancelha para ele, curiosa com o tom sanguinário que ele usava. — Eu sinto que há uma história.

— Certamente. — Ele respondeu, mas não deu mais detalhes. — Essa evidência não é suficiente, mas você está em uma posição muito melhor para conseguir o que *é* suficiente. Você disse que tinha acesso aos arquivos seguros em sua sede?

Eu balancei a cabeça. — Eu tive, brevemente, mas Richard teria mudado seu código desde então. Podemos estar relacionados com o sangue, mas estamos longe da família.

Jarred assentiu, como se esperasse essa resposta. — Eu posso entender isso. Bem, eu não tenho dúvidas de que você pode encontrar algo que eles estão escondendo. Criminosos ou não, todos eles ainda são empresários. E mulher, se você considera Catherine algo mais que um incômodo perpétuo.

Minha mandíbula apertou forte. — Ela matou meus pais. Isso é consideravelmente mais do que um incômodo aos meus olhos, Sr. Wells.

Sua expressão suavizou por um momento. — Claro, sinto muito. Eu simplesmente quis dizer no sentido de que os empresários geralmente mantêm registros de *tudo*. Parece estúpido, dada toda a atividade ilegal com a qual o Militant Delta está envolvido, mas quanto mais poderosa uma pessoa é, mais indestrutível ela se vê. Só a arrogância deles veria que eles mantinham registros em cada pequeno segredo sujo que eles têm. Se você puder achar isso... — ele deu de ombros e eu não precisava que ele dissesse o resto.

Se você puder achar isso... você pode ver o quadro inteiro atrás das grades.

Eu sabia o que ele estava dizendo. Os caras já haviam demonstrado milhares de vezes quantos discos de merda estavam armazenados em vários servidores, mas eu sabia de um lugar que continha a mãe absoluta de segredos sujos.

O cofre.

— Você pensou em alguma coisa. — Comentou Jarred, observando-me com olhos afiados e inteligentes. Um sorriso lento cruzou os lábios e ele assentiu. — Bom. Aguardo com expectativa a nossa próxima reunião, Srta. Deboise. Ele se levantou comigo e ofereceu a mão para apertar.

— É Jameson. — Eu o corrigi, mas ele balançou a cabeça.

—Não querida. É Deboise. Quer você goste ou não, se você derrubar um rei ou rainha, seus súditos ainda precisam de liderança. Quando você atingir seus objetivos, o peso da limpeza do Militant Delta cairá para você e para os outros sucessores. Certifique-se de que você está pronta para isso. — Seu aperto de mão era firme. Profissional. — Boa sorte, e não seja morta. Esperei muito tempo para ver aqueles bastardos receberem o carma deles e tenho a sensação de que você é quem pode fazer acontecer.

Eu limpei minha garganta nervosamente. — Sem pressão, no entanto.

Jarred Wells soltou uma gargalhada enquanto caminhava comigo até os elevadores. Todo o resto do escritório estava vazio, silencioso, exceto por sua assistente, que tinha fones de ouvido, ouvindo música enquanto trabalhava muito além dos negócios. — Sem pressão. — Jarred riu, indicando para eu entrar no elevador, em seguida, me dando um sorriso caloroso quando as portas se fecharam.

Sozinha por alguns instantes, soltei um enorme suspiro e esfreguei as mãos no rosto. Ele não disse nada que eu não esperava. O arquivo de Dante *não era* suficiente para trancar Catherine e jogar fora a chave, mas por precaução, eu tive que tentar. E isso também foi um teste. Se Delta viesse atrás de mim agora, eu saberia que Wells estava em segredo, secretamente.

E se não tivessem, nós tínhamos um aliado. Alguém que estava disposto a ajudar e não havia sido corrompido pela ganância e pelo poder.

O foyer da torre em que o Sr. Wells estava localizado era tão quieto quanto o escritório no andar de cima. Espera-se que, quase às nove da noite. Ainda bem que eu já tinha saído da mansão de Deboise, de modo que ninguém me veria chegando em casa nas primeiras horas da manhã quando meu carro voltasse para Jefferson.

Beck e eu brigamos por eu ir sozinha, porque ele era um bastardo desconfiado, mas no final, ele não tinha escolha. Ele tinha que estar na festa Delta como o procurador Beckett e eu não estava disposta a esperar mais. Mas eu concordei em permitir que seu motorista me levasse em um carro dele que estava esperando do lado de fora por mim pelo menos na última meia hora.

— Tenha uma boa noite, senhorita. — O guarda de segurança gritou quando eu atravessei o saguão de mármore e passei por sua mesa.

Eu dei a ele um sorriso rápido, em seguida, saí para a rua. Meu carro, um Rolls Royce Phantom prateado escuro, esperava exatamente onde ele tinha me deixado e eu cliquei abrindo a porta dos fundos e entrei sem esperar que o motorista abrisse a porta. Isso sempre me deixava desconfortável quando eles faziam isso, como se eu não fosse capaz de fazer isso sozinha?

— Desculpe, isso levou mais tempo do que eu pensava. — Pedi desculpas ao meu motorista, Carl. — Eu espero que você não tenha tido problema de ninguém por esperar aqui?

Nenhuma resposta veio. Nem mesmo um aceno de reconhecimento, nem ele ligou o motor.

— Carl? — Eu perguntei, olhando para a parte de trás de sua cabeça. Ele nem olhou para trás para me cumprimentar quando entrei, o que era estranho. Foi uma longa viagem até a cidade e eu tive uma noção clara de que cara legal Carl era.

Um calafrio percorreu e sentei-me no banco.

A cabeça de Carl estava pendurada para o lado e, a princípio, pensei que ele estivesse dormindo. Eu não teria culpado ele. Já fazia mais de uma hora desde que entrei na minha reunião. Mas então eu vi a mancha no colarinho dele. Era apenas uma sombra na rua escura, mas quando eu levantei meu telefone e apontei a luz para ele, vermelho brilhou em mim.

Eu sufoquei um grito, batendo no meu lugar, meu coração acelerado e membros tremendo.

Morto.

A tristeza pelo homem que eu só tive pouco tempo para conhecer cresceu em mim. Carl era um cara legal, mais velho, com dois netos.

Algum idiota tinha arrancado ele de seu mundo sem um segundo pensamento, e foi minha culpa.

Flashbacks do acidente dos meus pais me atingiram e um grito agudo se levantou no meu peito. Eu tentei impedi-lo de emergir, mas eu estava lutando uma batalha perdida. Delta trouxera a escuridão para o meu mundo, uma escuridão que ameaçava consumir tudo e todos.

E se eu perdesse Beck e os caras? Eddy? Eu não sobreviveria.

Minha porta se abriu e eu gritei até as familiares linhas escuras do rosto de Beck brilharem na luz limitada.

— Butterfly. — Ele mordeu, seus olhos passando por mim.

— Você — eu tossi. — Você me seguiu?

Ele balançou a cabeça como se eu fosse um idiota. — Claro que sim. Você exigiu sua independência e, embora eu a aceitasse, ainda não havia nenhuma maneira no inferno de deixa-la viajar para a cidade sem um de nós.

— Carl está morto — eu disse baixinho, minha voz rouca de lágrimas. — Alguém chegou a ele enquanto eu estava na minha reunião.

Os olhos de Beck se moveram brevemente em direção ao motorista, mas então eles ficaram trancados em mim. — Eu perdi porque estava de olho em você. Precisamos sair daqui, Butterfly, e precisamos de Carl e o carro seja movido para outro local. Se este escritório de advocacia estiver realmente ajudando a derrubar a Delta, então não pode haver laços conosco.

Eu agarrei seu braço, um pouco da dor e pânico em meu peito, facilitando o calor de seu corpo. — Devemos entrar e pedir ajuda a Wells. — Eu disse suavemente. —Ele saberá... legalmente, a melhor maneira de

lidar com isso. Você sabe, antes de todos nós sermos acusados de assassinato.

Beck riu sombriamente. — Ser acusado de assassinato é a menor das nossas preocupações se a Delta descobrir que estamos tentando derrubá-los.

Seus olhos se ergueram para o impressionante edifício que eu acabara de deixar. De alguma forma, ainda não havia ninguém na rua, mas era Nova York e, embora esse escritório estivesse em uma rua lateral, alguém ainda viria em breve. Nós precisávamos sair do carro.

Eu empurrei contra Beck. — Vamos lá, vamos entrar.

Ele não parecia feliz, e esse olhar particular e furioso era um dos mais assustadores. — O que faz você pensar que podemos confiar nesse advogado? — Ele disse suavemente, recuando e me puxando com ele. — Ele pode ser quem matou Carl. Ele pode ter orquestrado tudo isso para deixa-la sozinha e indefesa.

Eu balancei a cabeça. — Já pensei nisso, o suspeito, mas… meu instinto está me dizendo que podemos confiar em Wells. O destino o colocou no meu colo. Não devemos ir contra o destino.

Beck sacudiu a cabeça, mas não discutiu mais nada. Quando estávamos de pé na rua, o vento fresco chicoteando através de nós, enviando meu casaco para fora, ele afastou meu olhar do corpo visível através do para-brisa dianteiro.

— Espere aqui por um segundo. — Disse Beck. — Vou limpar nossas impressões do carro.

Claro. Por que não pensei nisso? Quero dizer, ao contrário de Beck eu não acabei em situações de vida ou morte no regular, mas eu era uma grande aficionada do CSI.

Beck tirou um pano branco e uma pequena garrafa de spray do bolso... por que diabos ele estava carregando um pano e spray para remover as impressões digitais? Eu provavelmente não queria a resposta para isso.

Pela primeira vez ele me deu um sorriso lento. — Eu tive um sentimento.

Quando Beck estava prestes a limpar o carro, caminhei um pouco mais perto da calçada. As poucas luzes da rua acima de nós estavam apagadas, o que era de certo modo agourento. Beck fez isso? Ou o assassino?

E o assassino estava por aqui em algum lugar ainda.

Meus olhos dispararam, tentando absorver tudo, mas estava tão escuro que a visibilidade era quase nula...

Espere.

Uma sombra no para-brisa dianteiro chamou minha atenção e eu tropecei mais perto, com cuidado para não cair na sarjeta. Meus olhos levaram alguns minutos para se ajustarem e, quando eles conseguiram, eu de alguma forma consegui não gritar, apertando a mão com força sobre a minha boca.

Rosa preta.

Uma única rosa negra estava enfiada nos limpadores. Eu me atrapalhei com meu telefone novamente, levantando-o para que houvesse uma luz muito baixa em todo o carro. Minhas mãos tremiam com o vermelho correndo nas linhas dos espinhos. *O sangue de Carl.* Eu sabia que era o sangue de Carl, assim como eu sabia que o assassino estava me deixando uma mensagem.

Você é a próxima.

CAPITULO DOZE

Mais tarde, poderiam ter sido minutos... ou horas, Beck apareceu ao meu lado.

— Butterfly? — Ele disse, quase um sussurro do meu nome.

— Para-brisa. — Eu sufoquei.

Ele se afastou de mim e eu poderia jurar que o calor que ele sempre exalava subia mais alguns graus.

Ele passou um braço ao meu redor e praticamente me levantou da calçada, nos tirando do vento frio e entrando no prédio dos Wells. O guarda de segurança correu para oferecer ajuda, mas Beck acenou para ele, levando-me até os elevadores e colocando o telefone no ouvido. Ele estava ao meu lado, mas um toque incessante na minha cabeça estava dificultando a concentração no que ele estava dizendo.

Eu ouvi as palavras *subirem* e *sangrarem,* provavelmente porque aquelas duas palavras já estavam correndo ao redor da minha cabeça, me enchendo de medo e raiva.

Se Catherine estivesse fazendo isso, eu iria matá-la. A cadeia era boa demais para ela, ela precisava morrer. Mais vozes estavam falando ao meu redor e não foi até que Beck se sentou e me puxou para seu colo que eu tirei de qualquer choque que tivesse tomado conta de mim. Ele tinha os braços em volta de mim e eu pressionei meu rosto em seu casaco de lã.

— Os caras estão a caminho. — Beck disse suavemente e eu levantei a cabeça para encontrar seus olhos. Precisando da tranquilidade que eu encontrava frequentemente em seu olhar. Claro, a

tempestuosidade deles deveria ter me assustado, mas eu estava bem longe disso com Beck. Eu estava segura com ele.

— Senhorita Deboise. — Disse Jarred Wells, chamando minha atenção para ele. — Diga-me exatamente o que aconteceu.

Me preparando, eu assenti, tentando acertar minha cabeça novamente. Felizmente o choque desorientador no meu corpo começou a desvanecer-se quando a adrenalina diminuiu. — Eu saí para o carro e meu motorista estava morto. — Eu comecei antes de rapidamente preenche-lo em tudo o que aconteceu.

— Delta não pode saber que estamos aqui. — Foi a única contribuição de Beck para a conversa, seu corpo tenso sob o meu, o calor ainda derramando dele.

Ele estava chateado. Mega chateado. Eu também não podia culpá-lo. Eu estava firme e exigia independência, entrando na cidade sozinha e meu maldito motorista tinha sido morto. Eu tinha certeza de que Beck estava pensando em como poderia ter sido facilmente eu. Sozinha, indefesa na cidade de Nova York, com um assassino claramente atrás de mim.

Nós estávamos um passo dele me dizendo - “Eu disse a você, porra” -, e ele teria todo o direito.

A pele fina ao redor dos olhos de Jarred Wells se apertou, o único sinal de que ele estava preocupado. — Devemos trabalhar rapidamente para que a Delta não descubra. Eu tenho um amigo na polícia, um detetive bastante alto, que odeia sua empresa tanto quanto eu. Ele pode nos ajudar nessa situação.

Seus olhos encontraram os meus diretamente e ele parou por um momento. — Esta situação e a outra que discutimos a Srta. Deboise.

Eu balancei a cabeça.

Foi bom que ele ainda estivesse me tratando como seu principal ponto de contato nessa situação. Geralmente Beck teria acabado de assumir. Mas pela primeira vez, ele não flexionou sua personalidade, permitindo-me permanecer no controle.

Seu olhar nunca saiu de Jarred, porém, observando como ele chamava seu amigo detetive, esperando que o carro e o corpo fossem removidos e o tempo todo, Beck continuou a observar tudo em seu modo silencioso e mortal.

Então esperamos até ele receber o texto. — Os caras estão aqui. — Disse ele brevemente, em pé e levantando-me com ele antes de cair suavemente aos meus pés. Já era *muito* tarde, mas Jarred não fizera nenhum movimento para nos fazer partir. Em vez disso, ele ficou em silêncio esperando conosco.

— Eu entrarei em contato em breve. — Eu disse suavemente e ele apenas assentiu.

— Pegue a escada de trás. Mesmo que meu amigo possa suavizar qualquer testemunha, não queremos que a palavra volte para a Delta…

Nós realmente não queríamos que isso acontecesse.

Beck e eu saímos pela escada dos fundos e, ao descermos, percebi uma coisa. — Como você chegou aqui? Você claramente não tem um carro por perto se tivéssemos que esperar pelos caras.

— Um amigo me deu uma carona no jantar.

— Que amigo? — Eu empurrei.

Beck sacudiu a cabeça. — Ninguém que você conhece. Vamos chama-lo de alguém que me deve um favor e sabe que vale mais do que a sua vida falar sobre qualquer coisa a ver com a Delta.

Eu estava realmente muito cansada e me apavorei para interrogá-lo ainda mais. Amar e confiar em alguém não significava que você não tinha segredos, significava que você confiava neles para garantir que seus segredos nunca voltassem para te machucar. Beck e eu poderíamos finalmente estar nesse ponto.

Ou talvez eu tenha acabado de dar a mínima. Havia tanta coisa com que uma pessoa poderia se preocupar e eu atingira meu limite.

Um familiar SUV escuro estava esperando nas sombras do lado de fora da escada. De alguma forma, Beck achara tempo para que eles soubessem onde nos buscar. — Riles — disse Dylan enquanto eu subia nas costas. — Você está bem?

Sua preocupação era óbvia e eu me sentia marginalmente melhor apenas por estar de volta com todos eles. — Sim, não realmente.

Beck empurrou para o outro lado de mim e eu estava entre ele e Evan. Jasper estava dirigindo com Dylan na espingarda.

— Conte-nos tudo o que aconteceu. — Disse Evan no momento em que nos afastamos. — Beck só nos deu os destaques.

Provavelmente preocupado com os telefones sendo tocados, embora aparentemente eles tivessem telefones descartáveis. Bastardos desconfiados estavam começando a fazer sentido. Eu finalmente pude ver o quão assustador essa situação era.

Eu disse a eles rapidamente sobre o meu encontro com Wells. — Ele disse que as provas de Dante não são suficientes. Ele aparentemente está procurando um jeito de derrubar Delta por anos, e ele não vai atrás deles

com nada que seja circunstancial. Temos uma chance e ele não vai desperdiçar.

Que foi o que Rob disse também.

— Esse tipo de Wells parece bom demais para ser verdade. — Disse Jasper secamente.

Ninguém discordou. — Eu tenho a vibração que ele teve algum tipo de carne com Delta no passado. Talvez devêssemos dar uma olhada nele? — Eu sugeri.

Beck sacudiu a cabeça. — Nós saberemos em breve se ele estiver jogando conosco. Delta vai chegar até nós com todo o seu poder.

— Então, esperamos e vemos. — Disse Evan, soando relaxado o suficiente.

— Wells está certo. — Disse Dylan sombriamente e me perguntei por que ele não estava olhando para mim. Normalmente ele me encarava diretamente quando falava. Muito contato visual. Essa foi a coisa de Dylan. Mas agora ele estava olhando pela janela. — Todos nós temos um tiro e, se falharmos, eles nos enterrarão. Herdeiros ou não.

Foi uma sensação pesada, a pressão nos esmagando. Mas eu não estava desistindo.

— Eu tenho um plano em relação a isso. — Eu disse em voz baixa. —Mas antes de eu entrar nisso, devemos discutir esse maldito idiota do assassino de rosas.

Evan bufou. — Rose Killer. Soa como uma cadela com um nome assim.

— Vocês conseguiram alguma coisa nas outras flores? — Eu perguntei, ignorando Evan.

— Não. — Dylan disse brevemente e eu percebi que não era a única a notar sua atitude esquisita.

— E quanto à informação sobre presentes que Katelyn recebeu? — Eu pressionei.

— Graeme está bloqueando todo o acesso à sua família e aos arquivos da polícia. — Jasper respondeu desta vez e o contraste entre ele e Dylan fez a tensão disparar. — Mas estamos trabalhando em entrar... vamos chamar de acesso lateral.

O que provavelmente era uma boa ideia, uma vez que agora sabíamos que esse assassino de rosaS era um verdadeiro assassino.

— Pobre Carl. — Eu disse suavemente, meu peito doendo novamente. — Ele tem filhos e netos. Quero dizer teve. Ele tinha... — Eu parei.

— Pelo que vale a pena — Beck disse gentilmente, — sua família será compensada.

Não era o suficiente, mas pelo menos era algo. Eu não tinha ideia de como Beck iria administrar isso sem desviar o Delta para o nosso envolvimento, mas ele descobriria um jeito.

As luzes brilhantes da cidade me atingiram quando finalmente saímos das ruas secundárias, onde ficava o edifício Wells. Apesar do fato de que era no meio da noite, havia pessoas em todos os lugares e eu pisquei com o barulho repentino e atividade. Eu estava sentada em uma bolha de assassinato por muito tempo e quase não consegui correlacionar os dois mundos.

— Qual é o seu plano? — Beck quebrou o silêncio e eu empurrei no meu lugar.

— Merda, você me assustou. — Eu disse, pressionando minha mão no meu peito. — Desculpe, devo ter estado no meu próprio mundo.

Seu polegar roçou minha bochecha. — Você está em choque ainda. Dê um tempo a você mesma.

Eu balancei a cabeça, minha cabeça saltando para cima e para baixo, embora eu não tivesse certeza do que diabos eu estava sentindo. — Então, o plano...

Eu respirei fundo, me perguntando se eles pensariam que eu era uma idiota ou não.

— Eu acho que devemos votar em Huntley na Delta.

Deixei isso entrar por um momento, imaginando qual seria a reação inicial deles.

— Você está fora da porra da sua mente? — Jasper perguntou, parecendo quase divertido com a minha sugestão maluca. — Beck, você precisa verificar sua mulher. Ela é louca pra caralho.

Eu segurei a mão, mesmo que Jasper estivesse olhando a estrada e não pudesse nem me ver. — Ouça-me antes de dispensar meu brilho. — Minha tentativa de brincadeira caiu muito plana. — Há mais do que apenas votar neles e esperar que o conselho entre em guerra e mate uns aos outros.

Evan bufou, balançando a cabeça. — Isso na verdade pode não ser uma má ideia. Guerras no Delta os enfraqueceriam muito.

— Isso não é suficiente para mim. — Eu disse, deixando um pouco da raiva sombria que estava fervendo dentro desde que eu fui trazida pela primeira vez para este mundo. — Eu quero que eles sofram. Quero-os vivos, despidos do seu dinheiro e poder, à mercê dos criminosos, em qualquer prisão horrível que arranjamos para eles estarem.

Eles destruíram tantas vidas. Era hora de pagar.

— E como você propõe deixar Huntley ganhar o assento final vai garantir isso? — Beck perguntou, parecendo que ele estava me levando a sério.

Eu limpei minha garganta. — Precisamos de acesso ao cofre. É aí que toda a evidência está. Décadas de porra de provas.

Meu corpo estava tenso enquanto eu esperava novamente. — Ninguém sabe onde fica o cofre. — Disse Dylan, pensativo e ainda fazendo o estranho olhar para fora da janela. — Ninguém. É o maior segredo guardado que a Delta tem.

— Alguém tem que saber. — Eu disse a ele tão pensativamente. — Alguém deposita a evidência lá.

A mão de Beck agarrou a minha, seu polegar roçando minha pele. — Um dos anciãos é o guardião secreto. Há sempre apenas uma e nenhuma tortura o faria desistir da localização. Após a sua morte, há uma porra de uma cerimônia e tudo onde eles usam o polegar para abrir um cofre que dá direção ao próximo guardião secreto.

Jasper bufou. — Essa velha merda não iria quebrar. Ele não é humano. Mas suponho que poderíamos derrubá-lo e remover o polegar.

Eu balancei a cabeça. — Não, ainda não estamos lá. Além disso, estou supondo que ele está bastante protegido.

O silêncio sombrio me disse que eu acertaria a unha na cabeça lá.

— Ok, então ele é o único que sabe. Ele está desprotegido quando coloca o vídeo no cofre? Como… quando ele colocou o meu lá? — Eu estava tentando juntar tudo.

Beck sacudiu a cabeça. — Não, ele contrata um corredor que ele mata depois do fato. Promete dinheiro a alguém e, quando faz sua tarefa, ele se livra deles.

Repugnante. A prancha Delta precisava descer.

— Por que ele não faz isso sozinho? Seria mais fácil.

Dylan finalmente se virou, e eu me encolhi com o quão duro e escuro seu rosto era. — Quando você já viu a Delta sujar as próprias mãos? O ancião não vai querer amarrar o cofre, não importa o que aconteça e ele está garantindo isso usando suas fraldas descartáveis.

Porra. — Ainda mais razão para usar o meu plano. Se não podemos torturar as informações do ancião, precisamos garantir que haja um novo recruta que precise de um vídeo de iniciação. Não há mais herdeiros, então a única opção é Huntley no último lugar. Então seguimos o lacaio, de alguma forma e encontramos a localização e a exigência para entrar no cofre. É a nossa única chance. O cofre é o único lugar que terá o que precisamos. Evidências que não podem ser contestadas.

Eu cruzei meus dedos na mão que Beck não segurou, rezando para que este plano fosse viável. Porque eu precisava de algo. E eu precisava disso em breve. Mesmo se nós cinco eventualmente assumíssemos nossos papéis como herdeiros, com nossos pais e os anciões ainda lá dando ordens, ameaçando nossos entes queridos, nós nunca seríamos livres. O perigo nunca iria diminuir. Nós tivemos que acabar com essa merda de uma vez por todas.

— Pode funcionar. — Jasper disse suavemente, capaz de virar um pouco agora que estávamos quase fora da cidade. — Há uma chance, pelo menos.

— Se não funcionar — advertiu Dylan, — adicionamos uma pessoa muito perigosa ao nosso conselho e perderemos algum controle.

Beck ficou em silêncio, todos nós esperando por sua opinião. Ele era o líder não dito deste alegre bando de idiotas e sua opinião tinha muito peso. — Eu acho que devemos dar uma chance. — Ele finalmente disse e eu soltei um suspiro aliviado. — Huntley não vai colocar muito mais perigo em nossa posição — o conselho da Delta e nossos pais sempre foram as verdadeiras ameaças. Vale a pena ver se podemos derrubá-los.

— Isso vai ser interessante. — Murmurou Dylan tão baixo que acho que fui a única a ouvi-lo. Por qualquer motivo, enviou um arrepio de apreensão através de mim.

CAPITULO TREZE

Apertei meu queixo e tentei me arrastar para fora do mau humor em que eu tinha acordado, mas não adiantava. Suspirei pesadamente e fechei a porta do armário com força, quase perdendo a ponta dos dedos de Eddy. Ela tinha acabado de voltar de sua semana com os avós e estava tão aborrecida quanto eu por estar na escola.

— Desculpe. — Eu murmurei para ela quando ela gritou e olhou para mim.

— Sem drama. — Ela respondeu com um olhar cauteloso. — Alguém teve uma noite difícil?

Eu soltei outro suspiro e joguei meu cabelo para trás por cima do meu ombro. Como se o fim de semana não tivesse sido ruim o suficiente, o que aconteceu com o assassinato de Carl e a rosa ameaçadora para mim, meu laço de cabelo havia partido no caminho da escola e eu não tinha outro. — Sim, você poderia dizer isso. — Eu concordei. Sem querer, procurei nos corredores por Beck.

Quando os caras me disseram o plano para esta semana, eu ajustei uma merda que acabou com Beck dormindo no sofá e eu olhando para o teto toda maldita noite.

— Fazer nada. — Era para isso que o plano se resumia.

— Ei, por que não pulamos a aula e vamos tomar um café de verdade? — Eddy sugeriu, ligando o braço dela ao meu. — Você parece que poderia fazer uma pausa... de tudo e eu senti sua falta enquanto eu estava fora.

Eu quase acenei para ela, mas a nota estranha em sua voz me fez olhar mais de perto para ela. — Eu estou bem. — Eu assegurei a ela com uma pequena carranca. — Só não dormindo bem desde... você sabe.

Seus lábios franziram e ela assentiu. — Desde que seu melhor amigo e meu amante casual foi acusado de assassinar um de nossos colegas? Sim, é o que eu quis dizer.

Ela fez uma pausa, avistando os caras vindo em nossa direção pelo corredor. — Eles têm…? — Ela parou, mordendo o lábio enquanto mantinha os olhos nos quatro reis da Ducis Academy. — Eles estão sendo idiotas sobre isso? Eu sei que eles são os únicos que bateram em Dante quando você tirou aquela semana da escola.

Assustada, parei de andar, girando-a para me encarar. Algo mais estava empurrando essa dúvida dela, algo mais sério do que ela estava deixando transparecer. — Eles estão totalmente bem — respondi, — eles estão ajudando a elaborar um plano para que Dante seja libertado, já que todos sabemos que ele não fez isso. — Eu olhei para ela mais perto. — Está tudo bem com você? Tudo bem com a sua família? Seus pais não causaram drama, não é?

Eddy sacudiu a cabeça e me deu um sorriso tenso. — Não, tudo bem. A avó era a mesma velha. Cadela intrometida. Mas foi uma boa fuga. Os pais são MIA, como de costume. — Ela olhou para os caras uma última vez. — De qualquer forma, é melhor eu entrar na aula de história. — Ela correu de volta pelo corredor bem antes dos caras chegarem, e eu fiz uma careta para ela, confusa pra caralho.

— Qual é o seu negócio? — Evan perguntou, franzindo o nariz quando Eddy desapareceu no enxame de estudantes uniformizados.

— Eu não tenho ideia. — Murmurei em resposta. Eu não me incomodei em dizer que ela tinha acabado de dizer que precisava ir para a aula quando era o começo da pausa para o almoço. Ela estava evitando

os caras por algum motivo... Eu fiz uma nota mental para encurralar ela mais tarde e descobrir o porquê.

Beck pendurou o braço em volta dos meus ombros, me puxando para perto e me cravando com um beijo seriamente intenso. Assustada, soltei um guincho e o empurrei de volta. Eventualmente Não era como se eu não quisesse que ele me beijasse, eu estava apenas confusa sobre o porquê de o PDA ser repentinamente uma coisa para nós.

— Uh, oi? — Eu olhei para ele, mesmo quando ele me colocou de lado enquanto nos dirigíamos para o refeitório.

— Ei. — Ele respondeu com um sorriso arrogante.

Cabeça de merda. Ele sabia exatamente o que eu estava perguntando.

Jasper bufou uma risada quando ele segurou a porta do refeitório aberto para nós e eu o lancei com meu olhar desconfiado.

— Comece a falar. — Exigi, sabendo que ele era o alvo mais fácil.

Jasper me deu um sorriso largo e presunçoso. — Beck ouviu um dos caras em estudos sociais falando sobre seus seios. Parece que ele decidiu apostar na reivindicação.

Eu soltei um ruído chocado e cutuquei Beck no lado. — Isso é verdade? Você acabou de me irritar publicamente porque um cara elogiou meu peito?

Ele não deu nenhuma resposta, mas quando chegamos à nossa mesa habitual, ele se sentou e me puxou para o seu colo e começou a se certificar de que toda a porra da academia sabia que estávamos juntos. Seu aperto na minha bunda só diminuiu quando eu estava gemendo suavemente em sua boca e lutando contra o desejo de esfregar todo seu pau duro.

— Você está certo, eu fiz. — Ele me disse em uma voz encharcada de sexo e necessidade. — Agora ninguém pode fingir que eles não sabem.

Eu arqueei uma sobrancelha. — Não sabem o quê?

O olhar de Beck estava quente, colocando fogo em todo o meu corpo. — Que você é *minha.*

Mordi o lábio para conter o sorriso exultante que queria me libertar.

— Agora, Sebastian. — Ru repreendi brincando. — Nós já passamos por isso. Mas acho que podemos nos conformar com a propriedade mútua... até que eu possa ficar sozinha para uma luta pelo poder depois. — Sugeri o último em um sussurro ofegante e cheio de luxúria e os quadris de Beck estremeceram ligeiramente.

— Casal. Ponto feito. — Jasper jogou um guardanapo enrolado na cabeça de Beck em um gesto brincalhão, mas quando nos viramos para olhar, seus olhos ficaram um pouco mais sérios.

Limpando minha garganta de vergonha, de repente, lembrei que toda a maldita academia estava me vendo em PDA, foda-se meu namorado, eu fiz para sair do colo de Beck. Ele me agarrou pela cintura antes que eu pudesse ir longe, girando-me para encarar a mesa, mas me mantendo em seu colo.

— Só por alguns minutos. — Ele rosnou baixinho no meu ouvido. — Me dá um momento para pensar sobre coisas realmente nada legais, então eu não sento aqui com o meu tesão em exposição para toda a escola.

Eu ri uma risada, pegando uma batata frita da bandeja de comida que Dylan tinha acabado de entregar na minha frente. — Caso de quem é dono de quem. — Eu sussurrei de volta para Beck com um sorriso maligno.

— Pessoal, sério, tempo de conversa. — Disse Evan, chamando minha atenção para longe da ereção de Beck pressionada contra a minha bunda. — Beck apostando em uma reivindicação pública deixa Riley na mira da Delta, não é? — Ele atirou um olhar para Dylan enquanto dizia isso e eu estava curiosa para ouvir a resposta.

Nós *tínhamos* mantido nosso relacionamento baixo para que a Delta não tentasse usar nossos sentimentos um contra o outro. Eu sendo o elo fraco do grupo e tudo, não era uma boa ideia para eles saber que eu era uma fraqueza para qualquer um dos caras. Então o que mudou?

— Não importa. — Dylan murmurou, soando um pouco azedo. — Todo mundo com olhos pode dizer que eles estão fodendo, mesmo que eles não estejam se dando bem em público.

— Verdade, merda. — Jasper riu. — A tensão sexual é elétrica. — Ele me cutucou no braço e fez um som de zapping, o que me fez sorrir como uma espécie de tolo amado.

Droga. Beck estava totalmente arruinando meu frio.

— Além disso. — Beck acrescentou, chegando ao meu redor para pegar algumas batatas fritas para si mesmo. — Meu pai já nos descobriu. Não há muito sentido em esconder quando o maior lobo de todos tem o nosso cheiro.

— Faz sentido, eu acho. — Eu comentei. A tensão parecia ter desaparecido de Beck, mas dei-lhe um rápido olhar para verificar se ele estava bem comigo saindo de seu colo. Com o pequeno aceno de cabeça, eu deslizei para o meu lugar.

Não me entenda mal, eu adorava estar sentada no colo do meu namorado tanto quanto qualquer garota mas, considerando todas as coisas pesadas que aconteciam em nossa pequena equipe, eu preferia me sentir como uma jogadora igual, não uma líder de torcida.

— Então, nós fizemos algum progresso no acesso aos arquivos da Huntley? — Eu fiz a pergunta para Jasper, e por, nós, eu realmente quis dizer ele. Eu descobri no fim de semana que a porta dos fundos que eles planejavam usar para acessar os arquivos era na verdade uma garota hacker genial que Jasper tinha ligado há um tempo atrás. O segredo não estava em ganhar acesso ao servidor, foi em Jasper convencer essa garota a realmente ajudar em primeiro lugar.

— Uh, sim, está chegando lá. — Suas bochechas coraram rosa e de repente ele ficou muito interessado em seu almoço por algum motivo.

Evan cobriu um sorriso com seu hambúrguer e eu estreitei meus olhos para ele. — Derrame.

— Jasper tentou sua rotina habitual nela esta manhã em economia e ela deu um tapa nele. — Evan estava praticamente alegre com a informação e o rosto de Jasper ficou ainda mais sombrio.

— Uau. — Eu disse, um pouco chocada. — Essa é a primeira vez para você, Jas? — Seu rosto diz que talvez seja o primeiro, o que me surpreende um pouco.

Jasper parecia genuinamente ofendido com isso. — Que diabos isso significa? —

Dei de ombros. — Só que eu percebi que você foi esbofeteado várias vezes. Você é uma espécie de prostituta.

Com isso, até Dylan e Beck riram. Ou... como uma risada, como qualquer um deles era capaz de fazer em público, o que era mais um sorriso do que qualquer coisa. Ainda. O suficiente para ter Jasper indignado.

— Corrigindo, querida. — Ele comentou, na defensiva. — Esta *é* a primeira vez que eu fui esbofeteado. Supostamente depois que eu me

juntei a Layla no ano passado, eu a levei em um encontro e ela me encontrou na cama com sua colega de quarto.

Eu soltei uma risada. — Eu não estou nem surpresa. Você mereceu aquele tapa, tão bom para ela.

Jasper franziu o cenho. — Eu nem lembro de ter feito isso. Houve uma fase difícil com alguma merda em casa... Eu estava bebendo muito, entre outras coisas.

— Bem... — eu enruguei meu nariz e tentei não rir do seu rosto de mau humor. — É melhor você ficar de joelhos e rastejar. Se essa garota pode hackear um sistema que nenhum de vocês três candidatos a James Bond podem hackear... então precisamos dela. Rápido. — A audiência de Dante está marcada para esta sexta-feira. Na verdade, já deveria ter acontecido, mas Beck estava usando sua influência para afastar o máximo de tempo possível. Ontem, que foi o que desencadeou nosso argumento, essa influência se esgotou.

— Eu sei, eu sei — Jasper se mexeu. — Eu estou mais chateado comigo mesmo por fazer isso em primeiro lugar. Quando ela parou de flertar comigo, parou de sair do seu caminho para correr para mim nos corredores, eu percebi que ela era apenas uma *daquelas*, sabe? — Quando ele disse isso, ele deu uma cabeçada sutil em direção ao bando de garotas cujas saias eram sempre muito curtas, suas camisas muito apertadas e seus olhos permanentemente permanecendo por muito tempo no meu pessoal. Eu não tinha realmente interagido o suficiente com outros alunos da Ducis Academy para conhecê-los pelo nome. Exceto por Brittley, é claro, mas eu entendi o que ele queria. Ele achava que essa Layla era apenas uma alpinista social que queria marcar “fodendo um herdeiro Delta” em sua lista.

— Nunca ocorreu a você que você estava fodido? — Eu pressionei, então me arrependi quando Jasper fez uma careta. Talvez ele gostasse

mais dessa garota do que do resto? De qualquer forma, ele precisava começar a fazer as pazes.

Limpando todos os traços de provocação do meu rosto, eu alcancei a mesa para pegar sua mão na minha. — Como posso ajudar, Jas? Eu poderia ser uma ótima ajuda.

— Está tudo bem. — Ele suspirou e me deu um sorriso agradecido. — Eu vou resolver isso. Não se preocupe, tudo o que precisamos é de uma razoável dúvida de que eles descartam as acusações. Tenho certeza de que todo um arquivo de ameaças de morte fará isso.

Meu estômago se contorceu de preocupação. — Acredito que sim.

Debaixo da mesa, Beck se aproximou e pegou minha mão na sua, entrelaçando nossos dedos juntos. Foi uma coisa pequena, mas me lembrou que estávamos juntos nisso.

CAPITULO QUATORZE

A tarde passou rapidamente e quando eu saía da minha última aula, avistei o banheiro e balancei a cabeça. — Volto já. — Eu disse a Dylan.

Ele apenas grunhiu e eu parei. — Cara, eu vou precisar que você pare de grunhir comigo e comece a usar suas palavras. Claramente algo está acontecendo com você e eu estou aqui se você precisar falar sobre isso.

Dylan apenas balançou a cabeça. — Não estou pronto para falar sobre isso, Riles. Mas vou tentar o meu melhor para limitar o grunhido.

Suspirei. — Legal para mim. — Mesmo que realmente não fosse. Por instinto, inclinei-me para a frente e passei meus braços ao redor dele. Abraçando-o com força. Eu amava Dylan como um irmão, ele era um amigo sólido e uma pessoa leal, mas o que quer que estivesse com ele me incomodava. Ele estava agindo estranho por dias. O instinto me disse que eu precisava chegar ao fundo antes de aumentar ainda mais.

Os braços de Dylan se apertaram ao meu redor, levantando meus pés do chão.

“Prostituta”, alguém tossiu quando eles passaram por nós, mas eu não dei a mínima. Eles poderiam pensar que eu estava fodendo todos os quatro caras, tanto quanto eles queriam. Mesmo se eu estivesse, isso não me tornaria uma prostituta. Eu amava os herdeiros Delta, cada um dos seus rabos estragados, intitulados, perigosamente assustadores, de modo que nunca seria apenas sobre sexo.

Infelizmente, eu não amava os outros três como eu amava Beck.

Ele era para mim. Eu era uma porra de um caso perdido.

Dylan aguentou mais do que eu esperava e eu não tentei me soltar. Ele precisava muito desse abraço e eu estava aqui para ele. Quando ele finalmente me deixou ir, eu fui para o banheiro, desesperada para fazer xixi. Quando terminei, lavei as mãos e endireitei minha bagunça de cabelo. Estava em toda parte. Provavelmente desde que Beck me atacou na hora do almoço. Ninguém estava no banheiro comigo, cortesia de Dylan, sem dúvida e eu estava realmente esperando que fosse ele quando a porta se abriu e uma figura entrou.

Não foi.

Foi Sami.

Ela encontrou meu olhar no espelho antes de verificar rapidamente cada banheiro e então tirou alguns pequenos dispositivos que ela percorreu pela sala. Eu fiquei lá com os olhos arregalados, me perguntando o que diabos estava acontecendo, quando ela parou ao meu lado.

— Desculpe por toda a capa e punhal besteira. — Disse ela rapidamente. — Meu pai é paranoico no melhor dos tempos. E quando se trata de Delta, ele é paranoico com esteróides.

Eu balancei a cabeça rapidamente, porque esse tipo de paranoia poderia nos manter vivos.

— Você tem alguma informação para mim?

Ela assentiu. — Sim. O corpo foi cuidado e foi ligado a outro crime. O departamento de polícia de Nova York já mandou arquivá-lo e nada deve voltar para você.

Eu engoli em seco, pensando no pobre Carl.

Ela tirou alguns arquivos da bolsa e entregou-os. — Ele também encontrou algumas coisas que ele acha que poderia ajudar com Dante e também com quem matou seu motorista.

Eu olhei para a pasta amarela simples com nenhuma marca de identificação nela. — Isso é coisa Delta? — Eu perguntei.

Ela encolheu os ombros. — Eu sou apenas a mensageira. Mas tenho a impressão de que talvez o seu motorista não tenha nada a ver com a sua empresa. Papai pareceu indicar que pode ser algo relacionado a você.

A pasta parecia queimar sob minha mão.

— Ele quer outra reunião em breve com o seu progresso. — Disse ela. —Eu aviso você.

Eu balancei a cabeça e então ela girou e desapareceu. Minhas mãos tremiam quando olhei para a pasta novamente. Eu queria rasgar e ver o que ele me enviou, mas eu também sabia que os meninos ficariam chateados se eu olhasse sem eles.

Caso em questão, quando Dylan enfiou a cabeça dentro da porta.

— Tudo bem aqui, Riles?

Respirando fundo, enfiei a pasta na minha bolsa e assenti. — Tudo bem. Apenas uma conversa de garotas.

Eu pisquei, mas sem dúvida ele podia ver a expressão séria escondida atrás da minha fingida.

— Isso é bom. — Disse ele com seu próprio sorriso falso. —Há um pouco de fila aqui, embora. Você está pronta para ir?

Eu bufei com o fato de que ele manteve todo mundo fora, então eu tinha privacidade. E segurança, sem dúvida.

— Sim, vamos fazer isso.

Eu recebi vários olhares quando saí, mas todos eles conseguiram manter a boca fechada. A carranca assustadora de Dylan provavelmente tinha algo a ver com isso. Mas gosto de pensar que fui eu.

— Pensa que ela é a maldita rainha. — Alguma cadela murmurou perto do final da fila. — Nada além de uma puta esgotada.

Ela olhou para mim por baixo de seu cabelo loiro platinado e grossas sobrancelhas negras e talvez fosse o fato de que estávamos lidando com tanta merda e essas bucetas simplesmente não parariam com a porra do nome, mas eu tinha o suficiente.

Girando para longe de Dylan, eu avancei nela. Minha expressão deve tê-la informado sobre como eu estava com raiva... que eles empurraram e agora eu estava prestes a mostrar a eles o que acontece quando Riley foi para o limite.

— O que diabos você acabou de dizer? — Eu mordi quando estava a poucos metros dela.

Ela abriu e fechou a boca antes de se virar para a amiga. Claramente esperando por algum apoio, mas a amiga já estava recuando.

Minha mão estalou e agarrou seu queixo, segurando-a com força enquanto eu a forcei a olhar para mim. — Você não deveria chamar outras mulheres prostitutas. — Eu disse suavemente. — Nós deveríamos ficar juntos neste mundo fodido, não dividindo entre nós através de inveja mesquinha. Meu brilho não escurece o seu, amor.

Algum fogo voltou ao seu rosto enquanto ela lutava para libertar o queixo do meu aperto.

— Eu chamo isso como eu vejo. — Ela rosnou. — Você está fodendo quatro caras. Você teve um maldito grupo de garotos da escola, num tiro com você. Você. É. A. Prostituta.

Um estrondo por trás me disse que Dylan estava farto dessa cadela. Ele não era o único. Eu a soltei e, assim que os caras me ensinaram, eu balancei meu corpo para frente e bati meu punho em seu rosto, jogando-a para trás e para o chão. Ela começou a gritar e chorar, pressionando a mão na bochecha enquanto se afastava.

Eu segui, não dando a ela uma polegada. — Mais alguma coisa a dizer? — Eu perguntei. — Quero dizer, qualquer garota que fale sobre estupro coletivo como tendo um 'tiro' em mim, realmente não merece falar, então eu posso quebrar sua mandíbula. Se você quiser alguma ajuda para ficar quieta.

Ela balançou a cabeça freneticamente, os olhos ainda cheios de lágrimas de raiva. Agora, porém, havia uma boa dose de medo lá também.

Na verdade, quando me virei, nenhuma das garotas no corredor olhou diretamente para mim. Como se tivessem medo de chamar minha atenção. Isso me fez sorrir porque aparentemente o gene psicótico estava em todos os herdeiros do Delta.

Ligando meu braço através de Dylan, saímos da escola para encontrar Beck, Jasper e Evan nos esperando por seus carros. Todos eles tinham seus telefones, e eu me perguntei o que diabos eles estavam assistindo, até que chegamos perto e ouvi minha voz.

Eu empurrei minha cabeça para Dylan. — Você me filmou? Idiota.

Ele balançou sua cabeça. — Riles, estava quente pra caralho. Os caras precisavam ver você em ação.

Dei de ombros, sem me importar. Quando olhei de novo, os olhos de Beck estavam nos meus e seus olhos estavam ardendo. Ele arrastou seu olhar pelo meu rosto e pelo meu corpo, e eu realmente tremi. Meus joelhos pareciam um pouco fracos, e Dylan estava meio carregando meu peso quando chegamos lá.

— Butterfly... — Beck demorou.

Jesus. Apenas… eu realmente precisava de uma conversa com Jesus porque eu estava basicamente fodendo com Beck no estacionamento. Com meus olhos. Mas se não saíssemos daqui em breve, os insultos de "prostituta" estariam chegando com muito mais frequência.

Beck estendeu a mão e me levantou do chão antes de me depositar no banco do passageiro da Bugatti. Seus dedos roçaram meus mamilos enquanto ele clicava no cinto, e eu gemi, esse som baixo e ofegante e carente.

Nós estávamos brigando muito ultimamente, mas de modo algum isso diminuíra nossa atração. Se alguma coisa estava acontecendo era aumentando. Nós éramos apenas fodidos. Beck entrou no carro e o motor gutural rugiu para a vida. Eu gemi de novo porque eu não tinha certeza se tinha sido "desligada" por um tempo, e esse carro... era basicamente meu afrodisíaco.

— Espere, Butterfly. — Disse Beck, atirando-me seu sorriso perfeito.

— Desgraçado! — Eu mordi, apertando minhas coxas. — Você começou isso na hora do almoço.

Ele riu e eu gemi novamente quando ele saiu do estacionamento, pisando o pé assim que nos endireitamos. Eu tive que fechar meus olhos e pensar em coisas aleatórias ou eu estava indo literalmente subir no colo de Beck e fodendo em um carro em alta velocidade. Nós dois provavelmente morreríamos, mas valeria a pena.

A única coisa que não estaria bem seria se matássemos um espectador inocente, então eu teria que me manter em minha saia até chegarmos em casa. A mão de Beck deslizou pela minha coxa e eu agradeci a todos os deuses que eu não tinha usado calças hoje. Seus dedos acariciaram a pele nua, deslizando para roçar meu centro dolorido. Acariciando meu clitóris através do tecido de seda.

Eu arqueei minhas costas, deixando minhas pernas se abrirem o máximo que pude. — Beck, por favor. — Eu estava implorando enquanto brincava com meu corpo como se fosse uma de suas guitarras. Um especialista em usar os dedos para criar arte, magia, beleza.

Seu dedo deslizou sob o lado da minha calcinha e eu estava tão molhada que seus dedos deslizaram pelo meu corpo como se tivéssemos usado lubrificante. Ele circulou meu clitóris uma vez e, novamente, e eu gritei. Ele aumentou o movimento até que eu estava me contorcendo e soluçando.

— Venha para mim, baby. — Ele sussurrou em voz baixa e rouca e eu me despedacei, montando a mão dele o melhor que pude, o tempo todo desejando mais. Não foi o suficiente. Eu precisava de Beck dentro de mim. Eu queria que ele ficasse comigo até que eu esquecesse nossa bagunça de um mundo e tudo que eu conseguiria pensar era na maneira como ele destruiu meu corpo.

E minha alma.

Ele trabalhou comigo até que eu estava basicamente morta, meu corpo caindo fracamente no assento. — Você é muito bom nisso. — Eu choraminguei.

Beck levantou o dedo e lambeu, os olhos encobertos. Ele baixou o olhar para o meu e eu tremi com o calor ali. — Da próxima vez é a minha boca. — Ele prometeu e minha boceta basicamente pulou em atenção, pronta para tudo o que ele estava oferecendo.

Seu olhar voltou para a estrada e a minha foi diretamente para a ereção muito óbvia lutando contra suas calças. Merda. Isso não iria desperdiçar. Assim que estendi a mão para envolver minha mão em torno dele, Beck amaldiçoou, seu rosto duro enquanto olhava para a esquerda. Eu me virei naquela direção também, franzindo a testa ao ver os carros da polícia alinhados em frente ao nosso prédio.

Isso não pode ser bom.

De alguma forma, consegui afastar meus impulsos sexuais, endireitando-me para não sair do carro, a vagina tremulando ao vento. Beck tinha em seu — rosto de Delta — e desde que eu ainda não tinha aperfeiçoado um, eu trabalhei para parecer normal e imperturbável.

Nós estacionamos em nosso lugar normal na garagem segura. Dylan entrou um minuto depois com todos os outros, incluindo Eddy, que estava de volta morando conosco. Eu adorava ter minha melhor amiga por perto, mas sabendo que a estávamos colocando em perigo, a manchamos um pouco. Quando ela estava no Texas, ela estava fora da linha de fogo.

—O que há com o PoPo?— Eddy perguntou, arrastando-se para fora do carro, sua mochila escolar vindo com ela. —Havia polícia e carros de detetive lá fora.

Dylan levantou a mão, o telefone pressionado ao ouvido enquanto ouvia atentamente, e assentiu algumas vezes. Nós esperamos, e quando ele finalmente desligou, ele ficou sério. — Aquele era o conselho da Delta. As flores que enviamos acionaram algo no banco de dados da polícia e estão aqui agora para nos questionar. Não devemos dizer uma palavra até que nossos advogados cheguem, mas acho que é seguro descobrir o que eles sabem.

Os outros rapazes concordaram, nenhum deles preocupado em ser interrogado pela polícia. Eles eram os especialistas em mentiras, então esse era um dia normal no escritório para eles. — Você deveria sair daqui,

Edith. — Jasper disse, voltando—se para sua irmã. — Isso não é sobre você.

Ela cruzou os braços. — Porra que não é. Qualquer coisa a ver com você cinco é sobre mim. Você pode me considerar uma estranha porque eu não sou uma herdeira mágico, mas eu sou sua família. Toda a sua família. Eu não vou ficar de fora por mais tempo. Ela apontou um dedo na minha direção. — Como o que você fez com Dante e Riley. Eu deveria saber disso!

A raiva que eu tinha visto mais cedo em seu rosto voltou e tudo fazia sentido agora. — Você descobriu. Quanto?

Ela bufou, braços mais uma vez presos firmemente sobre o peito. — Porra, sim, eu fiz. Nossa prima me disse que os quatro herdeiros tinham fodido o quinto herdeiro para fazer com que ela se juntasse ao seu grupo de babacas. Machucou o amigo dela. Toda a família ficou impressionada com o quão brutal vocês são. As ações vão disparar sobre a Delta aparentemente. — Ela parecia enojada. — Tudo faz sentido agora. Os ferimentos de Dante. O jeito que Riley odiava todos vocês. A raiva dela.

Ela rosnou para eles. —Como vocês puderam fazer isso com ela? Eu a encorajei a voltar para vocês quando eu deveria estar encorajando-a a esfaquear todos no peito.

Dando um passo à frente, envolvi meus braços em volta da minha melhor amiga. — Eu amo você e agradeço sua raiva em meu nome, mas passamos por ela. Apenas confie em mim quando digo que os caras são tão vítimas da Delta quanto eu. Estamos trabalhando para garantir que essa merda nunca mais aconteça.

Seu rosto permaneceu furioso enquanto ela olhava para mim, tentando discernir se eu estava mentindo para ela. Finalmente, parte da raiva desapareceu. — Eles ainda são idiotas. — Ela finalmente disse.

Eu balancei a cabeça. — Eles são absolutamente. Os maiores idiotas. Mas eles são nossa família e precisamos aceitar que, embora eles possam agir como paus às vezes, eles sempre têm nossas costas.

Dylan bufou. — É como se nem estivéssemos em pé aqui.

Eu o sacudi antes que Eddy e eu nos abraçássemos novamente. Ela me segurou com força por um minuto, depois enxugou os olhos, endireitou-se. — Ok, estou pronta para lidar com a polícia. Vamos fazer isso.

Jasper bateu na cabeça dela. — Você vai ficar na parte de trás e manter sua boca fechada, Edith. A última coisa que precisamos é de alguém olhando para você quando se trata dessa merda. Você fica sob o radar.

Ela o saudou com um sarcástico meneio de cabeça. — Sim senhor.

— Esperta. — Jasper murmurou, mas ele não empurrou mais nada.

Eu me aproximei de Beck e ele envolveu um braço em volta de mim, me segurando contra o seu lado. Nós não mostramos à polícia nenhuma das fendas da nossa armadura. Hoje não. Hoje nós éramos uma equipe formidável que poderia assumir qualquer coisa.

Nós levamos as escadas para o nível do lobby principal, assumindo que era onde a polícia esperava por nós. A segurança na recepção permaneceu onde estavam, bloqueando o elevador, olhando para a meia dúzia de policiais que estavam diante deles. Alguns de uniforme. Alguns vestidos simples.

— Ninguém pode. — George, o segurança gigante que eu tinha certeza que era à prova de balas, estava dizendo aos policiais. Eu não tinha ideia de quantos anos George tinha. Sua pele escura era lisa, exceto

por algumas linhas de riso, mas as poucas pitadas de cinza em seu cabelo preto me disseram que ele era mais velho do que eu pensava.

Por mais velho que ele fosse, ele era assustador e formidável, e os policiais não estavam empurrando em frente a ele em tudo.

— Obrigado, George. — Beck demorou, empurrando-nos passando por um dos policiais uniformizados e apertando o botão do elevador. — Nós temos isso daqui. — Mal se incomodando em olhar por cima do ombro, ele se dirigiu aos nossos convidados. — Eu suponho que você gostaria de falar com a gente?

Um dos caras de terno, ao contrário de um uniforme, limpou a garganta e deu um passo à frente. — Sr. Beckett, — ele disse, lançando um olhar cauteloso sobre mim, então um mais rápido para o resto da nossa equipe. — Precisamos falar com Srta. Deboise com urgência.

Um sorriso de desprezo cruzou os lábios de Beck. — Você quer dizer que precisa falar *comigo*. Se há um problema policial relacionado a *Srta. Deboise,* então sou eu quem você precisa estar informando.

Por mais que eu soubesse que ele estava desempenhando seu papel, o arrogante herdeiro de uma corporação multibilionária, o tom misógino me irritou. Franzindo a testa para Beck, eu tirei o braço dos meus ombros e me aproximei do policial.

— O que Beck quis dizer — eu disse num tom doentio e doce, sabendo que Beck estava olhando para a morte nas minhas costas, — é que eu sou Riley Deboise e você é bem-vindo para falar comigo diretamente. Afinal, este não é o século XVIII. — Me chamar de Deboise virou meu estômago, mas o ponto de Wells tinha ficado comigo. Eu era uma Deboise, goste ou não. Havia muitas coisas maiores para me preocupar do que um sobrenome estúpido.

O homem de terno apertou minha mão e me deu um sorriso apertado. — Obrigado. Sou o detetive Shepherd, este é meu parceiro, o detetive Riggs. Podemos falar com você em algum lugar mais privado? — Ele lançou um olhar para George, que deu um puxão de sobrancelhas atrevido e eu precisei engolir uma risada.

— Podemos falar lá em cima. — Dylan ofereceu, entrando antes que Beck fizesse algo idiota. Como me bater na cabeça com um taco, em seguida, me arrastar de volta para sua caverna. — Só vocês dois, no entanto. — Ele acenou para os detetives. —Nossos apartamentos são um pouco apertados no espaço. Seus oficiais podem esperar aqui no saguão.

Virei-me para os elevadores, tentando esconder o olhar duro que acabara de dar a Dylan. Apenas quando eu pensei que ele estava sendo o razoável. No entanto, os dois detetives de roupas comuns se juntaram a nós para uma viagem tensa e silenciosa até o andar de cima, então deram a Dylan um olhar de olhos estreitos quando entramos no meu amplo apartamento em plano aberto.

— Sim, esses limites apertados. — O parceiro, detetive Riggs, murmurou baixinho. Ele parecia mais jovem que seu parceiro, talvez em seus trinta e poucos anos, com uma sombra escura sobre o queixo, onde ele não havia se barbeado.

Meio divertida, meio frustrada com o comportamento dos garotos, indiquei para os policiais se sentarem.

— Vocês querem café? — Eu ofereci: — Beck vai conseguir. — Eu lancei meu namorado com um olhar penetrante e ele estreitou os olhos para mim. — Dylan, é melhor você ajudar.

— Vou querer um, obrigada meninos. — Jasper sorriu para Beck e Dylan, caindo na minha poltrona cinza escura.

Evan assentiu, empoleirando-se no braço do sofá em que me sentei. — Também.

Os cabeças duras do nosso grupo foram amargamente, mas fizeram como eles foram informados. Eles sabiam muito bem que estavam jogando seu peso desnecessariamente. O detetive Shephard havia dito especificamente que eles estavam aqui para falar sobre algo, não *questionar* ou *deter* ou algo assim.

— Desculpe por eles. — Eu me desculpei quando pude ouvir os dois fazendo barulho ao redor da minha cozinha.

Eddy riu, sentando-se ao meu lado. — Os garotos do Delta têm um pouco da síndrome do homem das cavernas, onde Riley está.

— Provavelmente uma coisa boa. — Shephard murmurou, em seguida, limpou a garganta novamente. Srta. Deboise...

— Riley. — Eu o corrigi e ele assentiu.

— Riley. Você recebeu um vaso de rosas recentemente, correto? — Seu olhar estava em mim, mas um arrepio percorreu minha espinha com a lembrança. Mas ele não sabia sobre a rosa deixada na cena do crime de Carl, apenas os que sobraram na minha porta.

— Devemos estar à espera de um advogado? — Evan perguntou, falando antes que eu pudesse responder. — Eu entendo que eles estão no caminho.

Shephard deu de ombros, mesmo quando seu parceiro parecia irritado e geralmente irritado. — Se você se sentir mais confortável, então por todos os meios. Mas não estamos aqui para questionar você em nada, Riley. — Ele ergueu as sobrancelhas para mim, silenciosamente perguntando se deveria continuar ou esperar que nossos advogados

chegassem. Mas, na verdade, eu não acreditava que a Delta pagasse advogados até onde eu pudesse jogá-los, o que não era longe.

— Vá em frente. — Eu respondi com um aceno de cabeça. Beck e Dylan tinham acabado de fazer o café mais rápido da história e já estavam se juntando a nós, então não havia sentido em parar mais. — Sim, as rosas foram deixadas na minha porta. Acho que você testou o sangue? — Eu engoli em seco, minha mente piscando para o sangue de Carl pingando da rosa sob seus limpadores.

Shephard assentiu. — O sangue não era nada excitante, só sangue de porco comprado em lojas.

— Não consigo entender por que isso é uma opção para comprar. — Resmungou o detetive Riggs, coçando a bochecha trincada. — Só pedindo para os estúpidos garotos do ensino médio fazerem brincadeiras idiotas uns com os outros. — Ele me lançou um olhar aguçado e eu fiz uma careta.

— Você está insinuando que isso era uma *piada* ? —Eu exigi. — Você trouxe seis policiais uniformizados com você para me dizer que você rejeitou essa ameaça como uma *brincadeira* do ensino médio?

Riggs estava ficando sob a minha pele.

— Não. — Shephard respondeu em um tom firme e sem sentido. O olhar que ele atirou em seu parceiro foi um claro *calado, seu idiota*.

Eu olhei para ele desconfiada. — Não? Então... o que você descobriu? Eu estou supondo que é algo para justificar esta visita absolutamente estranha?

— A rosa negra acionada em nosso banco de dados está ligada a uma investigação aberta. — Explicou Shephard. — A variedade específica é rara, chamada Osiria. É nativo de uma região remota da Turquia, por isso

não é algo prontamente disponível em floristas. Estamos preocupados que isso ligue você a outra vítima. Trouxemos oficiais uniformizados conosco, porque até que possamos verificar mais informações, achamos melhor que você mantenha um guarda policial o tempo todo.

Minhas sobrancelhas se ergueram e eu lambi meus lábios secos de repente. Os caras pareciam bem, deixando-me assumir a liderança nessa conversa, e com razão, mas eu praticamente podia sentir a tensão vibrando de todos os quatro. Eddy era a única normal da sala, parecendo tão pálida e preocupada quanto, tenho certeza, eu estava.

— Quando você diz, outra *vítima*, eu entendo que você não está falando de outra pessoa que está sendo perseguida? — Minha voz era rouca e eu sabia a resposta antes que Shephard sacudisse a cabeça.

— Srta. Deboi.., Riley. Essas rosas estão envolvidas em uma investigação aberta de assassinato. Uma jovem herdeira da família do petróleo no Texas foi esfaqueada recentemente em sua cama. A única pista que restou foi uma rosa negra de Osiria encharcada em seu sangue. — O detetive Shephard parecia sombrio enquanto compartilhava essa informação. — Obviamente, nós pedimos que você não compartilhe esses detalhes fora desta sala, mas eu preciso mostrar a gravidade da sua situação. Aquela jovem tinha sido perseguida também. Presentes deixados em seu quarto, rosas em seu armário na escola, coisas assim. Sua família não levou a sério e ela morreu por isso. Por favor, não cometa o mesmo erro.

Eu olhei para ele por um longo momento, procurando pelas palavras certas. Eventualmente, Eddy falou por mim. — Obrigada por nos avisar. — Disse ela com polidez impecável. Claro, ela também era herdeira de Langham, mesmo que ela não fosse *a* herdeira. — Tenho certeza que Riley gostaria de ter seus policiais vigiando o prédio, mas nós temos nossa própria segurança para a escola.

Limpei a garganta, tossindo a massa de choque e medo que se formara com a notícia de uma herdeira assassinada que estava recebendo as mesmas rosas que eu. — Sim, o que Eddy disse. Obrigada.

O detetive Shephard franziu a testa para mim, parecendo mais um pai preocupado do que um policial naquele momento. — Quaisquer outras rosas, ou qualquer coisa remotamente fora do lugar, por favor não se esqueça de nos ligar. OK?

Eu balancei a cabeça, mordendo o lábio e tentando apagar Carl do meu cérebro. — Obrigado por nos avisar. Havia mais alguma coisa?

O detetive-chefe balançou a cabeça e se levantou. — Isso foi tudo por agora. Obrigado por serem receptivos às nossas proteções, estou começando a pensar que os rumores sobre os herdeiros do Delta são infundados. — Ele apertou as mãos comigo, depois com todos os outros, e se dirigiu para a porta com seu parceiro seguindo.

Assim que eles estavam prestes a sair do meu apartamento, Riggs fez uma pausa e olhou para trás, examinando seus olhos sobre todos os seis de nós. — Você sabe, seria muito mais seguro se voltasse para casa com suas mães e pais. O Militant Delta Estate é mais bem guardado do que a prisão local.

Eu dei a Riggs, aquele idiota, um sorriso sarcástico. — Eu agradeço sua sugestão, mas prefiro correr minhas chances com um serial killer do que dormir sob o teto de Catherine Deboise novamente. Tenha uma ótima noite! — Eu bati a porta na cara dele antes que ele pudesse responder, em seguida, voltei para os caras com um olhar furioso. — O que? — Eu estalei, observando as máscaras Delta escorregando de seus rostos e Evan franziu o nariz para mim.

— Você sabe que ele provavelmente trabalha para Catherine? Todo o Jefferson PD está no banco de dados da Delta. — Evan andou até a

minha janela do chão ao teto e olhou para a rua, presumivelmente onde os policiais da noite estavam estacionados.

Eu suspirei, caindo no sofá e chutando meus pés no colo de Eddy. — Eu sei. Catherine pode beijar minha bunda.

— Mas também, é por isso que achei mais fácil aceitar os policiais. — Eddy disse. — Se eles estão sendo pagos pela Delta de qualquer maneira, que diferença faz se são eles ou outra pessoa? Eu acho que Beck tem seus próprios caras fora de vista de qualquer maneira.

Beck grunhiu um ruído, mas não discordou.

Jasper suspirou pesadamente e se levantou, pegando seu casaco de onde ele tinha jogado. — Tudo bem, me deseje sorte. Se eu não voltar antes da escola, talvez me diga que está faltando.

Ele saiu pela porta e eu lancei um olhar confuso para Evan, que sorriu maliciosamente.

— Ele vai ver Layla. — Ele me preencheu. — Esse novo tipo de desenvolvimento impõe mais urgência na verificação dos arquivos de Huntley, não acha?

O medo percorreu meu corpo e cerrei os punhos para impedi-los de tremer. — Você acha que Katelyn poderia ter sido morta por esse mesmo cara?

— Estou tendo uma sensação. — Disse Beck com uma careta. — Esse psicopata gosta de herdeiras. Precisamos ter mais cuidado. Eu farei algumas ligações. — Ele desapareceu no corredor do lado de fora, presumivelmente para fazer aquelas chamadas misteriosas dentro de seu próprio apartamento, que eu duvido que ele tivesse dormido uma noite inteira dentro desde que “se mudou” para ele na outra semana.

Dylan sentou-se no sofá ao lado da minha cabeça apoiada em um travesseiro. — Você precisa de um pouco de comida, Riles. — ele comentou, acariciando meu cabelo bagunçado com os dedos. — Você mal comeu na hora do almoço.

Evan soltou uma risada. — Ela comeu bastante... da língua de Beck.

— Cale a boca. — Eu rosnei, jogando uma almofada de reposição para ele e errando.

— Que tal pedirmos comida chinesa? — Dylan sugeriu e meu estômago roncou em concordância em uníssono com a aprovação entusiástica de Eddy. — Eu tomo isso como um sim. — Dylan riu e pegou o telefone. Ele não parou de acariciar seus dedos pelo meu cabelo, em vez disso apenas usando a outra mão para encontrar o aplicativo de entrega e selecionar nossas comidas favoritas.

Algum tempo depois, Beck voltou e tomou o assento de Dylan, mas eu já estava cochilando. Um pequeno cochilo antes da comida chegar não doeria e o estresse de tudo estava pesando sobre minhas pálpebras como se fossem feitas de chumbo. Apesar do fato de que eu estava sendo perseguida por um assassino, planejando um motim para o império de meus pais biológicos e trabalhando para libertar meu melhor amigo da prisão, eu não pude deixar de mergulhar na paz e segurança daquele momento. Deitada ali, cercada pela minha família escolhida, as pessoas que eu amava e confiava, eu poderia empurrar a merda de lado.

CAPITULO QUINZE

Não tinha ideia do que me acordou, mas em um minuto eu estava dormindo e no dia seguinte meu coração estava acelerado e meus olhos estavam bem abertos. O medo corria através de mim como eletricidade, e eu não me mexi por mais tempo. Eu simplesmente deitei lá, prendendo a respiração e ouvindo o que tinha me acordado. Meu quarto estava em silêncio, o único som vindo da respiração profunda de Beck enquanto ele dormia ao meu lado.

Foi isso que finalmente me permitiu relaxar. Se Beck ainda estava dormindo, então tinha que ter sido um pesadelo que me acordou. Ainda assim, meu coração estava bombando e eu duvidava que voltasse a dormir em breve. O braço de Beck estava pesado ao redor da minha cintura e quando eu tentei deslizar para fora da cama, ele apertou seu aperto, me puxando de volta em seu corpo.

— Onde você vai? — Ele murmurou sem abrir os olhos. Sua voz era tão grossa que eu duvidava que ele estivesse mesmo acordado.

— Fazer xixi. — Eu sussurrei de volta com um sorriso. — Deixe-me ir, homem das cavernas.

Beck murmurou alguma coisa incoerente, mas beijou meu ombro nu e me soltou de seu aperto para que eu pudesse sair. Até o momento que eu peguei sua camiseta do chão e a coloquei sobre a minha cabeça, ele voltou a cair no sono e tomei o cuidado de não fazer nenhum som enquanto eu entrava no banheiro.

Quando terminei, decidi não voltar para a cama imediatamente. Eu ainda estava bem acordada e só ia acabar jogando e virando, então

eventualmente acordando Beck. Ainda assim, não foi até eu voltar para a sala de estar que me lembrei da pasta que Sami tinha me dado no banheiro da escola.

Eu peguei da minha bolsa e joguei na mesa de café. O que quer que Wells tivesse me enviado precisaria de algum poder cerebral para processar, então eu caminhei pela cozinha e fiz café na minha incrível caneca da Rainha. Não querendo acender muitas luzes e acordar Beck, apenas liguei a pequena luminária de mesa ao lado do sofá e me encostei nos travesseiros para abrir o pacote lacrado.

— Eu provavelmente deveria ter aberto isso mais cedo. — Eu murmurei para mim mesma, folheando o que parecia ser um arquivo de caso. Um que catalogou todos os detalhes terríveis da herdeira assassinada no Texas há dois meses. Wells deve ter de alguma forma interceptado a informação antes que os policiais viessem me ver, o que me deixou um pouco impressionada com seu alcance e recursos.

Uma leitura minuciosa dos documentos não mostrava nada drasticamente diferente do que Shephard havia nos dito, apenas ofereceu muito mais detalhes. Incluindo fotos da cena do crime que reviravam meu estômago e deixavam meu coração acelerado de medo. Eu estava tão absorta lendo uma fotocópia de diário da vítima, Cordelia June, de dezesseis anos, que eu não ouvi ninguém se aproximando de mim até que uma mão tocou meu ombro.

Não seria novidade dizer que gritei e os papéis que estive segurando espalharam-se por todos os lados enquanto eu me afastava do meu atacante... só para encontrar Beck em uma gargalhada no chão atrás do sofá.

— Seu idiota! — Eu gritei, jogando um travesseiro em sua cabeça. Forte. —Você assustou a merda fora de mim!

— Aw, me desculpe, Butterfly. — Ele riu, levantando-se e subindo no sofá comigo. — Eu não pude resistir. O que tinha você tão concentrada às três da manhã, hein? — Ele afastou meus braços do meu rosto, que eu estava escondendo para impedi-lo de ver o quanto ele me assustou e beijou meu pescoço.

Eu considerei contar a ele toda a porcaria que eu acabei de ler, especialmente a parte em que Cordelia pensou que as rosas estavam sendo enviadas por um admirador secreto. Ela registrou em jornal sobre qual garoto na escola ela achava que poderia ser responsável e falou sobre quão lisonjeiro e excitante tudo era. Isso foi um mês antes de seu assassinato. Os presentes tinham se deteriorado a partir daí, rosas ficando cobertas de sangue e seu gato sendo deixado morto no chão de seu quarto, até que finalmente, enquanto seus pais estavam fora em uma viagem de negócios, o perseguidor havia invadido, amarrado, torturado, e estuprado antes de esfaqueá-la até a morte. Uma única rosa preta de Osiria foi deixada jogada em seu corpo, a assinatura de seu assassino. Eu me preocupei com o fato de que meu primeiro "presente" foram as rosas sangrentas. Isso significava que ele estava diminuindo sua linha do tempo comigo? Ou houve outros presentes antes das rosas?

— Que tipo de merda Delta interceptou para mim? — Eu perguntei a Beck, e todo humor morreu de seu rosto. — Houve outros presentes? Ou apenas ameaças?

Seu rosto estava subitamente alerta, não um único sinal de que eram três da manhã e ele só tinha algumas horas de sono. — Três ameaças escritas, dois ramos de flores, alguns bichos de pelúcia e um colar de diamantes que foi atribuído a um herdeiro do petróleo que atualmente vive na África do Sul.

Eu pisquei para ele, enquanto tentava sorrir. — Bem, onde está meu colar? Eu amo diamantes. — Eu brinquei para esconder meu desconforto sobre as pessoas me mandando coisas. Especialmente quando aquelas

flores e bichos de pelúcia, semelhantes ao que Cordelia tinha, provavelmente vieram do louco serial killer.

A mão de Beck envolveu suavemente ao redor da minha garganta e meu corpo se apertou. Sua voz no meu ouvido era um sussurro. — Ninguém coloca joias neste corpo perfeito, exceto eu.

Eu bufei, mas não discordei. Houve uma batida de silêncio e eu suspirei. — Eu acho que as primeiras flores e os bichos de pelúcia foram do assassino Osiria. — eu disse suavemente.

Beck ficou imóvel, o rosto ilegível. — O que te faz pensar isso?

Eu me virei totalmente para ele, de repente, desesperada para não pensar na minha porra de perseguição e no mundo Delta desordenado. Eu precisava parar de ver essas fotos da cena do crime. — Eu vou te dizer em breve. — Eu respirei, movendo meu rosto mais perto do dele. Meu coração gaguejou fora do ritmo por um momento enquanto eu olhava para Beck. Ele era fodidamente lindo. Muito lindo para o seu próprio bem.

— Primeiro, porém... por que você está acordado? — Eu perguntei suavemente. Seus olhos escureceram, ficando tempestuosos com a minha mudança de assunto. Mas ele me entregou, deixando a merda pesada por um momento.

— Não consegui dormir sem você. — Ele admitiu, passando o polegar pela minha bochecha. Beck se inclinou para mais perto, envolvendo o braço em volta dos meus ombros e tocando seus lábios suavemente contra os meus. — Eu não consigo me cansar de você, baby. Eu acho que sou viciado.

Eu sorri em seu beijo, abraçando a corrida de borboletas em erupção dentro de mim em suas palavras. Todos os maus pensamentos desapareceram e eu estava de volta ao meu lugar feliz. A potência de Beck

confessando seus sentimentos nunca pareceu se dissipar e estava rapidamente se tornando minha kryptonita[2].

— Se isso é verdade, — eu murmurei de volta, suspirando de prazer quando ele beijou o lado do meu pescoço — então eu sou tão viciada. Não consigo tirar minhas mãos de você, Sebastian. — Demonstrando o meu ponto, corri minhas mãos pelos planos duros de seu peito nu, deslizando em seu abdômen e acomodando sua cintura.

Ele soltou um pequeno gemido masculino enquanto minhas unhas se arrastavam sobre as linhas de seu abdômen inferior, aquelas deliciosas que criavam a forma de V logo acima de seu pau. — Eu tenho uma ideia de como podemos lidar com isso. — Ele me informou, entre beijos escaldantes.

— Hmm? — Eu respondi, confusa com a luxúria e fascinada com a forma como eu acabei de ficar sentada em cima de Beck quando, um momento atrás, eu estava sentada ao lado dele. Ele era suave. Muito suave. — Como lidar com nosso vício mútuo um ao outro?

— Uh huh. — Ele confirmou, empurrando sua camiseta que eu peguei emprestada e jogando-a de lado. Eu estava dormindo nua, então sem a camisa dele, todo o meu corpo estava nu pronto para seu toque. — Normalmente eu apenas faria isso, mas algo me diz que eu deveria *perguntar.* Você sabe. Tornar oficial?

Eu congelei, mesmo quando suas mãos quentes seguraram meus seios e brincaram com meus mamilos duros. — Fazer o que oficial? — Eu perguntei em um sussurro ofegante, mal ousando respirar. Que porra ele estava me perguntando?

Beck demorou, me beijando longa e profundamente, prolongando a antecipação antes de responder. — Butterfly? Eu estava pensando... —

---

[2] *Kryptonita:* Para o super herói de histórias em quadrinhos, Superman, kryptonita é o seu ponto fraco.

ele parou, soltando beijos escaldantes contra a minha pele até que alcançou meu seio e capturou um mamilo entre os lábios.

Eu soltei um gemido baixo quando ele chupou, enfiando meus dedos em seu cabelo. Fosse qual fosse a porra que ele queria perguntar, ele estava seriamente se certificando que eu diria sim. — Quer saber o quê? — Eu pressionei, mesmo quando eu coloquei meu peso de joelhos e puxei sua boxer. Quando ele não respondeu imediatamente, eu peguei seu eixo duro no meu punho e dei-lhe alguns golpes provocantes. — O que você estava querendo saber, Sebastian?

— Foda-se. — Ele gemeu, seus dedos encontrando o meu calor úmido e mergulhando dentro. — Eu estava pensando se você...— Ele parou de novo, agarrando-me pela minha cintura e me puxando para mais perto, para que seu pênis estivesse alinhado com minha buceta dolorida. — Se estaria tudo bem se eu me mudasse. Permanentemente. — Ele pontuou seu pedido empurrando dentro de mim, apertando seus braços ao redor do meu corpo para me puxar para baixo até que estivéssemos totalmente unidos.

O ar saiu de meus pulmões e minhas unhas morderam as costas musculosas de Beck. Se foi em resposta à sua sugestão ou o puro êxtase delirante de tê-lo dentro de mim, eu não estava totalmente certa.

Ele só me deu um segundo quente para ajustar antes de começar a se mover, segurando-me ainda enquanto ele bombeava seus quadris para cima, moendo em mim profundo e possessivo como sempre era. Exceto que, ao contrário de toda a nossa raiva que alimentou foda ultimamente, desta vez foi puro amor não filtrado que ele me ferrou.

— Puta merda. — Eu gemi quando seu osso pélvico encostou no meu clitóris a cada estocada. — Sebastian... você está jogando sujo.

Uma risada sombria borbulhou dele e ele colocou um beijo quente e aberto na minha garganta. —Você está certa, eu estou. Então?

Eu ri de volta, saboreando o prazer requintado irradiando do meu núcleo. — E se eu disser não?

Um som baixo e perigoso retumbou do peito de Beck e ele nos virou, pousando-nos de costas no sofá e ele firmemente entrincheirado entre as minhas coxas. — Você não vai dizer não, Butterfly. — Ele me informou com total confiança.

A pequena torção mortal que ele colocou em seus quadris enquanto ele me fodia me fez ofegar com a necessidade e quando ele deslizou a mão para baixo para brincar com meu clitóris, eu quase gritei. Ainda…

— O que te faz tão certo? — Eu empurrei, gostando de fazê-lo esperar pela minha resposta. O jogo de poder *sempre* seria nossa coisa, não importava o quão confortável ficássemos um com o outro.

Seus lábios roçaram os meus tão suavemente, sua língua traçando a curva do meu lábio inferior com cuidado, *provocando*. — Porque você é tão apaixonada por mim como eu sou por você, Butterfly.

Eu gemi, totalmente incapaz de negar isso e também totalmente incapaz de lutar contra o orgasmo que estava construindo com cada impulso de seus quadris, cada movimento de seus dedos, cada palavra deliciosa de seus lábios.

— Foda-me, Sebastian. — Eu gemi, trancando meus calcanhares atrás dele e segurando a minha vida enquanto ele me empurrava sobre a borda em um clímax com poder de arrebentar a terra.

— Eu acho que está tudo bem, então. — Minha voz estava rouca pelos gritos e ofegantes do meu final, mas ele ainda me ouviu. Seu sorriso era perverso e totalmente convencido, e segundos depois, ele veio com um grunhido.

— Obrigado foda por isso. — Ele murmurou no meu pescoço suado quando ele desmoronou em cima de mim. Ele era pesado o bastante para ficar totalmente preso... mas de um jeito bom. — Eu já organizei minhas coisas hoje enquanto estávamos na escola.

Típico. Fodido. Beck.

Comecei a rir, mas foi uma daquelas risadas exaustas e totalmente relaxadas e Beck vibrou contra mim com uma risada silenciosa própria. Idiota.

— Fico feliz que você esteja perguntando isso e não algo mais sério. — Eu admiti, sentindo-me um pouco boba por aquele pico inicial de pânico, e excitação, que eu tinha experimentado quando ele mencionou tornar as coisas *oficiais*.

Erguendo a cabeça, Beck me deu um sorriso perplexo. — Butterfly — ele praticamente ronronou, — você acha que eu ia *propor* a você? Como isso? Com meu pau enterrado dentro de sua doce boceta e um serial killer à espreita em algum lugar da noite? — Seu tom era um pouco brincalhão, mas havia um fio mais escuro que me fez tremer.

— Seria o seu estilo. — Eu murmurei de volta, na defensiva. —Não que eu esteja de *algum* modo considerando o casamento com você. Então estamos claros. Nós somos muito jovens para essa merda.

Beck apenas cantarolou um ruído em resposta e se arrastou para trás pelo meu corpo, enganchando minhas pernas sobre seus ombros. Sua respiração quente cobria minha buceta latejante e inchada e minha respiração gaguejava.

— Sebastian — Rosnei em advertência, — *você concorda*, não é?

Ele cantarolou sua resposta novamente, usando os dedos para separar meus lábios inferiores e arrastando a ponta da sua língua pelo meu

clitóris pulsante. Eu ofeguei em resposta, um estremecimento que terminou em um tipo de gemido patético. Maldito por jogar meu corpo como um profissional experiente.

— Concordo em discordar, Butterfly — ele murmurou, sua voz abafada quando ele beijou minha parte interna da coxa, — mas eu prometo que não vou propor. — Dois dedos entraram em mim e sua boca se fechou sobre o meu clitóris sensível, tirando um grito da minha garganta. Apenas quando pensei que iríamos colocar o assunto para descansar, eu peguei seu sussurro "*esta semana"*.

Foda sorrateira.

CAPITULO DEZASSEIS

Eu finalmente consegui voltar para a cama na mesma hora em que o sol estava nascendo e não podia estar dormindo muito quando alguém começou a martelar na porta.

— Eu tenho isso. — Eu disse Beck, sentando-me e caçando roupas. Onde diabos estavam todas as roupas?

Beck soltou um grunhido de frustração quando saiu da cama e entrou na sala totalmente nu e sem vergonha. — Não, borboleta, você não. Você esqueceu que está sendo perseguida por um assassino? — Ele nivelou um olhar de advertência para mim e eu caí de volta na cama fofa com um suspiro deflacionado.

Honestamente? Sim, eu tinha esquecido por um segundo. Estar com Beck me fez sentir tão segura, e todo esse fodido relacionamento parecia um sonho que de vez em quando o mundo real simplesmente desaparecia.

— O que? — Beck estalou, abrindo minha porta da frente e nem mesmo tentando cobrir sua nudez.

Um pouco escandalizada, eu levantei a cabeça da pilha de travesseiros apenas o suficiente para ver quem estava ficando de olhos abertos antes do café da manhã. Minha cama estava na posição certa para ver a porta da frente de onde eu estava.

— Está feito. — Jasper retrucou, totalmente desprovido de sua habitual disposição alegre. — Katelyn também estava recebendo as rosas. Se pudermos convencer Huntley a entregar seus arquivos negros, Dante deve estar livre até o final do dia.

Ouvindo isso, soltei um grito de excitação, atirando na cama e me esquecendo completamente de me cobrir. — Jaspe! Isso é uma notícia fantástica! — Eu parei, franzindo a testa. — Quero dizer, não que ela estivesse sendo perseguida pelo mesmo cara... mas não há como eles deixarem o caso contra Dante agora, certo?

Jasper deu de ombros, passando a mão pelo cabelo loiro bagunçado. Um gesto que ele parecia ter feito muito antes de vir aqui. — Certo. Se pudermos descobrir por que Huntley ainda não avançou com a informação. De qualquer forma, tem sido uma noite difícil, vou dormir um pouco. Estarei na Ducis no almoço ou algo assim.

Sua voz era totalmente plana e ele nem sequer deu uma segunda olhada nos meus seios nus antes de sair.

— Uh, que porra foi essa? — Eu exigi de Beck quando ele fechou a porta novamente.

— O que foi o que? — Ele respondeu, vindo até mim e me empurrando de volta para os travesseiros. — Além de você dar o material para os sonhos de Jasper pelos próximos trinta anos. Quantas vezes tenho que te dizer que *estes* são meus, Butterfly? — Ele estava brincando, mas o jeito possessivo que ele segurou meus seios me fez gemer.

— É exatamente disso que estou falando. — Eu disse, mantendo a conversa nos trilhos antes que ele me distraísse com outro orgasmo. — Jas nem sequer *olhou* para os meus seios. Sem piadas, sem sorrisos maliciosos, nada. Ele era como um robô. Sem mencionar o fato de que ele não fez mais que ver você abrir minha porta nu.

— Ah, isso. — Beck soltou um suspiro, rolando de cima de mim e apoiando a cabeça em sua mão. — Eu suspeito que o que ele fez para obter ajuda de Layla não está sentado confortavelmente em sua consciência.

Minhas sobrancelhas se levantaram. — Jasper tem uma consciência quando se trata de mulheres? Estou chocada.

Beck me deu um sorriso rápido. — Você sabe que ele faz. A coisa com Layla no ano passado acabou antes que nós realmente soubéssemos muito sobre isso, mas eu sei que ela estragou um pouco. Eu até pensei que ele estava um pouco desolado por um tempo lá.

Eu balancei a cabeça, confusa. — Então o que mudou?

— Nada, Jasper acabou de voltar a ser Jasper. Nós realmente não falamos sobre ela desde então, até que nos deparamos com este problema de hackers. Isso é o que a colocou no radar dele, sabe? Ela hackeou o computador dele e tentou chantageá-lo com todas as selfies nuas que ele havia salvado. Claramente, ela não percebeu quão amplamente distribuídas essas fotos já eram. — Beck riu levemente com a lembrança e eu sorri.

Ainda assim, me fez sentir horrível pelo nosso amigo. Essa garota deve ter sido alguém muito especial para ter um efeito tão profundo em Jasper.

— Eu me sinto mal. — Confessei, suspirando. — Eu nunca quero colocar vocês em situações difíceis para me ajudar.

Beck passou a mão em volta do meu pescoço, me puxando para ele e me beijando com firmeza. — Jasper iria felizmente andar através de vidros quebrados para ajudá-la, Butterfly. Nós todos faríamos. Não aja como se estivesse nos obrigando a fazer coisas que não queremos fazer.

Eu resmunguei, mas sabia que ele estava dizendo a verdade. Eu poderia estar dormindo com Beck, mas todos os caras e até mesmo Eddy haviam encontrado lugares em meu coração. E eu no deles.

— Vamos, se vista e podemos parar para donuts no caminho para Ducis. — Beck sugeriu e eu ansiosamente sai da cama.

— Foda-se sim! — Eu gritei de volta para ele quando entrei no banheiro e comecei a correr o chuveiro. — Me dê dez minutos.

~

A primeira metade do meu dia passou sem complicações. Eu me acostumei a ter um dos meninos me seguindo e Evan era uma boa companhia, então eu não estava reclamando. Melhor ainda, Eddy não parecia ter o mesmo desejo de lutar com ele que ela tinha com Jasper, Dylan ou mesmo com Beck. Então foi uma espécie de dia pacífico.

— Isso é estranho para você? — Perguntei a minha melhor amiga enquanto colocamos nossos livros em nossos armários depois da aula. — Eu sei que quando cheguei aqui você não saia com os caras na escola. Agora você é a rainha dos Ducis. — Eu estava brincando, mas também meio sério.

Ela bufou uma risada. — Princesa, na melhor das hipóteses. E só porque sou amiga da verdadeira rainha. — Ela me cutucou no lado e eu ri. — Mas sim, é meio estranho. Toda a nossa vida, Jasper era meu irmão em particular e um estranho em público. Os outros quatro eram ainda piores que isso. Desde que Oscar, o mais velho dos herdeiros, completou treze anos e a diretoria ficou mais interessada na vida dos garotos, nenhum deles sequer reconheceu minha existência fora da propriedade do Delta.

— Você sabe que não foi nossa escolha. — Comentou Evan e Eddy se virou para encará-lo.

— Conversa privada, idiota. Pelo menos finja que não está escutando. — Ela apoiou as mãos nos quadris e estreitou os olhos em desafio, para o qual Evan levantou as mãos em sinal de rendição.

— Só estou dizendo. — Continuou ele, arriscando a ira de Eddy. — Só estávamos fazendo o que achamos melhor. Ninguém nunca acusou adolescentes de serem as ferramentas mais afiadas do galpão, certo?

Eddy cruzou os braços e bufou. — Você não é um adolescente, Evan.

— Eu era então. — Ele respondeu, revirando os olhos. — Todos nós fomos. No momento em que percebemos que não era a única maneira de jogar, você parecia odiar todos nós. Levou este tornado ambulante para agitar e explodir o passado. — Ele deu de ombros e sacudiu a cabeça em minha direção.

Eu ofeguei com indignação fingida. — Eu me ressinto de ser chamada de tornado. — Eu murmurei.

— Seja como for. — Respondeu Eddy, dispensando Evan com um aceno de mão. Como se ele não fosse continuar andando conosco, independentemente disso. — De qualquer forma, é legal. — Isso foi dito de volta para mim, respondendo a minha pergunta original. — Não é a coisa toda onde todos nos tratam como se pudéssemos esmaga-los se eles nos cruzassem... mas é bom estar perto de Jasper novamente. Eu senti falta dele.

Evan soltou uma forte tosse falsa e Eddy revirou os olhos.

— Eu acho que os outros não são tão ruins quanto eu pensava. — Ela fez uma pausa, parecendo malvada. — Exceto Evan. Esse cara é um idiota total, certo?

— Ei! — Evan gritou: — Merda. — Ele tentou agarrá-la mas ela dançou fora de seu alcance com uma risada zombeteira.

Eu ri enquanto ele a perseguiu até o refeitório, eventualmente pegando-a pela cintura e fazendo cócegas nela até que ela se

desculpasse. Era um momento *normal* tão bonito que eu quase podia ver os dois como um casal.

Quase.

Eu comecei a segui-los quando uma garota ruiva entrou no meu caminho. Seu queixo estava inclinado para cima com determinação, mas fui rápida em notar o tremor em suas mãos, cerrada em seus lados.

— Posso ajudar? — Eu falei, estreitando meus olhos de uma forma ameaçadora. Claro, não foi a coisa mais amigável, porque eu não conhecia essa garota da Barbie. Mas eu estava bastante confiante de que ela não estava prestes a me convidar para uma festa do pijama.

— Você acha que é muito melhor do que nós. — Ela cuspiu, mas sua voz tremeu. Com medo? Eu esperava que sim.

Minhas sobrancelhas se levantaram. — Eu faço?

— Você deveria ter vergonha de si mesma. — Ela continuou, como se eu não tivesse falado. —Você não é nada além de uma *assassina* de relacionamento de pernas soltas. Beck vai te usar e te jogar de lado e o resto de nós estará lá para rir quando acontecer.

Essa garota claramente tinha um parafuso solto. Ela não ouviu que eu dei um soco no rosto de uma garota ontem?

Eu dei um passo mais perto dela, sentindo um fio de satisfação quando ela se encolheu. — Escute... seja qual for o seu nome. Vocês todos parecem estar sob alguma ilusão de que eu sou uma de vocês. Eu não sou. Eu sou um deles. — Apontei para o refeitório onde meus rapazes estavam todos em nossa mesa habitual e Beck estava olhando ameaçadoramente para nós. — Quanto ao relacionamento que eu supostamente destruí, você não pode estar falando seriamente sobre Brittley? — Eu zombei de uma risada. — Ela nunca namorou com ele,

exceto dentro de sua própria cabeça. Cresça, pare de tomar as dores de outras mulheres para se sentir melhor. — Eu dei uma olhada para o corredor onde seus amigos assistiam com uma concentração extasiada. — Não é elegante e certamente não vai te levar para frente na vida. Então, volte logo para seu lugar. Entendeu?

A ruiva pareceu incerta, depois se endireitou. Suas narinas se abriram e seus punhos se apertaram ao lado do corpo. — E se eu não fizer? O que você vai fazer sobre isso? Me socar, como você fez Sarah Jane? Ela provavelmente vai precisar de uma plástica no nariz, graças a você.

Cansada do drama, dei outro passo para perto dela e ela recuou novamente, como previsto. — Talvez eu vá. — Ela empalideceu quase cinza e revirei os olhos. — Tenha um ótimo dia. — Passei por ela com uma checagem deliberada no ombro e continuei no refeitório para me juntar ao meu pessoal.

Por toda a minha independência e pregando sobre ser maior do que jogos do ensino médio mesquinhos, eu ainda fui direto para Beck, sentei em seu colo, e o beijei para o *caminho* mais longo do que era aceitável em um fórum público. Então me processe, eu era humana. Essas cadelas loucas precisavam aprender que Beck e eu éramos sólidos, e eu não ia a *lugar nenhum*.

— Tudo certo? — Ele me perguntou em um sussurro rouco quando eu soltei seus lábios. Seus olhos dispararam através do refeitório, indicando a Barbie ruiva.

Eu dei a ele um sorriso de satisfação. — Totalmente bem, eu só precisava marcar o meu território.

Suas sobrancelhas se ergueram e um pequeno sorriso apareceu em seus lábios. — Butterfly, você apenas mijou em mim?

—Você está certo que eu fiz. — Eu respondi com um sorriso malicioso.

CAPITULO DEZASSETE

— Oh, bingo! Eu anunciei, checando meu telefone. — Ele concordou em se encontrar hoje à noite, até nos convidou para jantar. — Eu sorri largamente para Beck do outro lado da mesa de jantar e acenei para o meu telefone.

— A sério? — Ele murmurou, soando um pouco chocado. Ele pegou meu telefone e eu entreguei a ele para ver por si mesmo. — Hã. Tecnicamente, ele *te* convidou para jantar, mas mesmo assim... — Sua testa franziu e eu gemi.

— O que? Você tem esse olhar. O que há de errado?

Ele deu de ombros, entregando meu telefone de volta. — Só parece suspeito que ele concordou em se encontrar tão facilmente. Tudo o que ouvimos sobre Graeme Huntley é que ele mantém sua privacidade da maior importância. Agora ele está convidando um herdeiro Delta em sua casa? Parece... estranho.

Eu bufei, desapontada por ele não estar me parabenizando. — Talvez ele esteja apenas curioso sobre o que eu quero discutir? Quero dizer, ainda sou sobrinha dele.

Beck assentiu, mas não perdeu a tensão em sua mandíbula.

— O que isso importa? — Dylan comentou. — Não é como se Riley estivesse sozinha e Huntley não ousaria machucá-la tão perto da votação. Eles precisam de Catherine para se sentar e ela não pode fazer isso sem um herdeiro vivo.

— É verdade isso. — Jasper concordou. — Ei, eu posso ir jantar também? Eu realmente quero ver o interior da Mansão Huntley.

— Não. — Beck respondeu, jogando uma bola de papel amassada para seu amigo do outro lado da mesa. Todos nós estávamos trabalhando em tarefas escolares enquanto esperávamos ansiosamente por uma resposta de Graeme Huntley. Nós precisávamos saber por que ele não tinha mostrado aos policiais seus arquivos do perseguidor de Katelyn e decidi que a melhor maneira de descobrir... era perguntar.

Beck estava feito agora, porém, recostou-se em sua cadeira, olhando para mim. — O que? — Eu finalmente disse, meus lábios se inclinando antes que eu pudesse detê-los.

— Nós nunca terminamos a nossa conversa na noite passada, Butterfly. — Ele disse suavemente, e eu percebi que eu não tinha dado a ele a pasta ainda. Eu empacotei os papéis e coloquei na gaveta antes de irmos para a cama e então esqueci prontamente todas as merdas horríveis e assustadoras.

— Você disse que achava que os presentes eram do perseguidor, as flores, talvez.

Beck tinha realmente deixado ir mais do que eu esperava, mas ele claramente teve o suficiente de esperar.

Inclinando-me para a minha mesa lateral, peguei o arquivo. — Wells me enviou isso. Aparentemente, ele descobriu sobre a investigação policial e queria me dar o aviso.

Beck pegou os papéis, seu rosto duro e ilegível. Dylan se inclinou para ler de um lado e Jasper do outro. Os três ficaram em silêncio e, quando Evan ergueu as sobrancelhas para mim, eu apenas dei de ombros. Ele finalmente se levantou e ficou atrás do sofá para ver também.

Um tique começou alto no queixo de Beck. Dylan também, se eu estivesse sendo honesta. Jasper parecia doente e Evan estava pálido, com os olhos arregalados enquanto olhava para baixo.

— Você deveria ter me dado isso imediatamente. — Beck disse suavemente, aquela ameaça em seu tom sua assustadora. — Eu achei que os papéis que você jogou eram algo para a escola ou algo sem importância. Não um maldito dossiê sobre este assassino de rosas.

Dei de ombros. — Desculpa. Eu apenas... os pesadelos.

Eu precisava de uma folga dos pesadelos e Beck me dera isso.

Uma batida na porta soou e todos nós nos assustamos. Toda a nossa equipe, inclusive Eddy, já estava dentro do meu apartamento... então quem estava batendo na porta? Ninguém deveria ter conseguido nem chegar ao nosso andar sem as chaves de acesso apropriadas, Evan ordenou que os elevadores fossem religados para bloquear o acesso do resto do prédio.

— Eu vou abrir? — Eddy gritou, saindo da cozinha onde ela estava fazendo um lanche, perdendo todo o drama.

Dylan estava de pé em um instante. — Sente-se. — Ele retrucou enquanto caminhava até a porta. Ele levou um momento para espiar o olho mágico e abriu para revelar... ninguém. Um arrepio de medo correu pela minha espinha, que rapidamente se transformou em gelo quando ele se inclinou para recolher algo da porta.

Aquele ato fez com que todos os outros três garotos saíssem de seus assentos e fizessem todo tipo de merda que eu mal percebia. Beck puxou uma arma de Deus sabia onde e correu para o corredor com Evan apertado atrás dele, Dylan jogou o pacote para Jasper, em seguida, fechou a porta e jogou todas as minhas trancas. Ele então desapareceu com sua arma, checando todo o apartamento e então subindo na enorme janela da

sala de estar. Ele ficou lá por um tempo, olhando para a rua abaixo antes de dar um leve aceno de cabeça e enfiar sua arma na parte de trás de seu jeans.

— Aqui. — Ele estendeu a mão para o pacote e Jasper entregou de volta enquanto ele veio para onde eu ainda estava sentada. Totalmente congelada.

— Riles, você está bem? — Jasper perguntou, tocando minha mão onde eu agarrei a borda da mesa. Meu aperto era tão forte que meus dedos estavam brancos, unhas roendo o verniz de madeira.

Eu pisquei um par de vezes, tentando me livrar do choque que eu tinha afundado. — Sim. — Eu respondi em um sussurro rouco. — Sim, apenas abra. — Eu balancei a cabeça para Dylan, que segurava o pequeno pacote em suas mãos.

Ele me deu um aceno de cabeça, levantou a tampa da caixa de presente brilhante e então franziu a testa.

— O que é isso? — Eu perguntei, tentando tanto esconder o pânico na minha voz. — É isso...? — Qualquer número de coisas horríveis passou pela minha cabeça, alimentadas pelas fotos da cena do crime do assassinato de Cordelia June.

Dylan não respondeu, apenas levantou um pendrive e jogou a caixa e a rosa sobre a mesa. — Jasper, passe por cima do seu laptop. — Disse ele.

— E se for um vírus? — Eddy sugeriu, bem quando Dylan estava prestes a liga-lo. — E se isso for algum, eu não sei, tática da Huntley para hackear seus computadores? Mesmo que não faça nada imediatamente, pode ser um cavalo de Tróia projetado para se esconder e coletar informações toda vez que você usar seu laptop.

Ambos os meninos pararam, então Jasper correu para fora do meu apartamento, voltando alguns momentos tensos depois com um tablet novo, ainda em sua caixa. — Pensamento inteligente, mana. — Ele elogiou Eddy enquanto ele rasgou a embalagem aberta e ligou o dispositivo. Dylan passou-lhe o pen drive e conectou, apoiando a tela sobre a mesa para que pudéssemos ver os quatro.

— Arquivo de vídeo. — Murmurou Dylan e Jasper tocou no ícone para abri-lo.

Quando o arquivo começou a tocar, fiquei chocada e confusa demais para fazer qualquer coisa, a não ser olhar horrorizada.

— Whoa. — Eddy murmurou, mas nem isso cortou minha descrença aturdida. — Garota, é isso...— Na tela, Beck me virou, me pressionando no sofá enquanto minhas pernas circulavam sua cintura e...

—Desligue isso! — Eu gritei, finalmente saindo do transe e batendo minha mão sobre a tela. — Oh meu Deus. Oh meu Deus. Ele tem uma câmera aqui. — Náusea torceu meu estômago e eu engoli em seco.

Jasper e Dylan já estavam vasculhando minha sala de estar, procurando pela câmera escondida enquanto a respiração corria dentro e fora de mim com velocidade crescente.

— Ei, vamos lá, garota — disse Eddy, esfregando minhas costas, — você está bem, apenas coloque a cabeça entre os joelhos por um minuto. Você está prestes a desmaiar. — Incapaz de fazer qualquer outra coisa, fiz o que ela disse.

Felizmente, levou apenas alguns segundos para a imprecisão desaparecer e minha respiração diminuir, porque a porta batendo quase me assustou em um ataque cardíaco.

— O que está acontecendo? — Beck exigiu.

— Consegui! — Dylan anunciou, puxando a menor partícula de tecnologia da luminária decorativa sobre a minha ilha de cozinha.

Todo o corpo de Beck se transformou em pedra, e seus olhos se fixaram na *coisa* no final do dedo de Dylan. — Isso é o que eu acho que é?

Seu amigo deu-lhe um sorriso apertado, em seguida, caminhou até a mesa e colocou a micro câmera na cerveja de Evan.

— Mostre-me. — Beck exigiu, sua voz como o estalo de um chicote. Mesmo eu me encolhi um pouco.

Jasper entregou-lhe o tablet, e eu vi Beck bater o jogo. Desta vez, sem a distração de assistir minha primeira fita de sexo, pude ouvir o áudio. Só que não era o áudio de Beck e eu transando no sofá. Aquilo foi...

— Isso é alguém se masturbando? — Eu exclamei, totalmente horrorizada.

Eddy torceu o nariz e fez um som de engasgo. — Tenho certeza que é.

Beck olhou para a tela, observando o clipe e sem dizer uma palavra maldita. O olhar em seu rosto, embora ...

— Desligue-o. — Eu briguei com ele, e seu olhar subiu para encontrar o meu. — Por favor, Sebastian. Desligue isso.

Ele balançou sua cabeça. — Eu preciso ver se há alguma mensagem aqui, além do fato de que este doente nos filmou e depois passou por cima disso.

Eu apertei meu queixo, zangada com ele por recusar meu pedido e fodidamente *furiosa* com esse psicopata que colocou uma câmera dentro do meu apartamento. Ele estava *dentro do* meu apartamento! Foi isso que

me acordou naquela noite? Então como diabos Beck tinha dormido através disso?

Um estremecimento profundo correu através de mim.

— Eu não posso ficar aqui. — Eu murmurei, levantando e pegando minha bolsa. Mas, se ele entrasse no meu apartamento, quem diria que não tinha grampeado os outros? — Para onde eu vou?

Por um momento, ninguém respondeu. Beck ainda estava assistindo aquela porra de vídeo, então foi Evan quem falou.

— Pegue algumas roupas e vá trocar no meu apartamento. — Ele sugeriu. — Eu duvido seriamente que essa trepadeira também coloque câmeras lá e você ainda janta com Graeme esta noite.

Eu gemi, esfregando meus olhos e provavelmente borrando minha maquiagem. — Porra do inferno. Esse *psicopata* não entende quantas outras coisas estou lidando? Como se eu precisasse ser perseguida por um serial killer agora mesmo! — Eu disse isso com uma risada amarga, mas foi apenas para me impedir de chorar.

Eu comecei em direção ao meu quarto, então parei. — Alguém pode por favor verificar o quarto para câmeras? Eu não posso... — Eu balancei a cabeça, as palavras grudando na minha garganta.

Eu não posso lidar com a ideia dele me observando agora.

— Algum traço? — Dylan perguntou a Evan em voz baixa, enquanto Jasper corria para o meu quarto e começava a virar cada item de mobília móvel.

Do canto do meu olho, vi Evan dar um aperto de mão sombrio. — Esse idiota é bom. Treinado. Os policiais não viram *ninguém* entrar ou sair. Nem os outros moradores do prédio.

Ao ouvir isso, estremeci de novo. Apenas evitando alguns policiais preguiçosos que provavelmente estavam cochilando ou comendo, isso não me chocou. Mas se os meus rapazes não conseguissem encontrar um vestígio dele ou descobrir como ele estava entrando e saindo... isso me assustou.

Uma vez que Jasper limpou meu quarto, ou o máximo que pôde sem qualquer tecnologia de detecção, eu peguei uma muda de roupa e minha bolsa de maquiagem. Independentemente dos presentes e das fitas de sexo, eu ainda precisava libertar Dante da prisão. Isso significava que eu precisava trazer meu jogo para este jantar com Graeme.

— Beck. — Eu retruquei, voltando para a sala de estar, onde ele *ainda* olhava para a porra do tablet, mesmo que o vídeo já tivesse terminado. Usar seu apelido pareceu quebrar sua linha de pensamento, e ele estreitou os olhos para mim.

— Sim, Riley?

Eu franzi meus lábios, conseguindo controlar todas as minhas emoções fora de controle. — Eu suponho que você está vindo para jantar comigo? — Ele deu um breve aceno de cabeça. — Eu estarei pronto em quinze. Podemos lidar com isso mais tarde. — Eu dei um olhar aguçado para o tablet em sua mão e segui Evan pelo corredor até seu apartamento.

CAPITULO DEZOITO

Graeme Huntley respondeu à sua própria porta e eu fiquei surpresa o suficiente com isso, que quase pisei de volta em Beck. Eu consegui me segurar, engessando um sorriso educado. Graeme olhou para mim, um tipo de expressão presunçosa no rosto. Houve um silêncio por um minuto e percebi que essa era a primeira vez que eu o via desde que o peguei beijando sua irmã e foi necessário um esforço real para controlar a maneira como meu sorriso queria se transformar em algo mais como desgosto.

— Bem-vindos Srta. Deboise e o Sr. Beckett. — Disse ele, o epítome da polidez. Ele usava um terno cinza de pomba, com uma camisa branca aberta. Procurando ricos e business casual. — Por favor entre.

Disse a aranha para a mosca.

Nós entramos juntos seguindo Graeme. Beck mal tinha falado uma palavra para mim desde a pasta e o "presente" no meu apartamento. A fúria latente em seus olhos não diminuiu e me perguntei se Graeme pensaria que Beck estava aqui para atacá-lo ou algo assim. Porque agora, ele parecia capaz de qualquer coisa.

A casa de Graeme era perfeita e aparentemente nova. Considerando que eles só estavam morando aqui por um mês ou dois, eu me perguntei se tinha sido construído para eles em antecipação ao voto. Ou se fosse uma feliz coincidência que uma nova mansão estivesse disponível para compra.

Em primeiro lugar, entramos em uma grande área de estar formal, vestida principalmente em ouro e azul-celeste. — Por favor, sentem-se. — Disse ele, apontando para um sofá de couro tingido de ouro. O tipo de sofá

que parecia chique e desconfortável. — A equipe virá em breve para tomar uma ordem de bebida.

Beck e eu nos sentamos e eu decidi que não havia como eu estar comendo ou bebendo qualquer coisa aqui hoje à noite. Lembrei-me muito bem de como meu pai me drogou. Graeme eu confiava ainda menos que Richard e isso estava dizendo alguma coisa.

Graeme se sentou em frente a nós, cruzou as pernas, olhando a imagem de elegância enquanto inclinava a cabeça em minha direção. Foi um contraste tão direto para Beck, que era todo largo e relaxado, recostado no banco. Pernas estendidas ligeiramente, braços para o lado, expressão de letalidade enrolada.

— Fiquei surpreso ao receber sua mensagem. — Disse Graeme suavemente, os olhos brilhando na luz fraca. — Mas estou feliz por ter esta oportunidade de conhecer minha sobrinha.

Concentrei-me em manter minha respiração agradável e uniforme, de modo a não deixá-lo vislumbrar meus nervos.

— Obrigada pelo convite para o jantar. — Eu voltei, jogando seu jogo. — Eu percebi que houve muita hostilidade entre nossas famílias e que era hora de quebrar esse ciclo.

Além disso, eu sei que você está fodendo sua irmã.

Seu sorriso se alargou. — Algo me diz que há mais nessa visita do que simplesmente quebrar o ciclo de ódio entre nossas empresas. Diga-me, Riley, qual é a verdadeira razão pela qual você está aqui esta noite? Talvez se tirarmos isso do caminho primeiro, o resto da refeição será mais agradável.

Eu duvidei seriamente disso, mas valeu a pena. — Eu preciso de você para liberar os arquivos pretos.

Ele não falou, mas sua expressão transmitiu seu choque.

— Nem todos eles. — Eu me apressei. — Os de Katelyn só. Devem ser suficientes.

Ele balançou a cabeça e, por um breve momento, a tristeza esmagou seu rosto. Ele amava sua filha. Eu não tinha certeza, mas estava lá.

— Você tem muita coragem — ele disse suavemente, —entrando em minha casa e chamando minha filha assassinada.

Nossa conversa educada acabou.

— Dante não a matou. — Eu disse com a mesma brutalidade. — É um assassino já sendo caçado pela polícia, um assassino que agora está me atacando. Ao reter esse arquivo, você está retendo evidências que podem ajudar a capturar o assassino real.

Graeme cruzou os braços, o rosto novamente sem emoção. — Não há nada nesse arquivo que você precise se preocupar. Essa porra de gangster matou minha filha e ele vai pagar por seu crime.

Eu me virei para Beck, sem saber onde ele queria que eu fosse agora. Eu deveria ameaça-lo? Diga a ele que eu vi ele e Catherine e ameace expô-los? De um jeito ou de outro, eu estava saindo com esse arquivo liberado para a polícia.

— Vou votar em você. — Disse Beck brevemente, e eu respirei fundo.

Tanto porque eu fiquei chocada que ele acabou de sair e disse isso, enquanto também percebia que Graeme esperaria que eu ficasse chocada.

— Na votação do Delta para um novo membro do conselho — Beck continuou, — eu vou lançar o meu em favor de Huntley tomando o sexto lugar.

Graeme olhou entre nós dois, como se ele não tivesse certeza do que acreditar.

— Beck, não. — Eu disse balançando a cabeça, decidindo empurrar o meu choque um pouco mais. — Eu realmente quero salvar Dante também, mas tem que haver outro jeito.

Ele estendeu a mão e empurrou alguns dos meus cabelos atrás das minhas orelhas. — É apenas um voto, Butterfly. Graeme tem que garantir mais dois para realmente conseguir seu lugar. Não é um enorme sacrifício da minha parte.

Beck agiu extremamente confiante de que ainda não havia como Graeme assumir o sexto lugar, o que de novo era parte do jogo que jogamos. Beck havia me dito na outra noite que estava quase certo de que Graeme já tinha dois votos garantidos: Catherine e outra pessoa no conselho que conseguiram subornar ou ameaçar ao seu lado. Foi por isso que Katelyn estava trabalhando tanto para conseguir o voto de Beck. O terceiro e último que eles precisavam.

— Você vai confirmar isso por escrito? — Graeme perguntou.

Beck assentiu. — Eu irei, mas você precisará manter isso escondido até a votação. Se meu pai souber disso, ele tentará reverter o voto de volta para ele.

Graeme colocou os dedos na frente dele, nos observando por um momento. — Por que você quer libertar o gangster? — Ele perguntou, ainda claramente suspeito sobre por que Beck ofereceria algo tão grande para alguém como Dante.

Meus olhos queimavam, como faziam todas as vezes que eu pensava no meu melhor amigo. — Dante é minha família. — Eu disse simplesmente. Eu tinha os herdeiros agora, eles eram as pessoas mais importantes para mim, mas isso não fazia de Dante menos parte da minha família.

— E Riley é minha. — Rosnou Beck.

A expressão de Graeme se iluminou e ele se endireitou na cadeira. — Nesse caso, considere o arquivo seu. Vou mandar para a sua casa e também os arquivos separados enviados para a sua rede privada e para a polícia que está investigando o Assassino de Osiria.

Eu me endireitei também. *Assassino de Osiria?* Nós não dissemos isso a ele. — Você sabia. — Eu disse sem fôlego, fúria fervendo no meu intestino. — Você sabia e ainda estava disposto a deixar Dante pagar por um crime que não cometeu.

Seus olhos se fecharam. — Ah, sim, bem… isso era um favor para alguém. Mas considero que o favor foi pago e agora estou olhando para o futuro de Huntley e Delta. Nós seremos mais fortes juntos.

Beck e eu não nos incomodamos em responder. Eu estava muito ocupada tentando descobrir para quem era o favor. Catherine? Tinha que ser Catherine. Ela era a única que queria Dante fora do caminho, então ele não poderia causar-lhe mais problemas.

Essa cadela precisava matar mais e mais a cada dia.

— Você só tem um voto. — Beck lembrou. — A menos que você tenha algo a nos dizer sobre o restante da diretoria da Delta.

Graeme sacudiu a cabeça. — Você me deixa se preocupar com isso. Você só precisa aproveitar a refeição fabulosa.

Ele bateu palmas e três garçons entraram na sala, claramente tendo esperado por seu sinal. — Bebidas para todos. — Disse Graeme, soando jovial. O bastardo pensou que ele tinha conseguido exatamente o que ele queria.

Beck pediu um scotch e eu balancei a cabeça, sem querer nada. — E se for drogado? — Eu disse para Beck no canto da boca.

Ele balançou sua cabeça. — Ele não vai arriscar nos perturbar. Vai tudo ficar bem.

Com um suspiro, pedi um pouco de água, confiando que Beck, a pessoa mais desconfiada que eu conhecia, me diria se eu precisasse me preocupar.

Uma vez que tomamos nossas bebidas, fizemos conversas fúteis até o jantar ser anunciado. Eu me perguntei se a esposa de Graeme iria se juntar a nós, mas ela nunca apareceu. Quando Beck comentou sobre isso, os olhos de Graeme baixaram.

— Ela não tomou bem a morte de Katelyn.

Eu me perguntei se isso era realmente verdade. Essas esposas de bilionários pareciam todas iguais: bonitas, mortais e fodidamente quebradas além do reparo. Sem dúvida, a sra. Huntley tinha um vício em analgésicos, cirurgia plástica e álcool. No mínimo. Ela provavelmente nem percebeu que sua filha estava morta.

Cínico do ano vai para…

Beck conduziu a conversa de volta para tópicos mais agradáveis, principalmente sobre negócios, ações e besteiras que eu não me importava. Eu escolhi meu passarinho pequeno que deveria ser comida, mas principalmente me assustou, o tempo todo desejando que pudéssemos escapar.

Quando tive certeza de que estava prestes a perder a cabeça, um homem de terno entrou na sala e se inclinou para entregar uma pasta a Graeme. Houve uma troca de palavras que não consegui ouvir e depois o homem foi embora.

Graeme levantou-se. — Aqui está sua pasta. — Ele disse simplesmente. — Meu gerente sentiu que era mais seguro do que correio, então ele tinha entregue aqui.

Beck e eu também estávamos de pé, movendo-se ao redor da longa mesa em direção a ele. Eu estendi minha mão, mas Graeme não me deu a pasta. — Primeira coisa. — Disse ele, levantando a outra mão. Havia um único pedaço de papel. Beck pegou dele.

Ele leu rapidamente antes de pegar a caneta e assinou seu nome na parte inferior. Transação simples que poderia render bilhões de dólares em dinheiro e poder incalculável.

Só que ele estaria na cadeia e incapaz de colher qualquer benefício, é claro.

Isso tinha que funcionar. Tinha, porque caso contrário, estávamos em apuros.

Graeme entregou a pasta para Beck e eu tentei muito não socar ele. Claro que o idiota misógino pensaria que Beck precisava lidar com os "arquivos negros" porque uma mulher boba não seria capaz. Beck deve ter visto o olhar no meu rosto porque ele me deu um sorriso lento e entregou a pasta. Abri para confirmar que tínhamos a informação certa, folheando até encontrar as imagens das flores. Ela recebera três buquês, até onde eu sabia, começando de inocente para uma pingando sangue. Eu folheei mais uma página e ofeguei. Era uma imagem do corpo de Katelyn, com uma única rosa negra ensanguentada em cima.

— Você tem uma foto da sua filha morta? — Eu perguntei horrorizada enquanto olhava para o homem em frente a nós. — Por quê? Não havia rosa em seu corpo. Eu teria me lembrado disso.

Graeme assentiu. — Chegou na noite em que ela morreu. Eu não estava... aqui na hora, e a carta ficou aberta na minha mesa por alguns dias. Ele veio em um envelope de aparência oficial, com um endereço de remetente que foi rastreado para um lote abandonado em Nova York. Eu fiz a minha devida diligência em segui-lo, mas não havia pistas, então simplesmente entrou na pasta.

Eu mostrei meus dentes, sussurrando palavras através deles. — Isso deveria ter ido para a porra da polícia!

Graeme balançou a cabeça para mim como se eu fosse uma pirralha chata. — A polícia tem um décimo dos recursos que eu tenho. Além disso, minha filha já está morta e nada pode trazê-la de volta. Levar isso para a polícia só teria causado mais problemas que não precisávamos na véspera da votação.

Tão insensível. Nenhum pensamento sobre os outros serem mortos por essa mesma pessoa. Ou sobre trazer o assassino de sua filha à justiça. Ele preferia proteger o nome Huntley e não o arrastar pela lama mais do que já estava.

Com um suspiro, me virei e marchei em direção à porta da frente. Beck ficou para trás por alguns minutos e eu me perguntei o que ele estava dizendo para Graeme. Realmente não importava. Nós temos o que estávamos esperando.

Quando Beck saiu da casa, eu estava de pé ao lado do motorista do carro. — Eu preciso dirigir. — Eu disse a ele. Fazia muito tempo desde que eu corri, e agora, meu corpo estava literalmente tremendo em toda a raiva reprimida e medo por dentro.

Ele me olhou por um momento antes de acenar e destrancar o carro. Eu deslizei para dentro do Bugatti e Beck pegou a pasta de mim enquanto eu ajustava meu assento. Meus olhos se fecharam por um momento enquanto eu acariciava o couro macio, respirando o cheiro do carro. Quando eu comecei, o barulho do motor me acalmou ainda mais e um sorriso genuinamente cruzou meu rosto.

— Nós fizemos isso. — Eu disse a Beck, virando para que eu pudesse vê-lo.

Ele assentiu. — Pegamos a pasta e colocamos a votação em movimento, mas algo sobre Graeme está me incomodando.

Eu bufei, mudando de marcha. — É o fato de ele foder sua irmã? Porque essa merda me incomoda.

Os lábios de Beck se curvaram em um sorriso. — Eu estive pensando sobre o corpo de Oscar.

Meu pé pressionou com mais força o acelerador enquanto descíamos o caminho, indo em direção aos grandes e imponentes portões da propriedade de Graeme. — Você acha que Graeme foi quem pegou? — Eu perguntei. Nós não havíamos passado muito tempo nos concentrando no fato de que o corpo de meu irmão foi literalmente roubado de seu túmulo.

— Tudo poderia estar conectado. — Eu disse, realmente considerando isso. — Talvez Catherine e Graeme tenham descoberto que ninguém descobriu que o Oscar era produto de um relacionamento incestuoso.

As mãos de Beck se apertaram em suas coxas. — Apesar do que Richard disse, ainda não sabemos se ele era filho de Graeme com ela ou Huntley Senior. Poderia ser.

Eu engoli, tentando não engasgar.

O portão se abriu lentamente, e eu estava agradecida por poder finalmente dar o fora desse lugar.

— Você tem alguma ideia sobre como descobrir o corpo de Oscar? — Eu perguntei.

Beck sacudiu a cabeça. — Só a foda mais idiota viva manteria o corpo perto deles. A menos que consigamos que um deles confesse, acho que nunca vamos descobrir.

Por um breve momento, fiquei imaginando se poderia torturar Catherine por informações. Mesmo que eu a odiasse mais do que qualquer outra pessoa neste mundo, eu duvidava que eu pudesse infligir dor assim em qualquer um. Algo que ela sem dúvida via como uma fraqueza, mas para mim, era uma linha dura que eu tinha que desenhar. Quer dizer, eu dei um soco em alguém, então talvez eu não fosse exatamente uma pacifista. Mas a tortura sistemática era um outro jogo sociopata.

A propriedade de Graeme ficava do lado oposto de Jefferson, onde ficavam as propriedades da Delta. Era muito natural aqui fora, muita floresta e árvores ao longo da estrada. Estava realmente escuro e essa foi a principal razão que eu não notei o carro atrás de mim até que foi basicamente na minha bunda.

— Que porra é essa? — Eu disse, sacudindo os olhos para o espelho retrovisor e voltando para a estrada várias vezes. — Sem luzes…

Seu motor rugiu e estava vindo tão rápido que eu sabia que ia nos atingir. Felizmente, esta não foi a minha primeira perseguição em alta velocidade e consegui desviar para o lado e perder o golpe direto, poupando assim o meu bebê Bugatti qualquer dano. Esses bastardos não a machucariam melhor, ou eu reavaliaria a coisa da tortura.

Beck estava em estado de alerta então, a cabeça dele virou para observar o carro enquanto ele recuava e eu peguei a velocidade. — Ele tentou nos acertar. — Eu disse rapidamente, meu pé empurrando com mais força e o motor realmente se abrindo.

Um aviso apareceu em mim e eu olhei para o pequeno indicador. — Pneus ... — eu disse devagar antes de minha atenção ser tomada pelo carro atrás de novo.

Ele estava cruzando duas pistas na tentativa de chegar ao meu lado e me tirar da estrada. Não querendo dar essa chance, eu empurrei meu pé com mais força e nós saltamos na frente.

— Graeme ou o serial killer? — Eu perguntei a Beck entre os dentes cerrados, meu foco quase completamente em nos manter vivos.

Beck não respondeu, apenas retirou sua arma e abaixou a janela, o ar frio chicoteando ao redor de nós.

Eu peguei um vislumbre do outro carro em nossas luzes traseiras, apenas notando que era preto e elegante antes de fechar o lado novamente. Beck abriu fogo, apontando direto para o para-brisa dianteiro. Ele desviou e recuou, nos dando um pouco de espaço para respirar. Deixei escapar um suspiro de alívio quando vi as luzes de Jefferson à frente. Uma vez que estivéssemos de volta à população principal, certamente este outro carro voltaria imediatamente.

A Bugatti apitou para mim de novo e lembrei-me do aviso de pneu que havia surgido antes. — Beck...— eu disse devagar, assim que senti o carro começar a deslizar. A essa velocidade, qualquer perda de controle era mortal e imediatamente levantei meu pé do acelerador.

— Beck, pegue a porra de volta no carro. — Eu gritei estendendo a mão para ele. Ao mesmo tempo, houve um estrondo enorme na parte de trás do carro, e eu soube imediatamente que o pneu tinha sido queimado.

Filho da puta! Alguém havia mexido com os pneus. Um vazamento lento ou algo assim, eu não percebi imediatamente. Então as altas velocidades os aqueceriam e se a pressão fosse baixa…

Com as duas mãos no volante, lutei para controlar o carro, deslizando por um aterro. No momento em que chegamos ao limite, a Bugatti virou de um lado para o outro, meus braços subiram para cobrir meu rosto enquanto eu gritava. Flashbacks do meu último acidente encheu minha cabeça, e eu me perguntei se desta vez minha sorte acabaria. *Beck ...*

— Riley! — Beck rugiu, e essa foi a última coisa que ouvi antes de minha cabeça bater na lateral do carro e tudo ficar escuro.

CAPITULO DEZANOVE

BECK

No momento em que nossos pneus explodiram, soube que havíamos sido sabotados por Graeme Huntley. Aquele desgraçado queria seus arquivos de volta. O acidente foi projetado para nos incapacitar, mas não para matar. Só que ele não tinha previsto a velocidade que Butterfly conduziria, deslizando os pneus mais rapidamente e nos mandando para fora de controle e caindo em um barranco.

Me projetando contra a porta, eu consegui manter minha cabeça de bater em qualquer coisa, enquanto segurava Riley de volta também.

O medo não era uma emoção que eu sentia frequentemente, geralmente eu estava indiferente sobre viver ou morrer. Eu acabei de fazer o meu trabalho e comecei com as besteiras. Mas agora que eu tinha Riley, tinha muito a perder e estávamos no meio de um jogo perigoso.

Quando o carro parou, eu sacudi a dor, estendi a mão para checar a porra da minha alma que estava no banco ao meu lado. Seu pulso pulsou fortemente em seu pescoço e eu soltei um suspiro aliviado. Ela estava inconsciente, um corte em sua têmpora e outra em seu braço, mas eu não podia ver nada muito fatal em meu rápido exame. Alcançando meu telefone, liguei para Dylan.

— Nós temos um maldito problema. — Eu disse imediatamente e eu sabia que tinha toda a sua atenção. — Alguém sabotou a Bugatti e nós caímos. — Dei-lhe a nossa localização e disse-lhe para trazer imediatamente os paramédicos para cá.

Eu estava desesperado para tirar Riley de sua cadeira, mas não sabendo da extensão de nenhum ferimento no pescoço, eu decidi não movê-la ainda.

Pneus soaram no asfalto acima da nossa vala e minha cabeça estalou naquela direção. *Um carro. Dois conjuntos de passos.*

Eles estavam vindo para terminar o trabalho, que era pegar o arquivo ou nos matar. Dependendo de quem orquestrou isso e qual foi o seu jogo final.

Minha arma estava alojada no painel lateral, eu estava determinado a não perde-la quando rolávamos, então me abaixei e agarrei, determinando que faltavam três rodadas. Minha porta foi esmagada, e eu não tinha como abri-la, e não havia tempo para sair pela janela, então deixei cair a cabeça para trás, fingindo inconsciência.

Riley se mexeu um pouco ao meu lado, um gemido de dor a deixando e eu silenciosamente pedi que ela ficasse parada por apenas mais um minuto.

Eles estavam quase em nós.

Eu sempre soube quando alguém estava me observando, esse mal-estar escorrendo sobre a minha pele quando o par parou perto da minha janela.

— Ambos fora. — Disse um homem, sua voz não é conhecida por mim.

— Pegue os malditos arquivos — acrescentou o outro, — antes que alguém chegue.

Meu dedo se contorceu na arma, e eu dei mais dois segundos antes que meus olhos se abrissem e explodi o primeiro ponto em branco na cabeça. Ele caiu e seu amigo fez o mesmo, claramente treinado para evitar o fogo. Ele foi embora ao longo do chão e eu saí da pequena janela, conseguindo subir e ir embora em menos de um minuto.

Eu fui ferido. Ele foi rápido, mas ainda assim, eu o peguei pouco antes de chegar ao escuro SUV estacionado na beira da estrada. Eu poderia facilmente ter atirado nele, mas eu não teria ninguém para torturar informações.

Ele olhou por cima do ombro e ficou pálido pra caralho quando ele me viu na sua bunda. Ele se atrapalhou com a arma, mas era tarde demais. Eu envolvi minha mão em torno de sua garganta e o empurrei para parar antes de girar e bater contra uma árvore próxima.

— Quem te mandou? — Eu perguntei, minha voz mortalmente baixa enquanto eu lutava contra a raiva dentro de mim. Seria uma contração da minha mão para quebrar o pescoço dele e eu estava quase desesperado para fazê-lo. Eles machucaram Riley. Eles poderiam tê-la matado.

Nenhuma piedade.

Ele não podia falar, então afrouxei meu aperto apenas uma fração. — Foda-se. — Ele balbuciou, rosto vermelho.

Meus lábios se torceram em um sorriso, o tipo de sorriso que normalmente era a última coisa que ele veria neste mundo, mas havia muito mais diversão para vir. Outro carro gritou, parando bem no meio da estrada como se eles não tivessem se importado com o tráfego. Jasper saiu do lado do passageiro e praticamente se jogou na estrada.

— Riley! — Ele gritou, parecendo chateado e frenético.

— Viva — eu disse, — mas machucada. Ela ainda está na Bugatti. Eu estava com medo de movê-la em caso de lesão no pescoço.

Dylan também estava lá, de maneira silenciosa. — Eu vou verificá-la.

— Lide com esse cara. — Eu disse para Jasper e Evan. — Eu vou com Dylan.

— Você quer que a gente mate ele? — Evan perguntou, parecendo que ele não amaria mais nada.

Eu balancei a cabeça. — Não, ele tem muito a nos dizer sobre seu papel nisso. Seria uma pena acabar com a miséria dele tão cedo.

Quando eu o soltei, ele caiu no chão, caindo em uma pilha. Sufocando e ofegando por ar. Evan e Jasper entraram em ambos os lados dele, suas expressões escuras e duras.

— Vamos. — Eu disse a Dylan, precisando voltar para Riley.

— Você está ferido. — Disse Dylan enquanto eu deslizei pelo barranco, minha camisa subindo para revelar alguns arranhões e cortes.

Eu sacudi ele. — Não é nada. Eu tive pior. Vamos nos concentrar em Butterfly.

Porque se ela não estivesse bem, eu destruiria o mundo na minha raiva, e ninguém queria que isso acontecesse.

Ao longe, ouvi um motor de carro rugir para a vida, e parei porque não era o mesmo motor que o SUV ou o carro que tinha nos tirado da estrada. Não havia casas por aqui também.

Houve um terceiro jogador?

Meus pés se moviam mais rápido enquanto eu corria para a Bugatti acidentada. — Riley! — Eu gritei, o medo me rasgando tão rápido quanto eu estava rasgando a vegetação espessa.

Eu bati forte na minha porta, e quando vi o assento vazio onde ela estivera, raiva como se eu nunca soubesse que havia me rasgado.

Os próximos minutos foram nada mais do que flashes de vermelho e preto em toda a minha visão, e Dylan chamando por Evan e Jasper para tentar me impedir de rasgar a porta da porra do carro.

— Beck! — Dylan gritou na minha cara. — Você não está ajudando Riley perdendo isso. Precisamos descobrir quem diabos a levou e então precisamos mata-los. Mas nós não faremos nenhuma dessas coisas sem uma cabeça clara.

Meus punhos cerraram quando meu sangue bombeou pelo meu corpo, tudo queimando. Dylan estava certo, porém, eu precisava me recompor porque minha Butterfly precisava de mim. — Um carro arrancou — consegui sair, — cerca de meio quilômetro dessa maneira.

Eu apontei através das árvores, já se movendo nessa direção.

— Era um padrão de seis cilindros em linha. Um pedaço de merda normal.

Havia algo familiar em seu motor, mas não consegui identificar.

— Eu também ouvi. — Disse Dylan. —Vi um vislumbre disso na estrada quando paramos, mas eu estava muito preocupado com Riley para prestar muita atenção.

Eu prendi meu foco nele, mesmo quando nós rasgamos a estrada para onde o carro estava. — O que você notou? — Eu mordi. — Certamente seu computador de um cérebro, porra, lembra de algo.

Dylan poderia catalogar uma cena e desenhá-la a peça sem nenhum esforço. Era como o cérebro dele estava ligado.

Ele fez uma pausa, dando-se um momento para pensar. — Sedan branco com marcas azuis ao lado. Janelas escuras. Ninguém no banco do condutor ou passageiro. Seis cilindros em linha reta.

Outra pausa. — Quase soou como um...

— Carro da polícia. — Eu disse, interrompendo-o quando a familiaridade daquele barulho finalmente se registrou. A polícia de Jefferson dirigia o mesmo sedã branco indefinido.

Dylan assentiu. — Mas por que diabos a polícia a teria levado?

Um estrondo balançou meu peito quando meus dentes se apertaram. — Não a polícia, mas alguém próximo o suficiente para levantar um de seus carros. Ou… alguém que trabalha para eles.

O assassino de rosas.

Isso fazia todo o sentido. Foi assim que ele ficou fora da prisão. Ele trabalhava para a polícia. Provavelmente destruindo evidências antes que se aproximasse de incriminá-lo.

Dylan quase parecia pálido, apesar de seu tom de pele mais escuro. —Você acha que o serial killer está tão próximo o tempo todo. Como… na delegacia enquanto íamos lá com o Riles?

Ele chegou à mesma conclusão que eu.

Eu balancei a cabeça. — Sim, esses bastardos gostam de ficar perto. Fique de olho nas coisas.

Chegamos ao local, mas o carro tinha ido embora há muito tempo. Eu vi o recuo dos pneus, e vendo que eles eram exatamente o pneu dos veículos da polícia, eu percebi que era o primeiro lugar que precisávamos ir.

— Diga a Evan e Jasper para limpar a cena antes que a ambulância chegue aqui e obtenha qualquer informação que possa sair desse filho da puta antes de descartá-lo. — Eu disse. — Eu preciso ir para a delegacia de polícia.

Antes de sair, peguei a pasta da Huntley e pedi que um dos nossos carros viesse nos buscar. Dylan acabou se juntando a mim, enquanto Evan e Jasper levaram nosso convidado para um dos abrigos por um tempo. Eles obteriam qualquer informação dele e esperançosamente encontraríamos Riley antes que fosse tarde demais.

CAPITULO VINTE

Tinha um o som na minha cabeça, perturbando a inconsciência em que eu estava vivendo. Um gemido escapou de mim quando eu gentilmente balancei a cabeça. Abrindo meus olhos provou ser mais difícil do que normalmente seria, minha cabeça doendo como se eu tivesse a pior ressaca da minha vida. Também parecia muito brilhante por trás das minhas pálpebras, mas não quente. Eu não estava no sol...

Movendo-me para a frente, parei porque estava de pé, mas minhas mãos estavam amarradas nas minhas costas.

Que porra é essa?

Consegui arrancar um olho aberto, estremecendo com o repentino choque de luz. Um raio estava brilhando diretamente em mim, e eu não conseguia ver nada além de pontos dançando na frente da minha visão. Quando meu outro olho finalmente se abriu, eu me forcei a olhar em volta, apesar de meus olhos estarem tão molhados que eu estava basicamente chorando.

Onde diabos eu estava? Tentei lembrar o que aconteceu, mas tudo na minha memória estava escuro. Sacudindo minha cabeça novamente, trabalhei nas amarras em minhas mãos, tentando o meu melhor para soltá-las o suficiente para libertar meus braços. Minhas pernas estavam amarradas também, uma a cada perna da cadeira em que eu estava, mas eu me preocupava com isso uma vez que minhas mãos estivessem livres.

Corda cortou minha pele, mas eu não deixei que isso me parasse. Minha cabeça continuou a bater enquanto tentava desesperadamente encontrar minhas últimas memórias.

Eventualmente, algumas voltaram... o disco rígido, o vídeo no meu apartamento... o jantar com Graeme Huntley.

Eu fui à casa de Graeme com o Beck. Ele fez isso? Me sequestrou?

Um grito baixo vindo de perto quando uma porta se abriu me desencadeou. *Pneus.*

Jesus fodendo a Cristo. Os pneus explodiram e a Bugatti rolou.

Beck! Onde diabos estava Beck?

Passos chamaram minha atenção, e eu trabalhei meus pulsos com mais força, ignorando a dor — neste momento parecia que eu estava completamente esfregando minha pele, mas se isso me libertasse.

Porque as luzes estavam em meus olhos, eu não conseguia ver nada além de sombras. — Vo-você está cometendo um enorme erro. — Eu gaguejei, tentando o meu melhor para a morte, encarar a figura encapuzada de sombras na minha frente. Eu estava tão focada nas minhas restrições que não tinha notado meus dentes batendo ou o frio congelante penetrando em meus ossos. Onde diabos eu estava? Sibéria? — Delta não vai aceitar isso, e você sabe disso. Eles vão m—me encontrar e depois você vai pagar.

— Eles não vão encontrá-la antes que eu termine. — O homem respondeu e fiquei chocada que não *era* a voz de Graeme. Eu estava tão certa de que ele era responsável... então, novamente, ele não estaria sujando as mãos com esse tipo de merda. Provavelmente foi algum cara pago que ele contratou para me intimidar.

Ele mudou para a luz e me mostrou seu rosto.

— Você! — Eu chupei um suspiro assustado, reconhecendo o homem na minha frente. Mas me encontrando ainda mais confusa do que

nunca. — Você trabalha para Huntley? Eu não entendo. Você estava na delegacia para plantar provas ou algo assim?

O bom homem de pele escura — James? Johnson! — Sorriu um perturbador e encantador sorriso para mim, sacudindo a cabeça como se eu fosse um maldito idiota.

— Muito pelo contrário, senhorita *Deboise*. Eu estava lá para destruir provas. Não poderia ter todo mundo gritando serial killer muito cedo, agora eu poderia? Isso arruinaria todos os meus planos cuidadosamente planejados. — Ele inclinou a cabeça para o lado quando disse isso, como se estivesse fascinado com a minha reação.

Felizmente, eu estava trabalhando realmente enlouquecendo no meu rosto Delta. Enquanto internamente eu tremia e gritava, mantive meu rosto em branco e vazio. Se esse filho da puta tivesse ido ver suas vítimas com medo, ele estava sem sorte comigo.

Tão longe.

— A rosa. — Eu cuspi. — O do corpo de Katelyn. Você se livrou disso antes que a prova fosse processada, então eles não ligariam o crime ao de Cordelia June.

Johnson assentiu, convencido como um gato em creme. — Sim, tirei uma foto para seus pais, claro, e meus próprios registros, mas depois larguei a rosa. Não queria te dar uma dica cedo demais. — Ele mudou de assunto em um flash. — Eu poderia ter matado você naquela noite, sabe? Eu estava *tão* perto. — Ele ergueu o polegar e o indicador a cerca de meio centímetro de distância, e notei que ele usava luvas de couro preto. Na outra mão, uma faca de caça de doze polegadas brilhava quando captou a luz. Claro que ele usava luvas. Esse cara estava provando ser ainda mais habilidoso do que o meu pessoal e todo o seu treinamento na Delta.

— Então, por que você não fez? — Eu perguntei. Eu não tinha ideia de como me salvaria dessa situação que parecia estar piorando. Talvez se eu pudesse *ficar viva,* então Beck...

Essa ideia se interrompeu tão rápido quanto veio e eu engoli um grito de angústia. Onde estava Beck? Ele sobreviveu ao acidente?

Independentemente. Dylan, Evan e Jasper ainda estavam lá fora, e eles suspeitariam se não chegássemos em casa logo. Certamente, eles me encontrariam. Nos.

— Seu guarda-costas constante tornou as coisas mais complicadas. — Admitiu Johnson. — Nenhuma das minhas outras... as outras garotas não tinham namorado para trabalhar. Quando o ouvi dizer que ele estava se mudando permanentemente, vi minha janela fechar e escalar as coisas.

Eu lambi meus lábios e provei sangue. — Então você se opõe a matar homens? Tenho certeza de que há alguma psicologia lá.

Johnson me deu um sorriso malicioso, como se eu estivesse sendo engraçada. — Não tira minhas pedras, se é isso que você está sugerindo, mas não, eu não tenho problemas em matar alguém que me atrapalhe. Exceto Beck... — Ele parou de falar e eu sabia o que ele queria dizer.

— Exceto que você não sabe que você ganharia contra Beck. — Eu terminei por ele. — Você sabe que ele é melhor que você.

Johnson surpreendentemente assentiu. — Ele é. Ou ele seria, qualquer outro dia da semana. Desde que ele conheceu *você*, bem, ele é todo tipo de distraído. Se ele não estivesse muito ocupado com o rosto enterrado entre as pernas, eu nunca teria chegado perto o suficiente para entregar até mesmo o primeiro buquê.

— Então você mexeu com o carro dele. Com muito medo de levá-lo consigo mesmo, hein? — Eu estava bem ciente de que não era inteligente

insultar o assassino com uma faca, mas eu estava puta pra caralho e ele escorregou pelas fendas.

Johnson riu. — Na verdade, não fui eu. Eu apenas aproveitei a oportunidade que ela apresentou. — Ele casualmente colocou a ponta da lâmina contra a minha garganta, em seguida, arrastou-a pelo meu peito até chegar ao decote do meu vestido. Ele não tinha pressionado o suficiente para cortar, mas eu me encolhi mesmo assim, então mentalmente me chutei com o brilho de excitação em seu rosto.

— O que você quer dizer? — Eu exigi, tentando mantê-lo falando e não me cortando. — Você não fodeu com o nosso carro?

— Não. — Ele respondeu, inclinando a lâmina para o centro do meu peito e ajustando o seu aperto. — Se eu fosse um homem de apostas, eu diria que Huntley viu uma excelente oportunidade de abrir dois assentos extras no quadro da Delta. Não havia alguma regra draconiana sobre a necessidade de um herdeiro para manter sua posição? — Ele disse isso como se não se importasse, mas ele claramente fez sua pesquisa.

Antes que eu pudesse responder, sua mão apertou a faca, o braço flexionando.

Meu tênue domínio sobre o meu medo escorregou e soltei um grito involuntário antes de perceber que ele não havia me esfaqueado. Ele tinha acabado de cortar a frente do vestido azul que eu usava para o jantar, deixando-o aberto até a minha cintura e mostrando o sexy sutiã de renda que eu coloquei para Beck.

— O medo é uma coisa tão bonita, você não acha? — Ele ronronou, usando sua outra mão enluvada para acariciar o pulso na minha garganta que deve ter sido visivelmente latejante. Minha respiração estava vindo em suspiros curtos, em pânico, e levou toda minha força de vontade para forçá-la mais devagar e não dar a Johnson a satisfação do meu terror.

— Eu acho que nós temos diferentes definições de beleza. — Eu retruquei de volta para ele e realmente considerei cuspir como eu tive em Catherine naquele primeiro dia. — Qual é o seu negócio, afinal? Alguma herdeira te dispensou na noite do baile e você decidiu começar a perseguir e matar garotas para compensar isso? Já considerou a terapia em vez disso?

Um breve lampejo de raiva em seus olhos foi a única reação que tive, mas foi o suficiente para saber que eu atingi um nervo. Então, novamente, a maneira como ele cortou sua lâmina na minha coxa teria me dito que eu também o irritava.

— Porra! — Eu gritei antes de morder minha língua. A queimadura quente da dor passou através de mim e eu cerrei meus dentes com força, tentando com tanta força que não chorei.

Eu ia morrer. Assim como Katelyn, com dezenas de facadas no meu corpo. Nunca sabendo se Beck estava bem. Nunca sabendo se venceríamos a Delta em seus jogos fodidos.

— Por que você não acabou de me matar? — Eu soluçava, a dor atravessando minhas terminações nervosas.

Johnson riu novamente, a raiva desapareceu de seu rosto. Psicopata.

— Onde está a diversão nisso? Eu estava fodendo Katelyn por semanas antes de acabar com ela. Ela nunca teve a menor ideia sobre a pessoa que convidou para a cama, pensando que era toda inteligente porque estava transando com a polícia por informações privilegiadas. Mal ela sabia...

Jesus. — Você vai me manter por semanas?

A lâmina estava de volta na minha pele, o lado contundente arrastando em meus seios. — Isso realmente depende de quão boa você é, não é, princesa.

Ele se inclinou para mais perto e apertou seus lábios nos meus, a lâmina entre nós, e eu lutei contra o meu reflexo de vômito porque eu queria vomitar em sua boca. Mas eu tive que tentar e permanecer viva, pelo menos, dar aos caras um pouco de tempo para tentar me encontrar.

Então eu não fiz nada. Deixei que ele pressionasse seus lábios nos meus e eu não os mordi como queria.

Quando Johnson se afastou, seu rosto estava iluminado, as pupilas dilatadas. — É mais parecido com isso. — Ele disse suavemente. — Eu amo minhas mulheres, você tem que entender. Um amor obsessivo por uma pessoa que não pode amar de volta porque é rica demais para ver os que estão abaixo deles.

Suas palavras eram estranhas e desconexas, e era muito claro que ele era louco. De um jeito são. Ele se levantou, virando-se para desligar o enorme holofote e eu poderia ter gemido com o alívio de não ter um raio alto na minha cara. Minha cabeça doía, os olhos lacrimejando quando deixei minha cabeça cair para frente.

Meus olhos se fixaram na minha coxa, sangue saindo da ferida e pingando no chão. Um lento plop, plop, plop como ele escorria.

Johnson estava de volta ao meu rosto novamente e eu reprimi o grito. — Agora — ele disse lentamente, levantando a lâmina novamente, — onde estávamos?

CAPITULO VINTE E UM

BECK

Estava chegando 1:00 da manhã quando entrei na estação. Parando na recepção, a mulher olhou para cima de seus papéis e quando ela se concentrou no meu rosto, os dela se contorceram, o terror ampliando seus olhos.

— Eu — posso ajudar você?

Não perdi tempo com amabilidades. — Eu preciso dos detetives encarregados do caso do assassino de Osiria.

Dylan ficou logo atrás de mim e, quando os olhos dela se voltaram para ele, ela visivelmente engoliu em seco. Nenhum de nós estava fazendo um ótimo trabalho de nos escondermos hoje. Agora mesmo, o mundo podia nos ver em nossa verdadeira forma e isso assustava o inferno deles.

Ela levantou o telefone e ligou, falando apenas algumas palavras.

— Eles foram para casa a noite. — Ela nos disse sem fôlego.

Eu me inclinei mais perto. — Traga-os de volta. Agora.

Ela piscou antes de falar ao telefone novamente. Quando ela caiu, ela acenou para os lugares atrás de nós. — Eles estarão aqui em quinze minutos. Por favor, sente-se.

Ignorando-a, inclinei ainda mais perto, de modo que minha testa estava quase pressionada contra o fundo do painel de vidro. — Eu preciso de você para me dar arquivos de todos os funcionários e suas datas de emprego.

Ela já estava sacudindo a cabeça. — Sinto muito, mas isso é tudo informação confidencial.

Eu bati minha mão na mesa e ela pulou no ar.

— Faça o que estou falando. Não é a noite para me irritar, confie em mim.

Uma pequena quantidade de fogo entrou em seu rosto, quando ela pulou para trás, segurando uma pasta em seu corpo. Ela tinha quarenta e poucos anos, cabelos castanhos escuros e grandes óculos de aro preto. Ela era como um ratinho desafiando a porra de uma sucuri. — Não fale comigo assim. — Disse ela, suave, mas firme. — Ameaçar vai te colocar na cadeia.

Eu ri sombriamente. —Sim, eu não penso assim, amor. Veja, eu basicamente possuo esta porra de estação, e eu não hesitarei em rasga-la no chão se eu não conseguir o que preciso. Agora.

— Beck.

Virei-me para a voz rouca, vendo o capitão Decker atravessar a porta de segurança.

— Pensei que ouvi seus tons doces aqui. Qual é o problema?

Decker estava com meu pai, eu não confiava nele, mas sabia que ele poderia conseguir o que eu queria.

— Eu preciso de todos os arquivos de pessoal, com suas datas de início, qualquer tempo de férias e assim por diante.

Eu sabia que o assassino estava fora da cidade quando a herdeira foi morta e seria fácil ver se alguém tinha dias de férias. Ou se fosse um novo funcionário.

Decker me observou por um minuto e Dylan se aproximou das minhas costas, pronto para o que estava prestes a acontecer.

— Dê a ele o que ele precisar, Francine. — Disse ele, voltando-se para a mulher.

Ela respirou fundo, mas não discutiu.

Jogada inteligente.

Eu bati meus dedos no balcão, olhando para ela enquanto ela freneticamente bateu em seu computador para puxar os arquivos que eu pedi tão educadamente. Decker limpou a garganta de um jeito agudo e eu levei o meu tempo doce a mudar minha atenção para ele.

— Posso perguntar o que é isso tudo, Sebastian? — E le disse isso tão educadamente quanto podia, mas havia aquela vantagem de condescendência que dizia que ele não me levava tão a sério quanto meu pai. Esse era um problema que eu precisava consertar e não conseguia pensar em nenhum momento melhor como o presente.

—É Sr. Beckett para você, Decker. — Eu rosnei, canalizando meu pai como eu nunca tinha feito antes. — Não vamos esquecer quem paga esse segundo salário saudável para você.

Do canto do meu olho, eu vi as bochechas de Francine ruborizarem e seus olhos aparecerem, mas ela era esperta o suficiente para manter a cabeça baixa e a boca fechada.

O Capitão Decker, por outro lado, não parecia estar lidando bem com a dinâmica do poder. Eu não podia culpá-lo, muito. Até agora, nenhum de nós, herdeiros, demonstrou qualquer interesse em lidar pessoalmente com as centenas, se não com milhares, de empregados da Delta, menos do que a folha de pagamento da diretoria.

— Agora veja aqui... — começou o capitão, com o rosto de um tom pouco atraente de vermelho, enquanto o suor se formava em sua testa brilhante.

— Eu não faria, se eu fosse você. — Comentou Dylan, interrompendo-o. — Caso você tenha esquecido, Beck faz vinte e um em dois meses. Todos nós sabemos que Rome já entregou as chaves do reino. — Sua voz era calma, conversadora mesmo, mas a ameaça era clara.

O capitão Decker respirou fundo muito visível, as narinas dilatadas e o rosto ainda rosado de indignação ao olhar entre Dylan e eu. Finalmente, ele voltou sua atenção para Francine, a opção segura. — Você não terminou de imprimir esses arquivos ainda? — Ele exigiu, e a mulher se apressou para pegar uma pilha da impressora e entregá-las ao outro lado do balcão. — Sr. Beckett, Sr. Grant, vocês gostariam de se juntar a mim no meu escritório? Tenho certeza de que posso ajudá-los a navegar nesses documentos muito mais rapidamente se conseguirmos entender o que você está procurando?

Dei a Dylan um pequeno puxão de cabeça e segui Decker até o escritório dele, trazendo a retaguarda.

— Houve um assassinato no Texas há alguns meses. — Eu comecei quando a porta foi fechada atrás de nós. — Uma jovem herdeira esfaqueada até a morte pelo assassino apelidado de 'assassino de Osiria', devido às rosas raras que ele deixa para trás.

Decker assentiu. — Estou ciente disso, suspeitamos que os presentes deixados para a senhorita Deboise sejam do mesmo assassino. Os detetives Shephard e Riggs disseram que conversaram com você e deixaram um detalhe de proteção?

— Alguma proteção. — Murmurou Dylan baixinho e Decker fez uma careta. Eu poderia dizer o quanto ele queria chamar Dylan e exigir uma explicação, mas ele mordeu a língua no último segundo. Sensato.

— Nós achamos que o assassino é um dos seus policiais. — Eu anunciei com zero emoções. Era mais seguro assim, para todos os envolvidos. — Riley foi levada hoje à noite por alguém dirigindo um carro da polícia. Então, precisamos de seus registros para mostrar novos recrutas e também quem poderia ter saído durante o tempo em que Cordelia June foi assassinada. Eles também tiveram acesso aos chamados detalhes de proteção de Riley. Este bastardo estava nos seguindo esta noite.

Decker empalideceu tanto que parecia quase cinza. — Você não precisa verificar isso.— Ele jogou a pilha de papéis em sua mesa, em seguida, circulou para inicializar seu computador. Alguns segundos rápidos de bater e ele virou a tela para nós.

— Seis semanas atrás, fizemos dezessete transferências de fora do estado. Três deles vieram do Texas. Todos eles verificaram, no entanto. Limpo como assobios.

Eu respirei fundo, olhando para a tela onde as fotos dos três oficiais eram exibidas ao lado de seus detalhes básicos. —Merda.

— É isso. — Dylan franziu a testa para a tela, em seguida, lançou um olhar para mim. —Você sabia que Johnson estava de volta à cidade?

— Porra! — Eu gritei, girando e batendo meu punho na parede ao lado da porta. O drywall barato desmoronou e minha mão foi direto para o interior oco, levantando uma nuvem de poeira.

Quando eu balancei a merda da minha mão e girei de volta, Decker estava olhando para mim com uma expressão atordoada. — Eu entendo que você reconhece o oficial Johnson?

— Ele se transferiu do Texas? Da mesma cidade que Cordelia? — Eu exigi, checando novamente o que ele tinha acabado de dizer. O que meu intestino estava me dizendo era verdade.

Decker acenou com a cabeça e eu precisava respirar calmamente.

Claro, poderia ter sido uma coincidência. Mas apenas tolos e sonhadores acreditavam em coincidências e eu não era nenhum dos dois. Este filho da puta... ele se encaixou. Não só ele estava no lugar certo na hora certa, ele tinha estado nos detalhes de proteção de Riley hoje. Ele *tinha* nos seguido e nos conhecidos. Pior ainda, ele foi treinado. Não no tipo de força policial comum, também. A Delta não era o único mega poder que queria que seus futuros líderes fossem treinados e havia campos reais dedicados a fornecer esse serviço.

Foi lá que conhecemos Johnson antes de começarmos na Ducis. Ele tinha sido herdeiro da imensa fortuna de sua própria família, ainda que com dinheiro novo, até que o filho de amor secreto de seu pai apareceu. Os detalhes eram nebulosos, mas nossos espiões nos disseram que ela de alguma forma orquestrou para que Johnson fosse legalmente renegado. Jogado fora em sua bunda.

— Explica como ele estava passando por nós. — Comentou Dylan suavemente e eu balancei a cabeça em descrença. Johnson foi bom. Muito bom. E totalmente, certificadamente insano, mesmo antes da merda com o pai.

— Onde ele mora? — Eu exigi de Decker. O capitão rapidamente anotou um endereço em um pedaço de papel e entregou-o.

— Este é o endereço que temos para ele — disse ele, — mas algo me diz que ele não estará em algum lugar tão óbvio.

Eu estraguei meu cérebro por um momento, tentando lembrar de qualquer coisa que eu soubesse sobre ele.

— Ele disse que tinha avós em Jefferson, certo? — Eu disse a Dylan. — Ele mencionou isso assim que dissemos a ele de onde viemos.

Dylan assentiu, o rosto sério. — Sim. Lembro dele dizendo isso.

— Encontre esse endereço! — Eu disse para Decker.

O capitão assentiu. — Vou fazer. Você sai e eu vou enviar o endereço e fazer o backup o mais rápido possível.

Ele já estava pegando o rádio em sua mesa, mas Dylan o impediu de tirar o fone da mão e esmaga-lo contra o convés.

— Não há necessidade. — Dylan rosnou. — Este é o negócio da Delta. Apenas pegue o endereço.

Eu saí da delegacia de polícia com uma carranca mortal no meu rosto, o endereço no arquivo de Johnson apertado na minha mão. Começaríamos verificando, mas algo me dizia que o lugar dos avós era nosso vencedor. É melhor Decker achar essa propriedade imediatamente.

Então Johnson ia pagar por cada arranhão de Riley, mil vezes.

CAPITULO VINTE E DOIS

O constante ruído do meu sangue caindo no chão de concreto era o único som que me mantinha acordada. Minha cabeça estava confusa e espessa devido à perda de sangue, mas, até onde eu podia, dizia que ele ainda estava para bater em qualquer coisa debilitante. Contanto que eu não desmaie de todos os pequenos cortes que ele fez, então eu deveria estar bem para correr. Era todas as feridas superficiais e até agora eu tinha escapado de algo pior do que alguns beijos viscosos e besteira áspera agarrando.

Johnson tinha sumido por um tempo, tempo suficiente para que eu quase começasse a entrar em pânico. Se ele tivesse ficado entediado e decidido me deixar aqui até eu ficar inconsciente? Ou foi essa a oportunidade que eu estava esperando?

Mordendo o lado da minha bochecha em uma tentativa de focar meus pensamentos, eu levantei minha cabeça pesada e tentei sacudir o cabelo fibroso e encrostado do meu rosto. Eu devo ter machucado a cabeça no acidente porque Johnson estava focando seus ataques no meu corpo.

Tomei algumas respirações profundas, em seguida, me esforcei para ouvir.

Silêncio.

Certamente esta foi uma oportunidade tão boa quanto eu já tive. Eu tinha sido prisioneira de Johnson por muito tempo para continuar esperando por um resgate. Parecia que eu estava naquele quarto escuro

há dias, mas provavelmente eram apenas algumas horas. Ainda assim muito tempo para o meu gosto.

Felizmente, o meu atacante tinha deixado os holofotes gritantes quando ele saiu correndo daqui algum tempo antes e meus olhos se acostumaram mais com a escuridão. O suficiente para que eu pudesse ver o meu ambiente sombrio.

Tanto quanto eu poderia dizer, eu estava em algum tipo de galpão. Ele colocou minha cadeira no centro, bem longe do equipamento, e montou um holofote industrial em frente a mim.

Um sorriso sombrio percorreu meus lábios doloridos e rachados e eu engoli uma risada presunçosa. Esse pau havia subestimado meu desejo de viver e minha nova espinha de aço. Uma coisa que ser sugada pelo mundo de Delta me ensinou foi que eu era muito mais forte do que jamais imaginei. Se eu pudesse sobreviver à morte dos meus pais, estar em um acidente de avião e ser forçada a atirar em um homem na cabeça... então eu poderia muito bem sair dessa bagunça.

Avistando meu alvo, respirei fundo e segurei para o que eu estava prestes a fazer. Porque ia doer.

Tão duro quanto pude, joguei meu peso para o lado da cadeira, tentando derrubar.

Nada aconteceu.

— Porra. — Eu amaldiçoei sob a minha respiração. Meus braços amarrados atrás das costas da cadeira me impediam de me inclinar o suficiente para derrubar a cadeira. Mordi minha bochecha novamente, limpar o nevoeiro fiação do meu cérebro antes de usar cada onça mínima de esforço para levantar os braços para cima. Não era uma cadeira de encosto particularmente alta, por isso demorou apenas um momento

excruciante, rasgando a dor nas órbitas dos meus ombros antes que eu conseguisse escorregar pelas costas da cadeira.

— Foda-se, sim. — Me parabenizei. Me transformei em geleia tendo um momento para descansar antes do próximo passo. Meus braços ainda estavam amarrados atrás de mim, mas pelo menos agora eu poderia mudar meu peso o suficiente para...

Gravidade assumiu exatamente como eu queria e eu me preparei apenas uma fração de segundo antes de bater no chão de concreto úmido. Minha expectativa de quanto iria doer estava subestimada. Cada facada e fatia que Johnson tinha infligido em mim, junto com minhas feridas do acidente de carro, todos *gritavam de* dor e por um momento meu mundo inteiro ficou preto quando eu caí em inconsciência.

Felizmente, meu corpo estava com muita dor para me deixar fora por muito tempo e eu pisquei meu caminho de volta para a consciência enquanto ofegava pela agonia.

Graças a foda por pequenas misericórdias, eu havia pousado na direção que estava mirando. Apenas a alguns metros de uma tesoura de jardim que havia sido chutada sob uma mesa de trabalho. Johnson os tirou enquanto aparava suas fodidas rosas negras mais cedo. Me provocando. Bem, a piada ia ser sobre ele. Eu usaria suas tesouras fodidas para me libertar.

Esperançosamente.

Alguns pés soavam tão perto, mas quando amarrados a uma cadeira, machucados e sangrando... poderia muito bem estar em outro planeta. Mas eu chegara tão longe, e eu seria amaldiçoada se Johnson voltasse para me encontrar na *metade de* uma tentativa de fuga. Isso seria apenas idiota, então não havia mais nada para isso. Eu tinha que alcançar essas tesouras, me libertar e dar o fora antes que ele retornasse.

Fácil, certo?

Certo. Continue dizendo a si mesmo isso, Riley.

Rangendo os dentes, comecei a me mexer na direção do equipamento. Através de uma mistura de agitação frenética e cavando os pés descalços da minha perna de baixo no concreto, eu estava progredindo. Pela primeira vez desde que percebi que Johnson pretendia me matar, agarrei a esperança. Eu poderia fazer isso. Eu *poderia* fazer isso!

Demorou um pouco e eu precisava parar para descansar a cada dois centímetros, mas eventualmente minha cabeça roçou a perna do banco de trabalho e meu coração disparou. Porra. Sim. Quem disse que você precisava de treinamento especial no Delta para ser um completo durão?

Outra sessão prolongada de contorções, grunhidos, ofegantes e tensos e eu tinha o cabo da tesoura entre meus dentes. Sair de debaixo da bancada de trabalho levou um pouco mais de esforço, dado que eu não podia largar o aperto mortal que meus dentes seguravam nas tesouras.

Depois de um minuto de luta, eu me dei um descanso e fiquei ali ofegante. Meu corpo inteiro estava gritando de dor e o quarto girou com velocidades perigosas diante dos meus olhos, mas era apenas um lembrete de que eu precisava passar.

— Vamos lá, Riley. — Eu murmurei para mim mesma, esperando que a conversa estimulasse a minha energia. — Venha, você pode fazer isso. Você não é a herdeira fraca e indefesa da qual ele se enganou. Você pode se salvar.

Se eu realmente acreditava nisso, não importava. Ou era tentar... ou morrer.

Gemendo com o esforço, eu peguei a tesoura de volta em meus dentes. Eu ainda estava do meu lado, minhas mãos amarradas entre minhas costas e a cadeira, e minhas pernas amarradas a cada perna da cadeira. Mas eu só precisava de minhas mãos livres. Depois de conseguir isso, o resto deveria ser bolo.

Meus músculos do pescoço uivaram quando eu levantei a tesoura do chão com meus dentes, virando meu rosto para o teto, em seguida, por cima do meu ombro. Eu chupei um par de respirações ásperas, então meio que *joguei* a tesoura com a minha boca, com o objetivo de deixar cair na lacuna onde minhas mãos estavam presas.

Houve um *baque* quando elas bateram na cadeira de madeira para trás, então... nada. Eu balancei meus dedos e apenas escovei o lado da porra das coisas, que pareciam ter ficado presas entre as ripas da cadeira.

— Pelo amor de *merda.* — Eu gemi, olhando para as tesouras enganchados no local mais irritante *apenas* fora do alcance dos meus dedos. Por falta de ideias melhores, eu dei um rápido aperto no meu corpo, sacudindo a cadeira contra o chão.

Para meu espanto, eles se soltaram da cadeira e caíram na minha mão. Eu estava tão atordoada que quase comecei a chorar, mas mordi de volta. Haveria tempo suficiente para chorar, ou rir, depois que Johnson estivesse morto.

Levei várias tentativas e vários cortes agonizantes em meus dedos, mas finalmente consegui cortar as amarras que seguravam meus pulsos juntos. No segundo que eles estavam livres, eu queria gritar e uivar minha satisfação, mas um barulho segurou minha língua.

Eu congelo.

Lá estava de novo! Alguém estava vindo, botas pesadas triturando cascalho e eu estava disposta a colocar dinheiro nisso sendo Johnson.

Frenética, eu soltei minhas pernas e cambaleei para os meus pés, procurando por uma arma na escuridão. As tesouras eram ótimas e eu não as perdi, mas queria algo grande para esmagar sua cabeça. Eu tinha uma chance de debilitá-lo.

Momentos depois, me posicionei ao lado da porta trancada, segurando uma pá no peito e me apoiando na parede. No segundo em que aquele idiota psicótico entrasse pela porta, eu estava dando o fora.

As chaves tilintaram do lado de fora e prendi a respiração.

O distintivo *barulho* de uma abertura de cadeado alcançou meus ouvidos, depois o barulho do ferrolho e o ranger da porta. Por um segundo, ele parou na porta, sua longa sombra projetada pela lua em suas costas se estendendo pelo chão. Então ele entrou no quarto e eu bati.

Minha pá bateu estalando no lado da cabeça com toda a força que eu poderia reunir. Embora fraca de meus ferimentos e da missão de me libertar, eu ainda segurava força suficiente para que ele caísse no chão, e naquele momento eu peguei minhas tesouras e *corri...*

...direto nos braços de uma segunda pessoa.

Braços como aço me envolveram, jogando o pesado utensílio de jardim no chão, e eu gritei. Foda-se esconder o meu medo, eu não tinha mais nada. Talvez se eu fosse alta o suficiente, um vizinho ouviria. De qualquer forma, eu não estava descendo sem lutar.

Eu gritei e bati, chutando e batendo no meu captor com tudo que eu tinha. Não foi até que a mão dele fechou sobre a minha boca, cortando meu gemido, que eu ouvi o que ele estava dizendo. Ah merda.

— Riley! Riles, querida, pare com isso! — Jasper gritou comigo, mantendo uma mão sobre a minha boca enquanto a outra em volta de mim como uma camisa de força, mantendo de *me* machucar. Não que eu

precisasse mais disso. Na segunda, minha mente esclareceu o suficiente para perceber que aquela era a minha equipe de resgate e não minha assassina, eu era como uma marionete com cordas cortadas. Meu corpo inteiro caiu, e um soluço choramingando se soltou da minha garganta.

— Ei, ei, querida, nós temos você. — Ele acalmou, girando-me em seus braços para que eu pudesse me agarrar como se ele fosse um bote salva-vidas em uma tempestade. — Nós temos você, Riles. Você está segura.

Ele caiu no chão comigo ainda colado a ele, soluçando em sua camisa enquanto todo o medo e desespero da noite inundavam através de mim, lutando com a percepção de que eu estava *segura*. Eles vieram para mim, assim como eu sabia que eles iriam.

— Oh merda. — Eu ofeguei, afastando-me de Jasper e enxugando os olhos nas costas de uma mão suja. — Quem eu acertei?

— Eu. — Respondeu Dylan, saindo do galpão de camisa. Ele segurou enrolada em uma bola contra a cabeça ensanguentada onde minha pá se conectou, e eu ofeguei.

— Oh meu deus, Dylan. Eu sinto muito. — Eu olhei para ele, horrorizada por ter tentado matar meu amigo, mas fisicamente incapaz de deixar Jasper ainda. — Eu pensei que você fosse...— Eu engoli em seco, incapaz de dizer as palavras que *eu pensei que você estava voltando para me estuprar ou me matar ou ambos.*

Ele balançou a cabeça com desdém, seus olhos suaves quando ele me olhou. — Nenhuma desculpa necessária, Riles. Você fez exatamente o que deveria. É a minha própria falta idiota por entrar lá sem ser anunciado.

Eu olhei ao redor, então franzi a testa quando não vi mais ninguém. — Onde está Beck? E Evan? Eles... — eu nem sabia o que. A última vez

que vi Beck foi enquanto eu bati sua linda Bugatti em um aterro. E se ele nunca tivesse conseguido sair? E se o pescoço dele tivesse sido quebrado no impacto?

— Lidando com Johnson de volta em sua casa. — Jasper me informou. — Eles ainda o têm vivo, no entanto.

O alívio teria me derrubado, se eu já não estivesse na minha bunda. Eu arqueei uma sobrancelha, apesar das lágrimas ainda correrem pelo meu rosto. Eu não conseguia pará-las. — Então eu poderia terminar Johnson fora de mim? — Eu perguntei, e fiquei chocada com a crueldade fria da minha voz.

— Nós o mantivemos vivo no caso de não conseguirmos encontrá-la. — Corrigiu Dylan. — Mas se você quiser mata-lo você mesma, é mais que bem-vinda. Nem mesmo Beck discutirá com você nesse ponto.

Eu balancei a cabeça lentamente, em seguida, peguei a mão de Dylan quando ele me ofereceu. Tão mal quanto eu queria ficar de pé quando enfrentei minha tentativa de assassino, eu simplesmente não tinha mais nada. No segundo em que me levantei, meus joelhos se transformaram em geléia, e eu teria desmoronado em um monte se não fosse por Dylan me pegar.

— É uma caminhada decente no morro — ele me disse, — vou colocar você de volta antes de chegarmos lá.

Eu dei a ele um sorriso fraco, apreciando que ele sabia onde minha cabeça estava. Mas era isso que nos tornou uma equipe tão formidável, não era? Nós estávamos todos tão sintonizados um com o outro. Os velhos e corruptos bastardos da Delta e Huntley não tinham a menor ideia do que eles representavam para nós cinco.

Eles aprenderiam, no entanto. Assim que eu dispensei um pouco de justiça pelo meu próprio bem.

CAPITULO VINTE E TRES

Não era de admirar que os caras tivessem demorado tanto para me encontrar. A propriedade de Johnson se apoiava em um trecho expansivo de floresta e o galpão para o qual ele me levara devia ter sido uma milha e meia a mais de sua casa.

— Eu vejo por que você o manteve vivo. — Eu murmurei para Dylan enquanto ele sutilmente me apoiava com uma mão na minha cintura.

Ele grunhiu um barulho quando entramos na casa para encontrar um Johnson, Beck e Evan surrados em cima dele. — Poderia ter levado dias para pesquisar naquela área se a informação dele fosse ruim e não tivéssemos encontrado o caminho dele.

Eu balancei a cabeça, então dei alguns passos mais perto do famoso *assassino Osiria*. Dificilmente a figura do terror inspirador que havia brincado comigo no início da noite, ele agora era um patético patife ensanguentado, apenas olhando para mim com olhos mortos.

— Veio para terminar o trabalho? — Ele me perguntou, sua voz grossa de dor, mas totalmente desprovida de desculpas.

O olhar de Beck estava preso em mim por trás do corpo de Johnson, a intensidade tão feroz que eu quase podia sentir o calor, e isso me fez tremer. Eu não podia olhar para ele ainda. Não a menos que eu quisesse cair em uma confusão soluçando dez vezes pior do que eu fiz com Jasper.

Respeitando minha necessidade de força, Beck silenciosamente estendeu a pistola para mim. Sua mão manchada de sangue escovou a minha quando peguei a arma dele e me encolhi levemente com o calor de

sua pele. Ele era um fodido forno, como se a temperatura de seu corpo estivesse refletindo sua fúria.

A arma estava pesada na minha mão. Sólida e desajeitada, ao contrário da pequena arma que Beck me dera naqueles primeiros dias. Esta foi uma ferramenta para matar, pura e simples.

Eu tirei a trava de segurança, assim como eu fui ensinada e apontei o cano na cabeça de Johnson. Quão fácil seria apenas atirar nele. Ele não seria meu primeiro assassinato, mas por Deus ele seria o mais justificado.

— O que você está esperando? — Johnson cuspiu para mim. — Apenas faça. Eu mereço. Eu teria torturado você felizmente por dias, tornando tão dolorosamente doloroso quanto possível antes de pegar o que era meu... sua doce boceta. — Ele sorriu. — Então eu teria esfaqueado você até a morte. Assim como Cordelia. Apenas como Katelyn. Assim como as outras quatro garotas de outros estados que têm departamentos de polícia incompetentes e nunca conectaram os pontos. — Ele começou a rir então, mas foi uma risada borbulhante, cheia de sangue que resultou em sua tosse.

Eu franzi meus lábios, olhando para ele pelo cano da arma de Beck. Ele queria isso. Ele *queria* a morte fácil em minhas mãos.

Bem, foda-se isso.

Eu travei a segurança de volta e entreguei a arma para Beck. — Não, acho que vamos deixar o sistema legal lidar com você, Johnson. — Eu me agachei e fingi que a dor dos meus ferimentos não me fez querer dar o fora. — Isso não vai ser divertido? Colocando sua foto nas notícias? Ser arrastado na frente de um júri para que todo o mundo possa ver que patético, inadequado e covarde saco de merda você é? — Seu rosto batido empalideceu e eu sabia que atingira a marca. Ele tinha pensado que faria tudo isso aterrorizando e assassinando e então apenas pegaria o caminho mais fácil. Nunca precisa responder por seus crimes.

— Você tem certeza? — Evan me perguntou de onde ele estava, com os braços cruzados e mais do que algumas manchas de sangue em sua roupa. — O sistema legal nem sempre determina a punição que se encaixa no crime. Conhecendo esse pedaço de merda, ele alegará insanidade...

Isso pegou minha decisão por um momento, a possibilidade de Johnson realmente estar livre para andar nas ruas novamente um dia, uma possibilidade que eu não poderia considerar.

— Se isso acontecer — eu disse baixinho, — vamos encontrá-lo e ter certeza de que ele nunca terá a chance de tocar em outra mulher.

Johnson bufou um som de dor. — Foi pura porra de azar que todos vocês me pegaram esta noite. — Seus olhos se levantaram para Dylan e Beck, olhando entre eles. — Estes dois com suas memórias eidéticas e conhecimento de carros. Eles me disseram que me rastrearam através do veículo da polícia. Eu deveria estar seguindo Riley hoje como dever de proteção. Mas... a oportunidade de agarrá-la era boa demais para deixar passar.

Eu sorri. — Você ficou ganancioso, idiota e agora vai pagar.

Ele não parecia tão preocupado, e eu esperava estar tomando a decisão certa. Sirenes cortam a quietude da manhã.

— Parece que Decker decidiu enviar as tropas. — Disse Dylan.

Beck ainda não havia falado e eu ainda não conseguia olhar para ele. Não quando a SWAT e a polícia armada invadiram a sala. Não quando eu dei a minha declaração e os fotógrafos tiraram fotos do quarto em que eu estava retida. Não quando a estufa de flores de Osiria foi descoberta perto de sua casa de tortura. E nem mesmo quando foram tiradas algumas fotos preliminares dos meus ferimentos, principalmente nos braços e na garganta. Os outros, eles chegariam na estação.

— Johnson tem esse lugar no bloqueio por um longo tempo. — Disse Decker, dando voltas como se tivesse solucionado sozinho um caso de serial killer. — Encontramos os registros de quanto tempo pertencia a seus avós. Eles morreram em circunstâncias estranhas e deixaram para Johnson. Foi a única coisa que ele herdou depois que sua família o deserdou.

Ele se virou para o psicopata em questão, que acabara de ter seus direitos de leitura para ele e estava sendo levado para o carro da polícia e perguntou: — Você nunca tentou esconder esse endereço... por quê?

Johnson sorriu, dentes sangrentos. — É meu campo de morte original. Razões sentimentais.

Beck finalmente falou, sua voz grave e mais profunda do que eu já ouvi. — Ele está mentindo. O Johnson que eu conhecia não era desleixado assim. Várias vezes esta noite ele deixou uma trilha de pão para ele. O que me leva a apenas uma conclusão. Ele queria ser pego. Este é o seu canto de cisne. Saia com estrondo, derrubando a maior herdeira do mundo.

Beck estava olhando para mim, eu sabia, e eu engoli o nó em chamas na minha garganta.

Johnson ainda sorria, mas estava tenso. — Você chegou aqui um pouco cedo demais, infelizmente. — Disse ele. — As migalhas deveriam ter sido colhidas depois que eu terminasse com a nossa linda Riley. Você transa demais sempre foi dois passos à frente.

Beck estava matando-o em sua cabeça. Eu pude ver isso.

— Nós vamos ter certeza que não há fama para você, idiota. — Disse Dylan, sua expressão tão mortal quanto a de Beck. — Quando terminarmos, nem a porra de uma pessoa neste planeta saberá o seu nome.

Isso realmente chateava Johnson, mas ele já estava do lado de fora e não aproveitamos a infelicidade dele por muito tempo. Neste momento, meu corpo começou a tremer.

— Senhorita Deboise. — Uma mulher que eu não conhecia interrompeu meu colapso. — Sua ambulância está aqui.

Eu balancei a cabeça. — Não. Eu não preciso de uma ambulância. Eu não fui estuprada ou abusada sexualmente de qualquer forma que você precise testar. Eu só tenho algumas pequenas feridas que um band-aid vai consertar. Um grande band-aid.

Ela abriu a boca para protestar, mas não chegou longe antes que Beck e Dylan parassem na minha frente, me impedindo de ver. — Ela disse que não. — Beck retumbou.

Pela primeira vez desde que tudo isso aconteceu, Beck estava perto de mim e quando seu perfume tomou conta de mim, minhas pernas se encolheram. Ele deve ter esperado por isso, porque ele girou tão rápido, seus braços em volta de mim quando ele me levantou gentilmente em seus braços.

Um soluço escapou antes que eu pudesse pará-lo, seguido por outro. Os olhos tempestuosos de Beck perfuraram os meus quando ele se inclinou e me beijou, apenas um roçar de seus lábios.

— Butterfly. — Ele respirou e meu coração começou a ficar fora de sincronia quando meu pulso e respiração aceleraram. — Eu pensei que tinha perdido você.

Outro soluço. E outro. Os soluços continuaram me rasgando com força e emoção agonizante.

Beck se virou e saiu do quarto, como se ele estivesse me protegendo de todos e tudo o melhor que podia.

— Amanhã, Beck. — Decker chamou. — Todos vocês precisam estar na estação amanhã para dar suas declarações.

Beck não se incomodou em responder.

CAPITULO VINTE E QUATRO

Dylan acabou nos levando para casa porque Beck se recusou a me deixar ir. Ou eu me recusei a deixá-lo ir. De qualquer maneira, não estávamos nos separando por qualquer motivo e ninguém discutia sobre isso.

Quando chegamos aos nossos apartamentos, fomos direto para o meu, os cinco de nós em silêncio. Eddy gritou quando abrimos a porta, o rosto vermelho e manchado de lágrimas.

— Você a encontrou! — Ela chorou e eu estendi a mão para apertar a dela, precisando tranquiliza-la o melhor que pude que eu estivesse viva. Beck ainda me segurava e no fundo da minha cabeça eu sabia que deveria exigir minha independência e andar, mas tudo isso me ferrou muito. Eu simplesmente não conseguia fazer nada além de segurar minha rocha: Beck.

— Eu vou limpar Riley. — Beck disse brevemente, já indo para o banheiro.

— Vou buscar meu kit médico. — Respondeu Dylan.

Beck apenas caminhou para a frente, para a sala de azulejos, deixando a porta fechar atrás dele. Eu parei de chorar e agora estava exausta, deitada sobre ele. Ele gentilmente me abaixou para o chão, suas mãos subindo pelos meus braços e pelo meu pescoço até o meu rosto.

— Você me assustou hoje, Riley.

Olhos sérios perfuraram os meus e eu balancei a cabeça. — Obrigado por me salvar.

Um lampejo de diversão cruzou o rosto de Beck. — A julgar pela cabeça ensanguentada de Dylan, parecia que você tinha lidado com isso, Butterfly. Algo que não me surpreende nada.

Não havia como saber se eu teria saído sozinha. Mas, foda sabe, eu teria tentado muito. Beck me beijou de repente e eu me pressionei nele, precisando de novas memórias para apagar as últimas doze horas. Eu precisava de lembranças e precisava de Beck, porque durante doze horas não sabia se ele viveu ou não no acidente. Eu não sabia se o veria novamente.

Isso foi um presente.

Assim que o beijo começou a ficar quente e eu me movi para envolver minhas pernas ao redor dele, meu corpo gritou comigo por ser tão rude com todos os meus ferimentos. Beck recuou para o meu suspiro, seu olhar preocupado traçando ao meu lado.

— Hora de ficar nua, baby. — Ele disse suavemente, já tirando minha roupa uma vez extravagante de mim. Ele não disse mais nada enquanto tirava a roupa, mas seu olhar escureceu a cada nova lesão que ele descobriu. Havia dezenas de cortes rasos nas minhas coxas e alguns no meu estômago. Nenhum deles estava sangrando agora, mas eles lançaram uma obra de arte macabra em toda a minha pele, e foi difícil olhar para eles, sabendo o quão perto cheguei de ser assassinada. Havia hematomas nos meus seios e, sem dúvida, outros lugares que eu não conseguia ver do meu ângulo.

Beck estava respirando pesadamente quando eu estava completamente nua, e não da maneira usual que ele estaria. Sua fúria se derramou quando ele se virou e bateu a mão no toalheiro, arrancando-o completamente da parede.

— Porra! — Ele gritou, e eu permaneci onde estava, completamente sem medo, embora Beck estivesse perdendo mais do que eu já tinha visto antes.

Ele apoiou ambas as mãos na pia, respirando fundo, olhando para o nada enquanto lutava para se recompor.

— Beck. — Eu disse suavemente. Sem resposta. —Sebastian Roman Beckett.

Seus ombros ficaram tensos antes que eu o visse apertar seus olhos fechados e então eventualmente ficar de pé. — Estou viva. — Lembrei a ele. — Essas lesões...— eu acenei em todo o meu corpo, — elas não são nada em comparação com o que ele teria feito. Nós dois o paramos a tempo. Não se machuque.

Ele balançou a cabeça, o cabelo escuro caindo em sua testa. — Eu nunca deveria ter deixado você fora da minha vista em primeiro lugar. Perseguir aquele idiota depois do acidente quase me custou a vida.

Eu parei, olhos arregalados olhando para ele, nem sequer capaz de piscar. — Ele quase te matou?

Beck deu dois passos para mim, parando bem na minha frente. — *Você* é minha vida, Riley. Minha merda de vida, coração e alma. — Sua mão bateu contra o peito dele. — Sem você, não há porra de mim, então sim, ele quase me matou.

Dylan escolheu esse momento para entrar no banheiro, fechando a porta atrás dele também. Beck rosnou e em uma fração de segundo pisou na frente da minha nudez.

Os dois se enfrentaram, dois machos alfa, ambos agindo putos e territoriais.

— Caras. — Eu disse, depois de um minuto de postura e peito retumbante. — Podemos talvez fazer isso mais tarde? Eu estou bem morta em meus pés.

Beck apontou a cabeça para mim e eu inclinei meu rosto para trás. — Eu realmente gostaria de um banho antes que alguém me remova.

Com uma respiração profunda, ele assentiu, afastando-se para ligar a água. Ele sabia exatamente a temperatura escaldante que eu amava e tentei não rir da maneira como Dylan estava olhando para outra coisa senão a garota nua na sala.

— Eles são apenas peitos. — Eu disse, tentando brincar sobre isso. — Tenho certeza que você já viu dois ou três... cem deles em sua vida.

Os olhos de Dylan estavam escuros quando encontraram os meus. — MNão apenas peitos quando eles são seus, Riley.

Ele sussurrou essas palavras e eu não tinha certeza se Beck tinha ouvido, mas com certeza eu fiz. Isso fez meu coração doer com a dor e tristeza no rosto de Dylan.

— O chuveiro está pronto. — Disse Beck, quebrando a tensão.

Quando entrei, tive que morder o lábio para não gritar. A água que lavava sobre todos os cortes rasos parecia muito com alguém derramando ácido sobre eles, mas não havia outra escolha. Eu tinha que estar limpa. Eu precisava tirar a sujeira daquele lugar de cima de mim. Como se eu pudesse lavar as memórias ao mesmo tempo.

Beck ficou bem comigo. Dylan nunca saiu e senti o apoio silencioso deles. Quando não consegui alcançar partes de minhas costas, Beck pegou o pano e acariciou minha pele, até que finalmente a água não estava mais cheia de sangue e sujeira. Correndo limpo.

Quando saí, me sequei e Beck desapareceu na caminhada para me encontrar algumas roupas.

Dylan se aproximou, armado com merda que parecia que ia me machucar. — Surpreso, ele deixou você sozinha comigo. — Ele começou conversando. — Toda nua e merda assim.

Eu bufei. — Por que você acha que ele está pegando roupas? Ele vai pegar os pedaços importantes cobertos.

Os olhos de Dylan escureceram, mas ele não comentou. Em vez disso, ele estendeu a mão para o meu braço, hesitando um pouco antes de eu acenar com a minha permissão. Beck entrou então, sutiã preto e calcinha na mão e eu estava me vestindo primeiro, querendo ou não. Depois disso, Dylan voltou a trabalhar.

O remédio era espalhado em cada ferida, meu corpo tenso e os dentes cerrados enquanto eu sibilava através deles sempre que um particularmente doloroso era encontrado. Beck ficou perto, passando a mão tranquilizadoramente pelas minhas costas, oferecendo conforto.

— Esses três provavelmente precisam de pontos. — Disse Dylan, acariciando minha coxa. Essas feridas começaram a sangrar novamente depois do banho. — Mas eu posso apenas juntar com curativo agora, e elas devem ficar bem.

Eu balancei a cabeça. — Sim, eu não me importo se elas deixarem cicatrizes ou o que for. Não estou permitindo que estranhos me toquem.

Beck pressionou seus lábios no lado da minha cabeça, basicamente me segurando agora quando meu corpo caiu. Quando Dylan terminou, entregando-me alguns analgésicos, que engoli em seco, tudo estava confuso nas bordas.

Eu consegui andar até o quarto.

— Nenhum de nós vai deixar você hoje à noite. — Dylan me disse da porta. — Você está segura.

Soprei-lhe um beijo, consciente de que estava sempre a salvo com os meus rapazes e escorreguei por baixo das cobertas. Beck e Dylan conversaram por alguns minutos, mas eu já estava indo embora. Quando Beck deslizou ao meu lado, ele me envolveu em seus braços e eu pressionei meu rosto em seu peito.

— Eu te amo. — Eu murmurei, porque havia um ponto que eu nunca pensei que poderia dizer isso a ele. — Eu te amo, porra.

Beck riu. — Eu também te amo, Butterfly. — Houve uma pausa e escuridão ao meu redor, meu corpo ficando pesado e contente quando o sono me roubou.

— Eu nunca vou deixar você fora da minha vista novamente.

Eu pensei ter ouvido Beck murmurar aquelas palavras, mas estava tudo escuro antes que eu pudesse entender esse pensamento.



A dor me acordou no início da tarde, as feridas e manchas no meu corpo me lembraram que eu estava ferida. Novamente. Quando abri meus olhos, movendo-me cautelosamente para ficar mais confortável, me virei para encontrar os olhos de Beck focados em mim. Os grossos cílios escuros emoldurando os olhos cinzentos claros. Ele se apoiou em um braço e ficou claro que ele estava me observando por um tempo.

— Hey. — Eu disse, voz rouca.

Ele não disse nada, apenas se inclinou e pressionou seus lábios nos meus. O beijo foi lento, os lábios cheios de Beck pressionando contra os

meus, movendo ternamente. Um gemido baixo deixou minha boca quando eu abri e lancei minha língua para fora, para acaricia-lo.

— Baby, foda-se. — Beck murmurou. — Você está me matando aqui. Você está ferida. Nós não podemos fazer isso.

Eu gostaria de dizer que eu temporariamente me esqueci da minha dor, mas meu corpo estava realmente me machucando e eu sabia que Beck estava certo.

Eu ainda fiz beicinho.

— Deveria ter atirado em Johnson. — Eu disse, infeliz. —O bastardo continua a arruinar as coisas, mesmo atrás das grades.

Nós dois ficamos sóbrios com esse pensamento. — Devemos ir à delegacia primeiro. — Beck finalmente disse. —Tirar isso do caminho.

Eu quase me ergui quando pensei em mim. Claro, quase estremecendo tinha um grito saindo dos meus lábios, enquanto todo o meu corpo gritava para mim. — Ouch. Porra.

Beck me levantou então, ajudando o resto do caminho. — Você está bem? — Ele perguntou, me olhando.

Eu balancei a cabeça, não tendo certeza de que realmente estava. Algo parecia estar sangrando de novo, mas isso era uma preocupação para mais tarde.

— Você já ouviu falar alguma coisa sobre Dante? Você entregou esse arquivo para a polícia?

Uma memória difusa estava puxando a parte de trás da minha mente, mas era do meu tempo segurado por aquele idiota e eu não estava pronta para pensar sobre isso ainda.

— Johnson confessou o assassinato de Katelyn. — Beck me lembrou. — Não precisamos mais do arquivo. Eu não ficaria surpreso se Dante estivesse fora agora. — Ele parou com uma careta. — O que é bom, considerando que não *temos mais* o arquivo.

Isso provocou a mesma memória difusa. — Espere o que? Cadê?

Beck bufou um suspiro irritado. — Com segurança de volta na mesa de Graeme Huntley, suspeito. Foi ele quem adulterou o carro, não Johnson. Aquele idiota só se aproveitou da situação quando se mostrou tentador demais para deixar passar.

Engoli em seco quando a lembrança de Johnson me dizendo que a mesma coisa se encaixava de novo no lugar e estremeci. — Meu tio e eu vamos ter algumas palavras duras sobre a desnecessária destruição de carros bonitos. — Eu disse com uma espessa camada de raiva. — E sobre o seu desrespeito casual por nossas vidas.

Beck me deu um meio sorriso, acariciando um lado do meu rosto machucado com tanta gentileza. — Porra, você é sexy quando está com raiva, Butterfly. Lembre-me de te irritar quando esses cortes forem curados. — Seu olhar era quente e cheio de promessas, me tentando pular de volta em seus braços. Mas o fio de sangue escorrendo pela minha coxa tinha outros planos.

— Eu acho que estraguei os lençóis. — Eu comentei, olhando para o corte na minha coxa que começou a vazar entre os clipes de borboleta. Manchas de vermelho brilhante decoravam os lençóis brancos e eu franzi o nariz. — Podemos precisar de água sanitária.

— Você precisa de pontos. — Beck corrigiu, franzindo a testa para a confusão sangrenta.

A ideia de qualquer estranho, até mesmo um médico, me tocando agora fazia minha pele arrepiar. Não. Não está acontecendo.

— Dylan não pode consertar isso para mim? — Eu sugeri. — Talvez use as coisas de cola que eles colocam em feridas na cabeça?

Beck me deu uma longa olhada, mas deve ter visto o quanto eu não queria visitar um médico e finalmente assenti. — Fique aqui, eu vou chamar.

— Eu não estou paralisada, Sebastian, eu posso ir até o apartamento dele. — Revirei os olhos para ele, mas ele gentilmente me empurrou de volta para os travesseiros.

— Eu sei que você pode. — Respondeu ele, dando um beijo rápido e gentil na minha testa. — Mas você não *precisa*. Fique aqui e eu até te trago café.

Minha barriga tremeu de excitação com a menção de café, e eu relaxei na minha cama. — Bem. Você ganhou.

Beck me lançou um sorriso triunfante, em seguida, entrou na minha sala vestindo nada além de suas cuecas. Porra, onde ele ficou tão incrivelmente bem depois de um acidente de carro e uma noite inteira de caça ao serial killer?

Ficou claro por que ele disse que eu não precisava ir até o apartamento de Dylan. Beck parou ao lado do meu sofá e falou algumas palavras silenciosas. Momentos depois, um sonolento Dylan levantou a cabeça e olhou para mim ainda na cama.

— Dê-me cinco minutos, Riles — Ele gritou para mim. — Eu tenho as coisas na minha casa.

Eu apenas acenei a mão para trás, como se não estivesse incomodada. Como se eu não estivesse ciente da dor sem a distração de Beck e apenas se agarrando à compostura. Porque *santa,* meu corpo inteiro estava em agonia.

Felizmente, Dylan estava de volta mais rápido do que Beck poderia fazer meu café, e ele trouxe analgésicos.

— Você é demais. — Eu gemi, tomando os comprimidos dele e engolindo de volta com a água que ele ofereceu. — Obrigado.

Dylan olhou para os meus cortes por um momento, depois olhou para mim através dos grossos cílios negros. — Qualquer coisa para você, Riles.

Algo em seu tom imediatamente enviou minha mente de volta para esta manhã, quando ele me viu tomar banho e eu nem sequer tentei esconder minha nudez dele. Merda. Eu precisava controla-lo antes que eu desse a ideia errada sobre nós... porque tanto quanto eu o amava, eu estava *apaixonada* por Beck. E Beck tinha alguns problemas sérios de ciúme.

Limpando minha garganta, desviei meu olhar da pele lisa e escura de Dylan e músculos ondulantes. Puta merda, esses garotos Delta pareciam que deveriam estar em um calendário de bombeiros segurando gatinhos e merda. Apenas o calendário deles seria escuro e assustador e eles teriam facas e armas.

Havia um calendário para sociopatas bilionários? Eu compraria.

Enquanto Dylan trabalhava em meus ferimentos, deixei cair a cabeça para trás e descansei no travesseiro. A exaustão veio e se foi, em ondas tão grandes e agora eu senti que podia dormir de novo, mesmo que tivesse acabado de acordar.

Uma voz familiar na porta chamou minha atenção.

— Me deixar entrar! — Eddy exigiu novamente.

— Desculpe, mana. Ordens do grande homem. Riley precisa descansar.

Eddy bufou. — O que, Deus te disse para não me deixar entrar?

Jasper uivou de tanto rir antes de se virar para espiar pela porta do quarto. — Ouça isso, Beck, Eddy acha que você é Deus.

Beck, que estava esticado ao meu lado, apenas sorriu. Bastardo arrogante.

— Deixe-a entrar. — Eu disse a Jasper, atirando em Beck um olhar de olhos estreitos. — Eu não estou morrendo. Estou perfeitamente bem.

Eddy basicamente aninhou seu irmão para passar por ele, correndo direto para mim. Ela subiu em Dylan, indiferente a pisotear nele e se aconchegou no lado que Beck não estava dominando. Eu estremeci quando ela colocou os braços em volta de mim, mas quando ela engasgou e tentou se afastar, eu balancei a cabeça e segurei perto.

— Estou bem. — Eu disse contra seus protestos. — Não se preocupe com isso.

Ficamos assim por dez ou mais minutos enquanto Dylan se agitava, Beck acariciava meu cabelo e Eddy me segurava como se eu pudesse flutuar se ela não me segurasse.

— Dante está fora. — Ela sussurrou do nada.

Eu levantei minha cabeça no travesseiro. — Ele está fora?

Ela assentiu. — Sim. Todas as acusações foram entregues a um juiz esta manhã e ele me enviou imediatamente uma mensagem perguntando se eu sabia onde você estava.

Minha garganta de repente parecia espessa e áspera. Eu não conseguia engolir e respirar corretamente.

— O que você disse para ele? — Beck perguntou, escondendo suas emoções razoavelmente bem, mesmo que eu pudesse ouvir o puto em seu tom.

Eddy ergueu as sobrancelhas. — O que você acha que eu disse a ele? Eu disse que iria verificar com todos vocês e deixá-lo saber se ele tinha algum privilégio Riley.

Eu esperei Beck ir homem das cavernas e começar a amaldiçoar Dante e me dizer que eu nunca poderia vê-lo novamente. Então eu teria que recuar e dizer a ele que ele não me possuía e eu seria amiga de quem quer que eu quisesse.

Foi uma espécie de coisa nossa. Mesmo que eu me senti um pouco cansada e frágil agora para realmente dar tudo de mim. Virando para Beck, esperei... e esperei mais um pouco.

Mas tudo o que ele fez foi sorrir. — A escolha é sua, baby. — Disse ele, e eu tinha certeza que minha boca estava aberta.

— O que?

O sorriso de Beck cresceu, aqueles perfeitos dentes brancos roubando minha atenção por um segundo antes de eu lembrar que estávamos tendo uma conversa real. — Você não vai continuar sobre Dante? — Eu perguntei, não tenho certeza se eu acreditei em uma palavra fodida saindo de sua linda boca.

Dylan bufou, mas não comentou. Eu prestei atenção nele novamente por um momento, percebendo que ele estava gastando uma quantidade muito grande de tempo fixando minha perna para cima, suas enormes mãos envolvendo minha coxa. Na verdade, se ele movesse as mãos apenas uma polegada acima...

— Dylan. — Eu disse em aviso. Ele apenas levantou a cabeça, piscando e se eu não tivesse Beck para compará-lo, seu rosto incrivelmente bonito teria me derrubado. Mas eu tinha Beck e Dylan teria que dar um pequeno passo para trás.

Apenas por agora. Até que trabalhássemos essa dinâmica.

Porque Dylan tinha sido quase possessivo desde que me trouxeram de volta de Johnson, o maldito psicopata. E eu entendi, mas as linhas estavam borradas. Não no meu coração, mas... talvez no mundo físico.

— Mova essa mão mais alto, Dyl, e você vai perde-la. — Disse Beck. Ele nunca perdeu nada.

Dylan levantou as duas mãos no ar em sinal de rendição. — Tudo consertado. Você pode voltar a discutir Dante.

Sim, qualquer coisa para tirar o calor dele.

Ele não estava errado, porém, e eu voltei para Beck. — Você não vai lutar comigo em Dante? — Eu perguntei novamente.

Beck sacudiu a cabeça. — Não, borboleta. Eu não posso te negar nada. Se você quer Dante em sua vida, então eu não vou ficar no seu caminho. Mas vou ficar nas suas costas e ter certeza de que o filho da puta não ponha uma faca nela de novo.

Um sorriso surgiu no meu rosto. — Você é tão doce. — Eu disse, inclinando-me para beijá-lo, obrigando a ignorar a dor.

Eddy rachou então. — Só Riley pensaria que isso era doce. Você é tão foda como o outro.

Ela não estava errada.

CAPITULO VINTE E CINCO

Demorou três dias para que Dante me encontrasse. Três dias em que não facilitei para ele. Eddy não podia mandar uma mensagem para ele. Ninguém tinha permissão para falar com ele... ele precisava se provar para mim. Agora que ninguém estava pagando, ou chantageando para que ele estivesse em minha vida, ele realmente queria estar lá? Eu precisava saber.

Bang.

A porta praticamente chacoalhou no terceiro dia e eu olhei de relance para Beck e Dylan, ambos em pé diante de mim, seguindo em direção à porta. Sabíamos que Jasper e Evan estavam nas reuniões do Delta com seus pais e não deveriam estar de volta por pelo menos três horas. Eddy estava com a mãe dela fazendo compras ou alguma merda. Aparentemente, quando ela se mudou, a Sra. Langham decidiu que sentia falta de ter uma filha.

Que saiu...

Eu me movi mais devagar, ainda me recuperando, mas estava bem atrás deles quando eles abriram a porta, com as armas na mão.

— Dante. — Eu disse, sem fôlego, de repente.

Ele não parecia remotamente perturbado pelas armas apontadas para ele, se alguma coisa, ele mal notou.

— Riles. — Disse ele e naquela palavra havia mil memórias. Dante havia dito meu nome tantas vezes ao longo dos anos em tantas

circunstâncias diferentes. Ele foi o primeiro cara a roubar meu coração... como melhor amigo.

Como minha família.

— Deixe-o entrar. — Eu disse a Beck e Dylan, e eles lançaram-lhe mais um longo olhar antes que ambos recuassem.

Dante se inclinou para passar pela porta e eu me perguntei se ele ficara ainda mais alto na prisão. Eu não me lembrava de ele ser tão *grande.* Sua cabeça estava raspada, cabelos negros com menos de uma polegada de espessura. Ele tinha tinta nova também, era visível em toda a parte superior do peito, brilhante, vermelho em alguns lugares, com algumas crostas já aparecendo.

Era minha borboleta. O carro brilhando e azul, com um filhote de cabelos escuros dirigindo... não, não uma garota. Eu. Ele me marcou em sua pele novamente. No lugar mais proeminente que existia. A única pele mais óbvia seria seu rosto, e fiquei grata por não ter ido parar lá.

— Riles. — Ele disse novamente, sua voz quebrando quando seus olhos se encontraram com os meus. — Por favor.

Minhas mãos tremiam. Eu os coloquei ao meu lado para esconder o tremor. Do canto do meu olho eu podia ver Beck, ele parecia furioso. Mas ele não bloqueou Dante quando ele deu outro passo para mim.

Eu poderia contar em uma mão a quantidade de vezes que eu tinha visto Dante chorar, e aqueles tempos muito raros eram principalmente quando éramos crianças. Mas havia lágrimas em seus olhos agora. Ele poderia ter sido todo o bad boy com suas roupas pretas, tattoos e traços masculinos, mas não havia como esconder a profundidade da tristeza em seus olhos verdes.

Ele parecia quebrado.

Finalmente, dei um passo à frente, liberando minhas mãos e estendendo a mão para pegar a dele. A mão que ele segurou desde que ele entrou pela porta.

— Hey. — Eu disse antes de limpar a garganta.

Dante apertou os olhos fechados, a cabeça caindo enquanto ele segurava minha mão como se fosse a única coisa que o amarrava a este mundo. — Foda-se. — Ele soluçou.

Apenas um soluço, mas eu sabia que ele estava prestes a perde-lo. Algo que ele odiaria fazer na frente de Beck e Dylan.

Eu me virei para eles. — Vocês podem nos dar alguns minutos, por favor?

A mandíbula de Beck ficou tensa e, se eu olhasse para baixo, sabia que seus punhos estariam cerrados. Ele examinou meu rosto, procurando por... *alguma coisa.* Finalmente, ele deu um único aceno de cabeça e meu coração inchou com aquele pequeno presente de Beck. Sua confiança tinha sido uma estrada muito longa para chegar aqui, mas esse foi outro passo adiante em nosso relacionamento.

— Nós estaremos ao lado, baby. — Disse ele, passando a mão nas minhas costas enquanto saía pela porta da frente. Dylan fez o mesmo, um gesto silencioso de apoio, e depois também se foi.

Quando a porta se fechou com um baque surdo, os braços de Dante se aproximaram de mim em um único movimento. Ele me esmagou e eu consegui não gritar, embora a maioria das minhas feridas ainda fossem dolorosas. Mas se eu chorasse, traria Beck de volta, e agora, eu precisava desse momento com Dante.

Nós dois precisamos disso.

— Eu mereço morrer. — Disse Dante no meu ombro, sua voz uma confusão rouca de emoções. — Você deveria pegar a arma de Beck e atirar em mim.

Meu coração doeu com essas palavras. Ao pensar em Dante não estar no meu mundo. — Eu tenho minha própria arma. — Eu brinquei, tentando aliviar o pesado na sala.

Dante se afastou, ainda me segurando, examinando meu rosto com seus olhos avermelhados.

— Eu não iria culpá-la. — Ele disse simplesmente. E eu poderia dizer que ele quis dizer isso.

Estreitando meus olhos nele, eu o empurrei bruscamente, não o movendo um centímetro. — Nunca mais converse desse jeito novamente. Você errou muito, não me entenda mal, mas você não tem permissão para morrer. Não. Nunca.

Os lábios de Dante se contorceram e eu limpei minha garganta e mexi para ele me deixar para baixo. Eu recuei. O ar estava pesado, cheio de uma tonelada de emoções, e depois dos últimos dias, eu não era realmente capaz de me manter à tona em todo o pesado.

— Então, você ouviu que eu fui sequestrada?

Maneira de quebrar a tensão, Riley. Porra, porra.

Todo o comportamento de Dante mudou, seu rosto era sombrio e assustador e havia o cara que conseguiu fazer parte de uma das maiores gangues de nossa área. Quem conseguiu viver no mundo do Delta e não ficar completamente aniquilado. Ele foi durão. Não nível Beck ou Dylan, mas ainda lá em cima. Eu sempre pensei que ele poderia se encaixar com os herdeiros, só que agora eles provavelmente nunca confiariam nele.

— Quem eu preciso matar? — Ele disse, as palavras quase inaudíveis, mas a fúria estava clara pra caralho. Somente alguém que viveu nossa vida, especialmente recentemente, tomaria minha declaração como verdade e não riria. De alguma forma, Dante sabia que eu não estava brincando.

— É uma longa história. — Eu disse enquanto me movia em direção ao sofá. Dante seguiu, seus olhos me avaliando mais perto desta vez, sem dúvida percebendo o jeito que eu estava me movendo muito cautelosamente.

— Diga-me tudo, Riles. — Disse ele quando estávamos sentados, alguns centímetros entre nós.

Eu me virei para ele. — Eu vou, contanto que você me diga absolutamente tudo o que Catherine fez e manipulou em minha vida.

Ele empalideceu, a pele parecendo as cortinas brancas atrás de mim. —Você tem os arquivos e o telefone?

Eu balancei a cabeça. — Sim. Mas eu quero ouvir tudo de você. Eu quero saber como você lutou com ela.

Eu tinha fé nele.

Dante assentiu e então começou sua história. Beck e Dylan retornaram alguns minutos depois que Dante começou a falar e nós três ficamos em silêncio, dando a ele sua chance de explicar. Sua chance de confissão e redenção.

Foi fodidamente doloroso para mim às vezes, quando ele falou sobre sua manipulação, que foi muito mais disseminada do que eu esperava. Um exemplo foi Dante destruindo todas as minhas inscrições para a faculdade, exceto aquelas neste estado, para garantir que eu nunca seria capaz de ir longe de Catherine.

O peito de Beck estava retumbando quando ele me puxou de volta para ele, mas eu não conseguia desviar o olhar de Dante.

— Eu fiz o que pude, Riles. — Ele disse, seus olhos implorando para eu entender. — Onde quer que eu pudesse mentir para ela e sair dessa, eu fiz, e eu tentei parar o acidente de seus pais. Eu avisei seu pai. Mas ele fez o maldito oposto do que eu pedi.

Ele espalmou o topo de sua cabeça, passando a mão pelos fios curtos quando fechou os olhos. — Foi uma porra de bagunça, e eu estava economizando dinheiro para tentar nos tirar, mas... — ele fez uma pausa, e eu quase prendi a respiração esperando que ele terminasse. — Havia uma criança antes de mim — disse ele em uma voz tranquila e dolorida, — e nunca vou esquecer como ela a levou para fora.

O que?

— Quem? — Eu disse, o corpo tremendo.

Ele apertou os olhos novamente. —Porra. Riles eu odeio ser a pessoa que tem que te dizer isso.

— Dante. — Eu estalei, o medo me deixando louca. — Eu preciso saber. Eu preciso saber tudo. Você não me protegeu de me manter no escuro, você me fez fraca. Eu não sou mais fraca porra.

Beck passou a mão pelo meu lado e me senti um pouquinho melhor.

Isso pareceu acertar Dante, porque ele parou de hesitar. — Sua amiga da escola primária, Scarlett... ela não se mudou apenas na quarta série.

Eu parei. — O que aconteceu com ela?

Ele bufou, mas não havia nada remotamente divertido sobre isso. — Toda a sua família foi morta em uma explosão. A decisão final foi uma placa

elétrica defeituosa que pegou fogo e explodiu o carro. Mas eu sabia que era Catherine.

Minha cabeça girou enquanto eu tentava reconciliar o que ele estava dizendo com o que eu lembrava. Scarlett e eu éramos inseparáveis durante anos, mas ela simplesmente se foi e nunca manteve contato.

— Os pais dela trabalharam para Catherine — sussurrou Dante, — e usaram a filha para acompanhar você. Mas quando eles se assustaram e correram, Catherine os matou.

Um grito abafado escapou da minha garganta. Minha porra de toda a vida era uma mentira.

Dante estendeu a mão para mim. — Ela nunca soube, no entanto. — Ele estava correndo para dizer isso, tentando me puxar da rodada vertiginosa que eu estava dentro — Eu não tive muito tempo para conhecê-la antes que ela corresse. Catherine estava me trazendo porque eles tinham expressado interesse em sair, mas estava claro que ela nunca teve uma pista. Ela amava você, Riles.

Eu segurei a mão, incapaz de falar. De pé, eu corri para o banheiro, batendo a porta atrás de mim. Pisando mais longe na sala iluminada, deixei meu olhar demorar no meu reflexo. Eu parecia pálida e pequena, com uma bagunça de cabelos escuros flutuando ao meu redor.

Catherine me reduziu a isso. Para uma concha da pessoa anterior eu era. Uma concha da porra da pessoa que eu poderia ter sido.

Um grito rasgou de mim antes que eu pudesse pará-lo. Uma raiva irritada encheu o grito. Estendendo a mão para a frente, esmaguei minhas mãos por toda a merda ao redor da pia, enviando-a voando antes de me virar e me mover para o armário próximo.

Mãos fortes me pegaram antes de eu enviar o resto da minha maquiagem e produtos de higiene voando.

Eu lutei por uma batida, mas o bom senso entrou em ação rapidamente. Eu nunca iria agitar Beck. Ele não disse nada, ele apenas me segurou, apertado o suficiente para que... na verdade ajudasse. Depois de um minuto, não senti mais como se fosse me livrar de um milhão de pedaços, minha fúria e dor tão fortes que minhas células não conseguiam mais contê-lo.

— Quem diabos sou eu? — Eu perguntei a Beck, odiando o quebrado na minha voz. — Catherine tem me controlado desde o nascimento. Nada foi real. Eu nem tenho certeza se minha mãe e meu pai eram reais neste momento.

Eles estavam mortos demais para me dizer, mas eu suspeitava que eles poderiam ter trabalhado para a Delta também. Por que mais meu pai iria surtar daquele jeito e tentar fugir? Uma pessoa normal teria ido para a polícia.

— Você é mesmo fodidamente real? — Eu disse, levantando meus olhos cheios de lágrimas para encontrar os dele. As próximas palavras pegaram na minha garganta o tumulto naquelas profundezas cinzentas e tempestuosas. *Foda-se.*

— Eu vou dizer isso uma vez, Butterfly. — Ele disse naquela voz calmamente ameaçadora. —Esta é a coisa mais foda que nunca vai ser em sua vida.

Meu corpo reagiu involuntariamente, empurrando em Beck, precisando sentir seu corpo duro contra o meu. Por alguma razão bagunçada, quanto mais furioso ele ficava, mais assustador ele ficava, mais eu queria escalar como uma porra de uma árvore.

— O passado não importa, porque depois dessa votação, você nunca terá que se preocupar com Catherine novamente. Ela vai pagar. Ela vai ter tudo o que ela ama e deseja neste mundo despojado dela. Eu vou me certificar disso.

— Quanto tempo até a votação? — Eu disse, precisando dessa merda feita na minha vida. Eu precisava de um dia normal. Apenas um.

— Oito dias.

Oito mais dias até que tudo acabasse. Oito mais dias até que eu tire a porra da minha vida.

Debitch estava afundando.

CAPITULO VINTE E SEIS

Dante não foi muito longe de mim. Beck o deixou ficar em seu antigo apartamento, porque nós estávamos agora... morando juntos. Algo que deveria ter me assustado, mas isso não aconteceu. Ter Beck por perto era o meu conforto na vida, e a oficialidade de "morar junto" não diminuía nem um pouco. Enquanto eu ainda estava me recuperando, passamos os próximos dias em casa, comendo, dormindo e Beck amando a porra do meu corpo até que eu mal conseguia andar. Mas desta vez foi completamente bem para mim. Eu não tinha tido muitos dias felizes desde a morte dos meus pais, mas esta semana, realmente senti que estava recebendo um presente.

Se não fosse o último momento antes de todos nós sermos destruídos. Com o voto se aproximando, meus nervos estavam completamente abatidos. Eu alternava entre aliviada e aterrorizada, porque eu não tinha ideia se isso tudo iria acontecer.

De qualquer forma, tudo acabaria logo.



TRÊS DIAS ANTES DA VOTAÇÃO, eu estava saindo do banheiro, ainda secando meu cabelo.

— Riley, que porra é essa na pia? — Beck gritou e eu me lancei, vestida apenas com sutiã e calcinha, olhando por cima do ombro.

— Huh, acho que esqueci de lavar a minha tigela. — Eu disse com um encolher de ombros, pressionando meus seios para o seu braço,

porque me senti bem e eu estava um pouco viciada em Beck. — Quem sabia que poderíamos realmente crescer algo verde. Vou contar isso para as plantas mortas no banheiro e na varanda.

Um sorriso realmente atravessou seus lábios e eu encolhi os ombros novamente. Esta foi uma das nossas primeiras dificuldades em viver juntos. Beck era meticulosamente limpo e eu era meio que uma pateta. Nenhum de nós estava trabalhando para melhorar essa malha e provavelmente precisaríamos de uma faxineira em algum momento quando não fossemos tão desconfiados de estranhos, porque a limpeza nunca seria minha coisa. Mas por enquanto, todos nós éramos. Estranhas brigas de casais aconteciam, que geralmente se transformavam no melhor tipo de preliminares.

Meus mamilos doeram quando eu os esfreguei em seu braço novamente. — Você está tentando me distrair, Butterfly? — Beck perguntou, e ele foi o único que me distraiu, porque eu gostava daquele barulho em sua voz.

A toalha do meu cabelo molhado bateu no chão e as mãos de Beck estavam na minha bunda quando ele me levantou para o balcão.

— Está funcionando? — Eu perguntei, sem fôlego quando ele separou meus joelhos e se estabeleceu entre eles. Ele tinha acabado de sair do banho antes de mim, então ele estava vestindo apenas um par de boxers e nada mais. Boxers que estavam muito tensos sobre sua ereção.

Beck riu um som escuro e sexy quando ele capturou meus lábios com os seus próprios, persuadindo minha boca a abrir para que ele pudesse explorar com sua língua. Mãos grandes e ásperas deslizaram pelos meus lados, alcançando atrás de mim para apertar o fecho do meu sutiã e descartar a peça em algum lugar na cozinha.

Suas palmas seguraram meus seios e eu gemi em seu beijo.

— Eu diria que está funcionando muito bem. — Ele me disse, sua voz uma promessa rouca de *todos* os orgasmos. Claro que sim.

Passei meus braços em volta do seu pescoço, puxando-o para mais perto enquanto eu fechava meus lábios nos dele, bebendo-o como um bom vinho e gemendo quando ele grudou contra o meu núcleo. Se era assim que era viver com Beck, eu poderia seguramente considerar uma das melhores decisões que já tomei.

Sério, era como se não conseguíssemos nos fartar. Toda vez que a oportunidade se apresentava, estávamos nos agarrando, desesperados para estar mais perto...

O frio toque de metal no meu quadril me fez recuar com um suspiro, apenas para encontrar Beck com uma faca de açougueiro na mão.

— Um... — eu olhei para a lâmina, então rapidamente me apertei quando ele a colocou na outra mão e cortou o outro lado da minha calcinha aberta. Homem inteligente, usando as ferramentas disponíveis.

Ele sorriu para mim, jogando minha calcinha destruída por cima do ombro, em seguida, deslizando a lâmina de volta para o grande bloco de faca de madeira atrás de mim.

— Isso é melhor. — Ele murmurou, passando os dedos sobre minha buceta nua. — Nós devemos apenas fazer uma regra sem roupa dentro do apartamento.

Seu dedo indicador deslizou dentro de mim e eu ofeguei. — Eu estou bem com essa regra. É uma boa regra. — Um pequeno gemido escapou da minha garganta quando ele acrescentou o dedo do meio e mergulhou mais fundo. — É também uma regra que você já está quebrando, Sebastian Roman Beckett.

Ele me deu um sorriso perverso e, segundos depois, sua cueca se juntou a minha calcinha arruinada em algum lugar na cozinha. — Boa viagem. — Eu digo.

— Foda-me. — Eu gemi, tomando seu pau duro na minha mão e acariciando sua pele lisa aveludada.

— Esse era o plano. — Ele brincou, mordendo suavemente a carne do meu ombro, em seguida, beijando o lado do meu pescoço.

Engoli em seco quando ele agarrou meu lóbulo da orelha entre os dentes, sugando e enviando todos os tipos de formigamento, atirando direto de volta para o meu núcleo dolorido. Foi oficial. Meu cérebro se transformou em uma pilha de trapos induzida por sexo.

Envolvendo minhas pernas mais apertadas em torno de sua cintura, eu puxei Beck mais perto, guiando para a posição certa, em seguida, empurrei meus quadris para frente com impaciência. — Por favor, Sebastian. — Eu implorei, desesperada para senti-lo dentro de mim. — Eu preciso de você. Por favor, querido, me foda.

Por um segundo, ele tinha aquele olhar maligno em seus olhos que sugeria que ele queria me provocar mais, mas outro movimento de meus quadris viu sua determinação desmoronar, e ele empurrou fundo.

A força de seus quadris encontrando os meus me empurrou um pouco para trás na bancada e eu precisava soltar o pescoço de Beck. Em vez disso, deixei cair minhas mãos para segurar a borda do balcão de mármore polido enquanto abria meus joelhos e deixava-o mais longe.

— Puta merda, Butterfly. — Ele ofegou, parando com a testa contra a minha por um segundo, em seguida, beijando-me com força suficiente para deixar meus lábios inchados e formigando. — Espere, baby.

Foi toda a advertência que tive quando ele segurou minha bunda em suas mãos, me puxando até a borda do balcão e, em seguida, me fodendo forte e rápido. *Exatamente* como eu precisava disso.

— Oh meu deus, sim. — Eu gritei em algum momento quando ele fez *algo* com seus quadris e um orgasmo caiu sobre mim sem qualquer aviso maldito em tudo. Me pegou tanto de surpresa que meu aperto no balcão escorregou e nós dois teríamos provavelmente acabado no chão se eu não tivesse agitado e agarrei de volta rápido.

Ainda assim, a parte de trás da minha mão batei na cafeteira que caiu no chão com um estrondo alto.

Foda-se. Quem precisava de café quando você podia acordar com orgasmos múltiplos do pau mágico de Beck?

Ele riu enquanto eu gritava o meu caminho através de mais dois orgasmos e murmurei alguns comentários espertos sobre como ele me avisou para segurar. Eu não sei. Eu perdi todo o sentido da visão e do som em algum momento quando ele encontrou o meu ponto G e clitóris simultaneamente.

Eventualmente, na hora certa com meu quarto orgasmo, ele encontrou sua própria liberação, grunhindo e ofegando enquanto bombeava para dentro de mim.

Por um longo tempo, os únicos sons na cozinha foram a nossa respiração pesada entrelaçada e o bater do meu próprio pulso dentro da minha cabeça.

Cabeça de volta contra os altos armários da cozinha, eu chupei o ar o mais rápido que pude, tentando recuperar o fôlego. — Você vai me matar. — Eu disse, chiando entre cada palavra. — Tipo... eu juro porra, que um dia meu coração vai parar no meio do orgasmo.

Inclinando-se para frente, Beck enterrou a cabeça no meu ombro e pescoço, respirando em mim, seu corpo ainda duro dentro do meu. Ele veio, mas eu sabia que Beck poderia ir de novo quase que instantaneamente. Era seu superpoder, com certeza.

Uma batida na porta soltou um estrondo baixo e ele se endireitou. Eu gemi quando ele recuou. Meu corpo estava doendo em uma dúzia de lugares deliciosos, mas aparentemente, precisávamos atender a porta primeiro antes que qualquer merda acontecesse.

— No banheiro, Butterfly. — Disse Beck, deixando a cozinha por um minuto para pegar suores antes de voltar. Eu assisti seu nu, recuando de volta e minha boceta apertou novamente. Foda, era muito sexy. Calças baixa, V visível, músculos de bronze por toda parte.

Saber que ele era um comando sob aqueles suores me deixou desesperada para arrancá-los, mas ele já estava se movendo para a porta.

Eu suspirei, e me mexi para descer, fechando a porta do banheiro, assim como Beck abriu a nossa. — O que? — Eu o ouvi dizer.

Eu limpei o melhor que pude, na verdade lembrando desta vez para jogar a toalha no cesto. Quando passei pelo espelho, avistei as marcas na minha pele. Eu estava me curando, mas era lento. Pelo menos a maior parte da dor desaparecera agora.

Eu fui sair, parando em Beck apoiado na porta. Ele estava me observando, uma expressão que eu não conseguia ler em seu rosto. — Quem estava na porta? — Eu perguntei.

Mais alguns passos e eu estava na frente dele. — Dylan.

Ele se inclinou para frente e pressionou seus lábios no meu ombro antes de mais beijos no meu pescoço e ao longo do meu queixo. Ele

terminou com meus lábios. Beijos longos e destruidores de alma, que me fizeram esquecer tudo.

— Não deixe que ela tire isso de nós. — Eu implorei, melancolia me atingindo inesperadamente. — Precisamos lutar até a morte para manter isso, Sebastian.

Seu abraço foi imediato. — Nós vamos lutar, baby. Nós lutaremos e venceremos.

Sua confiança alimentou a minha e, quando ele me soltou, passei pelo meu armário. Segunda tentativa de se vestir hoje.

— Você não disse o que Dylan queria? — Nós geralmente tomamos café da manhã juntos, então era provavelmente isso, mas eu gostava de checar. Minha ansiedade em receber más notícias estava no auge.

Beck me seguiu. — Reunião do Delta. Esta é uma reunião de pré-votação e todos os atuais membros do conselho e herdeiros têm que estar lá.

Algo frio percorreu minha espinha. Eu não via Catherine desde que a peguei beijando seu irmão. Desde todas as coisas horríveis que eu encontrei sobre ela. Eu não acho que teria que vê-la novamente até a votação... mas aqui estávamos nós. — Isso é uma boa ideia? — Eu disse suavemente. — E se... nós acabarmos e eles de alguma forma souberem o que estamos planejando?

O sorriso de Beck não foi legal. — Nós não vamos foder. Este é um jogo que estamos jogando há anos.

Eu balancei a cabeça em movimentos frenéticos. — Não eu, no entanto. Eu mal tenho um rosto Delta. E se eu estragar tudo?

Ele segurou meu rosto, diminuindo meus movimentos de cabeça agitados. — Você não vai. — Ele disse simplesmente. — Vai ficar tudo bem, e em breve, tudo vai acabar.

Breve. Essa pode ter sido a minha nova palavra favorita.

CAPITULO VINTE E SETE

BECK

Quando Riley saiu de seu quarto, eu lutei contra o desejo de envolver minhas mãos em torno de seu corpo e arrastá-la de volta para lá. Ela usava um traje de poder, um que eu nunca tinha visto nela antes. Preto, com uma camisa vermelha profunda, que cortava baixo seu decote com o menor indício de sutiã rendado visível.

Porra. Eu precisava de todo meu foco e concentração hoje, porque era onde os jogos mentais e jogos de poder começavam, mas com Riley vestida assim, sua saia apertada deslizando sobre suas curvas, saltos pretos fazendo suas longas pernas parecerem ainda mais longas...

— Tentando me matar, Butterrfly? — Eu perguntei, me aproximando, precisando tocá-la.

Ela era o melhor e pior tipo de droga. Completamente viciante e inebriante, e quando pensei que a perdera por um curto período de tempo, sabia que não sobreviveria sem ela.

— Você precisa parar de me olhar assim, Sebastian — ela disse, com a voz rouca de desejo, — ou não faremos uma reunião.

Um grunhido aborrecido disparou de mim: — Eu não tenho certeza se isso é uma coisa ruim neste momento. — Eu a beijei suavemente. — Eu tenho algo para você. — Eu disse quando consegui parar de beijar sua boca perfeita.

Seus olhos se iluminaram. — Oh, eu amo coisas. O que você tem pra mim?

Eu apenas encarei. Ela era de tirar o fôlego e eu sabia o quão fodido eu estava, mas era tarde demais para mudar agora. Essa mulher era dona de cada parte de mim.

— Pensei que você poderia gostar de um colete para combinar com o meu. — Eu disse, tentando me concentrar, o que não foi ajudado pelas mãos de Riley correndo debaixo do meu paletó e por cima do colete preto. — Eu os comprei para todos nós. É um uniforme de herdeiro. Ele também tem um coldre para sua arma, o que também é útil. E eu não a deixaria entrar desarmada.

Seu rosto se iluminou. — Foda-se sim! Ok, espere enquanto eu o coloco.

Eu entreguei a ela o colete leve, que era preto para combinar com seu terno. Ela saiu correndo, reaparecendo um momento depois, com a arma na mão. Depois de ter certeza de que a trava de segurança estava ativada, mostrei-lhe como guardar e depois me assegurei de que o colete estava bem encaixado. — Perfeito. — Assim que eu estava me inclinando para capturar seus lábios, houve um baque pesado na porta.

Por instinto, eu mudei Riley atrás de mim e tive minha arma na mão enquanto eu caminhava para frente.

Jasper e Evan nem sequer piscaram para a arma de frente para eles. — Hora de ir, nosso carro está aqui.

Eu balancei a cabeça, deslizando minha arma de volta para o coldre sob a minha própria jaqueta preta.

— Eu odeio que esses babacas querem controlar todos os aspectos de suas reuniões. — Eu disse, segurando a porta aberta para Riley, que saiu.

Jasper correu os olhos pelo corpo dela, começando na ponta do cabelo preto brilhante antes de soltar um assobio. — Droga, garota. Você parece sexy pra caralho!

Como ele se lembrava de si mesmo, seu olhar disparou para mim e ele me deu um sorriso tímido. Eu não devolvi o sorriso dele com nada além de uma única curva do meu lábio. Jasper, Evan e até mesmo Dylan, meu "porra" pateticamente apaixonado melhor amigo, eram os únicos caras que eu podia tolerar em torno de Riley. E só até certo ponto.

Dylan pensando que ele estava apaixonado por ela estava começando a apertar meus botões. Mas eu peguei isso. Eu realmente fiz. Riley era sem dúvida a mulher mais linda, corajosa, forte, inteligente e perfeita do mundo.

Mas ela era minha. E eu não compartilho.

Nem mesmo com meus melhores amigos... meus irmãos.

Dylan teria que encontrar a sua.

— Estou nervosa. — Riley confessou assim que Dylan saiu de seu apartamento, vestindo um terno azul escuro. — Eu não tenho um bom pressentimento sobre isso.

Jasper passou o braço ao redor dela, quase derrubando-a de seus saltos.

— Jas. — Eu disse em aviso.

Ele piscou para mim. — Estou apenas consolando-a. —Ele se virou para encarar Riley. — Não preocupe essa linda cabecinha sobre isso. É tudo normal... ou então nós ouvimos. Preliminares para a votação. Eles querem garantir que todos estejam na mesma página.

Riley não parecia convencida, mas antes que ela dissesse algo sobre isso, a porta do meu antigo apartamento se abriu e uma Eddy rindo cambaleou, os braços de Dante em volta dela, mantendo-a firme.

O rosto de Jasper estava inundado de raiva quando ele se adiantou. — Que porra é essa?

Este desenvolvimento não me surpreendeu. Eu sabia que Eddy havia visitado Dante na prisão. Eu sabia que ela estava fodidamente ligada a ele. E eu sabia que ela não aceitaria nenhum dos nossos avisos sobre não confiar nele.

— Edith. — Rosnou Jasper. — Você está fora da porra da sua mente?

Ela se virou, os olhos arregalados quando percebeu que estávamos todos no corredor entre os nossos apartamentos. — Merda. Você fodidamente me assustou.

Ela apertou a mão contra o peito, mas não se afastou de Dante. Quem ainda tinha os braços em volta dela, só que desta vez era protetor.

— Você sabe que ele foi acusado de machucar uma mulher antes de Katelyn, certo? — Jasper continuou, empurrando para frente, a preocupação por sua irmã nublando seu julgamento normal. — Que porra era o nome dela, Riles?

— Hailey. — Ela sussurrou.

Jasper assentiu. — Certo. Você quer ser sua próxima vítima?

Dante estava olhando para Riley agora e até eu podia ver a porra do machucado em seu rosto. — Você acredita que eu poderia fazer algo assim, Riles? — Ele perguntou suavemente e eu estava a meio segundo de entrar entre eles, então ele parou de encará-la daquele jeito.

Riley sacudiu a cabeça. — Por que você acha que eu nunca me incomodei em perguntar sobre ela? Eu sei que você nunca machucaria nenhuma mulher e especialmente ninguém que você amava.

Minha borboleta era muito foda confiar. Dante a enganou durante a maior parte de suas vidas. Claro, ele fez isso para proteger sua família, mas mostrou que ele não estava acima de cuidar de si mesmo e de seus interesses em relação a Riley. Ou Eddy.

— O que aconteceu? — Eddy perguntou, voltando-se para Dante.

Ele baixou o olhar para encontrar o dela e eu gostei do fato de que definitivamente havia algo entre eles. Tornou menos provável que eu tivesse que matar o amigo de Riley porque ele não podia manter suas mãos fora dela.

— Catherine chegou até ela. — Disse ele simplesmente. — Ela não me queria distraído e ela sabia que Hailey significava algo para mim, então ela pagou para ela. Foi um aviso não muito sutil para mim que ela me possuiu. Minha vida. Cada parte dela e se eu algum dia me desviar, ela destruiria meu mundo.

Eu conheci esse jogo. Delta jogou muito. — Catherine fez as acusações irem embora também?

Dante bufou cinicamente. — Sim, porque eu voltei para linha.

Nós éramos todos bons soldados. Bem, não mais.

Jasper parecia ligeiramente aplacado, o vermelho desaparecendo de suas bochechas. — Se você tanto quebrar sua unha. Ou fodidamente fazer ela chorar, eu vou atrás de você, idiota. — Ele disse, apontando um dedo para Dante. — Eu posso te matar e me livrar do seu corpo antes que alguém perceba que está faltando.

Eddy olhou, mas surpreendentemente, Riley não. Ela estava se acostumando com a nossa vida.

Olhando para o meu relógio, eu ensinei meu rosto. — Nós temos que ir. O carro está aqui.

— Onde você vai? — Dante nos chamou.

Filho da puta intrometido.

— Negócio Delta. — Eu disse, e então eu envolvi Riley debaixo do meu braço, mantendo-a perto. Eu pressionei meus lábios em sua cabeça e a respirei, me acalmando. Funcionou de um jeito, mas no outro, o leve aroma floral de seu creme de pele, tinha meu pau duro e pronto para transar com ela bem aqui.

Se ao menos estivéssemos sozinhos...

— Enfrentar Delta, meninos. — Disse Jasper, já tendo esquecido sobre sua irmã. — Estamos prestes a entrar direto na cova do leão.

— Todo mundo armado? — Dylan perguntou, e eu pude ver que ele estava armado até o punho do caralho. Três pistolas, várias lâminas e pelo menos uma máquina pesada. Nenhuma das armas seria óbvia para a maioria das pessoas, mas eu fui treinado para avaliar meus alvos.

Agora, Dylan era uma máquina de matar de um homem só.

Filho da puta assustador.

— Sim, tenho meus bebês. — Disse Jasper acariciando seu longo casaco de lã.

— Eu também. — Evan acrescentou.

— Você sabe que eu estou. — Eu disse.

— Sim! — Riley disse, parecendo animada.

O sorriso de Dylan era um pouco familiar demais enquanto ele a observava, mas agora não era o momento para essa conversa novamente. Isso poderia esperar. Hoje precisávamos ser uma equipe perfeita. E definitivamente me fez sentir melhor saber que ela não estava andando por aí neste mundo desarmada. Estaríamos lá para ela o máximo possível, mas como as situações recentes provaram, às vezes o inimigo nos rodeava.

Não hoje, embora. Eu sabia exatamente quem era o inimigo e não baixei a guarda por um segundo.

A guerra mental já havia começado. E conhecendo Delta, a guerra física não ficaria muito atrás.

CAPITULO VINTE E OITO

Eu estava rodeada por quatro caras altos e lindos vestidos de terno. O tipo de caras que eram assustadores e letais, mas também doces e gentis. Este deveria ter sido o começo de alguma fantasia perversa, em vez disso estávamos caminhando para um pesadelo.

Meu intestino não se acalmava, nem para o passeio de elevador inteiro, nem para os vinte minutos no carro preto com sua janela escurecida, ou mesmo quando a mão de Beck caiu para minha coxa nua, acariciando-a de cima a baixo em um calmante e despertando maneira.

Eu não conseguia me livrar da escuridão.

Em um ponto, eu realmente queria saber se eu ia vomitar, mas quando abri a janela e um pouco de ar fresco filtrado em volta do meu rosto, a sensação diminuiu.

Beck não disse nada de reconfortante, talvez ele não quisesse mentir porque nenhum de nós sabia como isso iria acontecer, mas ele manteve o braço em volta de mim, ocasionalmente pressionando os lábios na minha cabeça.

Quando o carro finalmente parou, os cinco de nós permaneceram onde estávamos por um minuto.

— Nós ficamos perto. — Beck avisou, sua voz baixa. — Não importa o que eles façam, não deixe que eles nos separem. Especialmente não Riley.

— Nenhum de nós! — Eu mordi de volta. — Se estamos indo para baixo, vou afundar com todos vocês.

Jasper assentiu. — Família.

— Sempre. — Evan acrescentou.

Os lábios de Beck bateram nos meus por um momento e eu ofeguei no beijo. Era áspero e perfeito e havia uma sensação assustadora de adeus a isso.

— Eu te amo. — Eu sussurrei. Antes que ele pudesse dizer qualquer coisa, eu me virei para os outros. — Eu amo todos vocês. Não faça nada estúpido. Me prometam.

Toda a porra deles achava que eles eram invencíveis.

Pela primeira vez, ninguém brincou, eles apenas assentiram. — Nós prometemos, Riles. — Disse Dylan, e então ele abriu a porta.

Eles claramente planejaram isso, porque Beck pegou meu braço, certificando—se de que ele saia primeiro. Então ele fechou a porta na minha cara.

Eu me virei para Evan e Jasper. — O que diabos está acontecendo? Eles estão indo sozinhos?

Evan deu um tapinha no meu ombro. — Se acalme, Bulma. Vegeta só quer ser o herói e garantir que tudo esteja seguro antes de você entrar em perigo.

Eu estreitei meus olhos neles. — Você está brincando comigo? Logo depois que eu disse a eles para não fazerem nada estúpido.

Jasper riu, como a foda de hiena que ele era. — Sim, você notou que Beck concordou em nada. Idiota é sorrateiro.

O idiota estava dormindo no sofá no momento em que voltássemos para casa.

A porta se abriu antes que eu pudesse dizer qualquer outra coisa, eu olhei para Beck enquanto deslizava para sair, ignorando a mão que ele estendeu para mim.

Bastardo presunçoso apenas riu. Eu realmente deveria mata-lo com minha arma, mas, infelizmente, eu tinha gostado muito dele.

— Então... me dê isso diretamente... estamos esperando problemas hoje? — Eu perguntei baixinho, pegando o braço de Dylan quando ele ofereceu e não perdendo o olhar presunçoso que ele atirou em Beck. Opa, talvez eu deva usar Jasper se eu quiser irritar meu namorado taciturno. Menos chance de alguém ser morto.

— Não necessariamente. — Respondeu Dylan, caminhando comigo para o saguão de mármore polido do edifício Jefferson da Delta. — Mas isso perto da votação e com tudo o mais que aconteceu ultimamente...— ele parou com um encolher de ombros e eu assenti.

— É melhor prevenir do que remediar. — Eu murmurei, concordando.

— Esteja sempre preparado. — Jasper acrescentou, jogando uma piscadela brincalhona. — Eu aprendi isso nos escoteiros.

Eu enruguei meu nariz para ele. — Você foi para os escoteiros?

— Não, mas eu ouço grandes coisas. — Ele respondeu com um sorriso.

Eu balancei a cabeça e revirei os olhos. — Pau...

Nós cinco passamos pelo balcão de segurança do saguão, instalando detectores de metal com alarmes e nem parando uma batida. O oficial uniformizado de lá parecia mais interessado em evitar nosso olhar do que nos parar, de qualquer maneira, então entramos no elevador sem impedimentos.

Quando as portas se fecharam e a caixa começou a se mover, Evan começou a cantarolar uma melodia em voz baixa. No começo, não pensei muito, mas havia um fio de familiaridade.

Olhando para ele, franzi a testa em confusão. Ele apenas continuou cantarolando, mas me deu um divertido aceno com a sobrancelha.

Não foi até que estávamos saindo para o chão da sala de conferências que clicou qual era a música e eu comecei a rir.

— Como muito apropriado. — Eu disse a ele, rindo enquanto ele interrompia a música e sorria de volta. — *Nunca sorria para um crocodilo*. Não poderia ser mais adequado para uma reunião com Catherine Deboise.

— Eu não entendo. — Comentou Beck com uma pequena carranca.

Evan cantou a letra em voz baixa enquanto atravessávamos o carpete de pelúcia com a sala de conferências à nossa frente enfatizando a parte sobre o crocodilo imaginando como o objeto de sua atenção caberia dentro da sua pele. Essencialmente, implicando que Catherine estava planejando matar a todos nós.

Com a piada explicada, todos nós estávamos rindo quando entramos na sala da diretoria, e não acho que poderíamos ter perturbado mais o conselho do Delta se tivéssemos entrado em trajes Teletubby de dois metros e meio de altura.

— Algo engraçado, filha? — Catherine perguntou, sua voz torta e seus olhos azuis se estreitaram. — Eu não estava ciente de que esta foi uma reunião de comédia.

Incapaz de perder a oportunidade de ficar sob sua pele, eu apenas dei de ombros. — Só discutindo planos para sua casa de aposentadoria, Catherine. Você tem estado tão estressada ultimamente, está aparecendo ao redor dos olhos. — Indiquei para os pés de galinha que *mal* eram

visíveis, mas para uma mulher do nível de vaidade de Catherine era um insulto mordaz.

Sua boca se apertou, franzindo em algo que vagamente se assemelhava a um idiota de gato e eu tentei realmente não rir.

— Obrigado por se juntar a nós. — O Sr. Langham nos dirigiu, cortando o que Catherine estava prestes a responder. — Por favor, sentem-se e podemos começar.

Ele indicou para o lado vazio da mesa onde cinco assentos estavam em fila, de frente para a geração mais velha.

— Não podemos começar. — Retrucou Catherine, olhando para Langham. — Rome ainda não chegou. Não podemos começar até que todos os membros estejam presentes e contabilizados.

— Rome não poderia fazer isso hoje. — O pai de Jasper respondeu suavemente, e o olhar de desprezo que ele deu a Catherine disse que ele não se importava muito com a atitude dela também. — E dado que ele já assinou seu voto para Sebastian, parece não haver necessidade de incomodá-lo com as discussões preliminares.

Catherine recuou e pareceu um pouco pálida. Assustada? Não, não Debitch. Apenas chateada, eu tinha certeza.

— Sim, mas Sebastian ainda não é membro do conselho — ela argumentou, nem mesmo tentando esconder a irritação em sua voz, — e está no *estatuto* que todos os membros assistam a essa reunião.

O pai de Dylan, idiota que ele era, apenas zombou de uma risada e se recostou na cadeira. — O estatuto também não permite que as *mulheres* tenham uma posição no conselho. No entanto, aqui está *você* e com sua filha sentada como herdeira, não menos do que isso.

Beck tinha acabado de se sentar no banco ao meu lado e vi a tensão passar por ele na declaração misógina de Grant senior. As mãos de Beck apertaram os braços da cadeira e levou *todo o* meu controle para não estender a mão e acalmá-lo. Tal gesto só alimentaria as alegações do pai de Dylan.

Além disso. Esta foi a luta de Catherine, não minha.

— Como você *ousa* falar assim comigo? —Catherine assobiou para o cavalheiro mais velho, que apenas zombou de volta para ela. Toda vez que eu estava ao redor deles, eu entendia cada vez mais por que todos eles tinham um problema com o vínculo que os caras e eu compartilhamos. A geração Delta mais velha se odiava e devia estar constantemente observando as facas nas costas.

— Isso é o suficiente. — Retrucou Rothwell, interrompendo o jogo entre Catherine e Grant. — Rome não precisa estar aqui, então vamos seguir em frente. Greg? — Ele acenou para o Sr. Langham, "Greg" que acenou de volta e cruzou as mãos na frente dele.

— Reunião do conselho da Delta está agora em sessão.

Aquelas palavras pareciam tão inocentes, mas devem ter sido o gatilho do que aconteceu em seguida. Antes que alguém pudesse falar outra palavra, uma forte explosão soou da base do prédio e a sala tremeu. Até onde eu sabia, Jefferson não estava em uma falha, então isso não era um terremoto.

Todos nós olhamos ao redor, confusos, até que Catherine agiu.

Mais rápido do que eu pensava que a tinha visto se mover, mais rápido do que ela me deu no primeiro dia em que eu cheguei, ela puxou uma faca de dentro da jaqueta Dolce e Gabbana e esfaqueou o Sr. Grant pelo lado do pescoço dele.

Congelada em estado de choque, eu observei quando ela puxou a faca de volta para fora novamente, enviando um enorme arco de sangue sobre a mesa e espalhando seu próprio rosto no processo.

O caos estava se espalhando ao meu redor e tudo que eu podia fazer era *olhar*. Catherine sorriu para mim do outro lado da mesa, o sangue escorrendo de seu rosto e seus dentes brancos brilhando e então eu soube. Catherine foi a responsável pela morte de Oscar. O olhar em seus olhos enquanto ela sorria para mim era tão frio, tão cruel, tão totalmente removido da sanidade... ela tinha zero questões assassinando seus filhos para progredir na vida.

E ainda. Lá eu sentei. Fodidamente *congelada*.

Até que um corpo duro bateu em mim e me derrubou no chão.

— Butterfly! — Beck explodiu de cima de mim: — Sai dessa! Estamos sob ataque!

Atordoada, olhei ao meu redor. Beck estava agachado sobre mim, disparando tiros de sua Glock 19 a cada poucos segundos enquanto figuras sombrias apareciam em sua linha de visão. As paredes de vidro da sala de conferência estavam totalmente destruídas e a merda estava ficando louca.

— Desculpe. — Eu engasguei, saindo de debaixo dele e pegando minha própria arma. — Catherine configurou isso. Ela assassinou o pai de Dylan. — Eu estava em choque e repetindo coisas que já sabíamos.

Beck apenas grunhiu e atirou em outro atacante vestido de preto que tentou se aproximar. As luzes tremeluziam, provavelmente danificadas por aquela explosão inicial e permitiam aos nossos assaltantes a cobertura de sombras à medida que se aproximavam de nós.

— Não admira que ela estivesse tão chateada que meu pai não apareceu. — Ele respondeu para mim, tirando o pente vazio de sua arma e colocando um novo no lugar. — Ela queria eliminar todo o conselho e herdeiros de uma só vez. Cadela estúpida.

De debaixo da mesa, pude ver corpos espalhados pela sala. A julgar pelos caros relógios de pulso e os anéis de sinete visíveis, todos os três membros da diretoria da Delta estavam mortos, junto com vários de nossos atacantes anônimos. Mercenários Huntley, eu estaria disposta a apostar.

— Estamos bem aqui? — Eu perguntei a Beck, puxando minha própria arma do coldre do colete especialmente projetado. — Vocês podem chutar suas bundas, certo?

Beck grunhiu novamente, e um calafrio de medo passou por mim.

— Cuidado! — Dylan gritou de algum lugar e Beck me cobriu com seu corpo apenas momentos antes de outra explosão menor balançar a sala. A poeira de uma parede destruída subiu em uma nuvem de tempestade e eu precisava cobrir meu nariz e boca com meu blazer para evitar respirar tudo e engasgar.

— Que porra é essa? — Eu resmunguei, tossindo e batendo a mão na frente do meu rosto para limpar o ar. — Alguém acabou de jogar uma porra de granada?

Beck parou por um momento, olhando em volta antes de responder. — Sim.

Eu gaguejei. — Eu estava brincando! Maldito inferno. — Eu o empurrei de cima de mim novamente para que eu pudesse ver mais do que apenas uma pilha de corpos e a parte de trás do terno de Beck, mas ele estendeu um braço para me segurar no lugar.

— Fique aqui. — Ele ordenou, sua voz todos os negócios. — Fique debaixo da mesa e fique fora de vista. Eu preciso ajudar Jasper. Ele me lançou um olhar sério por cima do ombro. — Eu quero dizer isto, Butterfly. Fique escondida. Eu estarei de volta.

Eu balancei a cabeça. Com granadas sendo lançadas, balas voando por toda parte e Debitch esfaqueando as pessoas no pescoço, eu realmente não achava que era o melhor momento para praticar meu fortalecimento feminino e independência. Eu era facilmente a lutadora menos capaz na sala, então sim, não havia vergonha em fazer exatamente o que Beck me disse.

Ao dizer isso, eu não estava totalmente intimidada em me esconder. Quando eu ouvi gritos e tiros rápidos não muito longe de mim, eu coloquei minha cabeça para fora a tempo de ver Jasper quebrar o pescoço de um cara, logo antes de ele ser baleado três vezes no peito por outro assaltante mascarado. Beck apareceu do nada e bateu com o punho no rosto dos atiradores antes de acertar um tiro na cabeça.

Era tarde demais, no entanto. O corpo de Jasper atingiu o chão com um baque doentio e um grito horrorizado saiu da minha garganta.

Estúpida, *estúpida* Riley!

Aquele grito atraiu a atenção de Beck, porque é claro que sim, e a próxima coisa que eu sabia, a cabeça dele estalou quando a ponta de um rifle de assalto bateu em sua bochecha.

— Não! — Eu gritei, meio subindo debaixo da mesa, minha arma levantada e pronta.

Sem sequer compreender o que eu estava fazendo, meu dedo apertou o gatilho, e minha bala atingiu a testa de um homem mascarado que estava prestes a atirar no meu namorado. O homem caiu, morto, e Beck cambaleou de volta aos seus pés, parecendo confuso e chateado.

— Riley, mexa-se! — Evan gritou do outro lado da sala, mas eu não estava rápida o suficiente.

O aço frio de um cano de arma pressionado contra a minha têmpora e o perfume enjoativo e floral de Catherine invadia meu nariz como gás envenenado.

— Eu devo agradecer a você — minha desprezível mãe biológica sibilou em meu ouvido, — sem você distrair esses idiotas sociopatas, nada disso teria sido possível.

Eu soltei uma risada amarga, mesmo quando meu estômago se contorceu com nós de culpa. Eu *era* uma distração, eu sabia disso. — Você não vai sair dessa sala viva, Catherine. Faça um favor a si mesma e vire a arma. Vai ser muito mais rápido do que Beck vai fazer a sua morte.

— Oh, eu não sei sobre isso. — Ela riu, em seguida, levantou a voz. — Largue suas armas ou eu acerto minha filha estúpida no joelho.

Eu quase ri de seu pedido ridículo, até que vi meus rapazes — o que sobrou deles — levantar suas armas em sinal de rendição.

— O que? Não dê ouvidos a ela! — Eu gritei. — Ela não vai atirar em mim. Ela claramente precisa de mim viva.

— Viva, não ilesa. — Minha bio-mãe zombou. — Solte as armas, chute-as para longe. — Esta foi uma diretriz para Dylan e Evan. Para Beck.

Eu balancei a cabeça, implorando com meus olhos, mas Beck apenas olhou para mim, totalmente impassível enquanto fazia o que Catherine pedia.

Seu olhar não se separou do meu por um segundo. Não quando Graeme Huntley entrou na sala ladeado por mais uma dúzia de mercenários armados. Não quando alguém me agarrou pelos braços, arrancando minha arma e apertando meus braços. Não quando Catherine

e Graeme começaram a me arrastar para longe e tudo que eu podia fazer era gritar e lutar para voltar para o meu pessoal. Eu nunca tinha visto o rosto de Beck assim, completamente sem emoção, enquanto ele me mantinha trancada em seu olhar.

Eu lutei muito, mas com os braços amarrados, eles tiveram a vantagem. Catherine me bateu algumas vezes, mas esse foi o menor dos meus problemas. Pouco antes de eu estar completamente fora do quarto, ouvi Beck rosnar meu nome e eu gritei quando um dos capangas vestidos de preto pegou uma Glock e começou a pulverizar balas através dos meus caras.

A última visão antes de eu ser arrancada na escada, os herdeiros estavam caindo, e então eles sumiram da minha visão.

A única coisa que me confortou agora foram os meus próprios gritos.

CAPITULO VINTE E NOVE

Foi tudo um borrão depois disso. Depois que eu assisti o homem que eu amava ser baleado a menos de quinze metros de mim... algo dentro de mim simplesmente explodiu.

Logo o horrível grito cessou, minha voz desapareceu totalmente e eu caí em um estado de desespero entorpecido. Eles estavam mortos. Todos eles. *Como* isso aconteceu? Eles deveriam ser os melhores dos melhores, totalmente impossíveis de matar. Não eram eles?

Exceto, eles eram apenas humanos. E nem mesmo os humanos mais bem treinados realmente tinham uma chance quando tão severamente em desvantagem... e um ente querido segurado com uma arma.

Foi minha culpa. Suas mortes estavam em minhas mãos e eu não conseguia nem escapar da dor fria e interminável disso tudo. Porque Catherine precisava de mim *viva*.

— Nós deveríamos ter acabado de matá-la com o resto deles. — Rosnou Catherine quando me empurraram para a parte de trás de uma van e o motorista saiu do estacionamento. — Foda-se o estatuto. Quem vai me desafiar quando todos estiverem mortos? — Sua voz estava fria o suficiente para congelar a lava e, apesar do meu estado entorpecido, eu tremi.

— Rome Beckett ainda não está morto — Graeme lembrou a ela, — e nem o seu *marido*. —Ele cuspiu essa palavra como se fosse feito de merda de cachorro. — Seu plano brilhante de acabar com o conselho da

Delta falhou, então você *precisa do* seu herdeiro até que as regras possam ser mudadas.

Catherine bufou um som feio quando nós batemos em um canto e eu quase caí do meu lugar. Ninguém se incomodou em me prender e meus braços estavam amarrados, então eu só tive que rolar quando eu esbarrei em Catherine e ela me empurrou para longe novamente.

— Eu tirei os anciãos em ataques coordenados — ela disse, — então agora só precisamos mandar alguém para cuidar de Rome. — Seu rosto estava vincado de raiva. — Eu deveria saber que o bastardo não iria aparecer para a reunião. —Graeme bufou um som irritado. — E Richard? Por que ninguém *cuidou* dele ainda?

— Ele é inofensivo. — Ela mordeu de volta. — Nada mais do que um velho senil e enlutado. Ele não iria falar contra a minha nova estrutura na sequência das mortes trágicas de seus amigos. Ele *não podia*. Aquele homem mal é capaz de amarrar seus próprios cadarços, quanto mais desafiar uma aquisição hostil.

Surpresa piscou através de mim, quase o suficiente para me libertar da agonia esmagadora do que eu tinha acabado de ver acontecer. Catherine realmente não sabia que Richard estava fingindo? A van estacionou na frente do que parecia ser uma torre residencial semiacabada e um dos homens armados e mascarados que acompanhavam Graeme me arrastou para a rua, mantendo os dedos em volta do meu braço.

— Leve-a para a cobertura. — Graeme ordenou meu carcereiro. — Ninguém entra até voltarmos.

Sem nem ao menos dar uma segunda olhada, ele e Catherine pularam em um elegante Jaguar prateado estacionado do outro lado da rua e desapareceram na noite. Presumivelmente, para aparecer no

escritório do Delta do Jefferson e fingir estarem chocados e horrorizados com a morte trágica de seus "amigos".

— Vamos lá, garota. — Meu guarda ordenou, parecendo cansado como merda quando resisti por um momento. — Eu realmente não estou com vontade de te derrubar e te carregar.

Nem e estava com vontade de *ser* nocauteada e carregada. Sem palavras, o deixei guiar para o edifício de lado aberto e para dentro de um elevedor que nos fez subir pela lateral. Perdi a noção do que aconteceu depois porque meus olhos estavam cobertos. Provavelmente eu não saberia como acessar o seu "covil secreto". A próxima coisa que vi foi a porta da frente, que o guarda mascarado destrancou e abriu para eu entrar. Antes de dar mais de dois passos, ele me parou com uma mão no meu braço. De seu bolso, ele produziu um canivete e abriu-o.

Por um momento, pensei... talvez ele tivesse outras ordens? Talvez ele fosse cortar minha garganta aqui e deixar meu corpo para Graeme encontrar quando ele retornasse?

Mas, em vez disso, cortou as abraçadeiras que seguravam minhas mãos e esfreguei meus pulsos em reflexo.

— Você tem certeza de que é sábio? — Eu perguntei, minha voz rouca de gritos.

O homem me olhou, nada além de seus frios olhos azuis visíveis, mas eles eram o suficiente para transmitir sua pena e desprezo. — Você não vai a lugar nenhum, amor. Nós dois sabemos disso. Pelo menos assim não tenho que limpar sua bunda para você.

Ele sacudiu a cabeça, indicando para eu sair do caminho, então bateu a porta na minha cara. O som de estalidos metálico da fechadura pareceu ecoar pelo apartamento vazio e escuro, e eu passei meus braços em volta de mim.

— Merda. — Eu sussurrei para mim mesma, dando mais alguns passos na sala de estar aberta. Eu perdi meus saltos altos em algum lugar e minha saia apertada estava coberta de sangue. O mais profundo dos meus cortes da tentativa de assassinato de Johnson parecia que tinha reaberto, porque ele queimava debaixo da minha roupa. Pior, todo o meu corpo tremia como uma maldita folha ao vento. Não é de admirar que aquele guarda não tivesse me considerado uma ameaça. Eu era apenas uma garotinha patética e fraca. Não é boa para nada, exceto *isca*.

Meus joelhos cederam e eu desmoronei ali mesmo no chão.



Algum tempo depois, não sei quanto tempo, me levantei do chão. Minhas lágrimas há muito secaram e minhas emoções foram drenadas.

Tudo que eu sabia era que eu não podia simplesmente desistir. Assim não. Eu devia isso aos caras, a Jasper, Evan, Dylan... a Beck. Eu devia a eles para dar o fora e *fazer* alguma coisa. Mate Catherine, exponha-a, ou pelo menos morra tentando.

Agarrando-me a esse lampejo de determinação, comecei a procurar na cobertura de Graeme por qualquer coisa que pudesse me ajudar a escapar. Só o fato de ele ter uma cobertura secreta a poucos quarteirões dos escritórios locais da Delta me disse há quanto tempo ele e Catherine deviam estar tramando esse golpe.

Na maior parte, tudo sobre o apartamento era uma besteira padrão de cara rico. Nada pessoal, em tudo. Salvo um item.

Uma urna.

— Quem é você e por que você é importante para Graeme? — Murmurei para a urna quando parei em frente a ela. O objeto de ouro

ricamente esculpido estava em um pedestal sozinho no final de um corredor cheio de obras de arte caras. Uma caixa de vidro cobria a urna e luzes especialmente projetadas no pedestal a iluminavam como um item de valor.

Olhando mais de perto, notei algo fora do lugar. Um colar. Não o tipo delicado e feminino, mas um pedaço de osso esculpido ou algo na forma de uma tartaruga presa a uma corda de couro. O tipo de colar que os caras usavam se estivessem em uma viagem de surf ou algo assim. O tipo de colar...

Ah Merda.

Esse era exatamente o tipo de colar que Oscar estava usando naquela foto no computador de Richard!

— Oscar. — Eu ofeguei, pressionando a mão na boca com horror.

— Doente, não é? — Uma voz profunda disse atrás de mim e eu me assustei. Tanto que quase derrubei os restos do meu irmão do pedestal. Se Richard não tivesse se arremessado para a frente e firmado a coisa toda, nós dois estaríamos em cinzas.

— Richard! Como? O que você está fazendo aqui? — Eu estava começando a questionar minha sanidade. Talvez assistir a Beck levar um tiro me levasse a um colapso mental e agora eu estava alucinando as coisas. — Espere, você quer dizer que isso *é* Oscar? —Voltei meu olhar para a urna e precisei engolir a bile ameaçando subir.

— Eu acredito que sim. — Respondeu Richard, com o rosto cheio de tristeza. — Demorei meses, mas acho que finalmente cheguei ao fundo das coisas. — Ele segurou um diário bem gasto, mas eu não estava seguindo.

— Graeme matou Oscar? Mas por que?

Richard sacudiu a cabeça. — Não, Catherine fez.

Eu ofeguei, mesmo que realmente não tenha sido um grande choque. Eu tive exatamente o mesmo pensamento no momento em que ela cortou a garganta de outro homem bem na minha frente. Sem mencionar que eu tinha conhecimento em primeira mão de como ela tratava seus filhos. Catherine não era uma mãe. Não por um tiro longo.

— Oscar manteve um diário. — Explicou Richard, segurando o livro novamente. — Foi um exercício que seu terapeuta pediu que ele fizesse, para ajudá-lo a superar sua raiva depois que ele descobriu quem realmente era o pai dele.

As peças começaram a clicar juntas na minha cabeça. — Isso é o que estava na caixa dentro de seu caixão? Seus diários? Por que mantê-los em tudo? Por que Catherine não os queimou ou algo assim?

— Porque Oscar conhecia a localização do cofre do Delta. Meu pai, seu avô, estava cuidando dele para assumir o segredo quando ele tivesse idade suficiente, mas Oscar sempre foi esperto demais para seu próprio bem e descobriu a localização por conta própria. — Richard fez uma pausa com um sorriso triste, olhando para o diário. — Ele gravou aqui, mas codificou. Garoto esperto. Quando eu vi Catherine com isso pouco antes do funeral, eu a forcei a colocá-lo no caixão com... — Sua voz quebrou um pouco. — Com o Oscar. Ela não teve a oportunidade de tirá-los antes que ele fosse enterrado, então eu achei que ela simplesmente desistiu porque a leitura deles não dizia nada a ela.

— É por isso que ela o desenterrou? — Eu me perguntei. — Para ter outra chance de decodificar o diário?

Richard sacudiu a cabeça, parecendo inseguro. — Se eu conheço minha esposa, a razão pela qual Graeme cavou Oscar foi para garantir que ninguém descobriria seu segredo. Ser uma vítima toda a sua vida foi sua

maior vergonha... ela preferiria morrer antes de revelar isso para qualquer um.

Tudo estava começando a se juntar. Catherine sempre pareceu instável e psicótica, mas a profundidade de sua doença mental era muito mais do que eu imaginava. Literalmente ditou toda a sua vida. Dito a ponto de ela ter planejado um esquema de longo prazo, vinte anos em construção, para se transformar na rainha do mundo. Delta nem sequer a viu chegando. Tão seguro em seu poder, eles deixavam a cobra na grama derrubá-los de uma só vez.

Ela fez o meu trabalho de derrubá-los muito mais fácil, pelo menos. Agora eu só tinha que terminar o trabalho.

Richard se sacudiu então, como se estivesse se livrando de lembranças ruins. — Nós devemos ir, Riley. Eles estarão de volta em breve. Eles estão seguindo minha trilha para tentar me levar para fora como o resto dos membros do conselho. Eles chegaram a Rome, então sou tudo o que resta.

A dor era tão aguda. Eu tropecei quando meus joelhos ameaçaram desabar debaixo de mim novamente e Richard me agarrou. — Eles estão todos mortos? — Eu perguntei, olhando para ele, rezando para que ele quebrasse meu coração e alma. — Beck e os outros definitivamente morreram?

— Eu não sei. — Ele retornou. — Eu apareci assim que o prédio explodiu e os serviços de emergência estavam tentando evacuar.

— A primeira explosão? — Eu perguntei quando Richard começou a me guiar pela enorme cobertura. — Ou a segunda?

— A terceira. — Ele respondeu severamente. — Aquela tirou todo o último andar.

Não! Não havia como qualquer um deles sobreviver.

Richard continuou, sem perceber que eu estava quebrando em um milhão de pedaços na frente dele. — Cheguei a tempo de ver Graeme e Catherine te jogarem no carro e decolar. É só que eu tenho vigiado ela e sua família ao longo dos anos que eu estava ciente desta cobertura.

— Se eles querem matá-lo — eu disse, — por que você está aqui, saltando em seu colo?

Eu arranquei meu braço do dele. — Você deveria ir. Me deixe aqui, com sua arma e eu vou cuidar disso.

Eu poderia morrer no processo, mas eu estava bem com isso. Com Beck e todos os outros desaparecidos, tudo o que me restou foi garantir que Catherine e sua família fodida nunca mais machucassem ninguém. Era o único foco na minha cabeça. A única razão pela qual eu ainda estava de pé sobre dois pés e respirando.

— Riley, não. — Disse Richard. — A sério. Eles não são boas pessoas. Confie em mim, conheço muitos humanos ruins na minha vida e esses dois estão no topo dessa lista.

A determinação aniquilou a dor por um segundo e eu agarrei-a. — É por isso que eu preciso derrubá-los.

Antes que ele pudesse dizer outra palavra, eu pulei para frente e puxei sua arma da parte de trás de suas calças. Eu notei isso assim que ele entrou, o treinamento de Beck em observação estava valendo a pena.

Eu não tinha segurado este modelo em particular antes, era mais grosso e mais pesado que minha arma, mas todas as partes normais eram visíveis. Eu destravei a segurança.

— Vá. — Eu disse, a fúria me atingindo, mas de alguma forma consegui evitar que minhas mãos tremessem. — Se esconda até eu

derrubá-los. E se eu não o fizer, chegue ao cofre e encontre imagens para destruir Catherine. Você pode levar a Delta de volta.

Richard apenas levantou uma sobrancelha, nem mesmo parecendo preocupado quando eu nivelei sua própria arma para ele. Eu acho que ele sabia que eu não ia atirar nele.

Um arranhão na porta da frente roubou minha atenção e eu imediatamente empurrei minha mão atrás de mim, dizendo a Richard para se esconder.

Ele estreitou os olhos em mim antes de desaparecer no apartamento, desaparecendo. Eu rapidamente deixei cair a arma no meu coldre vazio... Eu ainda tinha o colete de Beck, embora eles tivessem tirado minha arma de mim.

Catherine voou para o quarto, Graeme bem atrás dela.

— O que diabos você fez? — Ela gritou, ficando bem na minha cara, sua mão se balançando para me quebrar na bochecha. — A filmagem está em todo lugar.

Eu pisquei, conseguindo evitar seu primeiro golpe antes de derrubá-la com um pequeno tiro certeiro. Graeme ficou para trás, observando as duas.

— Eu não tenho ideia do que você está falando? — Eu disse suavemente, olhando entre eles, o tempo todo a minha mão estava avançando para o meu lado para pegar a arma.

Graeme levantou um pequeno dispositivo e apertou um botão e uma enorme televisão começou a descer do teto. De alguma forma, já estava ligada e a notícia estava tocando.

Os rostos de Catherine e Graeme estavam brilhando para mim. E havia uma faixa na parte inferior da tela. *ATAQUE NO ESCRITÓRIO DELTA.*

Graeme apertou outro botão e ouviu: — *Catherine Deboise e Graeme Huntley são procurados para responder em relação a dez assassinatos e espionagem corporativa. Eles são considerados armados e perigosos.*

O relatório fez uma pausa, dando a linha de polícia para ligar. Então ele cruzou para outra repórter que estava em cena no escritório.

A mulher de cabelos escuros olhou diretamente para nós enquanto falava, o rosto sério. — Devastação aqui hoje, neste ataque à corporação multimilionária do Militant Delta. A empresa familiar de capital fechado sempre teve apenas cinco assentos no conselho, e nós… neste estágio, não podemos confirmar se algum dos membros do conselho ou seus herdeiros estão vivos.

Ele cruzou de volta para o repórter original.

— Você pode nos contar sobre as filmagens de Catherine Deboise e Graeme Huntley iniciando o ataque?

O outro repórter assentiu algumas vezes, como se houvesse um atraso em suas informações. — Sim, Sam, podemos confirmar que a nossa estação de notícias recebeu um arquivo enviado anonimamente que mostra Catherine Deboise supostamente assassinando vários membros do conselho. E ela é acompanhada por seu irmão, Graeme Huntley, outro membro da Fortune 500, para terminar o ataque.

Houve um flash rápido na tela, mostrando a Catherine, com a faca ensanguentada na mão. Eles haviam apagado a maioria dos rostos, e não havia nenhuma violência explícita nesse clipe, mas não havia dúvidas de

que era Catherine. O próximo clipe foi Graeme, com a arma na mão enquanto disparava algumas rodadas.

Eu estava observando a tela tão intensamente que deixei meu foco cair do perigo nesta mesma sala. A mão de Catherine envolveu minha garganta e soltei um grito, me chutando por ser tão estúpida. Nós descemos e eu consegui arranhar seu rosto, e ela me soltou brevemente. Eu caí com força nas minhas costas, gemendo quando novas dores me atingiram antes de eu me mexer para pegar a arma.

Só que antes que eu pudesse colocar minha mão no gatilho, havia outra arma apontada diretamente para o meu rosto. — Diga adeus a sua filha, CC. — Disse Graeme, a morte queimando em seus olhos. — Se não houver testemunhas, ninguém pode realmente provar que a filmagem não foi manipulada. Nós dois temos um álibi depois de tudo.

Catherine me chutou com força no lado. Seus saltos pontudos pareciam quebrar uma costela. — Essa vagabunda de baixa qualidade não é filha minha.

Graeme sorriu e eu fechei meus olhos, sabendo que não tinha como tirar minha arma a tempo. Se eu tivesse deixado com Richard, então poderíamos ter tido uma chance, mas eu queria terminar isso sozinha. Parecia que tudo que eu estava terminando era o meu tempo na Terra.

Você vai ver Beck em breve. E Dylan, Jasper, Evan.

Isso foi algum conforto.

— Não toque na minha filha do caralho. — Rugiu Richard, aparecendo de algum lugar com uma lâmina que ele lançou do outro lado da sala e direto para o lado do peito de Catherine. Graeme girou em um piscar de olhos e quatro estrondos soaram quando ele atirou em Richard no peito. *Não! Não mais.* Na minha cabeça, eu estava soluçando e gritando, mas meu corpo também tinha entrado nesse modo de

sobrevivência do robô. Sem pensar, tirei minha arma e, quando Graeme se virou, atirei nele, pousando pelo menos um golpe em sua garganta.

Ele caiu sobre minhas pernas, sua arma caindo no meu lado, e eu a peguei antes de conseguir chutar sua bunda gorgolejante e ofegante de cima de mim, para que eu pudesse me levantar. Eu imediatamente procurei por Catherine. Só que não havia nada além de uma trilha de sangue de onde ela se arrastou para algum lugar.

Richard soltou um gemido e corri para ele, tentando não entrar em pânico. Meu pai era definitivamente uma entidade desconhecida, tendo sido alguém que parecia confiável e também a última pessoa em quem eu deveria confiar. Mas ele me ajudou muito ultimamente, e ele acabou de salvar minha vida a um grande custo para ele.

Quando cheguei ao seu lado, soltei um grito baixo. Havia muito sangue. Estava em toda parte, reunindo-se debaixo dele.

— Telefone? — Eu disse, freneticamente acariciando seu braço.

Ele gemeu novamente, mas eu consegui achar um celular em seu bolso. Eu rapidamente liguei para o 911, gritando por uma ambulância porque meu pai tinha sido baleado. Eu também disse a eles que eu havia sido sequestrada por Catherine Deboise e ela estava aqui. A pessoa do outro lado estava nervosa e tentou que eu ficasse na linha, mas eu disse que não. Fiquei apenas o tempo suficiente para eles rastrearem o endereço do celular e depois desliguei.

— Eles nunca encontrarão a entrada. — Disse Richard, o sangue borbulhando no canto dos lábios. — Não a tempo.

Ele tossiu fracamente e eu segurei sua mão com força, recusando-me a deixá-lo. Eu mantive um olho para Debitch, mas ela não mostrou seu rosto feio.

— Riley. — Disse Richard, sua voz soando mais fraca.

Eu me inclinei para mais perto dele.

— Me dê minha arma. Limpe isso... limpo.

Eu soube imediatamente o que ele estava fazendo. Tentando pegar o embrulho para matar Graeme, para que eu não tivesse que lidar com isso quando saísse.

— Não. — Eu balancei a cabeça. — Catherine pode voltar.

Ele olhou para a outra arma, a arma de Graeme, e eu cedi, colocando a de Richard na mão dele. Ele conseguiu puxá-la para o peito, abraçando-a perto.

Seus olhos encontraram os meus novamente. — Sinto muito por tudo, Riley. — ele sufocou as palavras. — Então...— tossir, —... desculpe.

Doeu respirar, e não foi só porque Catherine quebrou minhas costelas. Doeu porque eu sabia que Richard ia morrer, bem aqui na minha frente e eu já tinha perdido tudo hoje. Eu perdi toda a porra da minha família de uma só vez.

Eu não poderia ter outra perda. Eu já tinha minhas mãos pressionadas contra as feridas, tentando parar o sangramento, mas ainda assim se infiltrava, então tirei meu paletó e usei como uma bandagem improvisada, tentando envolver firmemente nele.

— Fique comigo, Richard. — Eu disse, olhando para baixo enquanto suas pálpebras tremiam. — Não desista, pai. Por favor, não desista.

O menor sorriso subiu por seus lábios e outro soluço saiu de mim.

— F-Fi-filha.

Ele conseguiu abrir os olhos e olhar para mim então, mas assim como ele fez, o horror substituiu a dor em seu rosto e ele tentou me empurrar para o lado, mas ele não tinha forças. Eu não estava deixando aquela cadela cair sobre mim novamente, e com seu leve aviso, mergulhei para o lado e rolei alguns metros antes de pular. Catherine tinha uma arma apontada para mim, sua outra mão pressionando o ferimento da faca em seu peito.

Ela mancou mais perto.

— Está tudo acabado. — Disse ela, e havia lágrimas escorrendo por suas bochechas. Eu não tinha certeza se ela percebeu que estava chorando. — A dor pode finalmente parar. — Ela sussurrou, cambaleando para a frente novamente.

Eu também estava com a minha arma, mas ela não se importava.

Finalmente, seus olhos se concentraram em mim e eu queria apenas atirar nela, mas era difícil matar alguém. Não havia sido mais fácil nas poucas vezes em que fiz isso e nesse momento Catherine era uma mulher machucada e quebrada.

Então, como uma foda idiota, eu a deixei continuar falando enquanto eu procurava a fortificação para tirar outra vida.

— Eu achava que, se tivesse todo o poder do mundo, nunca mais seria fraca para ninguém. — Ela me disse, quase em conversação. — Meu pai... ele era um homem muito ruim. Quer dizer papai. — Acrescentou ela na voz de uma garotinha. — Quer dizer que papai sempre me machuca. Quer dizer papai me ama e me odeia. Quer dizer papai me machuca.

Jesus fodido Cristo.

Ela se foi, sua mente existia em algum lugar nos horrores de sua infância. Ela continuou conversando com seu pai, repetidamente, gritando

para ele parar de machucá-la. Eu estava brevemente distraída quando a cabeça de Richard pendeu para o lado, seus olhos fechados e quando minha respiração se tornou irregular e áspera, Catherine pareceu voltar a si mesma.

— Eu matei papai, você sabe disso? — Ela estava falando comigo de novo. — Ele foi meu primeiro assassinato e eu gostei muito. Que gratificante é ser a única no controle. Aquela no poder.

Eu balancei a cabeça. — Richard salvou você primeiro e você sabe disso. Sem sua força, você não teria sido nada.

Seu rosto estava vermelho, preto manchado em volta dos olhos, cabelos em um emaranhado escuro. Ela parecia mais jovem que o normal, mas também muito mais insana. — Richard era meu anjo, mas também era ruim. Homens sempre maus. Sempre me tocando.

Seu rosto triste virou-se para o irmão. — Graeme foi o único que me amou. Adorava tudo sobre mim. Poderíamos ter governado o mundo juntos.

Eu vi o momento em que sua fúria tomou conta da tristeza. No momento em que as memórias ruins foram substituídas pela assassina de coração frio que ela era.

Sua arma disparou em sua mão e eu puxei o gatilho no meu quase no mesmo instante antes de sentir a batida da bala no meu peito. Bem acima do meu coração.

Ela gritou quando caiu, e eu também gritei porque a dor era tão forte. Minha cabeça bateu na mesa que estava atrás de mim e tudo brilhou em preto e branco para mim enquanto meu peito gritava em agonia.

Quando a escuridão começou a me levar, jurei que ouvi o som de sirenes, de pessoas entrando no apartamento, mas tudo poderia ter sido

um sonho. Então, quando finalmente sucumbi, ouvi a única coisa que trouxe luz à minha escuridão.

— Butterfly!

Eu estava indo para casa para Sebastian Roman Beckett. Meu coração.

CAPITULO TRINTA

BECK

Eu consegui arrastar Jasper e Evan antes da terceira explosão. Por uma fração de segundo, achei que Dylan não tinha saído, mas então eu o vi, um homem sobre cada ombro, enquanto ele resgatava alguns funcionários da Delta. Funcionários do serviço de emergência correram para nós, mas eu os acenei. — Eu estou bem. — Eu retruquei. — Evan e Jasper precisam de alguma ajuda embora.

A mulher hesitou, correndo os olhos pelo sangue que corria pelo meu ombro. Uma das balas me cortou, as outras três acabaram no meu colete. Eu tive várias razões para colocar esse colete em Riley anteriormente. Um deles era um lugar para sua arma, mas o segundo era o fato de que este era o estado da arte, altamente secreto, desenvolvido exclusivamente pela divisão subterrânea da Delta, Kevlar.

Basicamente foi projetado para parar qualquer bala no mercado, até mesmo os de piercing de armadura e eu me certifiquei de que todos nós os tivéssemos hoje à noite. Esses coletes salvaram nossas vidas.

Dylan se aproximou, esfregando o braço. —Eles levaram Riley, temos que encontrá-la.

Eu estava com tanta raiva que estava começando a inchar em minhas veias, minha visão assumindo algo que lembrava preto e vermelho. Morte e sangue.

— Eles não vão matá-la — eu disse, — Catherine precisa dela para assumir Delta. Nós só temos que descobrir onde ela ficaria por alguns dias?

Nós assistimos como nossos irmãos foram carregados em uma van, ambos bem, mas batido ao redor. Jasper acenou para mim antes que a

porta fosse fechada. — Não esqueça as imagens. — Ele ofegou. — Use a filmagem.

Porra.

Dylan também o ouviu, e ele já estava no telefone, conversando com nossos rapazes que havíamos montado antes para entrar nos escritórios da Delta. Eu tinha uma ideia de que algo grande estava acontecendo aqui hoje à noite e me perguntei se não conseguiríamos as imagens que precisávamos, para levá-los para o inferno.

— Eles conseguiram. — Disse Dylan. — O que você quer fazer com isso?

Eu nem precisei pensar. — Envie para o advogado de Riley. De forma anônima. Ele saberá o que fazer com isso.

Dylan assentiu e gritou mais alguns comandos em seu telefone. A polícia se aproximou de nós, fazendo perguntas, detendo pessoas na área e eu não podia passar as próximas horas trancado em uma de suas salas de interrogatório. Eu precisava encontrar minha garota.

Dylan e eu saímos, usando as malditas habilidades que aprendemos nas últimas duas décadas para correr e pular e fugir da polícia. Isso não funcionaria bem para nós mais tarde, mas agora, Riley era minha prioridade.

— Devemos começar com seu pai. — Disse Dylan. — Eles vão querer uma varredura limpa. Eles acham que estamos todos mortos e isso só deixa Rome e Richard, mas duvido que ele ainda esteja vivo.

Chegar ao meu pai em geral não foi fácil. Ele raramente estava em casa, sua natureza suspeita o levou a confiar em muitas poucas pessoas, incluindo sua esposa. Ele tinha várias casas seguras e propriedades secretas e nunca passou mais do que alguns dias em nenhuma delas. Mas

havia um segredo que eu conhecia, a única razão pela qual ele decidiu se demitir mais cedo e me deixar tomar uma posição de procuração no quadro, ele tinha uma namorada séria. Uma com quem ele se importava. Uma que não era apenas foder e sair. Uma que estava ocupando muito do seu tempo e ele queria se concentrar nela. Eu nunca o tinha visto assim antes e isso o tornara um pouco negligente em sua segurança.

Eu só tinha que encontrar a namorada.

Meu telefone estava ligado e no meu ouvido, enquanto eu discava nosso contato no departamento de polícia. Ele respondeu em dois toques. — Beck?

— Eu preciso de você para encontrar alguém.

Ele não fodeu por aí. Ele acertou nos negócios. — Sim, pronto.

Eu disse a ele o nome dela e os detalhes básicos que eu sabia sobre ela. Ela era uma mulher pequena, de cabelos loiros e olhos azuis, com apenas vinte e cinco anos, e eu tinha certeza de que ela era uma ginasta. Meu pai achava que ele a amava, mas sem dúvida ele amava sua habilidade de colocar o pé sobre a cabeça o tempo todo chupando o pau dele.

— Dê-me cinco minutos.

Eu desliguei o telefone e virei para a esquerda, encontrando o carro mais próximo para roubar. Levamos cerca de trinta segundos para entrar e levá-lo para começar, e então estávamos nos movendo pela rua, apagando as luzes.

Quando meu telefone tocou, respondi antes do segundo burburinho. — Sim.

— Ela não era exatamente fácil de encontrar. — Ele disse rapidamente. — Eu tive que pesquisar vários bancos de dados, e ela só foi acionada em um. Uma liga nacional de ginástica.

Papai provavelmente não achou que valesse a pena se esconder. Idiota arrogante.

Eu bati no alto-falante para que Dylan e eu pudéssemos ouvir. — O lugar dela é em Jersey. — *Porra.* Ele rapidamente retirou o endereço e eu desliguei.

— Eles não vão para Jersey com tudo acontecendo. Provavelmente eles já mandaram alguém para matá-lo de qualquer maneira, eu disse antes de bater a mão no volante. — Filho da puta!

— Então vamos verificar a casa de Graeme. — Sugeriu Dylan.

Eu balancei a cabeça, já girando o volante e plantando meu pé. Tempos como estes, eu sentia falta do meu Bugatti e seu poder.

O lugar de Graeme parecia abandonado quando chegamos lá e mesmo depois de esmagar a porta e invadir o interior, não havia um único sinal de vida. Dylan e eu checamos todos os cômodos, o porão e o resto da propriedade. Meu telefone começou a tocar depois que terminamos e eu olhei para baixo para descobrir que era Jarrod Wells, o advogado de Riley.

Eu silenciei porque, agora, eu tinha que me concentrar em encontrar minha garota. Eu não tive tempo para me preocupar com o vídeo.

Apenas ele tocou de novo, e de novo, e de novo, e quando eu pulei de volta para o carro roubado, Dylan com o rosto sombrio ao meu lado, eu finalmente estalei.

— O que? — Eu rosnei. — Estou fodidamente ocupado.

— As imagens estão nos canais de notícias. — Disse ele rapidamente. — A polícia está usando para expulsá-los, mas eu queria que você soubesse, porque isso os deixaria desesperados e assustados. Eles serão mais perigosos.

Meu sangue gelou e tentei contar minha respiração para não dirigir até Nova York e matar o advogado. — Eles têm Riley. — Eu disse cada palavra. — Você acabou de colocar uma maldita sentença de morte em sua cabeça.

Catherine não tinha incentivo para mantê-la viva, não quando ela estava indo para a cadeia, não importa o que acontecesse. — Encontre-me alguma coisa. — Eu disse a Wells. — Encontre algo que me dê uma ideia de onde procura-la. Graeme Huntley é um bom lugar para começar.

Dylan já estava no telefone com cada maldito contato que tínhamos e eu o segui, ambos chamando as tropas enquanto, ao mesmo tempo, checávamos todos os esconderijos da Delta e quaisquer outras propriedades dos Huntley que conhecíamos. Não havia ninguém em nenhum deles.

Quando Wells me telefonou de volta, quarenta minutos depois, eu estava deixando nosso último local possível. — Me dê algo. — Eu disse assim que respondi.

— Bem, na verdade é uma concha de uma casca de outra entidade, tudo escondido sob uma relação de confiança. Mas eu encontrei porra.

Ele parecia orgulhoso e exausto, como se estivesse caçando chumbo tão forte quanto nós. — Se isso compensar, você está recebendo o maior bônus do caralho. — Eu disse a ele.

Wells riu. — Apenas a encontre viva. O Delta já destruiu muitas vidas.

Ele então nos deu um endereço.

Um endereço familiar. A casa de Graeme ficava bem perto do nosso prédio de apartamentos. Uma das mais novas construções, eu não acho que já tenha terminado a construção. Graeme deve ter conseguido de alguma forma encaixar um dos apartamentos, mas deixar os outros inacabados, para esconder seu esconderijo.

— É genial, na verdade. — Disse Dylan enquanto eu voava pela cidade naquela direção. — É uma pena que tenhamos que matar o bastardo.

Não é uma vergonha. Eu ia curtir cada segundo disso.

— Eu só preciso que Riley esteja bem. — Eu disse, meu irmão sobre a única pessoa que eu admitiria o meu medo. A única pessoa que eu poderia mostrar fraqueza por aí. — Eu não posso viver sem ela.

— Eu sei. — Disse ele, com os olhos para a frente, expressão sombria. — Todos nós a amamos, Beck, e eu tenho fé que ela não vai deixar que eles a levem facilmente. Ela é uma lutadora, nossa garota.

Pela primeira vez eu não queria foder seu rosto no painel da frente para chama-la de *nossa* garota. Porque ela era nossa. Uma herdeira Delta. Nossa família.

Meu telefone tocou, mas eu ignorei. Nós colocamos uma tonelada de sensores em nossa rede e sem dúvida eles estavam fazendo check-in, mas eu tinha um bom pressentimento sobre a casa segura. Este era o lugar onde nós os encontraríamos.

O telefone de Dylan começou logo depois disso, e ele realmente checou sua tela. — É o capitão Decker. — Disse ele, e tirei meus olhos da estrada por uma fração de segundo para olhar para ele.

— Atenda. — Eu disse.

— Decker. — Disse Dylan, seu telefone no alto-falante.

O capitão não perdeu tempo com brincadeiras. — Ouvi dizer que você estava procurando por sua garota. Acabamos de receber um telefonema de uma mulher, disse que o pai dela foi baleado e que Catherine Deboise estava no apartamento em algum lugar. Estamos indo para lá agora.

— Endereço? — Eu gritei.

Ele nos deu a mesma rua e número que o advogado. — Estamos quase lá. — Eu disse brevemente.

Decker limpou a garganta. — Não faça nada estúpido.

Dylan o interrompeu antes que ele pudesse terminar, o telefone de volta no bolso enquanto eu pressionava meu pé ainda mais com força no pedal. Ignorando sinais de parada e luzes vermelhas, eu voei em direção aos apartamentos, o som das sirenes em meus ouvidos.

Eu tinha uma determinação sincera para chegar a Riley.

Pneus gritando, eu estava fora da porta antes que o carro parasse. Meu corpo gritou, ainda fodido da última luta, mas a dor era fácil de ignorar. Dor física. Eu era um especialista em manipulação. Era a dor emocional em volta do meu coração que era nova. O pensamento de que Riley poderia ter se machucado... possivelmente morta, no tempo que me levou para encontrá-la.

Eu estava no limite de perder a cabeça.

Dylan estava em minhas costas, sempre lá quando eu precisava dele, enquanto nós invadíamos os níveis mais baixos do prédio. Este andar de baixo não tinha sequer cinquenta por cento de acabamento. O elevador não estava claramente pronto para levar alguém.

— Como podemos encontrar o seu lugar aqui? — Dylan mordeu a arma na mão enquanto cobria a área.

— Nós pensamos como esses babacas. — Eu rosnei. — Descobrimos como poderíamos fazer este esconderijo funcionar e saberemos onde eles estão.

No final do dia, bastardos ricos e arrogantes eram todos iguais. Nós pensamos o mesmo. Planejamos o mesmo. E assumimos os mesmos riscos.

Alguns de nós eram melhores nisso do que outros. Graeme não era um desses, então devemos ser capazes de entendê-lo.

— Elevador de serviço. — Eu disse rapidamente, percebendo isso ao lado. Foi assim que a equipe de construção subiu para os níveis mais altos.

Esquivando-se de pilhas de madeira, telhas, chapas e um monte de outros materiais de construção, levei Dylan até o elevador que estava preso ao lado do prédio. Nós tivemos que sair por uma porta improvisada, mas depois estávamos dentro, apertei o botão para nos levar quase até o topo. O último andar era óbvio demais. Graeme estaria logo abaixo disso.

A polícia invadiu o prédio quando começamos a nos mover e eu gritei por eles.

— Andar doze. — Eu mordi, como eles correram em nossa direção, mas nós já estávamos atirando para o lado. Quando chegamos ao andar, a porta do elevador se abriu. Minha arma estava na minha mão e eu não me movi com cautela. Não havia tempo para isso.

Estava escuro aqui em cima. Os panos ao lado bloqueavam a última luz do sol. No começo, pensei que estava fodido. Tudo parecia um canteiro de obras, igual ao andar de baixo, mas então Dylan viu uma única marca

na poeira. Era como se o próprio Deus estivesse do nosso lado, porque, de alguma forma, uma lasca de luz atingiu aquele mesmo ponto se infiltrando por uma abertura no drywall.

Permanecendo em silêncio, seguimos esse rastro até a parte de trás do prédio. Ao longe, ouvi o barulho do elevador e, diante de nós, o leve ruído de gritos.

Eu estava correndo e precisei de toda a minha habilidade para não aterrissar em uma pilha de ferramentas elétricas. Finalmente terminou paredes, um corredor e porta indefinida entrou em vista.

Catherine foi a única a gritar quando eu bati na porta com o meu ombro, esmagando-a. A entrada levou direto para a sala de estar formal, dando a Dylan e a mim um lugar na primeira fila para Catherine atirando Riley no peito.

O pânico e a raiva se chocaram contra mim e eu nunca me movi tão rápido na minha vida, mas ainda era como um movimento lento enquanto observava Riley cair para trás, esmagando a cabeça dela.

— Butterfly! — Eu rugi, querendo que ela soubesse que eu estava chegando. Precisando dela para segurar.

Eu não tinha ideia de quais eram os ferimentos dela ou se ela tirara o colete. Eu não sabia nada, exceto que eu tinha que chegar até ela.

Minha borboleta.

CAPITULO TRINTA E UM

Um sinal sonoro incessante me acordou, me tirando de debaixo da escuridão enjoativa em que eu estava. Uma sensação de *déjà vu* tomou conta de mim e por um momento meu coração se apoderou de pânico. Tudo foi um sonho? Uma alucinação em coma depois do acidente com meus pais?

Então uma pontada de esperança aguda e angustiante me atingiu. Se tudo tivesse sido um sonho, talvez eles ainda estivessem vivos.

Um homem de ombros largos estava sentado no canto, com a cabeça entre as mãos e o corpo envolto em sombras e eu sabia...

— Dante? — Eu resmunguei, sabendo o que aconteceria a seguir. Ele olhava para cima, com lágrimas nos olhos e me dizia que minha mãe e meu pai estavam...

— Butterfly? — Não foi Dante quem me respondeu e definitivamente não era Dante que levantou a cabeça e olhou para mim com olhos cinzentos cheios de amor e puro alívio.

Eu pisquei algumas vezes, tentando limpar a névoa da medicação para a dor. Lentamente, todas as peças se juntaram e minha respiração se acelerou. A tristeza picou meus olhos, fazendo-os queimarem com lágrimas iminentes.

— Sebastian. — Eu respondi, minha voz quebrando com um soluço. Como se meu falar tivesse quebrado um feitiço, ele correu para fora de sua cadeira e para minha cama. Ele estendeu a mão, mas hesitou apenas um centímetro de distância de tocar meu rosto.

— Butterfly, você nos deu um susto desagradável. O que você estava pensando, tomando Catherine sozinha? — Seu tom estava repreendendo, mas apenas suavemente. Ele tocou a mão levemente na minha bochecha.

— Eu não sei. — Eu respondi, estreitando meus olhos para ele. — Eu acho que estava pensando que *estava* sozinha. Que todos vocês estavam mortos e eu não tinha mais nada a perder. — Dei-lhe uma careta acusadora e ele desviou o olhar com um toque de culpa em sua boca. — Que porra aconteceu? — Minha voz era suave, quebrada com a nova dor de pensar que ele estava morto. — Eu vi você levar um tiro. Todos vocês. — Outra peça do quebra-cabeça de memória clicou no lugar e eu engasguei, levando minha mão ao meu peito. — Catherine atirou em mim também! Como... — eu puxei o pescoço do meu traje hospitalar, esperando encontrar ataduras por causa de uma ferida de bala, mas havia apenas uma massa de hematomas negros e roxos. — Sebastian, como ainda estamos vivos? *Ainda* estamos vivos?

Foi uma pergunta válida. Talvez isso tenha sido uma vida após a morte fodida onde você carregou suas feridas e dores moribundas com você.

— Sim, butterfly. E, obrigada porra, nós estamos. Nossa história está apenas começando. Seria uma tragédia que terminasse agora. — Seu olhar voltou para o meu e eu olhei de volta para ele. Por mais poética e romântica que essa afirmação fosse, ela não respondeu à parte mais importante.

— Comece a explicar. —Ordenei a ele em um grunhido ameaçador.

Um sorriso tímido puxou seus lábios. — Eu tive um mau pressentimento sobre a reunião. Eu nem sei porque, foi apenas me incomodando. Então eu fiz esses coletes...

Meus olhos se arregalaram. — Aqueles coletes eram à prova de balas? Você está brincando. Eles apenas pareciam como um algodão áspero.

Ele encolheu os ombros. — Nova tecnologia que a Delta vem financiando. Patente pendente. — Ele me lançou uma piscadela insolente e eu fiz uma careta de volta.

— Você... — eu disse suavemente. — Eu pensei que você estava morto. Eu pensei que você fosse tudo... — eu parei com um soluço quando as lágrimas borraram minha visão e minha garganta se apertou.

Os braços de Beck circularam ao redor de mim, gentilmente por todas as minhas contusões quando ele me abraçou em seu peito e acariciou meu cabelo. — Eu sinto muito, Butterfly. Me desculpe. Eu deveria ter dito a você.

Ficamos assim por muito tempo e em algum momento ele se mexeu para sentar na cama comigo, para que eu pudesse me aconchegar melhor. Eu estava chorando não apenas pela forma como eu *achava que* eles estavam mortos e eles não estavam, mas por aquele vislumbre de esperança quando acordei e pensei que talvez, apenas talvez, meus pais ainda estivessem vivos.

Eventualmente, minhas lágrimas secaram e eu passei uma mão conectada por IV sobre o meu rosto. — Catherine. — Eu falei. — Ela está...

— Morta. — Beck respondeu antes mesmo de terminar a minha pergunta. — O mesmo com Graeme Huntley e todos os outros membros do conselho.

Eu suspeitava fortemente que isso me fez uma pessoa terrível, mas uma onda de satisfação viajou através de mim nesta notícia. Nós não *precisamos* encontrar o cofre, afinal. O império foi derrubado e, de alguma

forma, os cinco de nós, os herdeiros, sobreviveram. Sem dúvida, isso seria um pesadelo legal para resolver, mas descobriríamos. Juntos.

Houve uma perda que doeu embora. — O que aconteceu com Richard? — Eu perguntei, pegando o lenço que Beck oferecia e assoando o nariz. Chorar sempre fazia meu nariz escorrer e entupir tudo ao mesmo tempo.

— Ele fez isso. — Beck me disse, e eu engasguei, o tecido caindo da minha mão. — Ele parou quatro vezes na ambulância, mas eles conseguiram reanima-lo e quatro horas de cirurgia tiveram as balas extraídas. Se você não tivesse ligado para o 911 quando o fizesse, ele estaria morto com certeza.

Eu soltei o ar que não percebi que estava segurando. Puta merda Richard ainda estava vivo. Minha última família restante... por sangue.

Algo que eu aprendi desde que cheguei em Jefferson era que a família poderia ser muito mais do que apenas relações de sangue. E a minha? Bem...

— Riles, você está acordada! — Jasper deixou escapar, entrando no meu quarto de hospital com uma grande bandeja de café em suas mãos. — Que porra, idiota? — Este foi destinado a Beck, que deu de ombros sem remorso.

— Era para nos chamar se ela acordasse, você babaca. — Evan adicionou como ele seguiu Jasper no quarto. — Você parece bem, Riley. Como uma princesa da Disney que acabou de acordar de um coma. — Seu elogio caiu quando Jasper riu e olhou para o meu cabelo. Sem dúvida eu me assemelhava a um personagem de *The Walking Dead* mais do que *Bela Adormecida*.

— Obrigado, Evan. — Eu murmurei. — É bom ver todos vocês vivos também. Onde está Dylan?

Todos pareciam trocar um *olhar* e Beck apenas beijou meu cabelo antes de se soltar da minha cama. — Eu vou dizer a ele que você está acordada. — Ele disse, evitando totalmente a minha pergunta. — Não vá a lugar nenhum, ok? — Ele segurou meu rosto e olhou em meus olhos com total seriedade até que eu assenti.

— Eu não estou saindo desta cama. — Eu assegurei a ele. — Eu não acho que poderia, mesmo que quisesse. — Porque agora que as drogas estavam desaparecendo do meu sistema, eu poderia dizer que todo o meu corpo era apenas uma contusão maciça.

Beck pressionou um beijo gentil e demorado nos meus lábios, em seguida, lançou um olhar de aviso para Evan e Jasper antes de sair do meu quarto.

Na sua ausência, eu olhei para os meus dois amigos com desconfiança.

— Qual de vocês vai derramar? — Eu os cutuquei. — O que há com os olhares estranhos quando perguntei sobre Dylan? Onde ele está realmente?

Jasper balançou a cabeça e apontou para Evan. Típico.

— Uh. — Evan passou a mão pela nuca, parecendo desconfortável. — Ele não levou tudo tão bem. Você estava inconsciente e levou um tiro a uma distância mais próxima do que nós... ou talvez apenas você é mais frágil ... — Ele estava divagando, mas respondeu a pergunta de por que eu estava em uma cama de hospital e todos eles não estavam. Então, novamente, tanto Jasper quanto Evan estavam usando bandas de identidade hospitalar, então eles não poderiam ter sido dispensados há muito tempo. — Então sim. Ele está na capela.

Evan fez uma pausa e eu levantei minhas sobrancelhas para ele.

— Rezando — explicou ele, apontando para mim na minha cama de hospital, todos ligados a um soro por via intravenosa, — para que você não morra.

Oh.

Eu realmente não sabia o que dizer sobre isso.

— Não que nós não nos importamos o suficiente para orar. — Jasper acrescentou, quando eu estava prestes a fazer uma observação inteligente para ele. — Mas você sabe como é. Nossa crença em um poder superior está um pouco cansada, considerando como todos nós crescemos.

— Além disso. — Evan acrescentou: — Você é durona como merda. Nós nunca duvidamos por um segundo que você estaria bem.

Eu bufei uma risada e balancei a cabeça. Rir era melhor do que chorar neste momento.

— Um dos melhores seria para mim? — Eu disse a Jasper, mudando de assunto para longe de Dylan. Eu estava olhando para a bandeja de cafés em suas mãos e ele me deu um largo sorriso.

— Uh, *claro* que é. — Equilibrando a bandeja em uma mão, ele pegou a caneta do meu quadro e rabiscou algo na lateral de uma das xícaras. — Veja? Seu.

Ele orgulhosamente entregou o copo, virando-o para que eu pudesse ler o que ele havia escrito. Onde o barista havia escrito “Beck”, Jasper tinha editado para dizer “Sra. Beck” Chefe Foda.

— Fofo. Você tem sorte de Beck tomar o café dele igual a mim. — Eu ri, tomando um longo gole do café e gemendo. — Definitivamente não é café do hospital.

Jasper sorriu. — É quando você é dono do hospital.

Eu ofeguei e quase engasguei com a boca cheia do meu café preto. — Puta merda, sinto muito. Seus pais...

O comentário de Jasper sobre a posse do hospital me lembrou que havia uma carga de mortes por causa da tentativa desesperada de Catherine em um golpe. As baixas que deixaram meus amigos sentados no conselho da empresa mais poderosa do mundo.

O que eu não daria por uma estrutura de empresa, "normal", onde porcaria como herdeiros de sangue não desempenham um papel em quem detinha o poder.

— Não precisa se desculpar. — Evan me disse. — O mundo é melhor sem aqueles desgraçados miseráveis.

Ainda assim, agora que eu olhei mais de perto, Jasper segurou um ar de tristeza sobre ele que sugeriu que ele não estava totalmente feliz em ver seu pai no chão.

— Eddy está bem? Eles não a machucaram, não é? — O medo se elevou em mim e meus olhos se dirigiram para a porta como se eu esperasse que meu atrevido namorado viesse a qualquer momento. Se ela estava bem, ótimo.

Jasper assentiu. — Sim, nós enviamos um aviso para Dante, e ele saiu logo antes que os capangas de Graeme aparecessem. Ele está mantendo-a segura até que o circo da mídia morra um pouco.

Evan falou. — Felizmente minha irmã estava longe em seu refúgio de ioga na montanha quando as armas de Catherine apareceram nos dormitórios.

Obrigado foda-se.

Tudo isso foi muito para envolver meu cérebro, então tomei outro gole de café enquanto processava. — Então vocês são Delta agora. Como de verdade. Como é?

Jasper e Evan trocaram outro daqueles irritantes olhares, mas não tiveram a chance de me responder quando a porta se abriu e Dylan entrou cambaleando com Beck logo atrás dele.

— Ei, você. — Eu o cumprimentei, reunindo um sorriso caloroso. Não foi muito difícil, considerando o quanto aqueles poucos goles de café já me animaram. Ah, e o fato de estarem todos vivos parecia ajudar também.

— Riles. — Ele respirou, sua voz dolorida e seu rosto desenhado. — Eu pensei... — ele parou, balançando a cabeça e soltando o olhar para o chão. Direto, Dylan parecia uma merda. Tanto quanto eu poderia dizer, ele não tinha dormido em dias e seu terno ainda estava rasgado e manchado de sangue.

— Eu estou bem. — Eu prometi a ele. — Graças ao truque sorrateiro de alguém com uma armadura invisível. — Eu dei uma olhada em Beck, que ainda parecia totalmente sem remorso. — O mesmo vale para vocês quatro.

Dylan respirou fundo, franzindo a testa enquanto olhava de volta para mim. Ele abriu a boca para falar, mas nenhum som saiu. Eu acenei para ele se aproximar, e seus pés praticamente arrastaram quando ele fez o seu caminho para mim.

— Ei, Dylan. — Eu disse, minha voz suave e privada. — Estou bem. Estamos todos bem. Eu estendi a mão e peguei a mão dele com a minha. No meu periférico, notei que os outros caras saíram do quarto em silêncio. Até o Beck.

Quando Dylan não respondeu, nem sequer olhou para mim, mas apertou meus dedos com mais força, eu puxei sua mão.

— Venha aqui. — Eu pedi. — Você parece que precisa de um abraço tão mal quanto eu preciso te dar um.

Ele soltou uma risada curta e amarga, mas se empoleirou na beira da minha cama e passou os braços em volta de mim. Ficamos assim por um tempo, até que eu franzi o nariz e sussurrei em seu ouvido. — Agora que você sabe que estou bem, provavelmente é hora de tomar banho. Você cheira a morte.

Dylan começou a rir então. Uma risada genuína tocou com uma ponta de histeria e uma boa dose de alívio. Eu ri com ele, até que ele se transformou em soluços e então eu apenas o segurei. Ele era o melhor amigo de Beck, mas ele estava rapidamente se transformando em um dos meus também. Eu sabia onde ele estava. As comportas se abriram e ele só precisava trabalhar com isso. Então eu apenas o segurei e o deixei chorar.

Através da janela para o meu quarto, aquela que dava para a enfermaria do hospital, eu encontrei os olhos de Beck e ele me deu um breve aceno de aprovação.

EPILOGO

O motor da minha nova borboleta ronronou debaixo de mim quando eu rolei para a linha de partida, o nariz dela beijando a marca do giz. Eu acariciei seu volante de couro elegante antes de desligar o motor e abrir minha porta para sair.

— Riley Jameson, enquanto eu vivo e respiro. Quando recebi a ligação para dizer que você estava correndo hoje à noite, achei que alguém estava me prendendo. — Rabbit gritou de excitação, sorrindo de orelha a orelha enquanto estendia a palma da mão para eu dar um tapa.

Sorri tão largo, incapaz de esconder minha excitação. — Eu não sentiria falta disso pelo mundo, Rabbit. Você sabe disso. Nenhuma cadela punk está roubando minha coroa da Widowmaker só porque eu estava muito ocupada empurrando papéis em torno de uma mesa.

Rabbit soltou uma risada e me deu um tapinha nas costas antes que alguém gritasse seu nome do outro lado da reunião improvisada de carros. — Tenho que ir acalmar os fãs, garota. Me dê um segundo.

Ele começou a sair e eu agarrei o braço dele. — Espere, onde estão os outros pilotos? — Eu arqueei uma sobrancelha na linha do giz com apenas meu carro — minha nova borboleta parada sobre a linha.

Rabbit sorriu largamente. — Só um outro piloto desta vez, Riley garota. Todos os outros saíram correndo quando souberam que você estava correndo. — Ele olhou para o seu relógio caro, provavelmente roubado, e encolheu os ombros. — O cara tem mais cinco minutos para chegar aqui, senão vou ter que tomar conta. E nenhum de nós quer isso. Ele piscou e eu ri.

— Sim, porque isso seria embaraçoso como merda quando eu te deixo para trás. — Eu comentei e ele apenas deu de ombros com outra risada enquanto se dirigia para o cara que tinha chamado seu nome.

Por um momento rápido, eu estava sozinha.

Ao meu redor, as pessoas conversavam, a música tocava, os motores aceleravam e o ar cheirava a essa mistura inebriante de gasolina, escapamento e cerveja. Era meu lugar feliz.

— O que você está pensando com aquele sorriso bobo em seu rosto, garota? — Eddy perguntou, deslizando o braço em volta de mim em um abraço quando ela chegou.

Eu a abracei de volta, em seguida, fiz o mesmo com Dante quando ele estendeu a mão para mim. — Apenas animada. — Eu disse a ela honestamente. — Tem sido muito tempo, e esta menina precisa de uma boa corrida. — Eu dei um tapinha no capô do meu lilás Aston Martin Valkyrie. Foi a primeira coisa realmente cara que eu comprei para mim depois de herdar a maioria das ações do Militant Delta Finances *e da* Huntley Corp.

Acontece que Graeme havia deixado tudo o que possuía para Catherine e ela morrera sem vontade alguma. Típica fodida Catherine, pensando que ela era invencível.

Depois que Richard abdicou do seu lugar na diretoria da Delta, tudo passou para mim. Eu era agora estupidamente rica, estupidamente poderosa e *estupidamente* superprotegida. Demorou semanas de planejamento para fugir para esta corrida sem meus guarda-costas *ou* os caras descobrindo.

— Você não disse nada a eles, certo? — Eu soltei, dando a Eddy um olhar nervoso.

Ela ofegou. — Claro que não. Você sabe que minha lealdade reside apenas com você. É sobre eles se eles forem mais espertos em perder você por uma noite.

Dante deu uma risada maldosa e eu bati nele com as costas da minha mão. — Ei, não seja superior. Você só está aqui porque sabe que não pode me impedir.

— Não. — Ele respondeu. — Estou aqui porque sei que você é uma malvada que consegue lidar com essa corrida e nunca diria o que você pode e não pode fazer. Ao contrário de alguns.

Revirei os olhos para sua escavação não tão sutil na natureza superprotetora de Beck. Os dez meses de "paz" desde o massacre no escritório de Delta não tinham realmente visto Dante e Beck se dando bem, mas agora que Eddy e Dante viviam juntos, as coisas estavam chegando a mais uma trégua.

— Acho que esse cara vai mostrar? — Perguntei aos dois, lançando os olhos ao redor da multidão e tentando descobrir se era alguém que eu já conhecia. Já fazia um tempo desde que eu corri, e novas pessoas apareciam constantemente.

— Ele seria um idiota se não. — Comentou Dante com um tom estranho e eu dei-lhe um olhar desconfiado. — Eu só quero dizer, perdendo a chance de correr contra a lendária borboleta? Quem sabe quando você vai conseguir fugir de seus carcereiros o tempo suficiente para uma corrida? Certo?

Algo sobre a maneira como ele disse que era falso, mas eu estava muito empolgada para a corrida para chama-lo sobre isso.

— Eles não são meus carcereiros. — Eu murmurei, incapaz de resistir a defender meus rapazes. — Acabamos de fazer muita merda,

sabe? Legitimar os negócios da Delta sem colocar milhares de pessoas fora do trabalho não foi super fácil.

— Nós sabemos. — Disse Eddy, atirando Dante um olhar de advertência e ligando o braço de volta através do meu. — Dante só tem hábitos antigos que estão morrendo *duramente*. Não é, amor?

Dante apenas revirou os olhos e murmurou algo que não pudemos entender antes de ir falar com o Rabbit.

Eddy suspirou ao vê-lo partir, mas não foi um suspiro frustrado. Foi mais uma espécie de suspiro irremediavelmente apaixonado, e eu sorri. Foi bom ver os dois amando um ao outro. Deus sabia que eu tinha meu trabalho cortado tentando encontrar namoradas para Evan, Jasper e Dylan. Se por mais nada, mas para dar-lhes algo a *ver* com seu tempo livre, além de me perseguir.

— Ooooh, merda. — Eddy respirou, olhando por cima do meu ombro. O ronronar de um motor esportivo me disse que meu concorrente acabara de chegar, então me virei para ver quem era.

— Uau. — Eu soltei. — Isso é um Koenigsegg CCXR Trevita?

Eddy bufou. — Como eu sei. Mas é lindo, seja o que for.

Meus olhos percorreram o elegante carro esportivo preto com um vidro totalmente colorido e um design nervoso, e soltei um pequeno gemido. — Oh meu deus, é. Eddy, essas coisas custam o dobro do que paguei pela Butterfly 2.0. Eu nem sabia que eles estavam *disponíveis*.

— Quem será, você conhece? — Minha amiga respondeu, apertando os olhos para tentar ver o motorista.

Nesse momento, uma das meninas de Rabbit se exibiu em calças quentes e saltos altos, virando uma bandeira para frente e para trás entre as mãos.

— Acho que vamos descobrir na linha de chegada. — Dei de ombros. — Não importa de qualquer maneira, ele virá em segundo. — Atirei a Eddy uma piscadela arrogante e deslizei para trás do volante do meu carro, clicando no meu equipamento de corrida, uma característica que eu estava muito feliz de incluir nas especificações personalizadas, graças aos meus acidentes recentes, e girei a ignição.

Eu olhei de relance para o meu competidor, mas não consegui ver muito mais do que uma silhueta. Não que isso importasse. Provavelmente era algum garoto rico que acabara de ganhar acesso a um fundo fiduciário e saiu em busca de um passeio emocionante.

Uma câmera brilhou em algum lugar à margem e iluminou seu carro apenas o suficiente para que eu visse sua cabeça virada para mim, como se ele estivesse me olhando da mesma forma como eu estava para ele.

Boa. Porque no segundo a bandeira caiu, ele só estaria vendo minhas luzes traseiras.

A garota de calça quente levantou a bandeira no ar, em seguida, fez uma pausa e nos deu um longo olhar para ter certeza de que estávamos prestando atenção e prontos. Só por diversão, eu acelerei meu motor. O Koenigsegg deu uma reviravolta e eu sorri. Talvez ele fosse bom o suficiente para fazer uma corrida divertida.

Não há tempo como o presente para descobrir. A bandeira caiu e nós dois disparamos pela linha de partida como balas de uma arma.

Levou apenas alguns minutos para eu descobrir que não só a minha concorrência era séria em ganhar esta corrida, mas também era boa. Realmente boa pra caralho.

A excitação percorreu meu corpo, alimentando cada movimento meu, cada mudança de marcha e cada interceptação, enquanto ele

tentava me passar em amplos trechos de estrada. Mas merda, ele estava me fazendo trabalhar pela minha pequena liderança.

Ou eu estava mais enferrujada do que me dera crédito, ou esse idiota era o melhor motorista que eu já havia enfrentado.

Tomando outro canto apertado, ele colocou o acelerador mais forte do que eu jamais consideraria seguro ou *sadio,* mas o viu puxando o nível comigo, então avançando lentamente.

— Oh não. — Eu murmurei sob a minha respiração enquanto eu segurava firme na pista interna e empurrei minha borboleta mais forte, mais rápido. — Hoje não, filho da puta. Não. Fodidamente. Hoje.

Mas não importa o quanto eu tentasse, simplesmente não conseguia me livrar dele. Ele ficou comigo, ou andando no meu para-choque ou subindo ao meu lado *todo o curso* até chegarmos na reta final.Com apenas alguns metros nos separando e sem cantos para nos atrasar, isso seria um claro teste de velocidade.

Com o coração batendo com tanta força que doía, bati o pé no acelerador no segundo em que minha roda estava reta. Meu bebê novo e brilhante disparou para frente como um foguete, mas o Koenigsegg preto e elegante estava grudado em nós como cola.

Segundos depois, ultrapassamos a linha de chegada muito acima do dobro do limite de velocidade e, pela primeira vez em minha carreira de piloto, eu não sabia quem havia vencido.

Com cuidado para não machucar meu carro, reduzi minha velocidade com calma, passando por suas engrenagens e circulando de volta para onde a enorme multidão de espectadores estava reunida com seus próprios carros. Um em particular pulou em cima de mim. Como não poderia? Era amarelo-canário brilhante e tinha um bonito playboy loiro empoleirado no capô com uma bebida na mão.

— Merda. — Eu gemi, lançando meus olhos além de Jasper para os outros três. Sim, com certeza, havia Evan encostado na porta de um Mercedes vermelho cereja com uma garota anônima colada ao peito. Do outro lado de Jasper, aproximando-se com as mãos enfiadas nos bolsos de um moletom com capuz de grife, Dylan parecia como sempre fazia naqueles dias. Irritado e secreto. Toda vez que eu o via, uma pontada de culpa passava por mim. Ele tinha levado um *bom* tempo para deixar de ir a paixão que ele estava segurando e agora... bem merda simplesmente não era o mesmo conosco. Espero que o tempo possa curar as coisas. Eu o amava demais para deixar seu mau humor continuar por muito mais tempo.

Eu puxei meu carro no Círculo do Vencedor, ainda totalmente insegura de quem ganhou a corrida e pulei para fora. Eddy tinha se vestido de novo com minha roupa, e eu estava me sentindo muito durona com minhas calças de couro baixas, botas de sola de Jimmy Choo e um top branco brilhante. O batom vermelho brilhante estava apenas derretendo na minha aparência de designer durona e eu sabia que isso deixava meu sorriso astuto mais óbvio quando o Koenigsegg rolou na minha frente.

— Eu *sabia* disso. — Eu assobiei quando a porta dele se abriu e um rosto familiar sorriu de volta para mim. —Ugh, quem mais arriscaria um carro assim em uma corrida como esta. Você merda!

— Eu acho que eu realmente bati você. — Comentou Beck, envolvendo suas mãos enormes em volta da minha cintura e me impulsionando contra o lado de seu carro.

Eu gemi, envolvendo minhas pernas ao redor de sua cintura. — De jeito nenhum, ninguém bate na borboleta.

Ele riu, mesmo quando ele selou seus lábios nos meus em um beijo ardente. — Desta vez, acho que poderia ter. — Seus lábios se separaram dos meus e, por um momento, deixei que desfrutasse daquele breve

vislumbre de vitória antes de empurrá-lo de volta e olhar por cima do ombro para Rabbit.

— Quem ganhou? — Eu gritei para o coordenador da corrida de gângster.

Ele sorriu de volta para mim e eu soube.

— A rainha mantém sua coroa por mais um ano! — Rabbit anunciou em voz alta, certificando-se de que *todos* pudessem ouvi-lo. Então passei mais perto de onde Beck me segurou ao lado de seu novo carro esporte estupidamente caro. — Por uma maldita polegada, Butterfly. Sorte que eu tinha câmeras prontas, você quase deu uma surra.

Ele riu e nos deixou lá. Ou, me deixou para regozijar minha vitória sobre Beck enquanto no fundo eu podia ouvir Jasper gritando algumas besteiras sobre Beck sendo espancado por sua namorada.

— Eu venci. — Informei Beck com um sorriso de satisfação, usando o polegar para limpar a mancha do meu batom vermelho da boca.

Ele sorriu de volta para mim e começou a cair luz, provocando beijos em meus lábios. — Você pode ter este, baby. Eu ganho todos os dias quando acordo com você em meus braços.

Pequenas borboletas entraram em erupção dentro de mim e eu enterrei meus quadris nele com um gemido. — Eu te amo, Sebastian Roman Beckett.

Ele me beijou novamente, tomando seu maldito tempo e bloqueando a zombaria de nossos espectadores. Foda-se todos eles, nós existimos em nossa própria maldita bolha.

— Eu *te* amo, Butterfly.

E esse foi o começo do nosso felizes para sempre...

... ou feliz por enquanto, pelo menos.

FIM!